

DIÁLOGOS CIENTÍFICOS EM

ARQUITETURA E URBANISMO

PRODUÇÕES CIENTÍFICAS 2024.1

PUBLICADO EM 2025



**Ísis Amaral Méro
Marcela Dimenstein
Andrei de Ferrer e Arruda Cavalcanti
(Organizadores)**

ISBN 978-65-5825-248-1

DIÁLOGOS CIENTÍFICOS EM ARQUITETURA E URBANISMO
PRODUÇÕES ACADÊMICAS 2024.1

Andrei de Ferrer e Arruda Cavalcanti
Isis Amaral Méro
(Organizadores)

Centro Universitário UNIESP

CABEDELO
2025



CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIESP

Reitora

Érika Marques de Almeida Lima

Editor-chefe

Cícero de Sousa Lacerda

Editor-assistente

Karelline Izaltemberg Vasconcelos Rosenstock

Editora-técnica

Elaine Cristina de Brito Moreira

Corpo Editorial

Ana Margareth Sarmiento – Estética
Anneliese Heyden Cabral de Lira – Arquitetura
Arlindo Monteiro de Carvalho Júnior – Medicina
Aristides Medeiros Leite – Medicina
Carlos Fernando de Mello Júnior – Medicina
Daniel Vitor da Silveira da Costa – Publicidade e Propaganda
Érika Lira de Oliveira – Odontologia
Ivanildo Félix da Silva Júnior – Pedagogia
Patrícia Tavares de Lima – Enfermagem
Marcel Silva Luz – Direito
Juliana da Nóbrega Carreiro – Farmácia
Larissa Nascimento dos Santos – Design de Interiores
Luciano de Santana Medeiros – Administração
Marcelo Fernandes de Sousa – Computação
Thyago Henriques de Oliveira Madruga Freire – Ciências Contábeis
Márcio de Lima Coutinho – Psicologia
Paula Fernanda Barbosa de Araújo – Medicina Veterinária
Giuseppe Cavalcanti de Vasconcelos – Engenharia
Rodrigo Wanderley de Sousa Cruz – Educação Física
Sandra Suely de Lima Costa Martins – Fisioterapia
Zianne Farias Barros Barbosa – Nutrição

Copyright © 2025 – Editora UNIESP

É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610/1998) é crime estabelecido no artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta publicação é de inteira responsabilidade dos autores.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Padre Joaquim Colaço Dourado (UNIESP)

D537 Diálogos científicos em arquitetura e urbanismo: produções acadêmicas 2024.1 [recurso eletrônico] / Organizadores, Andrei de Ferrer e Arruda Cavalcanti, Isis Amaral Méro. - Cabedelo, PB : Editora UNIESP, 2025.

158 p.; il.

Tipo de Suporte: E-book

ISBN: 978-65-5825-248-1- Digital

1. Produção científica – Arquitetura, Urbanismo. 2. Arquitetura, Urbanismo - Interdisciplinaridade. 3. Diálogos – Conhecimento científico.
I. Título. II. Cavalcanti, Andrei de Ferrer e Arruda. III. Méro, Isis Amaral.

CDU : 001.891:72

Bibliotecária: Elaine Cristina de Brito Moreira – CRB-15/053

Editora UNIESP

Rodovia BR 230, Km 14, s/n,

Bloco Central – 2 andar – COOPERE

Morada Nova – Cabedelo – Paraíba

CEP: 58109 - 303

APRESENTAÇÃO

Este livro é o resultado de uma coleção de trabalhos de conclusão de curso em Arquitetura e Urbanismo desenvolvidos ao longo do semestre 2024.1 no Centro Universitário UNIESP. Reunindo investigações diversas sobre a disciplina, a coletânea evidencia o caráter interdisciplinar da arquitetura e do urbanismo ao articular diferentes metodologias e perspectivas analíticas. Os oito trabalhos foram organizados em quatro eixos temáticos que refletem as abordagens distintas, indo da relação afetiva com o espaço urbano até questões técnicas de desempenho construtivo. A amplitude dos recortes geográficos – que incluem investigações em diferentes cidades do Brasil e do exterior – reforça a importância de compreender as dinâmicas espaciais em contextos variados. Mais do que um registro acadêmico, esta coletânea é um convite à reflexão sobre a cidade, suas edificações e as múltiplas formas de habitá-la. A seguir, apresentamos um panorama dos capítulos.

O primeiro eixo aborda a relação entre cidade, arte e representação espacial, enfatizando como diferentes linguagens – sejam elas poéticas, cartográficas ou cinematográficas – contribuem para a construção e interpretação dos espaços urbanos. O capítulo 1 propõe uma cartografia afetiva da cidade de Mari-PB, explorando a relação entre memória, urbanidade e pertencimento por meio da observação em campo, registros fotográficos e colagens visuais e textuais. Já o capítulo 2 analisa a cidade da Filadélfia (EUA) a partir do filme ‘Rocky, um Lutador’, investigando a relação entre cenografia e narrativa cinematográfica. O estudo aplica um método inovador de análise espacial baseado em croquis e morfologia urbana, evidenciando como o cinema pode contribuir para a ressignificação dos espaços urbanos e sua percepção coletiva.

O segundo eixo reúne estudos voltados para propostas arquitetônicas que dialogam com demandas contemporâneas, como a preservação de mercados públicos e a criação de espaços de acolhimento. O capítulo 3 investiga a degradação do Mercado Público de Oitizeiro e propõe um anteprojeto de reabilitação fundamentado em pesquisas históricas, documentais e análise de projetos de referência. Já o capítulo 4 discute a necessidade de centros de acolhimento para mulheres vítimas de violência doméstica, com um estudo aplicado à cidade de Sapé-PB. A pesquisa examina legislações e experiências preexistentes para fundamentar um projeto arquitetônico que valorize o bem-estar e a segurança das usuárias.

O terceiro eixo concentra estudos sobre a relação entre urbanismo e qualidade de vida, analisando o impacto de diferentes configurações espaciais na vivência urbana. O capítulo 5 examina o paisagismo francês e sua influência na vida cotidiana dos parisienses, tomando como objeto de estudo o Jardim de Tulherias, em Paris. A pesquisa traça um panorama da urbanização da cidade e suas transformações, com foco na interação entre espaços verdes, planejamento urbano e bem-estar populacional.

No último eixo, são abordadas questões técnicas relacionadas ao uso de materiais, práticas construtivas e patologias em edificações. O capítulo 6 investiga a utilização de madeira de plantio em projetos comerciais, analisando suas vantagens ambientais, estéticas e estruturais em comparação com materiais convencionais. No capítulo 7, a autoconstrução na habitação unifamiliar é explorada por meio de um estudo de caso em São José do Egito-PE, destacando desafios e possibilidades dessa prática. Por fim, o capítulo 8 discute manifestações patológicas em edificações, identificando os principais problemas construtivos ao longo do ciclo de vida dos edifícios e propondo soluções para minimizar impactos financeiros e estruturais.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 - POESIA DA PAISAGEM: CARTOGRAFIA AFETIVA COM COLLAGES EM MARI (PB) _____ 07

Maria Eloaynne Silva de Oliveira e Marcela Dimenstein

CAPÍTULO 2 - O ESPAÇO COMO RECURSO CENOGRÁFICO NA FORMAÇÃO DA PERSONAGEM EM “ROCKY, UM LUTADOR” _____ 28

Marcella Maria Macêdo Regis e Andrei de Ferrer e Arruda Cavalcanti

CAPÍTULO 3 - PROPOSTA DE ANTEPROJETO ARQUITETÔNICO PARA REABILITAÇÃO DO MERCADO PÚBLICO DE OITIZEIRO, JOÃO PESSOA-PB _____ 49

Bruno Guedes da Silva e Souza e José Giuseppe Pereira Branquinho

CAPÍTULO 4 - CONSTRUINDO UM REFÚGIO SEGURO: ANTEPROJETO ARQUITETÔNICO DE UM CENTRO DE ACOLHIMENTO PARA MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NA CIDADE DE SAPÉ/PB _____ 70

Glendsom Walmisley Barbosa Bandeira e Jakeline Silva dos Santos

CAPÍTULO 5 - QUALIDADE DE VIDA DA POPULAÇÃO PARISIENSE CONTEMPORÂNEA A PARTIR DA ANÁLISE DO JARDIM DE TULHERIAS _____ 96

Gabriella Figueirêdo Passerat de Silans e Nirvana Lígia Rafael Albino de Sá

CAPÍTULO 6 - LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO SOBRE A UTILIZAÇÃO DE MADEIRA DE PLANTIO EM PROJETOS COMERCIAIS _____ 109

Maria Alice Dália Paulino Cabral de Menezes e Rodrigo José Lucena de Medeiros

CAPÍTULO 7 - ESTUDO DA AUTOCONSTRUÇÃO EM UMA HABITAÇÃO UNIFAMILIAR NA CIDADE DE SÃO JOSÉ DO EGITO-PE PARA IMPLEMENTAR PRÁTICAS DE ARQUITETURA REGULAR _____ 132

Tallita de Lira Lopes e Ana Luzia Lima Rodrigues Pita

CAPÍTULO 8 – A IMPORTÂNCIA DO PROJETO PARA O DESEMPENHO E A DURABILIDADE DAS EDIFICAÇÕES _____ 152

Evelyne Emanuelle Pereira Lima e Isis Amaral Mero

CAPÍTULO 1: POESIA DA PAISAGEM

CARTOGRAFIA AFETIVA COM COLLAGES EM MARI (PB)

Maria Eloaynne Silva de Oliveira ¹
Marcela Dimenstein ²

RESUMO

Para entender as dinâmicas citadinas, é necessário ativar os filtros que estão invisíveis, mas jamais escondidos, perder-se na cidade é um reencontro da alma urbana que muitas vezes é lançada a fragmentação em virtude da uniformização contemporânea. Compreender como uma população ocupa os espaços públicos, é uma forma de enfrentamento a esse processo genérico. Sendo assim, o objetivo da presente pesquisa é identificar, mapear e elaborar uma cartografia afetiva embasada nas experiências urbanas em Mari-PB. Os procedimentos metodológicos seguidos foram: observação em campo, geração de dados fotográficos, mapeamentos e elaboração de colagens e poemas. Este estudo, visa fomentar o debate sobre urbanidade, alteridade e experimentos urbanos. Almejamos compreender de forma sensível e atenta o ambiente urbano em que estamos inseridos, analisando as afetividades e as memórias urbanas coletivas.

Palavras-chaves: Experiência urbana; Errância; Cartografia afetiva; Colagens; Mari.

ABSTRACT

To understand city dynamics, it is necessary to activate filters that are invisible but never hidden. Getting lost in the city is a reunion of the urban soul that is often thrown into fragmentation due to contemporary uniformity. Understanding how a population occupies public spaces is a way of coping with this generic process. Therefore, the objective of this research is to identify, map and develop an affective cartography based on urban experiences in Mari-PB. The methodological procedures followed were: field observation, generation of photographic data, mapping and creation of collages and poems. This study aims to encourage debate about urbanity, alterity and urban experiments. We aim to sensitively and attentively understand the urban environment in which we are located, analyzing collective urban emotions and memories.

Keywords: Urban experience; Wandering; Affective cartography; Collages; Mari.

¹ Graduanda do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Uniesp.
E-mail: 20192070005@iesp.edu.br

² Orientadora do trabalho e Professora do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Uniesp.
E-mail: mmarcelad@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tratará de um tema que tem bastante relevância na atualidade, que diz respeito às cartografias afetivas das cidades como elemento de conhecimento e diagnóstico do espaço em que vivemos. Segundo Paola Berenstein Jacques (2006), a cidade é lida pelo corpo, podendo assim criar uma “corpografia” vinculada às memórias, fotografias e repertórios de experimentos. Para criá-la é necessário habitar, observar e tatear a cidade para a contemplação real dos espaços na busca pelo que a autora chama de uma errância urbana. Para ela, o estado de espírito errante sugere a colocação das experiências em primeiro plano, podendo ser exercido por qualquer indivíduo. Envolve desvios, mudanças de rotas e ocupações, a fim de que a mesma seja vivida e suas paisagens sejam captadas por todos os sentidos sensoriais, desfocando a consciência e redirecionando a atenção de idealizações visuais para novas possibilidades e ensaios.

Na visão de Jacobs (2011), os indivíduos que observam as ruas trazem uma eficácia no quesito segurança, que se faz superior às câmeras de vigilância, uma vez que possuem a capacidade de perceber, sentir e compreender as nuances da vida urbana, revelando assim a verdadeira essência e dinâmica das comunidades. Em suma, a corpografia na visão de Jacques traz uma relação com a ideia de Jacobs, incitando que o corpo desfrute e se familiarize com o urbano, transformando-o em uma extensão de si, ou seja, não sendo apenas um espectador, mas um praticante assíduo e bem inteirado do espaço em que vive e circula.

Conforme Harvey (2019), a contemporaneidade é o momento em que podemos ver diversos problemas urbanos complexos como o esvaziamento dos locais públicos, dificuldade no acesso democrático, fragmentação urbana, dominância de classe que moldam o modo como habitamos, segregação e replicação de modelos idealizados de urbanismos, dentre outros, que tornam o viver na cidade cada vez mais impessoal. Em diversas delas encontramos uma paisagem dominada por *shoppings centers*, lojas de departamentos, rodovias, etc. Para ele, esse modelo neoliberal de urbanização tende a promover a padronização dos espaços urbanos, priorizando o lucro em detrimento das necessidades e interesses locais.

Dessa forma, alguns autores, como Forneck et al. (2018), Jan Gehl (2013) e Jacques (2004), falam que entender os desafios urbanos contemporâneos é necessário para buscar abordagens inovadoras para solucioná-los. A busca por diagnósticos mais profundos e conscientes dos locais de intervenção pode ser para os autores uma forma de não ignorar as afetividades e costumes já existentes, validando assim pontos cruciais dos espaços, e evitando a geração de ambientes estéreis e superficiais, os quais geram a perda de referência patrimoniais de um povo/região ou ainda a deterioração da vida coletiva.

A errância urbana é uma dessas abordagens e funcionará como ferramenta de aproximação e registro das experiências urbanas no nosso objeto de estudo, nos permitindo estar vigilantes e mergulhar na história local, nos dando uma noção de pertencimento e impactando diretamente na nossa forma de lidar com ele (DIMENSTEIN et al, 2023).

Nosso foco de estudo está em uma cidade de pequeno porte do estado da Paraíba, Mari, localizada na Zona da Mata paraibana, com uma população de 22 mil habitantes (IBGE, 2023). Conforme Jacobs (2011), o valor das coletividades locais reside em sua capacidade de promover interações entre as pessoas. Em Mari podem-se encontrar momentos de ócio nas calçadas, um tempo vagaroso, manso e contemplativo, bem como interações sociais fortes devido ao sentimento de comunidade que a permeia.

Dadas as suas particularidades, surgiu a necessidade de entendermos, mediante a utilização de *collages* urbanas e poemas vinculados com a prática da divagação, a identidade e a dinâmica social local. A mesma que parece favorecer um equilíbrio entre a tradição e as influências da atualidade, se considerarmos uma condição de crescimento e mudança embasando-nos no argumento de que a cidade contemporânea, ao fomentar a padronização e o empobrecimento da vivência urbana e dos encontros, proporciona também oportunidades para experiências não convencionais e enriquece a interação da alteridade (JACQUES, 2012).

Logo, o objetivo geral desta pesquisa é produzir uma cartografia afetiva, a partir da experiência da errância urbana em *collages* e poemas na cidade de Mari, Paraíba. Especificamente, buscaremos definir cartografia afetiva e traçar sua ligação com as *collages* e a poesia; mapear o uso e as formas de ocupação da população frequentadora dos espaços estudados e identificar e catalogar as relações afetivas existentes nesses locais.

Assim, esse estudo fundamenta-se na crescente homogeneização da experiência cidadina atual, que ameaça a riqueza das relações sociais e da vitalidade no espaço. Ao errar e compreender como os habitantes se inserem e experimentam os espaços públicos, enfatizamos a importância de manter e enriquecer a singularidade da vida urbana local. Portanto, a monografia sugere não apenas estimular a discussão, como também almeja se tornar um convite para um olhar minucioso e atento na construção de urbanizações inclusivas e ricas em percepções.

Esperamos identificar, por meio de itinerâncias urbanas, indivíduos isolados ou em grupos que ocupam, usufruem e se fazem presentes nos espaços públicos, tais como: praças, ruas, calçadas e similares. A observação desses comportamentos, que poderão ser apresentados por suas alteridades, divergências, pluralidades, tradições, identidades, representações culturais ou até mesmo pelo cotidiano será trazido com o propósito de elaborar uma cartografia afetiva, onde os sentimentos e sensações gerados serão transmitidos por imagens e poesias a fim de transmitir as situações reais.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. ERRÂNCIA URBANA

A monotonia, nos faz rotineiramente predefinir cenas e compulsivamente insistir em uma premunção fatídica do que acontecerá, seja no caminho para o trabalho, padaria, escola ou universidade, entre outros. Constantemente fazemos as mesmas trilhas, enxergamos as mesmas pessoas e pouco percebemos as sutilezas das mudanças ou a singularidade das atividades e ações que estão sucedendo em primeiro ou segundo plano enquanto as presenciamos. Na amplitude urbana, a exposição à sobrecarga de informações e a impulsão excessiva, cria indiferença aos estímulos e as respostas emocionais amortecidas gera uma atitude de distanciamento, desinteresse e frieza as cotidianidades, uma espécie de defesa para sobreviver a todos esses estímulos o que na concepção de Georg Simmel (1967) será intitulada *attitude blasé*. O ato da despreensão ou desatenção, normalmente nos soa como algo ruim, mas se refletirmos por um instante, talvez percebamos que vivemos, improvisamos e estamos para além do sentido físico quando neste estado alheio, pois não temos a ânsia de prever ou deter o que virá, ficamos totalmente expostos e abertos ao acaso e ao sentir. Perder-nos no conhecido é um desafio, uma vez que nos desprender dos nossos preconceitos requer instrução.

Milton Santos (2002), quando faz menção ao que chamou de “homens lentos”, refere-se a uma imposição involuntária, exercida de modo não opcional como resultado da materialidade e temporalidade dos objetos. A expressão é utilizada para descrever indivíduos que, devido a

diversas circunstâncias, como a marginalização social, econômica ou cultural, têm suas vidas afetadas por uma velocidade de mudança imposta pelo contexto globalizado. Esses sujeitos podem sentir o impacto da modernização de forma mais lenta e desigual em comparação com os chamados “homens rápidos” ou aqueles que têm mais acesso e integração aos fluxos globais.

Entretanto, Michel de Certeau (1990) denomina “praticantes ordinários das cidades” aqueles que a apreciam de dentro, os andarilhos que acatam as descontinuidades e os abrangentes palcos de espontaneidade, os mesmos que brincam com os espaços não vistos e de igual modo são possuintes de apreensões cegas do espaço e do corpo a corpo amoroso, ou seja, que firmaram uma intimidade pessoal com o urbano.

O ser errante, é aquele que divaga, que se permite contemplar de forma crítica e relaxada, validando as experiências que são independentes de representações visuais, são apropriações, um olhar mais atento e cauteloso para a paisagem, sendo na interpretação de Milton Santos (1966, p.21), “tudo aquilo que vemos ou que os nossos olhos alcançam, um conjunto de movimentos, sons, cheiros, odores, cores e volumes.” A perambulação é obtida como o que foge da hegemonia.

Segundo a crença de Walter Benjamin (2009), a *flânerie* converte a desocupação em desdobramentos mais preciosos que o ofício e a ocupação. É avistar para além das determinações e contemplar o que os inflexíveis não são capazes. Todas as agitações interiores são proveitosas, há cenas que só conseguimos captar ao vivo, a desatenção pode inspirar a mais incrível poesia, música ou obra de arte.

Flanar exige sensibilidade e nos torna semelhantes às folhas que caem em meio aos passeios públicos, as quais são levadas para onde o vento soprar e não podemos antecipar onde elas irão pousar, a liberdade e desobrigação de conhecer é o que torna o trajeto único, pois, ao final do dia, elas contarão as histórias dos lugares por onde estiveram e eles estarão gravados em sua pele, seja pela presença da água que adquiriram ao entrar em contato com a chuva, ou rasgos ao andarem pelos asfaltos e superfícies cortantes, até mesmo a sujeira advinda das suas paradas em poças lama, na conclusão, restarão os testemunhos das aventuras e isso poderá ser o suficiente para que não se apaguem as originalidades do que descortinaram e provaram.

2.2. CARTOGRAFIA AFETIVA – COLAGEM E POESIA

Paola Berenstein Jacques (2012), afirma que a Arquitetura e o Urbanismo sofrem com a falta de métodos para expressar as individualidades das cidades. Em sua linha de raciocínio, o estudo bidimensional, por plantas ou mapas é falho e não expõem as situações tais como são.

Em ‘As Praias de Agnès’, filme de Agnès Varda (França, 2008), a introdução é feita com a seguinte frase: “Se você abrir uma pessoa, irá achar paisagens. Se me abrir, encontrará praias”. Além de um mapeamento comum no qual não se consideram as emoções, a sociedade e suas relações com os espaços, a cartografia afetiva é desenvolvida com o intuito de lançar um fecho de luz sobre essas conexões. Como fora citado por Varda, é intrínseco do ser a ligação com o entorno, resultando em recordações. Parques que costumávamos frequentar quando crianças, árvores e locais visitados, praças, todos desempenham papel significativo na construção dos ambientes e como nos relacionamos com eles.

Diante deste problema, a adoção da colagem urbana e poesia surgiu como possibilidade de enfrentamento. Colagens são ilustrações geradas a partir da superposição de um agrupamento de fotografias ou materiais diversificados, com intentos subjetivos da ficção ou realidade

(COHEN, 1989). Para Forneck (2018), é uma opção agradável, por haver uma maior manifestação emocional. Sendo assim, nos firmaremos nesta ideia e as interligaremos com poemas para amplificar as emoções que apenas as imagens não tiverem o poder de transmitir, elaborando deste modo ensaios com ênfase na errância urbana na cidade de Mari, Paraíba.

2.3. ALTERIDADE E EXPERIÊNCIA URBANA

Vivemos em cidades segregadas, estilhaçadas e inclinadas ao conflito, onde a globalização e o deslocamento em direção ao neoliberalismo reabilitaram às elites o poder de classe, interferindo em suas formas espaciais, resultando em “fragmentos fortificados”. Onde o caos, a barbárie e a desarmonia nunca estiveram ausentes, sendo a quietude e cordialidade casos atípicos e não a norma. Evitar conflitos não solucionará os problemas. (HARVEY, 2015).

As ruas são locais de encontro, de chocar-se com o outro, de confrontar as mais distintas alternativas. (JACQUES, 2012). Mitchell (2003), entende que o direito a essas ocupações é um grito, uma demanda que tem a sua visibilidade apenas onde há conveniência. Portanto, haverá de ser compreendido como um esforço coletivo, não se pode ignorar a luta por mais equidade e destreza. De acordo com Bertolt Brecht, ‘Erkenntniss’, citado por David Harvey (1996, p. 439): “Muitas coisas são necessárias para mudar o mundo: raiva e tenacidade. Ciência e indignação. A paciência fria e a infinda perseverança, e a longa reflexão”. De outro modo, é imprescindível a presença da resistência, o desejo de sair do padrão hegemônico e refletir acerca das diversidades e viabilidades.

O vagar errante é um lançamento direto em direção à alteridade, em busca daquilo que destoa, é radical e causa espanto. Independentemente de como será realizado, ao se colocar nessa condição de transe, o imprevisível é a única certeza.

3. METODOLOGIA

Neste tópico, serão expostas as etapas que regeram o curso da pesquisa em campo com o propósito de montar a cartografia afetiva por meio das colagens e poemas e como se deram as buscas por embasamentos teóricos e a produção dos mapas, que visam respaldar a importância do debate do tema, frente a perda de referências culturais que ameaça as cidades na contemporaneidade.

O trabalho a ser desenvolvido baseia-se em conceitos teorizados e discutidos por Paola Berenstein Jacques (2006), Walter Benjamin (2009), Michel de Certeau (1990), David Harvey (2015) e Georg Simmel (1967), por consequência haverá uma abordagem mais focada na errância urbana, cidade, alteridade e confrontos urbanos.

3.1. PESQUISA BIBLIOGRÁFICA E DOCUMENTAL

Além de leitura de artigos, dissertações e livros relacionados com o tema para criar uma base sólida e fundamentada para a discussão aqui proposta, para o desenvolvimento cartográfico foram utilizadas bases fornecidas pelo IBGE, que possibilitaram agilidade e precisão quanto à georreferência e logradouros definidos. Adicionalmente, lançamos mão, do mapa de proposta de delimitação de bairros, fornecido pela Prefeitura Municipal de Mari, que garantiu uma delimitação pontual das áreas a serem estudadas.

3.2. PESQUISA DE CAMPO

Flávio de Carvalho (2005), diz que o homem raramente se dá ao trabalho de examinar o mundo em que vive, pois vive em seu próprio mundo e destaca a importância de examinar os objetos e experiências da vida cotidiana, não apenas para desenvolver uma sensibilidade renovada, mas também para estabelecer uma conexão mais profunda entre o indivíduo e o que se está examinando.

Diante disso, sendo este um trabalho empírico, fez-se necessário a ida a campo no intuito de realizar a prática da divagação, momento esse em que foram feitos registros fotográficos de ações cotidianas que suscitaram sensações cômodas, incômodas, observações de transformações e modos de vida. Por conseguinte, o ato de registrar as atividades captadas tornou-se imprescindível, a partir disso selecionamos 05 palavras-chave, que nortearam as fotografias que seriam tiradas, sendo elas:

1) transformação: construções/alterações na paisagem 2) ociosidade: evidência de estado contemplativo e relaxado, 3) sociabilidade: interações realizadas em grupos com o espaço urbano, 4) perigo: possíveis ameaças a integridade física dos cidadãos e 5) “rurbano”: presença da vida rural pelas ruas. Mapas como o de localização e delimitação de áreas também foram elaborados entre o dia 27 de fevereiro e 16 de março de 2024.

Após essa etapa indispensável, a forma de expressar tudo o que fora visto e sentido resultou nas montagens das *collages* juntamente com poemas durante os dias 28 a 31 de março de 2024, que trazem consigo a função de retratar visual e poeticamente as experiências adquiridas na cidade.

Tabela 01: Cronograma das visitas em campo.

Nº	Dias de Divagação	Turno
01	21/03/2023	Tarde
02	23/03/2023	Tarde
03	24/03/2023	Tarde
04	10/04/2023	Tarde
05	09/05/2023	Noite
06	18/07/2023	Tarde
07	20/07/2023	Tarde/Noite
08	21/02/2023	Tarde
09	22/07/2023	Tarde
10	18/09/2023	Noite
11	09/10/2023	Tarde
12	13/12/2023	Noite
13	14/02/2024	Manhã
14	21/02/2024	Noite
15	28/02/2024	Tarde
16	02/03/2024	Tarde
17	05/03/2024	Noite
18	06/03/2024	Tarde
19	07/03/2024	Noite
20	11/03/2024	Tarde
21	22/03/2024	Tarde/Noite
22	23/03/2024	Tarde
23	25/03/2024	Tarde/Noite
24	26/03/2024	Tarde/Noite

3.3. INSTRUMENTOS DE PESQUISA

As imagens aqui expostas foram capturadas por meio de um *smartphone* pessoal, o foco principal, foram as paisagens urbana e a vida cotidiana da sociedade mariense, principalmente nos espaços públicos, a sobreposição para gerar as colagens aconteceram no Canva, onde o material foi selecionado e passou por alguns ajustes até gerar o produto final, como, por exemplo: remoção de fundo, redimensionamento, replicação, corte, inserção de elemento, frase e consoantes. Ademais, o uso do QGIS para a obtenção de dados georreferenciados e geoespaciais, se fez contínuo e constante durante toda a produção de mapeamento, onde a base e a organização foram feitos por camadas que ficaram à mostra ou ocultas a depender da intenção cartográfica.

As poesias, surgiram de percepções e palavras que ao decorrer dos acontecimentos foram sendo anotadas em um bloco de notas.

3.4. SISTEMATIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Para que o processo de estruturação ocorresse acertadamente, foram necessários alguns procedimentos, entre eles a organização do material que foi sendo gerado ao longo dos dias de produção, assim criou-se pastas nomeadas com cada atividade e impressão encontradas na cidade para que pudessem ser catalogadas as fotos que seriam utilizadas no processo de colagem, por semelhante modo, ocorreu com os mapas e as poesias.

Quanto ao foco da análise, Mari-PB, demonstra usos acentuados das calçadas e ruas para diversos tipos de ações, onde se detectou a presença de um modo de vida urbano, mas também rural. Além disso, notaram-se áreas que estão sofrendo algumas mudanças, a saber: nos estilos de residências ou usos.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

4.1. LOCALIZAÇÃO DA CIDADE

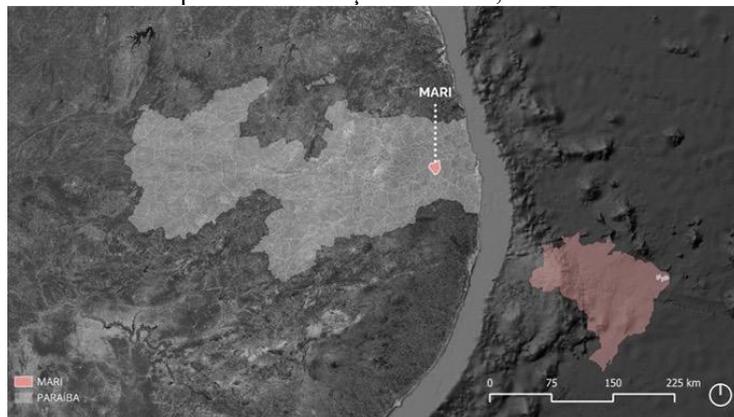
Elevada à categoria de município em 19 de setembro de 1958, após desmembrar-se de Sapé, a cidade de Mari, situada na Zona da Mata paraibana (mapa 1), recebeu esse nome devido ao fruto Marizeiro, abundante na região. No final do século XVIII, segundo Mozart (2010), a exploração de árvores como mata-marizeira, fundo do vale, jatobá, baraúna, pau-brasil, carvalho e jacarandá impulsionava o comércio de produtos vegetais da Várzea do Paraíba para Portugal. A referida também foi cenário da extração de riquezas naturais para exportação, o que culminou no desenvolvimento do povoado em função da exploração madeireira. A região era, até então, habitada pelos indígenas potiguares, que foram perdendo espaço ao longo do tempo após a chegada da família Luna Freire.

Por volta de 1873, a construção da antiga Estrada de Ferro CWRB foi fundamental para a formação do núcleo urbano. Após o encerramento das operações ferroviárias, a estação foi preservada como patrimônio histórico e abriga o estúdio da Rádio Comunitária Araçá FM desde 1988. Atualmente, a população e novas habitações têm se espalhado ao decorrer da rodovia PB-073.

Suas peculiaridades geográficas permitem fácil acesso às áreas circunvizinhas e à capital João Pessoa. A estrada que torna isso possível, é a mesma que implementaria elevações nos níveis

comerciais, porquanto se encontra em um ponto estratégico para aqueles que viajam entre as proximidades.

Mapa 1: Localização de Mari, Paraíba.



Fonte: IBGE 2010, elaborado pela autora, 2024.

4.2. DELIMITAÇÃO DAS ÁREAS TRABALHADAS

Mari é dividida em 11 bairros, como exposto no mapa 02 abaixo. A partir disso, apontamos a Zona Norte, como sendo: Pasto Novo, Nova Esperança e Sonho Meu; Zona Sul: Procanor, Amor Divino e Bairro Vermelho; Zona Leste: José Américo e Chico Faustino; Zona Oeste: Araçá e Silvino Costa e a Zona Central: Centro, representado na cor laranja.

A Zona Norte é destacada pela abundância de loteamentos sendo erguidos, é uma seção onde podemos encontrar terrenos vazios ou utilizados para a criação de gado. O Pasto Novo, ou seja, a área mais desenvolvida, é também a mais antiga entre as 3, uma vez que o Nova Esperança e o Sonho Meu surgiram recentemente e estão em processo de construção e adensamento.

A Zona Sul é de caráter residencial, podemos verificar alguns pequenos comércios locais, a “feirinha” do Bairro Vermelho que ocasiona um aumento na circulação nas sextas, sábados e domingos, uma praça no Amor Divino, escolas e lotes em desuso, processo de edificação ou que começaram, mas não foram concluídos até os dias atuais, além de algumas ruas sem calçamento.

A Zona Leste é onde está situado o Ginásio ‘O Marcão’, no qual são realizados eventos, entrega de alimentos por meio da Prefeitura e jogos. Bares onde as pessoas se reúnem, escolas, polo universitário, mercadinhos, motel, lojas, açougues e relacionados.

A Zona Oeste, como a fração Sul, é uma zona residencial, em que podemos destacar a presença do cemitério da cidade, onde os moradores ficam sentados durante o dia. Há também escola, posto de saúde, o antigo pátio de vaquejada e terrenos baldios, no Silvino Costa. Campo de futebol, cassino e associados, no Araçá.

A Zona Central, constituída em sua maioria por comércios e residências, é a parte mais importante da cidade, onde toda a infraestrutura de maior impacto se localiza, mercados, bancos, correio, bares, restaurantes, feira principal e a policlínica, uma vez que apesar de nos bairros vizinhos possuírem postinhos de saúde, em caso de urgência é para onde a população local deve se dirigir. Por todos esses aspectos, é onde ocorre a maior concentração de agitação e trânsito.

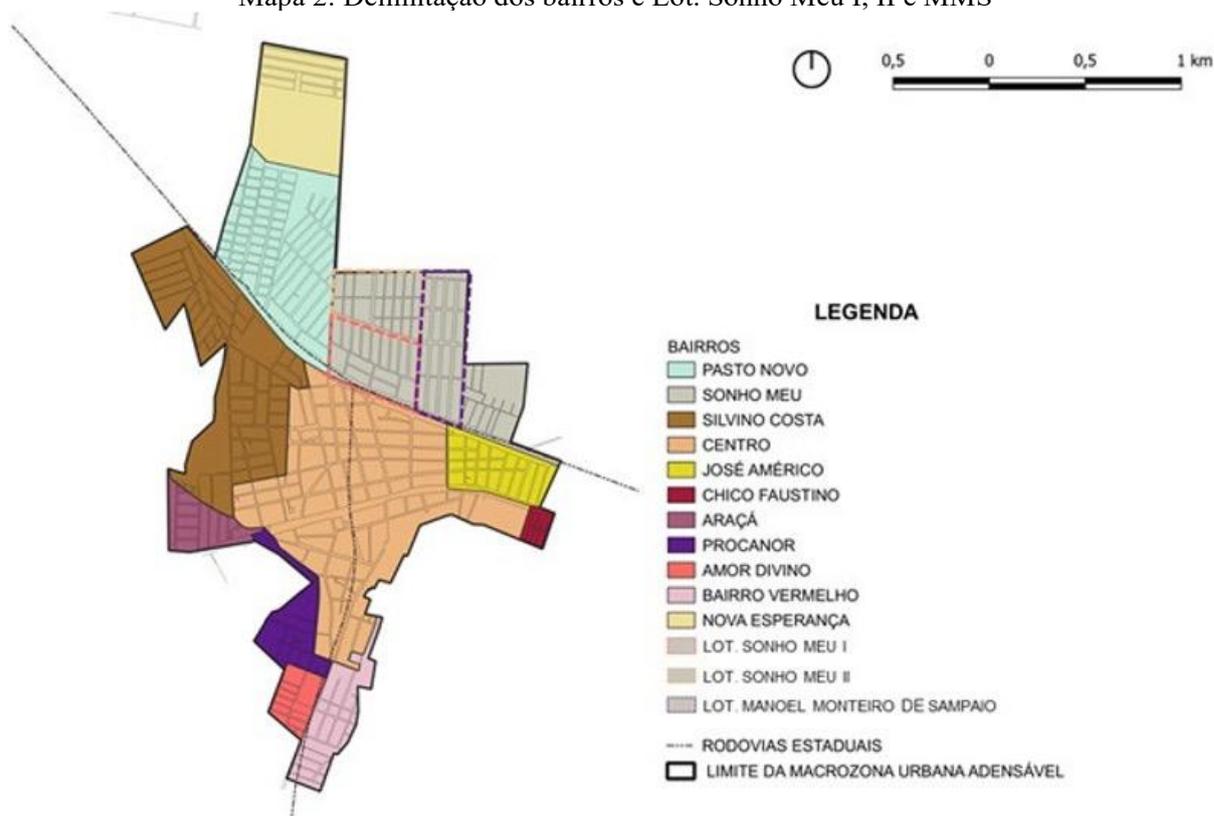
Um fator a ser considerado é que a cidade, no geral, mantém como característica um padrão construtivo horizontal e a maioria das casas possui um estilo antigo e simples, sem muitos ornamentos, duas águas e térreas. Ainda que possamos identificar algumas poucas de dois

andares contabilizando o térreo. É válido ressaltar que podemos encontrá-las, principalmente no centro.

Contudo, nesse trabalho, delimitamos áreas específicas para nos debruçar. O ato do ser errante nos conduz à flexibilidade e itinerância. Após caminharmos sem rumo com a intenção de nos perdermos e perambularmos em busca da essência do objeto de estudo, observamos o comportamento da população e suas particularidades. Dessas observações surgiram 05 palavras-chave, que nortearam a pesquisa, sendo elas: 1) transformação, 2) ociosidade, 3) sociabilidade, 4) perigo e 5) “rurbano” - entendido aqui como a junção de rural mais urbano.

A partir disso, como pode ser visto no mapa abaixo (2), mapeamos os principais lugares onde identificamos esses 05 elementos fundamentais. A vivência e experiência na cidade, nos guiou a delimitação de 03 áreas: a) Centro, sobretudo nas ruas Antônio de Luna Freire, Severino Cláudio, Gentil Lins e Francisco de Luna Freire, b) as margens da rodovia PB-073, sendo esta divisão entre os bairros posicionados ao sul e ao norte e a rua Flávio Ribeiro Coutinho, também no Centro, c) os loteamentos Sonho Meu I, II e Manoel Monteiro de Sampaio (MMS), localizados no bairro Sonho Meu e a Prefeito Tomé de Arruda, no bairro Pasto Novo.

Mapa 2: Delimitação dos bairros e Lot. Sonho Meu I, II e MMS



Fonte: Prefeitura Municipal de Mari, editado pela autora, 2024.

O mapa 3 mostra as áreas da cidade onde encontramos as atividades que direcionaram nossa demarcação de trabalho.

Após longos períodos de observação, fizeram-se notáveis atividades e processos ocorrendo de maneira simultânea/recorrente, possibilitando a detecção da vitalidade urbana existente e a forte ocupação dos espaços, seja pelo ostracismo, urbanidade e afins.

Mapa 3: Cidade de Mari e Mapeamento das Atividades Observadas.



Fonte: IBGE 2010, elaborado pela autora, 2024.

4.3. CONTEXTO DAS ÁREAS TRABALHADAS

4.3.1. Centro de Mari

A área central, em um de seus efeitos, pode auxiliar o indivíduo na recuperação de sua própria centralidade, reconectando-o com suas referências. A saber, o corpo urbano deve estar em sintonia com o corpo do habitante (JACQUES, 2006).

Divergência, calma, pressa, sociabilidade e permanência são palavras capazes de conceituar o centro de Mari-PB. Exemplos disso podem ser encontradas na Avenida Antônio de Luna Freire, que apesar de apresentar alguns usos domiciliares, é predominantemente composta por comércios e serviços, fatores que implicam em uma constante movimentação em todos os turnos, seja para resolver pendências, lanchar, se divertir, realizar apresentações, *shows*, manifestações ou até mesmo esperar o ônibus para a faculdade.

Sobre suas características estruturais, observamos que se apresenta como uma Av. larga e comprida, composta por 2 pistas e um canteiro central por onde passam os trilhos do antigo trem da cidade e onde encontramos calçadas, bancos, vegetações e um córrego local. Ao longo do seu trajeto é possível encontrar principalmente casas térreas e muitos comércios. Por esse motivo, é comumente chamada de “Rua da frente” pelos moradores.

Referente às atividades que identificamos por lá, observar mapa 4, destacamos a existência de uma praça em frente a ECIT José Paulo de França, onde os alunos costumam se reunir após serem liberados da escola. Aos finais de semanas, registramos a poucos passos dela alguns indivíduos em um espetinho. Mais adiante, o coreto no qual os estudantes costumam esperar os ônibus para as universidades. Em tempos de desfiles de bandas marciais ou no dia do aniversário da cidade, é comum iniciarem o trajeto partindo do “Zepa” em direção ao ponto mediano da rua. Seguindo este caminho, nos deparamos com diversos fiteiros e comércios durante o percurso.

Mapa 05: Atividades da Av. Antônio de Luna Freire.



Fonte: IBGE 2010, elaborado pela autora, 2024.

Ademais, é rotineiro encontrar sujeitos sentados no “Bar do Nelson”, em frente à Rádio Araçá e na fachada principal da Câmara Municipal o dia inteiro, conversando, jogando e se utilizando dos quiosques que ali se fazem presentes.

Havia um cassino antigo, onde esse mesmo tipo interação acontecia, mas que agora passa por um processo de transformação, no qual foi realocado, demolido e tornar-se-á um *shopping*. Estilo de modificação a qual vem ocorrendo simultaneamente em algumas casas, que antes possuíam um caráter mais antigo e, atualmente, estão mudando ou mudaram completamente sua roupagem para assumir o formato de uma arquitetura contemporânea, diferenciando-se do que antes fora.

Os fiteiros atuam durante todos os horários, o que se intensifica nas folgas semanais. É costumeiro encontrá-los nas linhas férreas e ao longo da via, muitos deles apresentam brinquedos como pula-pulas e outros de gêneros similares destinados ao público infantil.

Após alguns trechos de onde está a Rádio Araçá, nos deparamos com problemas de infraestrutura básica: uma enorme abertura no chão do largo, que começou em uma ínfima fração a poucos passos de distância do Lojão das Balas, unindo-se agora a outra parte totalmente aberta há anos, que ameaçam e colocam em risco os pedestres e todos que porventura passarem por lá.

Contudo, ainda que possua essas limitações, é possível ver moradores em estado contemplativo, papeando, jogando, brincando, com crianças ou sentadas, não apenas nos bancos, mas em suas próprias cadeiras, tijolos ou troncos de árvores perseguindo as sombras das vegetações.

Quanto às palavras-chave, nesta rua, constatamos 04: **ociosidade**, devido aos residentes sentados nas calçadas; **sociabilidade**, no que diz respeito às atividades recorrentes nos fiteiros, praças e comércios; **transformação**, no tocante a demolição do antigo cassino e o **perigo**, representado pela abertura no chão do largo.

Não obstante, ainda na região central, é possível deparar-se com outros tipos de práticas relacionadas ao tipo de usos do solo local, a saber a rua Severino Cláudio, sendo esta mais tranquila e residencial, sem a presença de asfalto, onde em tempos não muito distantes se encontravam crianças brincando em plena via pública, que é também ligada a Rua Gentil Lins e Francisco de Luna Freire, essas que apresentam perfis comerciais.

Na rua Severino Cláudio, podemos observar uma via larga, casas térreas, no tocante a vegetação, presentemente, está reduzida se comparada há alguns anos anteriores, já que muitas delas foram arrancadas, seja por questão de reformas feitas pelos moradores ou outro tipo de demanda. Todavia, é possível pontuar sua presença, motivo pelo qual os moradores gostam de ficar assentados nas calçadas, seja qual for o turno, diurno ou noturno.

Usualmente, presenciamos momentos de passagem de animais pela rua, como gado ou bodes, pertencentes a um cidadão local. O Bar do Sidney, que se utiliza da calçada, garante um pouco de movimento, entretanto não altera sua dinâmica pacata. Em épocas festivas como o carnaval, os ursos carnavalescos passam pelas ruas, assim como as bandas marciais e até mesmo as passeatas em período de eleição.

Referente as ruas Gentil Lins e Francisco de Luna Freire, seguem os mesmos padrões quanto a largura de via e horizontalidade das edificações, todavia são marcadas pela forte atividade comercial e o fluxo contínuo de veículos. Um fator importante a ser destacado, é a quase não existência de coberturas arbóreas.

Entre os usos e tarefas realizadas estão: a Feira- Livre que acontece aos sábados e que em alguns casos presenciamos pessoas passando a cavalos, a qual atrai parte significativa da população e a Jarambada, onde alguns senhores se encontram para trocarem ou venderem coisas, a mesma acontece em frente a loja Pontes Calçados, que ao anoitecer com a conversão do cenário para essa ocupação, é usada por cidadãos para se sentarem e também prosearchem

Conforme o exposto, detectamos nessas três ruas: **ociosidade**, pela população que fica nas calçadas; **sociabilidade**, por intermédio da Feira-Livre e da Jarambada e **rurbano**, pelo modo de vida rural que se apresenta brevemente.

Direcionando-nos a norte de Mari, localizada na confluência do bairro do Centro, Silvino Costa, José Américo e Pasto Novo, todos com aspectos comerciais/ serviços e em menor grau residencial. As ruas que se destacam aqui são as margens da Rodovia PB-073, a qual dividiremos em lado norte e sul, e a rua Flávio Ribeiro Coutinho.

A Flávio Ribeiro Coutinho, por ser uma rua menor, apresenta moradias e estabelecimentos comerciais térreos, arborização limitada e muito tráfego de pessoas e veículos devido ser uma zona destinada ao Terminal Rodoviário, onde estão apostos alternativos e mototáxis que ficam aguardando passageiros na “Praça dos Mototáxis”. O grande tempo de espera faz com que essa população utilize o local de estacionamento para atividades de sociabilização como conversas, além de comprarem lanches nas barracas ou restaurantes próximos, assim como sorvetes/picolés aos ambulantes que passam por ali.

Ligeiramente adiante, nota-se a Praça Linear de Mari, recentemente requalificada, próxima ao Supermercado Bom Marchê, sendo este, o maior mercado da cidade, em questão de infraestrutura.

Entre as atividades presenciadas, destacamos: pessoas sentadas nas calçadas com seus familiares, amigos, vizinhos, conhecidos, jogando dama e ambulantes/ fiteiros, especialmente na fração onde está a Praça Linear, já que possui algumas moradias. Associadamente, vimos pessoas passeando na Rua Flávio Ribeiro Coutinho. Encaminhamos, similarmente, nossa atenção à existência de uma fonte de água inerte ocupada em alguns momentos pelos usuários locais durante a noite, quando se sentam em sua base circular. Segmento em que se encontra o Terminal Rodoviário, onde usualmente, nos dias de descanso semanal, observamos cidadãos se utilizando de uma das barracas para aproveitarem a folga.

Paralelamente a essas práticas, na Margem Sul, que fica após a travessia da PB-073, igualmente avistamos o Bar do Bodeiro e a Churrascaria Costela Carioca, que oferecem entretenimento nas sextas, sábados e aos domingos. Ademais, percebemos indivíduos ocupando os degraus da estátua de Frei Damião para conexões sociais, embora não tenha sido projetada para tais fins e bancas de vendas que atendem aos que passam em direção a outras localidades.

Nesta área de estudo, encontramos: **rurbano**, pela passagem a cavalos ou com gados em direção ao outro lado da rodovia; **sociabilidade**, nas praças/pontos de vendas e **ociosidade**, por parte dos moradores nas calçadas, conversando, jogando dama e semelhantes.

4.3.2. Além do Centro

No que tange aos loteamentos Sonho Meu I, II, Manoel Monteiro de Sampaio e a rua Prefeito Pedro Tomé de Arruda, podemos destacar a presença do que designamos rurbano, uma vez que a área possui alguns lotes destinados à criação de gado. Entretanto, há alguns anos havia maior área reservada a esse tipo de tarefa, que agora cedem espaço para loteamentos.

A rua Prefeito Pedro Tomé possui grande importância por dar acesso ao bairro Nova Esperança, o qual surgiu recentemente e está estabelecido distante do Centro. Apesar dessa peculiaridade, a ociosidade e sociabilidade se fazem presente, podendo ser constatado pelos residentes nas calçadas. É um setor bastante movimentado, tanto pelos fatores já apresentados quanto por sua proximidade com o Bar do Bodeiro e a Churrascaria Costela Carioca.

Quanto ao bairro Sonho Meu, estreitamente ligado ao Pasto Novo, percebemos a presença do modo de vida rural, principalmente ao adentrar a localidade onde está inserido o posto de gasolina, hotel e restaurante Sapinho. Existe uma abundante quantidade de áreas ainda não edificadas, na qual há a probabilidade de deparar-se com crianças jogando bola, vôlei, habitantes correndo, praticando ciclismo, sujeitos andando a cavalos ou passando com gado e equivalentes.

É uma zona em que a transformação se instaura, pois as novas casas que estão sendo construídas são em sua grande maioria, distintas dos modelos de outrora, da outra parte da cidade, ainda que em quase toda a sua totalidade se mantenha a horizontal. Os moradores situados nessa seção, acabam tendo que se deslocar diversas vezes durante o dia para o centro para fazer compras, ir à policlínica e até mesmo desfrutar dos pontos sociais mais quistos pelos mesmos, entretanto não é um setor totalmente desprovido desses serviços, pois atentamos para a presença do Varandas Bar e do Marton Recepções que fornecem recreações.

Nesta área de estudo, encontramos: **rurbano**, pela criação de gado; **sociabilidade**, no bar e recepção; **ociosidade**, devido aos habitadores das calçadas; **transformação**, em decorrência das muitas construções.

4.4. COLAGENS E POEMAS

4.4.1. Quem é ela que me vê?

Quem é ela que me vê?
Quem é ela que sempre está lá?
Quem é ela que me conhece?
Que sabe onde vou parar?

Quem é ela que sabe meu nome
Sem sequer me perguntar

Que sabe aonde vou e
Que horas irei voltar?

Quem é ela que me vigia?
Que me olha todo dia
Do sair ao chegar
Quem é ela que conhece
A todos, que vigia a todos
Que nos conhece bem?

Quem é ela que me vê?
Que nunca consigo me esconder...
Quem é a vigia das ruas
Que me persegue e me mantém segura?

Colagem 1: Quem é ela que me vê?



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Trazendo como assunto a linha tênue entre o incômodo e o conforto de estar sendo observado constantemente em um lugar onde o ócio se faz presente corriqueiramente, e onde existem olhos vigilantes por toda a parte o poema 01 pode ser vinculado a ideia defendida por Jane Jacobs (2011), de que os olhos que vigiam as ruas são necessários, seja para alertar um perigo ou para manter viva a alma da comunidade, aquela em que há uma sensação de pertencimento, onde o indivíduo se sinta amparado e não mais sozinho, um corpo coletivo.

Quanto a composição gerada a partir das fotos, é possível focalizar a senhora caminhando pela rua, a mesma que está sob a fiscalização dos vigias urbanos, que a perseguem e poderão afirmar a qualquer outro que passe a ação executada por ela. Ter consciência disso, pode alterar muitas coisas, inclusive o seu comportamento.

No entanto, há de se ressaltar a individualidade da experiência de cada ser, para que assim possamos validar qualquer que seja sua emoção acerca de tais padrões. Seja a permanência nos espaços urbanos pela crença na proteção oferecida, juntamente com a impressão de liberdade em habitar esses pontos não apenas durante o dia como também à noite, ou a irritabilidade, por estar nos holofotes das “câmeras” urbanas.

4.4.2. O caos do outro lado da pista

O que é esse caos do outro lado da pista?

O caos de todo sábado,

O fluxo contínuo,

O povo aperreado,

Motos para lá e para cá

Pessoas indo e voltando sem parar

Que barulho é esse desde cedo a agitar?

Uma voz ressoando de longe, Ambulantes a passar

De longe vejo muita gente a dançar

Eles cantam, eles gritam,

Sem hora para acabar

O caos do outro lado da pista

Começa junto com a seresta

E só acaba quando ela acabar

O “caos do outro lado da pista”, retrata não só os momentos de interações como também aponta essa “divisão” feita pela rodovia, que por sua vez denota mais rapidez e pressa, seja pela urgência em se chegar do outro lado ou pelos automóveis que passam e entram na cidade. O agito que começa com o início da seresta, é palco para ensaios sociais e formação de pertencimento no espaço habitado.

Diante disso, as percepções traçam caminho entre o incômodo pelo barulho, a curiosidade em meio aos tumultos e o medo de caminhar nas ruas devido aos veículos que desesperadamente tentam ir para lá e para cá.

Colagem 2: O caos do outro lado da pista



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

4.4.3. Tenho a sensação que vou cair

Tenho a sensação que vou cair
Sempre que passo por aqui
Desde quando era criança
Me vejo caindo aqui
Como se fosse inevitável,
Como se fosse me engolir,
Tento sempre andar distante,
Evito sempre passar aqui
Outro dia alguém passou,
E meu medo se concretizou,

Ligeiramente minha mão suou,
E o que restou?
A sensação anterior
A me invadir
A mesma que venho tendo
Sempre que passo por aqui,
Desde a minha infância,
Desde que me dei por mim,

Tenho a sensação que vou cair
Sempre que passo por aqui
Desde quando era criança
Me vejo caindo aqui
Como se fosse inevitável,
Como se fosse me engolir,
Tento sempre andar distante,
Evito sempre passar aqui.

Colagem 3: Tenho a sensação que vou cair.



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Frisada a sensação de cair que põe uma barreira invisível entre o espaço e o ser, os quais deveriam se integrar, uma vez que se trata de um lugar destinado à ocupação, mas ao contrário disso, impõe horror, insegurança e perigo, tanto por acidentes causados, quanto pelo apelo visual que mantém a quebra da comunicação entre ambos. As emoções amplificadas pelos elementos que compõem a sobreposição de imagens como os monstros imaginários sugerem a aflição do temor descrito, evidenciam o porquê do distanciamento e reforçam o não querer passar e o andar distante. Como se o ato de usufruir da área estivesse sendo repellido pela maneira a qual o local se apresenta, não dando brechas para uma conexão.

4.4.4. Transformações em toda parte

Transformações em toda parte,
Em cada esquina da cidade,
Não quero ser pessimista, apenas
Me assustei quando os homens
Do cassino sumiram Da minha vista e
Em lugar algum os encontrei.

Loteamentos sendo edificadas,
Uma arquitetura contemporânea
Que nega o nosso presente-passado
Aquele onde os moradores estavam

Sempre assentados, nas calçadas,
Conversando com as vizinhas do lado.

Quase como animais enjaulados,
Agora não há gente nem cadeiras,
É preciso olhar para cima caso queira
Vê-las, no alto da sacada, o cumprimento
Soa até de forma grosseira.
Antes era apenas um: “opa!”
Um aceno com a cabeça.

Agora tem que se olhar
Para cima, a varanda
Esperando que também nos vejam.
Não é tão alto, eu sei.
É que eu estava acostumada
A ver tão de perto
Que um pouquinho longe
Me assustei,
E agora? Como pego a cana?
Como mostro a revista, ou o sapato
Que comprei?

Estou com medo da mudança,
Do que pode acontecer
De um dia enxergar minha cidade
E não a reconhecer.

É um misto de sentimentos
Que não consigo conter
Sempre sonhei com um shopping center
Na cidade, desde antes a minha mocidade
Mas agora estou nesse impasse

Sinto a cidade que conheço
Se desfazendo
As referências que eu tinha se perdendo
E não consigo entender,
Eu sei que para muitos pode parecer bom,
Mas não consigo esconder

Estou com medo da mudança,
Do que pode acontecer
De um dia enxergar minha cidade
E não a reconhecer.

Colagem 4: Transformações em toda parte.



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Demonstrando o medo persistente da perda de referência e como o viver com a cidade se torna impessoal. Ao fundo da imagem, o Cassino Bola 07, os homens a frente, em preto e branco ressaltam o sentimento de fencimento ao ver as memórias adquiridas se esvaindo. A mão com sacolas de compras, representam a chegada do *shopping* o que é imediatamente focado pelo senhor hipnotizado com o feito, o seu olhar voltado para o novo e desatento ao redor, não alcança ou não se importa, com a demolição e a mudança que os versos buscam enfatizar, ainda que tenha sido citado o desejo de infância de obtê-lo, o qual neste novo contexto causa desconforto.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para alcançarmos o objetivo, ou seja, elaborar uma cartografia afetiva com *collages* em Mari (PB), tomou-se como ferramenta a errância urbana onde se visou investigar as percepções subjetivas e os vínculos emocionais dos moradores com os espaços da cidade. A partir dessa observação foram produzidos mapeamentos dos pontos designados após os quais se montaram colagens e poemas que revelassem camadas ocultas e sentimentais da paisagem urbana, oferecendo uma nova perspectiva sobre a relação entre as pessoas e o seu ambiente.

Mari, mantém uma característica que está se esvaindo em meio a homogeneização em diversas cidades contemporâneas, nela pudemos sobressaltar fortes vínculos entre o sujeito e o urbano. Pretendendo preservar e valorizar as experiências afetivas dos seus habitantes em meio às transformações urbanas que tem se intensificado no mundo globalizado em que vivemos, o mapa subjetivo por meio das superposições, serviu como uma aliada para capturar e expressar essas emoções, contribuindo para uma compreensão mais rica e profunda.

Observar e compreender uma localidade envolve estudar tanto os aspectos físicos e evidentes quanto os sentimentos e memórias que os integrantes associam aos seus espaços cotidianos. Os estudos que abordam essa problemática são importantes, pois nos ajudam a entender a complexidade das relações humanas com o ambiente urbano e a prestigiar os experimentos individuais e coletivos.

Conseqüentemente, retomando a abordagem inicial dessa pesquisa, concluímos que, em Mari (PB), a cartografia afetiva e as montagens poéticas se mostraram eficazes em revelar a poesia e as conexões ocultas e visíveis da paisagem urbana, permitindo a expressão das diversas formas de afeto e identidade dos residentes em relação à cidade. Constatamos que as sobreposições e os poemas não apenas representam artisticamente a paisagem, mas também funcionam como um meio de transmitir a alma das interações sociais e urbanas.

Podemos afirmar que os objetivos foram alcançados, pois foi viável mapear as especificidades e relações afetivas nas áreas que delimitamos em diferentes trechos que colaboraram na criação dos resultados apresentados.

A cartografia afetiva instiga o debate acerca de temas como a memória/experiência urbana e identidade local, como exposto no primeiro capítulo desse trabalho, onde Jacques (2012) menciona a falta de métodos que expressam essa singularidade, os quais, no tempo presente não permitem uma visualização única das dinâmicas emocionais e das histórias pessoais ou conjuntas que compõem as paisagens urbanas. Esses registros visuais e cartográficos oferecem uma alternativa de como os espaços urbanos são mais que pontos distribuídos aleatoriamente, analisados em ampla escala e valorizam as narrativas afetuosas das sociedades.

Logo, espera-se que este trabalho acadêmico, construído a partir dos experimentos na cidade, venha motivar novas explorações e abordagens na esfera da arquitetura e urbanismo, em particular pesquisas que agreguem metodologias inovadoras e sensíveis de leitura e representação das cidades. Por fim, crê-se no proveito que há nessa observação íntima das dinâmicas cidadinas, proporcionando novas formas de diagnóstico para o planejamento dos cenários urbanos em que se considere e busque fomentar esses vínculos.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas II**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Trad. Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- CARVALHO, Flávio de. **Ossos do mundo**. Original de 1936. São Paulo: Antiqua, 2005
- CERTEAU, Michel. Caminhadas pela Cidade. In: **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1990.
- COHEN, Renato. **Performance como linguagem: criação de um tempo-espaço de experimentação**. São Paulo: Perspectiva, 1989.

DIMENSTEIN, M. ; CAVALCANTI, A. F. E. A. ; SILVA, K. C. ; OLIVEIRA, M. E. S. ; ANDRADE, A. C. R. ; NOBREGA, A. C. ; LINHARES, J. B. ; CUSTODIO, G. N. . ERRANTES URBANOS. **PIXO - Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade**, v. 7, p. 246-267, 2023.

FORNECK, Vanessa; FERREIRA, Lais; ROCHA, Eduardo; BAUMBACH, Flávio; MACHADO, Valentina; RAMIRES, Bianca. A produção de mapas cartográficos com relação à ética na fronteira Brasil-Uruguay. **PIXO - revista de arquitetura, cidade e contemporaneidade**, v. 2, p. 142-153, 2018.

GEHL, J.; ANITA DI MARCO. **Cidades para pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

HARVEY, David et al. **Cidades Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. Boitempo Editorial, 2015.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. Edição padrão ed. [s.l.] Martins Fontes, 2019.

HARVEY, David. **Justice, Nature, and the Geography of Difference**. Oxford: Blackwell, 1996. p. 439. Citando Bertolt Brecht, “Erkenntniss”

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Panorama Mari**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/mari/panorama>. Acesso em: 20 de agosto de 2023.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2011.

JACQUES, Paola Berenstein. Espetacularização urbana contemporânea. In: **Cadernos PPGAU/UFBA, Territórios urbanos e Políticas culturais**. Salvador: EDUFBA, 2004.

JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes**. Salvador: Edufba, 2012.

JACQUES, Paola Berenstein. Elogio aos Errantes: a arte de se perder na cidade. In: JEUDY, Henri Pierre; Jacques, Paola Berenstein (Org.). **Corpos e cenários urbanos: territórios urbanos e políticas culturais**. Salvador: EDUFBA, 2006.

MITCHELL, Don. **The Right to the City**. Minneapolis: Minnesota University Press, 2003.

MOZART, Fábio. **Biu Pacatuba: Um Herói do Nosso Tempo**. João Pessoa: A União, 2010.

SANTOS, Milton. **O tempo nas cidades**. Ciência e cultura, v. 54, n. 2, p. 21-22, 2002.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1966.

SIMMEL, Georg. A Metrópole e a vida mental. In: **O Fenômeno Urbano**. Zahar editos, Rio de Janeiro. 1967.

CAPÍTULO 2: O ESPAÇO COMO RECURSO CENOGRÁFICO NA FORMAÇÃO DA PERSONAGEM EM “ROCKY, UM LUTADOR”

Marcella Maria Macêdo Regis ¹
Andrei de Ferrer e Arruda Cavalcanti ²

RESUMO

Essa pesquisa consistiu em analisar o filme *Rocky, um lutador* a partir da leitura da representação do espaço cenográfico nele retratado – a cidade da Filadélfia, EUA – visando uma efetiva e aprofundada interpretação do personagem principal. Para tanto, abordou-se as diferentes formas de representação do espaço no Cinema, destacando os movimentos cinematográficos da Velha e Nova Hollywood (sendo o último, ao qual o filme pertence) e comparando a relação entre cenografia e narrativa em cada um deles. Outrossim, foi discorrido sobre a arquitetura e urbanismo da Filadélfia, a fim de abranger a análise das cenas escolhidas dos dois distintos momentos da película. Nisso, aplicou-se uma metodologia inédita, com critérios de análise baseados na reconstituição do espaço em croquis, morfologia urbana, seus efeitos psicológicos e suas respectivas interpretações, definidos em tese de doutorado por Andrei de Ferrer. Com isso, objetivou-se reafirmar a importância do cinema como ferramenta de ampla divulgação da Arquitetura e Urbanismo para leigos e profissionais, assim como a sua contribuição para a criação de pontos turísticos e ressignificação dos já existentes.

Palavras-chaves: Espaço; Filadélfia; Rocky; Urbano; Cinema.

ABSTRACT

This final paper consists of analyzing the film *Rocky*, from the point of view of the representation of the scenographic environment portrayed on it – the city of Philadelphia, USA – aspiring a deep and effective comprehension of the main character. For that, it is approached by the different ways of representation of the environment in Cinema, focusing on the cinematographic movements of the Old and the New Hollywood (in which the movie belongs to) and comparing the relationship between scenography and narrative on both. Furthermore, Philadelphia's architecture and urbanism is discussed, in order to reach the used method on the chosen scenes from the two different moments of the film. For that, an unprecedented methodology was applied, with analysis criteria based on the reconstitution of the space in sketches, urban morphology, its psychological effects and their respective interpretations, defined in Andrei de Ferrer's PhD thesis. Therefore, the study aims to reaffirm the relevance of cinema as a resource for the reproduction of Architecture and Urbanism for ordinary people and professionals, as well as its contribution to the creation of tourist attractions and the redefinition of the existing ones.

Keywords: Environment; Philadelphia; Rocky; Urban; Cinema.

¹ Graduanda do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Uniesp.
E-mail: 20192069003@iesp.edu.br

² Orientador do trabalho e Professor do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Uniesp.
E-mail: andrei@iesp.edu.br

1. INTRODUÇÃO

A arquitetura e o cinema, primeira e sétima arte respectivamente, embora sejam distintos campos de conhecimento e cultura, constantemente fazem uso um do outro, a fim de se estabelecer a fundamentação teórica necessária para se passar uma mensagem.

No caso do cinema, a representação do espaço é um dos principais recursos utilizados a fim de transmitir a percepção de lugar e tempo com credibilidade numa história. É através da imagem da cidade e arquitetura nos filmes que é possível transportar o espectador de volta a lugares em que já esteve, de épocas que já se passaram, e conduzi-lo a ter a sensação de experiência espacial de lugares em que nunca esteve.

Já para a arquitetura, o saldo positivo de sua associação com o cinema se dá na sua ampla divulgação, seja tanto do atual como do histórico, permitindo ao espectador conhecer a dinâmica de cidades em diversas culturas, representando o espaço seja no presente, resgatando o passado ou, ainda, supondo o futuro.

Entende-se, assim, que o cinema, para o estudo da arquitetura, auxilia na melhor compreensão do espaço também no âmbito de dimensão, escala e localização, uma vez que a sua representação dos espaços arquitetônicos, se bem aplicada, supera quase todos os problemas colocados pela quarta dimensão que limita as outras artes, a exemplo da pintura e fotografia (ZEVI, 1948, p.50).

Não obstante o citado, a relação entre essas duas formas de expressão cultural não foi imediata. A princípio, a representação do espaço tinha uma linguagem meramente ilustrativa no cinema. A cenografia nos filmes da era do cinema clássico estava mais voltada para o aspecto lúdico, limitando-se a cenários fictícios. Diante do que discorre Antonio Costa, somente com os movimentos vanguardistas e os pós-guerra do cinema foi que se começou a mudar o conceito e a apresentação do espaço nos filmes (1987, p.105). A partir daí, foi-se aderindo a expressão por lugares reais, que não só situavam o espectador no ‘onde’ e ‘quando’, mas, que agora, começavam a colaborar ativamente na narrativa.

Em Hollywood, foi a partir do movimento do cinema moderno, que data do fim da década de 1960, que essa linguagem foi sendo adotada. Como aponta Teigens (s.d., s.p.), o cinema pós-clássico hollywoodiano trouxe jovens diretores recém-formados que absorveram as técnicas do cinema europeu em voga. Com o orçamento limitado, as ruas, praças e fachadas compunham agora a cenografia dos filmes hollywoodianos dentre essas décadas, e ainda, começavam a compor a narrativa de suas personagens.

Em *Rocky, Um Lutador*, de 1976, é expressamente notória a relação entre o que tem sido exposto e a representação do espaço nessa produção. Negando a antiga sistematização dos estúdios de galpão, o longa dialoga com o contexto cinematográfico da época em que foi produzido e faz da cidade da Filadélfia não somente cenário, mas parte fundamental da história.

A representação da cidade no filme não se trata somente de planos abertos exibindo a paisagem, mas de uma composição da história de Rocky. Tanto a arquitetura quanto as locações externas dialogam diretamente com a saga vivida pela personagem, e à medida que o protagonista começa a passar por sua “metamorfose”, a fotografia da produção também segue a mesma linha de transformação.

Por conta dessa dinâmica, o sucesso do filme também trouxe glória à cidade, sendo reconhecida mundialmente como o berço do boxeador fictício, atraindo turistas de todos os lugares, criando assim, novos pontos turísticos e ressignificando os espaços da cidade (HOLZMAN, 2013, p.1).

Assim, percebe-se que em *Rocky, Um Lutador*, arquitetura e cidade não somente ilustram e situam o espectador no espaço e tempo, mas também rompem com os preceitos de cenário da era do cinema clássico e, como nos movimentos vanguardistas, incorporam a história, revelando nuances do roteiro ao passo que corroboram para a compreensão completa da personagem apresentada.

O estudo proposto visa analisar e discorrer sobre o modo como o longa de 1976, *Rocky, Um Lutador*, representa o espaço, mais especificamente falando sobre o tratamento dado à cidade, e sua ativa colaboração para o desenrolar da história.

“A cinematografia está entrando na didática, e é preciso ter em mente que, quando a história da arquitetura for ensinada mais com o cinema do que com os livros, a tarefa da educação espacial das massas será amplamente facilitada” (ZEVI, 1948, p.50). Dessa afirmação, compreende-se que, no papel de arquitetos e urbanistas, vincular o cinema ao estudo da Arquitetura e Urbanismo abrange o vocabulário técnico ao passo que fornece repertório ao profissional, enquanto para os leigos, permite experienciar espacialmente diferentes lugares e compreender as diversas dinâmicas e tipologias da arquitetura e do urbanismo das cidades mundo afora.

Uma vez que os filmes produzidos dentro do movimento cinematográfico da Nova Hollywood têm uma relação colaborativa entre narrativa e espaço cenográfico, que supera os padrões previamente estabelecidos de cenário lúdico, em *Rocky, Um Lutador*, é possível observar tais características, e como o espaço retratado – cidade e arquitetura – informa ao espectador sobre o momento vivido pelo protagonista Rocky Balboa, colaborando assim, para uma melhor contextualização da narrativa e, por consequência, maior dramatização da trama contada.

Sendo assim, percebe-se que o objeto de estudo dessa pesquisa dialoga com as questões citadas acima, se tornando válido abordar, uma vez que incorpora o espaço à sua narrativa, permitindo que arquitetos e leigos entendam a relação da cidade e arquitetura daquele local, mas sobretudo, visualizem suas dinâmicas, representações, e mais, sua composição à narrativa.

Temos como objetivo geral deste trabalho, portanto, analisar a representação do espaço como recurso cenográfico na formação da personagem no filme *Rocky, Um Lutador*. E, como objetivos específicos, analisar a relação entre cinema, arquitetura e cidade; compreender o contexto sócio-econômico da Filadélfia na época em que o filme foi produzido e distinguir entre os tipos de tratamentos de espaço no cinema antes e durante o contexto do filme.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O cinema, desde seu princípio, traz consigo uma relação de codependência com o espaço. É através da associação de uma narrativa com um lugar que surge um filme, seja ele de qual gênero e movimento for.

Costa afirma que: “A cidade cinematográfica, apesar de não ser uma completa e direta reprodução da realidade, é essencialmente reconhecida através do processo de associação com a cidade real” (1987, p.69). Assim, concebe-se que a arquitetura e a cidade, partindo do princípio de cenário, agregam ao cinema a relação não somente de suporte lúdico, mas, tornam-se fundamentais para que se passe credibilidade a um roteiro no contexto espaço-tempo. Ou seja, o espaço é fator determinante para o caráter verossímil dos filmes.

A escolha de uma cidade e de sua arquitetura é importante na criação do clima adequado à história que se quer contar. Construções arquitetônicas de diversas épocas e estilos são a todo tempo utilizadas como cenários de filmes, sejam eles, futuristas, históricos, policiais, de terror. Cidades como Nova York, Paris ou Rio de Janeiro têm servido de cenário para um número incontável de filmes. Veneza, com sua arquitetura

característica, é utilizada não só em filmes românticos, como em muitos outros gêneros. A cidade e sua arquitetura passam a ser elementos indissociáveis na construção da imagem de um filme. (CHAGAS, 2008, p.37)

Partindo do exposto, então, depreende-se que o êxito da associação entre esses dois campos de conhecimento deve-se ao fato de que ambos possuem o mesmo denominador comum: o espaço. Para tanto, “as duas formas de representação (cinema e arquitetura) são práticas espaciais e constroem o espaço” (Costa, 2008, p.35).

Do mesmo modo que a arquitetura soma ao cinema, o segundo também contribui com o primeiro. Por ação do amplo alcance da cinematografia, cada vez mais se difundem edificações e dinâmicas urbanas de cidades mundo afora, retratando, do oriente ao ocidente, a conduta das pessoas a partir do espaço.

[...] os filmes passaram a produzir uma nova prática do espaço urbano, uma prática que envolvia novos formatos de visualização do movimento das atividades cotidianas relacionadas aos espaços públicos da cidade e que “transportavam” o espectador através do espaço por meio de uma viagem de efeito multiforme. (COSTA, 2008, p.36)

Por conta disso, atinge-se a possibilidade de assimilar a influência do espaço nas diversas sociedades, seja a título de conhecimento ou como embasamento teórico para reprodução científica, partindo da análise de filmes, uma vez que a câmera, além de expor uma narrativa, também apresenta ao espectador o espaço pelo qual navega. Como afirma Maria Helena Costa, o “cinema oferece seguramente o mais vasto repertório não apenas de documentação do espaço urbano, mas sobretudo da idéia de cidade conforme ela tem se modificado desde o final do século passado até hoje” (2008, s.p.).

Por fim, é válido discorrer sobre a inestimável contribuição sensorial que o cinema provoca ao observador, que sem precisar sair do lugar, experiencia o espaço como se estivesse nele. “Se percorrermos um edifício com uma filmadora e, em seguida, projetarmos o filme, revivemos os nossos passos e uma grande parte da experiência espacial que os acompanhou” (ZEVI, 1948, p.50), e com a difusão dos filmes, avalia-se que a experiência espacial não se limita somente ao cinegrafista.

Logo, constata-se que, uma vez associados, muito pode-se falar sobre uma cidade ou edificação através do cinema, independente do espectador já ter estado ou não, fisicamente, no espaço representado, como será discorrido mais à frente no trabalho.

2.1. DO LÚDICO À COMPOSIÇÃO NARRATIVA: O ESPAÇO NA ERA DA HOLLYWOOD DE OURO E A INFLUÊNCIA DA ESTÉTICA VANGUARDISTA

O cinema, desde os primórdios com *A chegada do trem na estação* (Lumière, 1895), passou por diversas transformações estéticas impulsionadas pelos movimentos cinematográficos. Durante a chamada Idade de Ouro de Hollywood (do cinema mudo até o final dos anos 1960), predominava um tratamento lúdico do espaço, frequentemente inspirado na estética teatral. Bernardet (1996, p.16) observa que “a relação entre a tela e o espectador era a mesma do teatro”, e Guéron (2013, p.182) destaca que a imagem no cinema clássico surgia apenas em função do movimento e da ação dos personagens, sem um papel ativo na narrativa. O sistema de estúdios (1920-1948), conforme Silva (2016, p.234), consolidou essa abordagem, na qual os cenários eram essencialmente ilustrativos.

Enquanto Hollywood dominava o mercado, a Europa vanguardista buscava uma estética alternativa voltada ao público intelectual (ELSAESSER apud CARREGA, 2016). O espaço cinematográfico deixava de ser um mero artifício decorativo para se tornar um elemento essencial da narrativa. O neorrealismo italiano, exemplificado em *Ladrões de Bicicleta* (De

Sica, 1948), ilustra essa mudança ao apresentar cenários que impactam diretamente a vida dos personagens. Guéron (2013, p.176) descreve essa transformação ao afirmar que os espaços “são agora capazes de paralisar, submeter, desviar ou até mesmo abrir o caminho” dos protagonistas. Segundo Deleuze (GUÉRON, 2013, p.180), essa nova abordagem não apenas representava o real, mas o presentificava.

A influência europeia logo chegou a Hollywood, que na década de 1920 começou a importar cineastas do expressionismo alemão, como F.W. Murnau e Paul Leni. Segundo Carrega (2016, p.137), esses diretores introduziram uma estética formalista que rompeu com a transparência e o naturalismo do cinema clássico, influenciando a fase experimental entre 1927 e 1935. Esse intercâmbio pavimentou o caminho para mudanças significativas na linguagem cinematográfica norte-americana, tornando-a mais complexa e expressiva. Guéron (2013, p.174) argumenta que não houve um esgotamento do cinema clássico em si, mas sim de seus clichês e fórmulas previsíveis.

A evolução tecnológica também foi determinante para a transformação da relação entre cinema e espaço. Bernardet (1996, p.17) aponta que o deslocamento das câmeras permitiu a exploração mais dinâmica do ambiente, e Carrega (2016, p.131) destaca o impacto dos movimentos de câmera, que inicialmente foram contestados pelos produtores de Hollywood. Com o declínio do sistema de estúdios e a transição para um cinema mais experimental entre 1948 e 1967 (SILVA, 2016, p.234), a representação do espaço se tornou mais sofisticada. Exemplos notáveis incluem *Janela Indiscreta* (Hitchcock, 1954), cuja narrativa se estrutura a partir das fronteiras físicas do prédio e dos apartamentos observados pelo protagonista.

O percurso do cinema hollywoodiano, do lúdico à integração do espaço na narrativa, foi profundamente influenciado pelas vanguardas europeias. Essa evolução culminou na emergência de uma nova geração de cineastas na década de 1970, que, ao combinar as inovações formais vindas da Europa com o contexto social, político e econômico dos EUA, redefiniram a estética do cinema norte-americano. Dessa forma, a relação entre espaço e narrativa, antes marginal, tornou-se um dos pilares fundamentais da linguagem cinematográfica contemporânea.

2.2. O ESPAÇO NA NOVA HOLLYWOOD: INCORPORANDO A CIDADE AO DESENVOLVIMENTO DA NARRATIVA

Enquanto Silva (2016, p.234) classifica os anos pós sistema de estúdio como período de transição, datando de 1948 a 1967, Vasil Teigens (s.d., s.p.) irá enquadrar os anos de 1960 a 1980 como Hollywood moderna e cinema pós-clássico. É dentro desse intervalo que surge o movimento chamado Nova Hollywood: um cinema de cunho mais autoral, que aborda os problemas sociais do momento e faz do espaço - sobretudo a cidade - recurso fundamental para embasar o desenvolvimento de sua narrativa.

A Hollywood moderna é o surgimento de uma geração moderna de diretores formados em escolas de cinema que absorveram as técnicas desenvolvidas na Europa na década de 1960 como consequência da onda moderna francesa após a Revolução Americana. (TEIGENS, s.d., s.p.)

Como já citado, essa influência vanguardista sobre esses jovens diretores foi um importante fator no molde da nova linguagem cinematográfica de Hollywood, mas Teigens também reforça que o “sistema de estúdio e a Idade de Ouro de Hollywood sucumbiram a duas forças que se desenvolveram no final dos anos 1940: Um processo antitruste federal que separou a produção de filmes de sua exibição; e O advento da televisão” (s.d, s.p.).

Portanto, sem a interferência das grandes companhias do sistema de estúdios, surgem as independentes (SILVA, 2016, p.252), e também, visando superar a televisão, esses novos diretores se despedem dos lotes e galpões, que agora, dão espaço às ruas e às cidades. Esse novo espaço cinemático resultaria de todos os quesitos citados anteriormente, sendo fundido com a crise urbana sofrida nesses mesmos anos.

A crise e reorganização da indústria cinematográfica de Hollywood no fim dos anos 1960 teve uma importante, mesmo que pouco examinada, dinâmica geográfica. Enquanto a crise industrial acelerou a mudança a longo prazo dos contratos e produções independentes, ela também teve um significativo impacto no volume e padrão geográfico das locações de filmagens. Isso abriu um novo terreno cinemático para Hollywood, expandindo suas locações para além das coordenadas estabelecidas - a exemplo de Manhattan ou áreas do oeste americano - para novos locais, desde pequenas cidades e paisagens rurais a cidades (pós) industriais do chamado Rust Belt. (WEBB, 2015, p.101)

Partindo dessa premissa, compreende-se que tais fatores culminaram para uma representação espacial mais estética em Nova Hollywood. Agora, arquitetura e cidade são elementos cenográficos que quebram as barreiras lúdicas e começam a transmitir nuances e detalhes da história. Espaço e narrativa passam a caminhar juntos no esmiuçar dos personagens, e assim, “os significados e motivos de um filme não podem ser adequadamente compreendidos sem uma sistemática análise da arquitetura de Hollywood” (LANGFORD, 2010, p. 12 apud SILVA, 2016).

Emblemático exemplo desse movimento cinematográfico, é válido citar *Taxi Driver* (dir. Martin Scorsese, 1976), que traz a cenografia intrinsecamente ligada ao personagem principal. Para compreender as motivações de Travis Bickle (Robert De Niro), o diálogo não basta; é preciso se atentar ao espaço em que o protagonista está inserido, uma vez que ele exprime características reveladoras para que o espectador conheça o personagem. Sobre a representação do espaço arquitetônico na película, é dito:

Outro elemento que nos informa sobre Travis Bickle é o seu quarto, lugar em que ele permanece em várias cenas, sempre sozinho. Lá, tudo parece desarrumado, refletindo a sua própria confusão mental. Além da bagunça, todos os objetos aparentam serem antigos e sujos, não havendo nada novo, indicando que Travis não se renova, que ele vem vivendo a mesma rotina sem grandes mudanças durante muito tempo. (SILVA, 2016, p.199)

Aponta-se, dessa forma que, a cenografia passa a revelar o que se quer mostrar sobre o personagem, e com a paisagem urbana, o tratamento segue a mesma linha. A forma como Travis se relaciona com a cidade reflete traços de sua personalidade ao passo que documenta o espaço real daquela época, fortalecendo a credibilidade e situando o espectador. Quanto a isso, tem-se que:

A repulsa e preconceito de Travis também podem ser percebidos também pela maneira como ele se relaciona com a cidade à sua volta. [...] Apesar de Travis, devido ao seu estado mental conturbado, distorcer o ambiente que o cerca, a representação da cidade no longa-metragem explora a situação que Nova York estava na época. Segundo Michael Chapman, diretor de fotografia de *Taxi Driver*: "O que quer que *Taxi Driver* seja ou não, é uma espécie de documentário de como era Nova York em 1975 (...) Nos anos 70, estava no ponto baixo. Estava sem valor e horrível (...) *Taxi Driver* não é bem um hino a Nova York porque é bem desagradável (...) Essa cidade lhe dá coisas. Quero dizer, as tomadas na Times Square das pessoas e prostitutas. Sabe, nós só apontamos a câmara e a cidade atuou, dirigiu, fez tudo. (SILVA, 2016, p. 203)

Embora seja representado o espaço real - nesse filme, a cidade de Nova York nos anos 1970 -, é importante ressaltar que a apresentação da paisagem urbana nas películas dessa era passa a ser moldada a partir da perspectiva do diretor. Assim, em *Taxi Driver*, a visão distorcida da personagem enfatiza os aspectos negativos da cidade - nas imagens abaixo, vê-se suja e violenta -, e que transmite tal percepção ao espectador, como cita Silva (2016):

A representação de Nova York é negativa e depressiva. A obra cinematográfica expõe uma cidade em decadência, as ruas sujas, conturbadas e sempre barulhentas. Prostituição e drogas fazem parte do cotidiano da cidade. Cafetões, prostitutas, traficantes e viciados dividem as avenidas com os outros transeuntes. O ambiente é imoral e a forma como ela é representada gera uma sensação de aversão tanto em Travis como no público. (SILVA, 2016, p. 203)

Entende-se que, além de documentar um espaço real, os filmes produzidos dentro dos modelos da Nova Hollywood, tinham o potencial de envolver o espectador a ponto de direcionar sua visão em relação a paisagem, a partir do contexto da narrativa, como aponta Lawrence Webb:

Os filmes produzem mapas cognitivos através da articulação formal e envolvimento com o espaço e a relação desenvolvida entre protagonista(s) e seu mundo diegético. É importante ressaltar que, o cognitivo aqui não exclui a espectadora incorporação; ela inclusive abrange uma gama de respostas afetivas ao espaço cinemático. (WEBB, 2015, p.102)

Desse modo, constata-se que o abordado período cinematográfico foi um divisor de águas na forma em como apresenta cidade e arquitetura, incorporando-lhes à narrativa. Todavia, é indispensável refletir sobre o modo tal representação do espaço envolve e influencia a visão do espectador, partindo de como a paisagem - especialmente, a urbana - é apresentada pelo diretor através da perspectiva de suas personagens.

3. METODOLOGIA

Como estratégias para analisar a representação espacial no objeto de estudo, tomou-se por base a literatura que aborda cinema e espaço, com enfoque nos parâmetros acerca da Velha e Nova Hollywood. Para isso, livros, artigos e dissertações que discutem as características que distinguem esses dois movimentos cinematográficos foram fundamentais para elaborar a pesquisa de forma clara e objetiva. Ainda, o estudo da Filadélfia, cidade em que o filme foi gravado, nos contextos históricos e urbanos foram de suma importância para a concreta associação do espaço à narrativa.

A fim de desenvolver o questionamento central do trabalho, fez-se uso dos conceitos de Éric Rohmer para estudo das cenas retiradas da película, aplicando nelas critérios de análise divididos em quatro etapas, por quatro autores, segundo proposta da tese de doutorado realizada por Andrei de Ferrer e Arruda Cavalcanti, que está em fase de elaboração.

Quanto aos conceitos utilizados, adotou-se as três noções de espaço no cinema descritas por Éric Rohmer: o espaço pictórico, referente ao enquadramento da câmera, ou seja, o que o cineasta decide mostrar do ambiente; o espaço arquitetônico, que remete à cenografia, com enfoque nos elementos arquitetônicos; e o espaço fílmico, que seria a explanação dos anteriores, agora, envolvendo a dinâmica do movimento da câmera, revelando aquilo que não foi visto no enquadramento.

Quanto a tese de Andrei de Ferrer (2024), as etapas de análise são as seguintes, segundo os respectivos autores: reconstituição do espaço em croquis e mapas, por Filipa José Henriques Pinto; análise morfológica do espaço, por José Manuel Ressano Garcia Lamas; análise dos efeitos de percepção individual, por Maria Elaine Kohlsdorf; e interpretação da conotação e denotação, segundo Julia Derclé.

Ou seja, com a composição do espaço fílmico, através de desenhos esquemáticos de autoria própria, são analisados os aspectos morfológicos urbanos e seus efeitos, referentes à percepção individual afetada. Tal método será utilizado para discussão em torno do objetivo geral de associação constante entre o contexto em que a personagem vive na cena e como o espaço é apresentado nela, apontando a representação dos ambientes em que o protagonista circula, no

primeiro momento do filme e, no segundo, as transformações na fotografia da cidade ao passo que a personagem começa por seu treinamento, processo chave na história.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

4.1. ROCKY E O ESPAÇO URBANO: FILADÉLFIA

A cidade da Filadélfia tornou-se amplamente reconhecida após o sucesso da franquia *Rocky Balboa* (HOLZMAN, 2013, p.1). No entanto, sua imagem não pode ser reduzida àquela representada no cinema, pois sua configuração resulta de dinâmicas sociais, econômicas e espaciais anteriores ao filme. Fundada em 1682 na Pensilvânia por William Penn e Thomas Holme, a cidade foi planejada com um traçado ortogonal inspirado no urbanismo barroco (MIREs; ROEBER, 2019, s.p.), contando com praças arborizadas para atenuar os impactos da malha retilínea e preocupações sanitárias herdadas do Grande Incêndio de Londres (NAIRN, 2023, s.p.).

A partir do final do século XIX, a Filadélfia consolidou-se como um grande centro industrial, atraindo imigrantes e resultando em congestionamento e poluição. Reformadores urbanos inspirados no movimento *City Beautiful* buscaram requalificar a cidade por meio de espaços cívicos e edifícios monumentais (NEPA, 2016). Nesse contexto, a construção da Benjamin Franklin Parkway, entre 1871 e 1926, rompeu o traçado ortogonal original, conectando o centro comercial ao Fairmount Park e abrigando edifícios icônicos, como o Museu de Arte da Filadélfia e o Instituto Franklin (BROWNLEE, 2017).

Além do boulevard planejado, a cidade desenvolveu uma forte economia portuária e industrial nos séculos XIX e XX, moldando sua arquitetura e mobilidade urbana (HEIN, 2016). A proximidade com os rios Delaware e Schuylkill favoreceu a instalação de fábricas e ferrovias, gerando o surgimento de bairros industriais, como Kensington, que atraíram trabalhadores devido à acessibilidade e ao baixo custo habitacional (AMOTT, 2014). As casas conjugadas, inicialmente um modelo habitacional para todas as classes, tornaram-se símbolo dos bairros operários devido à sua produção econômica e em larga escala (CASPER, 2013).

O crescimento populacional e a chegada de imigrantes europeus e afro-americanos intensificaram a segregação social e espacial ao longo do século XX (SHARP, 2017). Esse processo foi agravado pela *White Flight* nas décadas de 1950 e 1960, quando a classe média branca migrou para os subúrbios, enquanto os bairros industriais sofriam com a degradação urbana e econômica. O declínio da indústria a partir da década de 1970, impulsionado por deslocalizações empresariais e mudanças tecnológicas, resultou em desemprego e pobreza crescentes (ELESH, 2017).

Esse cenário de decadência consolidou a Filadélfia como parte do *Rust Belt* (MIREs; DOWNS, 2014). A desindustrialização e o aumento da criminalidade, evidentes nos anos 1970 e 1980, contribuíram para uma nova representação da cidade, marcada por guetos e violência urbana. Essa percepção influenciou sua escolha como cenário para produções cinematográficas criminais e dramáticas no século XXI (YINGER, 2017), contexto no qual se insere o filme a ser analisado.

4.2. O ESPAÇO COMO RECURSO NARRATIVO EM *ROCKY, UM LUTADOR*

Na década de 1970, Sylvester Stallone, então um ator desconhecido, sem espaço para interpretar o protagonista galã e herói no cinema, escreve o roteiro do que seria sua própria história: um homem de carreira falida que decide arriscar sua última chance. Com êxito, em 1976 é lançado

o drama *Rocky, Um Lutador*, estrelado por Stallone, dirigido por John G. Avildsen e produzido pela companhia independente United Artists, da matriz MGM.

O filme conta a história de Rocky Balboa, um boxeador anônimo da Filadélfia passado dos 30 anos que tem a chance de disputar o título de campeão mundial com Apollo Creed, o então titular. Apesar das crenças limitantes acerca de si, Rocky aceita o desafio sem expectativas de ganhar o título, mas agarrado ao objetivo de provar a si e aos outros ser capaz de aguentar até o final da luta.

Sendo o filme gravado na Filadélfia, distintas locações foram escolhidas para retratar os diferentes núcleos de personagens e contextos da narrativa. Assim, tem-se o bairro industrial de Kensington, onde são ambientadas as casas de Rocky e dos irmãos Paulie e Adrian – respectivos amigo e namorada de Balboa –, a academia de Mickey, onde o protagonista treina, e o pet shop em que Adrian trabalha. Ademais, as ruas e os guetos desse bairro foram artifícios cenográficos de uso constante para ambientação das cenas externas.

Além de Kensington, evidenciado em vermelho no mapa abaixo, outros pontos da cidade também foram importantes locações do filme, destacando o Mercado Italiano, ao sul da cidade, e o Museu da Arte na Benjamin Franklin Parkway, no centro, que aparecem em uma das cenas mais marcantes de todo o filme.

Além da distância geográfica entre as regiões apresentadas acima, é válido ressaltar as discrepâncias socioeconômicas que as segregam. Como abordado anteriormente, o bairro de Kensington está localizado na região norte da Filadélfia, que durante a década de 1970, enfrentava os abates econômicos enfrentados pelos residentes imigrantes da classe operária em consequência do declínio industrial.

Desse modo, compreende-se que a espacialização do filme não foi feita de modo arbitrário, mas agindo diretamente na composição do personagem principal, o construindo a partir do imaginário da cidade retratada. Assim, para entender a relação simbiótica sustentada entre narrativa e espaço, serão explorados os três conceitos de espaço definidos por Éric Rohmer acrescidos dos critérios de análise definidos em tese de doutorado por Andrei de Ferrer (2024) em quatro etapas, partindo de uma perspectiva que divide a história em dois momentos: antes e depois da “metamorfose” sofrida pelo protagonista – referente ao seu ganho de autoconfiança durante os treinos –, uma vez que o espaço retratado explora a dicotomia urbana da Filadélfia partindo desses dois contextos.

4.2.1. Primeiro Momento

Sendo a mais extensa em duração, essa fase se estende do início do filme até um pouco depois da metade. Nela, Rocky é apresentado como uma figura introspectiva e solitária: sem família, de poucos amigos e baixa interação social. Tido como o “vagabundo da vizinhança”, ganha a vida cobrando dívidas para um agiota, uma vez que sua carreira de lutador é tida como quase que um completo fracasso; profere poucas e curtas frases nas cenas, expondo suas frustrações e inseguranças somente através da prática do boxe, o que permite interpretações acerca de sua baixa autoestima, seja por conta do seu limitado intelecto ou ainda, pela sua inferior posição social.

Partindo do discorrido, então, percebe-se que o longa segue a linha de produção dos filmes da Nova Hollywood, trazendo um protagonista enigmático e que exige um olhar meticuloso do espectador para sua completa leitura. Atentando-se, portanto, à representação espacial do bairro de Kensington, onde Rocky mora e executa a maioria de suas atividades, muito se revela da imagem que o diretor quer passar de Balboa nesse primeiro momento.

Para corroborar o dito, tem-se a sequência a seguir, extraída dos minutos iniciais da película. Sendo o primeiro contato que o espectador tem com o bairro, a cena de abertura retrata o percurso de Rocky até casa, já apresentando três importantes cenários da trama: o pet shop em que Adrian trabalha, a academia de Mickey, onde Balboa treina e sua residência (Figura 1).

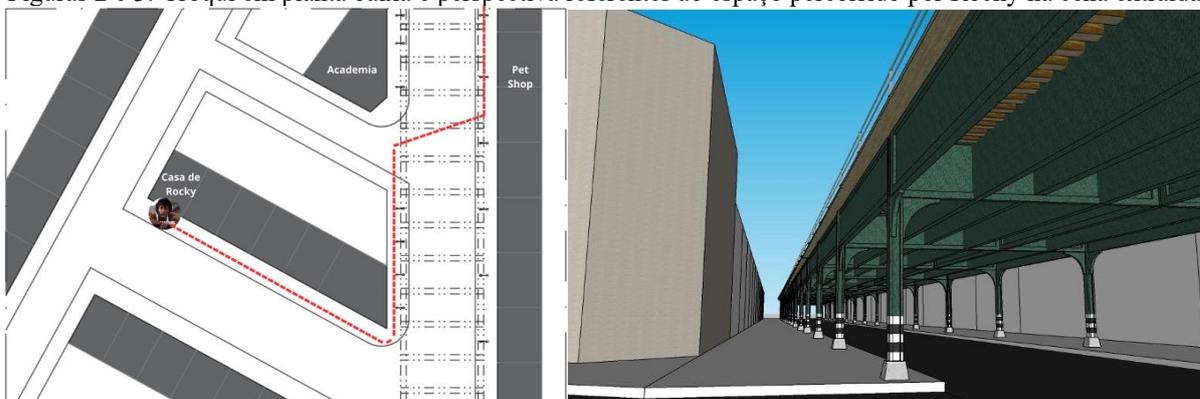
Figura 1: Montagem de cenas extraída da abertura do filme.



Fonte: United Artists. 1976.

Partindo dos conceitos de Rohmer, nos frames utilizados, vê-se o espaço pictórico, ou seja, o que está no enquadramento da câmera; o espaço arquitetônico nessa cena está caracterizado nas fachadas das edificações, ruas e calçadas, que indicam que o personagem caminha no meio urbano. Quanto ao espaço filmico, aplica-se a primeira etapa da análise, equivalente a elaboração dos desenhos apresentados a seguir, que fazem menção ao mapeamento espacial que o espectador é induzido a projetar a partir da visualização do percurso percorrido por Rocky até chegar em sua casa.

Figuras 2 e 3: Croqui em planta baixa e perspectiva referentes ao espaço percorrido por Rocky na cena extraída.



Fonte: Autoria própria. 2024.

Partindo da associação do conjunto de imagens apresentados, adentra-se na segunda etapa dos critérios de Andrei de Ferrer (2024) a análise morfológica do espaço por Lamas. Observa-se, portanto, em ambas as ruas, a existência da regularidade do traçado retilíneo, embasado em uma aplanada topografia, que converge para a continuidade das quadras, com ruas e calçadas visualmente amplas.

Quanto às edificações, referentes às tradicionais casas conjugadas, elas seguem os parâmetros de mesmo gabarito, em três pavimentos, sem recuo frontal ou lateral. Todavia, aponta-se dois diferentes tipos de usos identificados nas imagens da sequência da cena: nas primeiras imagens da figura 1, vê-se fachadas com marquises, placas, grades, portões e vitrines, remetendo ao uso comercial daqueles prédios, enquanto nas últimas, existe um padrão repetitivo mais marcante das fachadas, com janelas, portas e escadas nas mesmas posições, materiais e cores iguais, e sem artifícios publicitários, que remetem ao uso residencial. Ainda, a identificação da ausência de praças e vegetação, e a presença de postes, hidrantes e pilares e até os trilhos de trem acima do nível da rua, convergem para associação inteiramente urbana da paisagem.

Quanto aos critérios de efeitos psicológicos causados pela morfologia urbana do espaço, são apontados o direcionamento, causado pela extensão retilínea das ruas, o envolvimento, referente aos trilhos de trem que passam acima, e o efeito em “y”, provocado pela angulação aguda da esquina em que está situado o edifício da academia. A partir dessa apreensão do espaço, várias interpretações são tiradas acerca da personagem em si.

O direcionamento das ruas e fachadas geram a sensação de constância e continuidade, sem grandes alterações ao correr de todo o percurso, assim como as fachadas, sobretudo da casa de Rocky, convergindo, assim, para uma denotação de monotonia, e também, ausência de identidade, em que há a impressão de serem meras cópias, repetições de um padrão arquitetônico vigente dos bairros industriais. Essa interpretação é paralela ao personagem, que é apresentado ao espectador não como uma figura de destaque, mas um indivíduo que passa despercebido no meio do espaço em que vive, ou seja, apenas mais um na vizinhança.

Outrossim, o impedimento de passagem de luz através dos trilhos e sua altura geram uma impressão claustrofóbica da paisagem, aludindo às sensações de confinamento, limitação, e conformismo, características refletidas em Rocky, uma vez que não acredita ser capaz de vencer a luta, tampouco mudar sua sorte nesse primeiro momento do filme. Ademais, existe uma relação hierárquica entre os trilhos e o bairro inferior a eles, permitindo intercalar a diferença de níveis a um contexto de inferioridade social.

Outro importante aspecto, o efeito em “y” da academia alude a uma perspectiva de dúvida e necessidade de escolha, haja vista que a edificação divide duas vias, a partir de sua inserção na esquina. É em torno desse questionamento que gira a narrativa do filme, partindo de qual posicionamento Rocky tomaria a respeito da luta, estando dividido entre a segurança da sua mórbida zona de conforto e os desafios ao sair dela.

Além dos critérios discorridos acima, na cena, as ruas apagadas, o lixo exposto, as calçadas quebradas e baixa luminosidade também fomentam uma noção de esquecimento daquele espaço – seja pelas políticas públicas ou pelas próprias consequências do *Rust Belt* –, e a presença quase imperceptível de Rocky no plano posicionado pela câmera reflete essa mesma noção de insignificância.

Portanto, partindo de todo o exposto, presume-se a partir da leitura do espaço, uma monotonia na paisagem, que pode ser tida como reflexo da vida em que o personagem leva, inicialmente sem perspectivas quanto a carreira e vida pessoal; também, a impressão de descaso que têm-se com o bairro pode ser associada a vida do próprio Balboa: ignorado pela sociedade, sendo o saldo do meio em que está inserido.

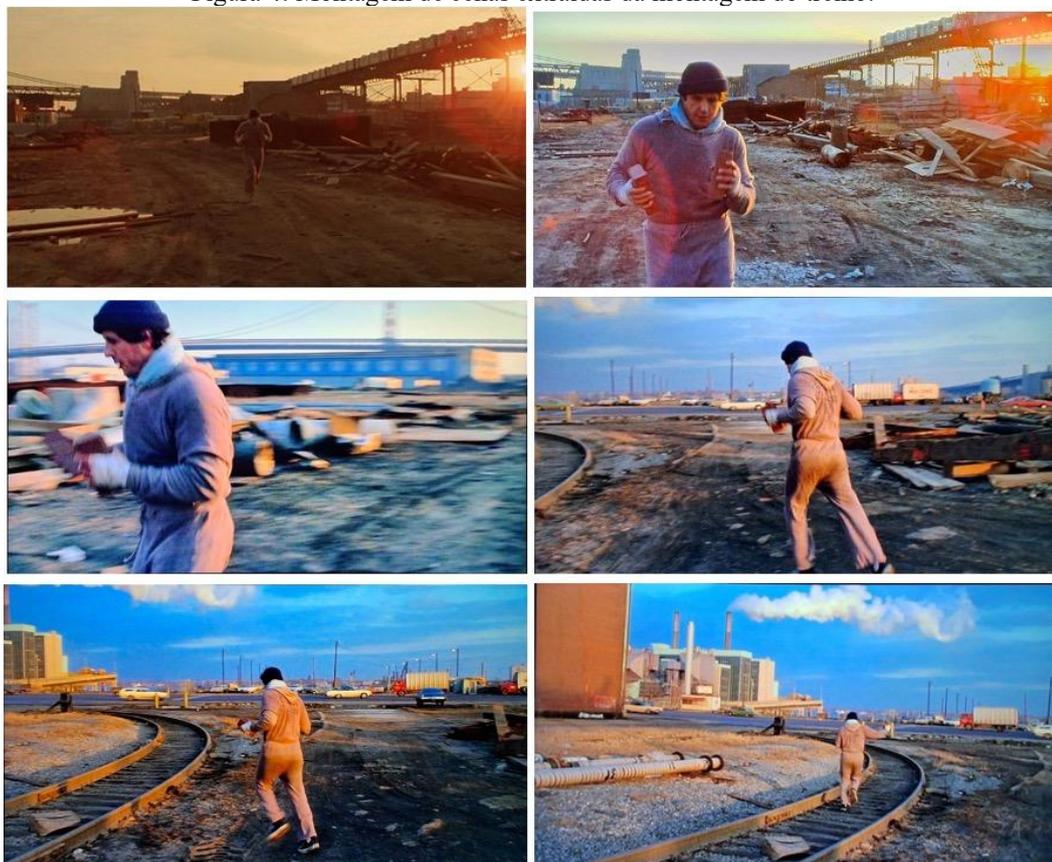
4.2.2. Segundo Momento

Classificado como segundo momento para a análise, essa fase do filme é referente à transição sofrida por Rocky, que na medida em que se intensificam seus treinos e sua disciplina, sua autoconfiança é impulsionada. Agora, a personagem é apresentada como uma figura de presença dominante, em que, não somente se sente capaz de mudar seu destino através de sua determinação, mas também sente-se seguro o suficiente para enfrentar a luta.

Condizente com toda a abordagem transcorrida, novamente o espaço irá exprimir os traços da personalidade de Balboa. Assim, para compreender as mudanças sofridas pela personagem nesse momento, foi-se elencado o conjunto da sequência de cenas que resultou na emblemática montagem de treino do filme, uma vez que a representação do espaço nela se transforma ao passo que é revelado ao espectador a evolução do condicionamento físico e confiança de Rocky.

Para fins didáticos, a montagem é analisada a partir das cinco cenas em que consta a paisagem urbana como recurso cenográfico, identificando, assim, a gradual e progressiva transformação simultânea do espaço e personagem.

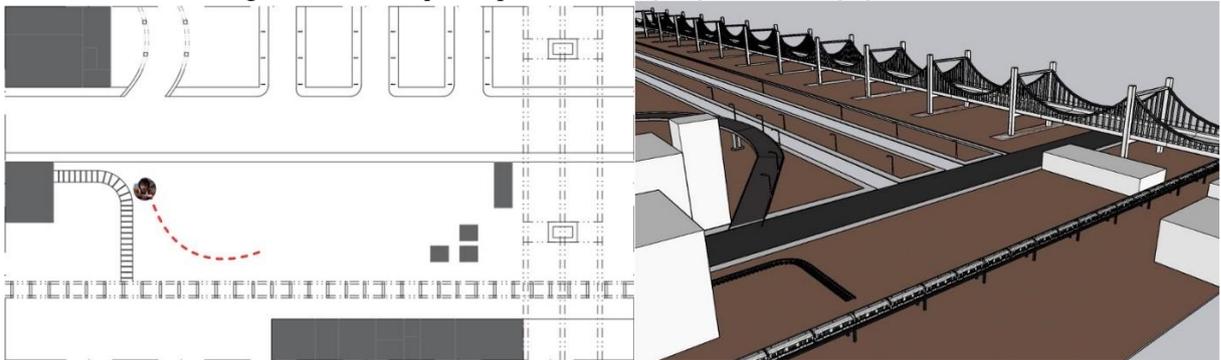
Figura 4: Montagem de cenas extraídas da montagem do treino.



Fonte: United Artists. 1976.

Seguindo os conceitos de Rohmer, a cena 1 da montagem apresenta o espaço arquitetônico também caracterizado pelo meio urbano, seja pelas rodovias, os trilhos, os veículos, assim como pelas edificações. Para composição do espaço fílmico, a partir do mapeamento espacial que o espectador subconscientemente projeta, guiado pela rotação da câmera no ambiente apresentado, são apresentados os desenhos a seguir:

Figuras 5 e 6: Croqui em planta baixa e perspectiva do espaço da cena 1.



Fonte: Autoria própria. 2024.

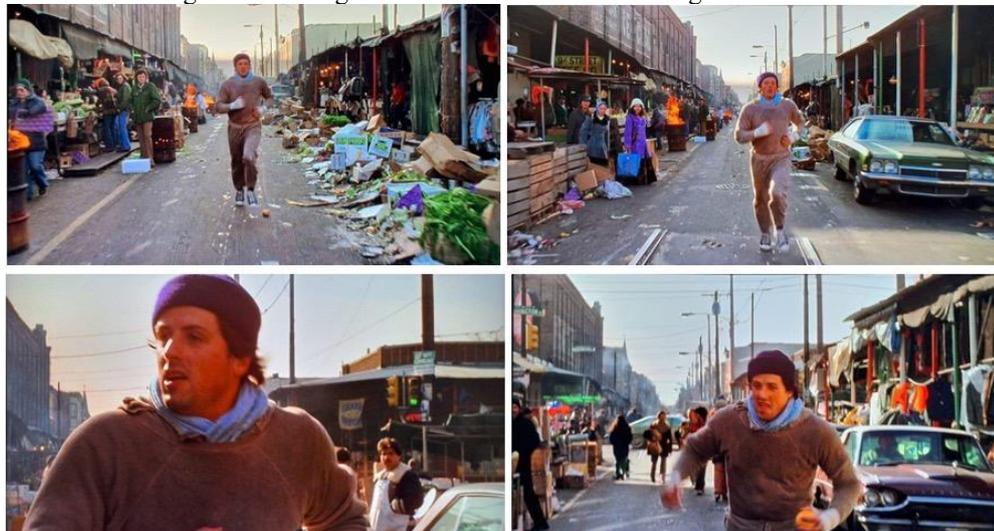
Através da composição dessas imagens, geradas, por sua vez, pelo julgamento da percepção individual do espectador do espaço fílmico, é possível analisar morfologicamente o meio urbano. Aponta-se, portanto, a existência de um extenso vazio de quadras, que se estendem por uma distância desconhecida de forma paralela, sobre uma topografia aplanada, obedecendo ao traçado retilíneo das vias identificadas.

As edificações presentes são pontuais, de diferentes formas e gabaritos, aparentando uma inserção aparentemente aleatória, quase que de forma desordenada, nas quadras, nunca as preenchendo ao todo, e impedindo a distinção dos afastamentos e fachadas. Contudo, na figura 4, para onde Rocky se direciona, vê-se um aglomerado de edificações, numa proporção muito maior em quantidade e gabarito, e que pela perceptível emissão de fumaça, induz-se à leitura de um uso industrial.

Ainda, a ausência de praças, vegetação e do mobiliário urbano, sendo identificados somente lixo e entulhos, e as diferentes vias de locomoção, convergem para a avaliação de uma área de uso predominantemente industrial, de aspecto provisório, como uma grande gleba em que se inicia um processo de urbanização.

Quanto aos efeitos de percepção provocados pela morfologia urbana, apontam-se a amplidão, causada pelo extenso vazio, e o direcionamento, dado pelas extensas quadras vazias retilíneas e contínuas, paralelas ao viaduto, como também pelas curvas dos trilhos e da via que cercam as edificações industriais.

Figura 7: Montagem de cenas extraídas da montagem do tremo.



Fonte: United Artists. 1976.

A cena seguinte da montagem analisada apresenta, no espaço pictórico, o popular Mercado Italiano da cidade, que revela no espaço arquitetônico as fachadas das edificações e tendas improvisadas dos comerciantes. A partir da união desses espaços de Rohmer e do mapeamento subconsciente do espectador, a fim de compor e compreender o espaço fílmico, têm-se os desenhos a seguir:

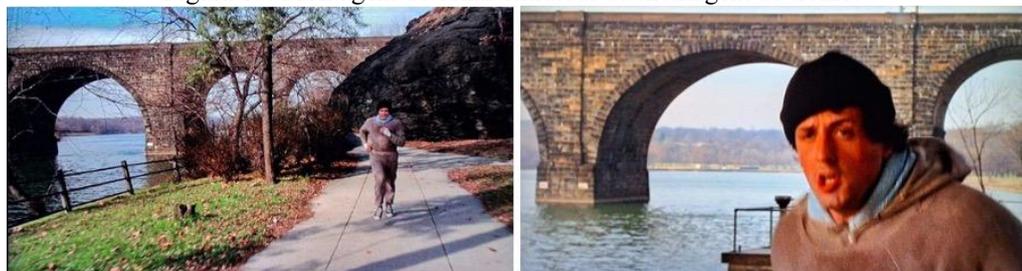
Figuras 8 e 9: Croqui em planta baixa e perspectiva do espaço da cena 2.



Fonte: Autorial própria. 2024.

Caracterizado o espaço fílmico, são apontados os seguintes aspectos da morfologia urbana: solo de topografia plana; traçado retilíneo das quadras; lotes completamente preenchidas por edificações sem afastamentos laterais, de gabaritos em até quatro pavimentos e esquadrias ritmadas (conforme parâmetros já descritos das casas conjugadas), com cores e materiais semelhantes ou iguais; calçadas e rua, embora visualmente de larguras amplas, são ocupadas por bancas de feirantes, estreitando o leito carroçável e o passeio dos pedestres; não há praças nem monumentos; mobiliário urbano limita-se a iluminação, com os postes, e sinalização, com semáforos e placas. Como efeito de percepção individual, é elencado mais uma vez o direcionamento, relacionado a condução que o traçado retilíneo leva a personagem a seguir, em um sentido constante de linha reta.

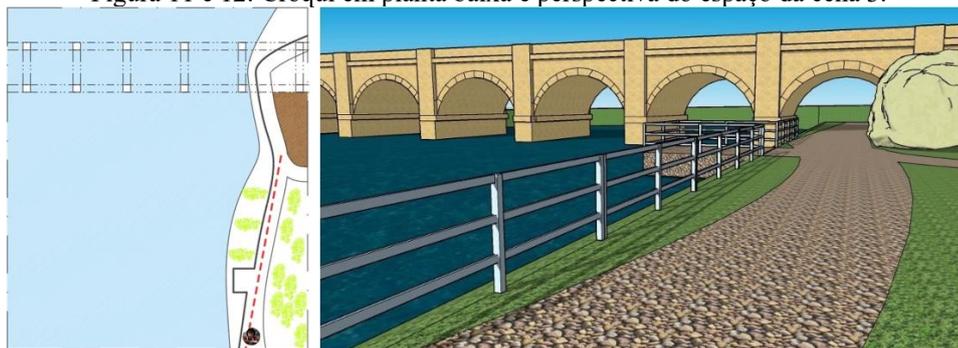
Figura 10: Montagem de cenas extraídas da montagem do treino.



Fonte: United Artists. 1976.

Na cena 3, diferente das anteriores analisadas, o espaço pictórico não enquadra o meio urbano, apresentando aqui o Rio Schuylkill, tendo a ponte arqueada como componente do espaço arquitetônico. Para composição do espaço fílmico, têm-se:

Figura 11 e 12: Croqui em planta baixa e perspectiva do espaço da cena 3.



Fonte: Autorial própria. 2024.

Diferente das análises anteriores da morfologia, que até então estavam centradas em ambientes inteiramente urbanos, no espaço da cena 3, nota-se os seguintes aspectos: natureza como característica predominante desse cenário, com o rio à direita do personagem e vegetação arbustiva e rasteira a sua volta; ausência de quadras, edificações e fachadas, tendo como elemento arquitetônico a ponte, em um padrão repetitivo a partir da perspectiva dos arcos; o solo tem uma leve inclinação no sentido perpendicular ao percurso de Rocky, enquanto que nesse sentido, segue com a impressão plana; a calçada, identificada pela diferença de material em meio ao solo natural, é levemente tortuosa, apresentando mais de um caminho; como mobiliário, tem-se a cerca, que separa o solo da água.

Diante dos pontos citados, como efeitos psicológicos são apontados a bifurcação em “y”, haja vista o passeio que se divide em dois caminhos, envolvimento e amplidão, consequentes da ponte pela qual Rocky passa sob, e mais uma vez, o direcionamento, referente ao rumo que a calçada conduz a personagem durante o percurso.

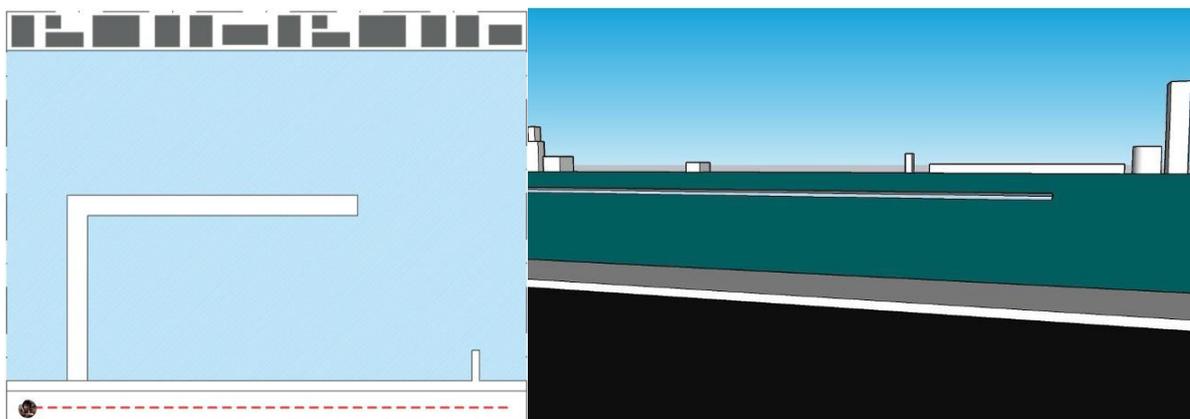
Figura 13: Montagem de cenas extraídas da montagem do treino.



Fonte: Autoria própria. 2024.

Semelhante da anteriormente analisada, na cena 4 também há a representação de outro importante rio da cidade – agora, o Delaware. No entanto, aqui, paisagem urbana e natural caminham juntos no espaço pictórico. Quanto ao arquitetônico, à margem do outro lado do rio, vê-se algumas poucas edificações, mas longe o bastante para dificultar uma precisa identificação. Para composição do espaço fílmico, têm-se os seguintes desenhos elaborados:

Figuras 14 e 15: Croqui em planta baixa e perspectiva do espaço da cena 4.



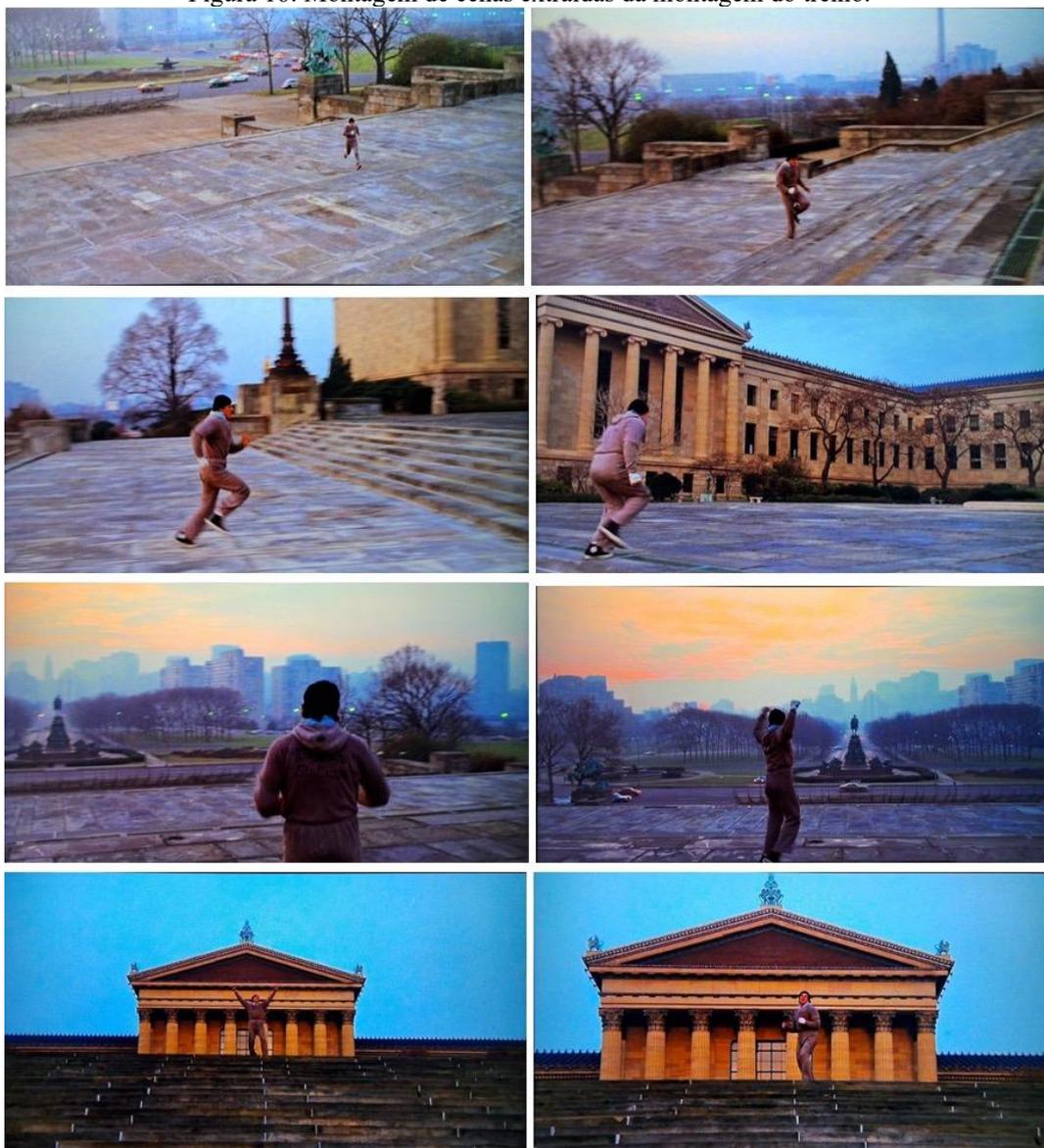
Fonte: Autoria própria. 2024.

Como aspectos da morfologia urbana, são identificados solo de topografia plana, e um traçado que, devido ao deslocamento da câmera, se deduz ser retilíneo. Referente aos edifícios do outro lado da margem, vê-se gabaritos, formas e volumes distintos, mas fachadas, afastamentos e inserção nas quadras indefinidas, devido à distância provocada pela extensão do rio. A rua em que o personagem corre, visualmente tem largura superior às vistas anteriormente, e é pavimentada, o que encaminha a interpretação para uma via de alto fluxo de veículos. A calçada

é ampla e bem conservada, ligando-se aos píeres de comprimento variado. Ainda, os grandes navios atracados indicam a atividade portuária, já abordada no trabalho em capítulos anteriores. Mobiliário urbano, praças, vegetação e demais monumentos não são parte do espaço retratado.

Diante dos pontos citados, como efeitos psicológicos são apontados o direcionamento, causado pelo sentido ao qual o personagem é conduzido através do traçado retilíneo da rua e calçada, e o mirante e realce, referentes ao amplo visual da cidade da outra margem do rio, partindo do ponto de vista de Rocky, em seu percurso.

Figura 16: Montagem de cenas extraídas da montagem do treino.



Fonte: United Artists. 1976.

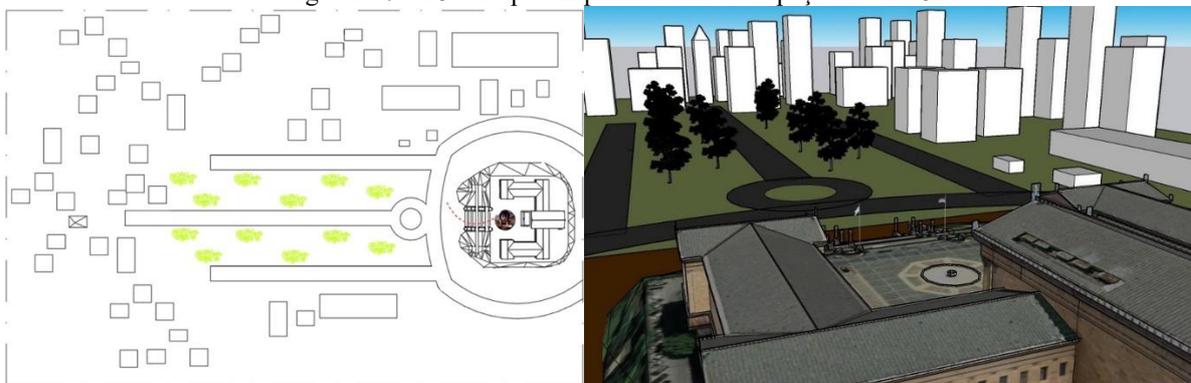
Por fim, a quinta e última cena da montagem de treino traz o espaço pictórico agora em um plano mais aberto, sendo significativamente mais amplo que os vistos até então, apresentando a Benjamin Franklin Parkway a partir do ponto de vista do Museu de Arte da Filadélfia, compondo o espaço arquitetônico, assim como as edificações dispostas pelo boulevard. Haja vista a rotação e movimento da câmera, que acompanha a personagem à medida que revela a paisagem, o espaço filmico exibido a seguir faz menção ao mapeamento espacial que o espectador subconscientemente projeta a partir das imagens retiradas dessa cena.

Referente à análise morfológica do espaço urbano, têm-se na topografia, a plana via Benjamin Franklin, seguida pela inclinação rumo ao Museu de Arte, inserido em um nível mais elevado que o do boulevard, mas também plano. Quanto às ruas, seguem um traçado contínuo e retilíneo, de longa extensão e largura, sendo interligadas por giradouros, que envolvem o lote do museu por completo.

Ao longo de todo o boulevard, têm-se edifícios verticalizados, em gabaritos e fachadas variadas; entre as duas vias secundárias a ele, há o intervalo de vegetação rasteira e árvores ritmadas, paralelas ao sentido das ruas. Há também a presença de um monumento, inserido no giradouro que conecta o boulevard ao museu, visto nas figuras 17 e 18.

Os efeitos psicológicos apurados a partir dessa descrição são: direcionamento, segundo o sentido retilíneo e constante da Benjamin Franklin Parkway; mirante e realce, que dizem respeito à posição privilegiada de Rocky e sua visão da cidade.

Figuras 17 e 18: Croqui em planta baixa do espaço da cena 5.



Fonte: Autorial própria. 2024.

Portanto, diante de toda a análise morfológica e dos efeitos de percepção percorridos nas cinco (05) cenas da montagem, atesta-se que no segundo momento existe uma síntese que acompanha Rocky de sua fase de descrença até seu momento de glória.

Na cena 1, a personagem sai de dois estados: a amplidão daquele vazio desordenado, que pode ser interpretada como a falta de rumo e objetivos em sua vida, e do direcionamento retilíneo do viaduto e dos trilhos elevados do trem, ou seja, da monotonia, em direção aos prédios industriais, envoltos pelos trilhos e via em curvas, indicando as incertezas e surpresas do novo momento em que ele adentrava, e o novo sentido que sua vida tomara a partir de então.

Já na cena 2, do Mercado Italiano, Rocky caminha em direção à câmera, passando a sensação de saber onde vai e visar um destino que somente o espectador não vê; aqui, o direcionamento da repetição das quadras e fachadas e a linearidade da rua e calçadas sugerem a constância da disciplina do protagonista em relação ao seu preparo físico para a luta que se aproxima.

Na cena 3, em que aparece o rio Schuylkill, a bifurcação em “y” referente a divisão de caminhos no passeio da calçada sugerem a posição de escolha de Rocky, que segue com uma postura segura, com o direcionamento da calçada que o conduz, novamente em direção à câmera, para um destino que somente ele vê, enquanto deixa o outro caminho para trás. Tais efeitos aludem ao momento anterior, em que a personagem precisa posicionar-se em relação a escolhas que afetam seus relacionamentos e dizem respeito à sua conduta em relação à luta, mas o impoondo uma atitude mais imponente quanto à própria vida.

Seguindo para a cena 4, à margem do rio Delaware, Rocky segue no direcionamento da rua e calçada rumo ao seu objetivo, agora, correndo paralelo à câmera, não mais indo em sua direção, o que permite ao espectador (que ainda desconhece seu destino) ter uma visão da personagem

diferente do confinamento do primeiro momento, com o mirante e realce da cidade, que se dispersa no horizonte, denotando ao crescimento pessoal de Balboa, não mais contido pelo espaço nem pelas suas inseguranças.

Por fim, a subida de Rocky nas escadarias revela ao espectador o destino da personagem – o Museu de Arte da Filadélfia – na cena 5, que traduz na diferença de níveis, a nova posição que ele assume, agora, com controle de sua vida, não mais refém de seus medos, confinado nas ruas de sua vizinhança nem nas suas inseguranças. Balboa tem como ponto de realce a vasta Benjamin Franklin Parkway e os verticalizados edifícios ao fim, estando ele e o complexo do museu como mirantes, ou seja, duas figuras de imponência e relevância. Rocky, celebra seu êxito enxergando praticamente toda a cidade, de um ponto de vantagem, como quem sabe que, através do direcionamento do boulevard, não há mais impedimentos nem obstáculos no seu caminho adiante.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou analisar como a representação do espaço urbano na cenografia impacta diretamente no desenvolvimento da narrativa do protagonista em *Rocky, um lutador* (1976), apontando que arquitetura e cidade são reflexos e, também, agentes formadores da personalidade do personagem no universo do filme.

Para que se alcançasse esse entendimento, foi necessário compreender o tratamento dado a linguagem do espaço cenográfico em diferentes momentos do cinema, citando a Hollywood Clássica, com os cenários lúdicos, passando pelas vanguardas européias, que introduziram o espaço urbano para embasar e contextualizar as narrativas, chegando, por fim, na Nova Hollywood, movimento no qual o filme escolhido pertence, que faz da cidade e arquitetura recursos para além do estético, mas que compõem a composição das personagens apresentadas.

Atestou-se com as análises transcorridas que em *Rocky, um lutador*, a forma em que é retratado o espaço incita diretamente na leitura do protagonista complexo, exigindo do espectador um olhar meticuloso e atento sob a cidade da Filadélfia para sua completa compreensão. Para tanto, recorreu-se à divisão do filme em dois momentos distintos, e a partir deles, observou-se que o espaço cenográfico retratado é apresentado de maneira diferente, sendo paralelo às circunstâncias vividas pelo protagonista Rocky Balboa: no primeiro momento, um homem sem expectativas profissionais vive confinado pela vizinhança tanto quanto pelos seus medos e inseguranças; no segundo, a disciplina e a autoconfiança de Rocky o levam à superação, e nada o segura – tampouco o espaço.

Partindo dessa interpretação, associa-se que, uma vez que o meio urbano é reflexo da vida existente e todas suas relações, o objeto de estudo traduziu essa máxima em toda sua fotografia, uma vez que todos os espaços retratados no filme estão diretamente vinculados ao contexto psicológico que o protagonista vive, revelando traços de sua personalidade que o roteiro não explana em diálogos.

Outrossim, atestou-se também a força da interferência da cenografia nas cidades, que no caso de *Rocky, um lutador*, corroborou para uma positiva ressignificação dos espaços representados, gerando assim, com o sucesso do filme, a criação de novos pontos turísticos e ressignificação dos já existentes (a exemplo do Museu de Arte da Filadélfia).

Portanto, diante de toda a análise discorrida, viu-se a relevância do papel do cinema como veículo de divulgação da Arquitetura e do Urbanismo, que além de consumir a credibilidade necessária fornecida pela segunda, para fins de dramatização da produção, expande para as grandes massas as diferentes dinâmicas de cidades mundo afora.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, V. M. de. A Produção Arquitetônica dos Espaços Imaginários no Cinema. **CADERNOS CÊNICOS**, [S. l.], v. 3, n. 4, p. 1–15, 2021. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/CadCenicos/article/view/12805>. Acesso em: 6 out. 2023.
- BERNADONI, James. **The New Hollywood**: what the movies did with the new freedoms of the seventies (what the movies did with the new freedom of the seventies). Jefferson, North Carolina: McFarland & Company, Inc., 1991. 240 p.
- BERNARDET, Jean-Claude. **O que é Cinema**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1996. 120 p.
- BRUNO, Giuliana. **Atlas of Emotion: Journeys in Art, Architecture and Film**. New York: Verso, 2002.
- BROWNLEE, David. **BUILDING THE CITY BEAUTIFUL**. 2017. Disponível em: <https://arth.sas.upenn.edu/content/building-city-beautiful>. Acesso em: 11 mar. 2024.
- CARREGA, Jorge Manuel Neves. F.W MURNAU E PAUL LENI: dois cineastas germânicos no cinema clássico de Hollywood. **Revista Livre de Cinema**, Paraná, v. 3, n. 2, p. 127-139, maio/agosto de 2016.
- CASPER, Amanda. **Row Houses**. 2013. The Encyclopedia of Greater Philadelphia. Rutgers University. Disponível em: <https://philadelphiaencyclopedia.org/essays/row-houses/>. Acesso em: 05 mar. 2024.
- CAVALCANTI, Andrei de. F. A.. **Espaço Fílmico Urbano**: Um retrato da área de interesses nas interseções entre cidade e cinema. Tese (Doutorado) - Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2024.
- CHAGAS, Raimundo Luís Fortuna. **ARQUITETURA NO CINEMA**: crítica e propaganda. 2008. 121 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.
- CHEN, James. **Rust Belt**: Definition, Why It's Called That, List of States. 2022. Revisado por David Kindness. Disponível em: <https://www.investopedia.com/terms/r/rust-belt.asp>. Acesso em: 15 mar. 2024.
- COSTA, Antonio. **Comprender o Cinema**. 2. ed. São Paulo: Globo, 1987. 271 p.
- COSTA, Maria Helena B.V. A cidade como cinema existencial. **RUA: Revista de Urbanismo e Arquitetura**, [S. l.], 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rua/article/view/3171>. Acesso em: 26 nov. 2023.
- COSTA, Maria Helena B.V. ESPAÇO, TEMPO E A CIDADE CINEMÁTICA. **Espaço e Cultura**, [S. l.], n. 13, p. 63, 2013. DOI: 10.12957/espacoecultura.2002.7426. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/espacoecultura/article/view/7426>. Acesso em: 4 mar. 2024.
- CRAWFORD, Andrew Wright. **City Planning and Philadelphia Parks**. The Annals of the American Academy of Political and Social Science, Vol. 35, No. 2, Public Recreation Facilities (Mar., 1910), p. 71-80. 10p. Sage Publications, Inc. in association with the American Academy of Political and Social Science. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1011254>. Acesso em: 08 mar. 2024.
- DERCLE, J. D. **Cinema and architecture**: Towards understanding the cinematic sense of place and its relationship to the built environment. Berkeley: University of California, 1994.
- STEINER, Phillipe. **A sociologia de Durkheim**. Editora Vozes Limitada, 2016.

- ELESH, David. **Deindustrialization**. 2017. Rutgers University. Disponível em: <https://philadelphiaencyclopedia.org/essays/deindustrialization/>. Acesso em: 12 mar. 2024.
- GOTTLIEB, Dylan. **Gentrification**. 2014. The Encyclopedia of Greater Philadelphia. Rutgers University. Disponível em: <https://philadelphiaencyclopedia.org/essays/gentrification/>. Acesso em: 14 mar. 2024.
- GUÉRON, Rodrigo. 2013. “**A quebra dos clichês: a operação estético-política do neo-realismo italiano.**” In Atas do II Encontro Anual da AIM, editado por Tiago Baptista e Adriana Martins, 172-186. Lisboa: AIM. ISBN 978-989-98215-0-7.
- HEIN, Carola. **Refineries (Oil)**. 2016. The Encyclopedia of Greater Philadelphia. Rutgers University. Disponível em: <https://philadelphiaencyclopedia.org/essays/refineries-oil/>. Acesso em: 13 mar. 2024.
- HOLZMAN, Laura M. 2013. “**Rocky**”. In Encyclopedia of Greater Philadelphia. Rutgers University. Disponível em: <https://philadelphiaencyclopedia.org/essays/rocky/>. Acesso em: 1 mar. 2024.
- HOLZMAN, Laura M. 2014. “**A Question of Stature: Restoring and Ignoring Rocky**”. Public Art Dialogue. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/21502552.2014.937923>. Acesso em: 03 mar. 2024.
- KOHLSDORF, M. E. A Apreensão Da Forma Da Cidade. [s.l.] Editora Universidade de Brasília, 1996.
- LAMAS, J. M. R. G. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. 5a ed ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Serviço de Educação e Bolsas, 2010.
- MIRES, Charlene; DOWNS, Jacob. **Industrial Neighborhoods**. 2014. The Encyclopedia of Greater Philadelphia. Rutgers University. Disponível em: <https://philadelphiaencyclopedia.org/essays/industrial-neighborhoods/>. Acesso em: 14 mar. 2024.
- MIRES, Charlene; ROEBER, Catharine Dann. **Center City Philadelphia**. 2019. Rutgers University. Disponível em: <https://philadelphiaencyclopedia.org/locations/center-city/>. Acesso em: 05 mar. 2024.
- MOREIRA, Susanna. "**Traçados ortogonais e suas variações em 17 cidades vistas de cima**" 07 Out 2020. ArchDaily Brasil. Acessado 12 Mar 2024. <<https://www.archdaily.com.br/br/948893/tracados-ortogonais-e-suas-variacoes-em-17-cidades-vistas-de-cima>> ISSN 0719-8906
- MOSS, Roger W. **Historic landmarks of Philadelphia**. University of Pennsylvania Press, 2008. Acesso em: 10 out. 2023.
- NAIRN, Michael. **Topography**. 2023. Rutgers University.. Disponível em: <https://philadelphiaencyclopedia.org/essays/topography/>. Acesso em: 05 mar. 2024.
- NEPA, Stephen. **City Beautiful Movement**. 2016. Rutgers University. Disponível em: <https://philadelphiaencyclopedia.org/essays/city-beautiful-movement/>. Acesso em: 11 mar. 2024.
- NUNES, Rodrigo Figueiredo. **A Hollywood Clássica: uma breve história (1930-1950)**. 2018. 99 f. Monografia (Especialização) - Curso de Cinema e Linguagem Audiovisual, Universidade Estácio de Sá, Rio Grande do Sul, 2018.
- OLIVEIRA, Celso Fernando Claro de. **O espaço redundante: o papel da paisagem na narrativa cinematográfica de “as vinhas da ira” (1940)**. **Revista Nep - Núcleo de Estudos Paranaenses**

da Ufpr, Curitiba, v. 3, n. 2, p. 1-18, 28 jun. 2017. Semanal. Universidade Federal do Paraná. <http://dx.doi.org/10.5380/nep.v3i2>. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/nep.v3i2>. Acesso em: 13 dez. 2023.

PINTO, F. J. H. **Relações metodológicas entre o espaço arquitetônico e o espaço cinematográfico**. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2016.

ROHMER, E. L'organizzazione dello spazio nel "Faust" di Murnau. Venezia: Marsilio, 2005.

SCHADE, Rachel Simmons; ARCHITECTS, Bolender. Philadelphia rowhouse manual. **City of Philadelphia**. https://www.phila.gov/media/20190521124726/Philadelphia_Rowhouse_Manual.pdf, 2008. Acesso em: 10 out. 2023.

SHARP, Sarah. **Philadelphia in the late 1800s: International Industrial Leader – Then and Now?**. Historical Society of Pennsylvania. 2017. Disponível em: <https://hsp.org/blogs/educators-blog/philadelphia-late-1800s-international-industrial-leader-%E2%80%93-then-and-now>. Acesso em: 13 mar. 2024.

SILVA, T. **Do sistema de estúdios à Nova Hollywood (1920-1980)**. Revista de História da UEG, v. 5, n. 2, p. 233-261, 15 dez. 2016.

SILVEIRA, Vanilson Pereira; BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. **Turismo e Cinema: Produção Cinematográfica e atratividade turística em Garibaldi-RS, Brasil**. Rosa dos Ventos, v. 12, n. 4, p. 982-996, 2020.

SMITH, Robert C.. Two Centuries of Philadelphia Architecture 1700-1900. **Transactions Of The American Philosophical Society**, [S.L.], v. 43, n. 1, p. 289, 1953. JSTOR. <http://dx.doi.org/10.2307/1005683>.

SULLIVAN, David. **Department Stores**. 2011. The Encyclopedia of Greater Philadelphia. Rutgers University. Disponível em: <https://philadelphiaencyclopedia.org/essays/department-stores/>. Acesso em: 13 mar. 2024.

TEIGENS, Vasil. **Clássica e Nova Hollywood dos Estados Unidos**. Cambridge Stanford Books.

VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio Sobre a Análise Fílmica**. Campinas: Papirus Editora, 1992. Tradução: Marina Appenzeller.

WASHINGTON JUNIOR, Linn. City of Neighborhoods. 2019. The Encyclopedia of Greater Philadelphia. Rutgers University. Disponível em: <https://philadelphiaencyclopedia.org/themes/city-of-neighborhoods/>. Acesso em: 14 mar. 2024.

WEBB, Lawrence. New Hollywood in the Rust Belt: urban decline and downtown renaissance in the king of marvin gardens and rocky. **Cinema Journal**, [S.L.], v. 54, n. 4, p. 100-125, 2015. Project MUSE. <http://dx.doi.org/10.1353/cj.2015.0055>.

YINGER, Megan C. McGee. **Television Shows (About Philadelphia)**. 2017. Rutgers University. Disponível em: <https://philadelphiaencyclopedia.org/essays/television-shows-about-philadelphia/>. Acesso em: 05 mar. 2024.

ZANELLA, Arthur Simon. **A imagem da arquitetura no cinema e novas mídias: os espaços de Star Wars**. 2019. 256 f. Dissertação (Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2019.

ZEVI, Bruno. **Saber Ver a Arquitetura**. 3. ed. São Paulo: WMS Martins Fontes, 1948.

CAPÍTULO 3: PROPOSTA DE ANTEPROJETO ARQUITETÔNICO PARA REABILITAÇÃO DO MERCADO PÚBLICO DE OITIZEIRO, JOÃO PESSOA-PB

Bruno Guedes da Silva e Souza ¹
José Giuseppe Pereira Branquinho ²

RESUMO

O processo de globalização vem gerando alguns ônus, dentre eles está o processo de homogeneização cultural, onde as rotinas cada vez mais se desvinculam do local, da tradição e da cultura. Com isso, os mercados públicos se destacam como perpetuadores da cultura local, porém com o sucateamento e a falta de ordenamento vários deles estão em decadência, sendo um deles o objeto de estudo. O objetivo geral desse trabalho foi propor um anteprojeto arquitetônico para reabilitar o Mercado Público de Oitizeiro. Para isso foram usadas várias metodologias nas diferentes etapas do processo. No primeiro momento uma pesquisa exploratória foi feita a fim de entender como surgiu e evoluiu o comércio em mercados e suas tipologias atuais, no segundo foram analisados projetos de referência utilizando o método Baker, no terceiro foi feita uma pesquisa documental para analisar e diagnosticar o objeto de estudo e seu entorno e no último momento foi exposto o próprio anteprojeto arquitetônico feito com base em todas as etapas anteriores.

Palavras-chaves: Espaço Público. Mercado Público. Reabilitação.

ABSTRACT

The process of globalization has created a number of burdens, including the process of cultural homogenization, where routines are increasingly detached from the local, tradition and culture. As a result, public markets stand out as perpetuators of local culture, but with the disregard and lack of organization several of them are in decline, one of them being the object of study. The main purpose of this work was to propose an architectural project to rehabilitate the Oitizeiro Public Market. Many methodologies were used in the different stages of the process. In the first stage, exploratory research was carried out in order to understand how trade in markets arose and evolved and their current typologies; in the second stage, reference projects were analyzed using the Baker method; in the third stage, documentary research was carried out to analyze and diagnose the object of study and its surroundings; and in the final stage, the architectural preliminary project itself was presented, based on all the previous stages.

Keywords: Public space; Public Market; Rehabilitation.

¹ Graduando do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Uniesp.
E-mail: 20192069004@iesp.edu.br

² Orientador do trabalho e Professor do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Uniesp.
E-mail: giuseppebranquinho@iesp.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Por conta da revolução industrial no século XVIII vieram à tona na Inglaterra, e depois mundialmente, fenômenos como a industrialização, o êxodo rural, o capitalismo, a urbanização, entre outros. Séculos depois vivemos as consequências deles e de suas atualizações decorrentes dos avanços da tecnologia.

Neste sentido, observa-se na atualidade que a interdependência global fragmenta códigos culturais e identidades, dá ênfase ao efêmero e quanto mais a vida social é mediada pela globalização mais as identidades se tornam desvinculadas de tempos, lugares, histórias e tradições – as diferenças que compõem a identidade se reduzem a uma moeda global devido à homogeneização cultural. Por um lado, empresários e políticas defendem a agenda da globalização como uma convergência da humanidade rumo a um futuro solidário, enquanto os críticos a denunciam como um modo de anulação da diversidade cultural (Romano et al. 2020, p. 170-171).

Para que as culturas locais sejam preservadas e fomentadas é preciso ter um olhar crítico sobre as nossas cidades. Partindo do pressuposto de que atualmente o fenômeno da homogeneização cultural já está acontecendo, se faz necessário olhar para as mesmas cidades algumas décadas atrás, identificar locais onde a cultura era mais latente, comparar com a dinâmica atual e analisar suas diferenças.

Em várias cidades, locais como a própria rua, as praças, os mercados públicos e as feiras livres se destacam e se repetem como espaços onde acontecem as mais expressivas interações sociais. Esses locais podem ser entendidos como catalisadores da cultura local e a forma que eles estão, ou não, sendo utilizados pode ser um indicador de sua decadência, levando a discussões sobre as necessidades, problemáticas e potencialidades para que se chegue a uma conclusão e intervenção prática afim de fomentar sua vitalidade.

Focando no mercado público como tipologia arquitetônica e entendendo que, pela sua relevância multidisciplinar (economia, história, saúde, cultura etc.), a pesquisa pode se tornar bastante ampla e abrangente, foi escolhido um mercado público específico como objeto de estudo. Este fica situado no bairro de Oitizeiro, município de João Pessoa, capital do estado da Paraíba.

Este mercado possui uma relevância considerável não só para o bairro em que está situado como também para o entorno por conta da qualidade das mercadorias comercializadas, porém atualmente o local vem decaindo pelas condições que se encontra. Em rápida visita feita *in loco* foram constatados alguns problemas como: invasão das calçadas, boxes abandonados, alimentos sendo vendidos sem as condições mínimas de higiene, os resíduos do mercado sendo acumulado de forma improvisada etc.

Tais problemas físicos, aliados a questões atuais como acessibilidade universal e comunicação fazem com que novos clientes não venham a frequentar o local e afasta os mais antigos, esta situação faz com que seja necessária uma reabilitação para que este Mercado Público retorne à vitalidade de outrora.

Para isso, será investigada a origem do comércio em mercados públicos e sua evolução para o modelo vigente na atualidade, juntamente com todos os seus desdobramentos e tipologias. Em seguida, serão analisados projetos de outros mercados com a intenção de observar soluções construtivas para a situação atual. Dando prosseguimento, serão iniciadas as etapas pré-projetuais com a análise da legislação vigente, condicionantes ambientais e diagnóstico do mercado e entorno para que sejam explanadas as potencialidades e problemáticas que gerarão diretrizes. Posteriormente, serão elaborados setorização, fluxograma e pré-dimensionamento que culminarão no projeto básico de reforma para o Mercado Público de Oitizeiro.

Portanto, este trabalho tem como objetivo geral propor anteprojeto arquitetônico para reabilitação do Mercado Público de Oitizeiro, localizado no município de João Pessoa – PB. E, como objetivos específicos, pesquisar sobre a tipologia arquitetônica dos mercados públicos; averiguar estratégias funcionais utilizadas em outros mercados públicos; diagnosticar a infraestrutura e dinâmica do mercado e do espaço público do entorno; analisar qualidade ambiental e conformidade do mercado com a legislação atual e conceber espaços que atendam as necessidades atuais dos usuários e comerciantes.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E PROJETUAL

2.1. CRIAÇÃO E EVOLUÇÃO DO MERCADO COMO EQUIPAMENTO URBANO

O surgimento da agricultura no período Neolítico, por volta de 8.000 a.C., levou as comunidades primitivas a se fixarem em terras férteis e desenvolverem o comércio por meio do escambo, conforme Oliveira Júnior (2006). Esse processo resultou na evolução das comunidades para cidades e na criação de estradas pavimentadas, viabilizando trocas comerciais mais amplas. O mercado, como equipamento urbano, surgiu desse contexto, estruturando-se como um ponto central das trocas econômicas.

A partir desse momento, diferentes regiões desenvolveram modelos próprios de mercado. No norte da África e Oriente Médio, prosperaram os bazars, caracterizados por ruas cobertas e interiores chamativos. Já na Europa, a Grécia Antiga consolidou a ágora como espaço de comércio e debates políticos. Posteriormente, os romanos adaptaram essa estrutura para o Fórum, ampliando sua influência pelo Império Romano até a sua ruína, quando os mercados entraram em declínio.

Durante a Idade Média, mudanças econômicas e sociais, como o mercantilismo e a formação dos Estados nacionais, transformaram as práticas comerciais. O crescimento populacional e a inadequação da infraestrutura urbana medieval levaram a intervenções estatais para modernização das cidades. Um exemplo marcante foi a reforma de Paris liderada por Haussmann no século XIX, que substituiu mercados abertos por mercados cobertos, higienizados e organizados.

Segundo Pereira (2018), até o século XX, os mercados seguiam tipologias tradicionais, como a planta quadrada ou retangular com pátio interno, exemplificada pelo Mercado Saint Germain, em Paris. Com a Revolução Industrial, o ferro passou a ser empregado nas construções, permitindo grandes vãos estruturais e possibilitando a criação de mercados públicos mais amplos. O pioneiro Mercado Les Halles, também em Paris, consolidou esse modelo, influenciando edificações semelhantes em toda a Europa e suas colônias.

No Brasil, os mercados públicos foram introduzidos no período colonial pelos portugueses, inicialmente em estruturas improvisadas e feiras livres. Com a urbanização, reformas inspiradas nos modelos europeus começaram a ser implementadas, sobretudo no Rio de Janeiro, onde a gestão de Pereira Passos reorganizou a cidade no final do século XIX. O antigo mercado e a feira livre foram substituídos por um mercado coberto e setorizado, consolidando uma nova tipologia.

Duas categorias de mercados se firmaram no Brasil: mercados fechados, caracterizados por vedações de alvenaria e acessos reduzidos, e mercados abertos, com pátios internos e fachadas permeáveis. O Mercado Municipal do Rio de Janeiro, inaugurado em 1907, exemplifica a tipologia fechada, possuindo uma estrutura organizada com pavilhões e um sistema de controle de acesso, conforme Oliveira Júnior (2006).

Outro exemplo é o Mercado São José, em Recife, cuja construção foi finalizada em 1875. Inspirado no Mercado Grenelle, de Paris, adaptou-se ao clima nordestino com venezianas de madeira e telhas cerâmicas, contribuindo para a ventilação e iluminação naturais. Com dois pavilhões retangulares e um espaço central coberto, abriga mais de 500 boxes comerciais, mantendo um número reduzido de acessos para organização do fluxo interno.

Dentre os mercados abertos, destaca-se o Mercado Municipal de Manaus, cuja estrutura inicial foi inaugurada em 1883. Construído com gradis metálicos e beirais para ventilação, adapta-se ao clima amazônico. Em 1907, foram acrescentados novos galpões laterais, mantendo elementos como venezianas e arcos de ferro, garantindo a circulação de ar e proteção contra o calor intenso.

O modelo dos mercados evoluiu conforme as necessidades urbanas e tecnológicas, mantendo características funcionais semelhantes desde o século XIX. Embora a arquitetura tenha se transformado, os princípios de setorização e acessibilidade ainda definem a organização desses espaços, demonstrando sua relevância contínua como equipamento urbano.

Os mercados públicos, além de sua função comercial, refletem o desenvolvimento urbano e social das cidades. Desde a Antiguidade até os dias atuais, sua estrutura acompanha as dinâmicas econômicas e espaciais, adaptando-se às exigências contemporâneas sem perder sua importância histórica e cultural.

2.2. PROJETOS CORRELATOS

O Mercado de Chicxulub e o Mercado Mané foram escolhidos por estarem inseridos em locais com clima semelhante ao da cidade em que está localizado o Mercado de Oitizeiro para serem analisados usando o método Baker (BAKER, FANCHIOTTI, & STEEMERS, 1993), a fim de prospectar soluções construtivas para mitigar as problemáticas que lá existem.

Figura 1: Mercado de Chicxulub, México.



Fonte: Estúdio MMX, 2023.

Figura 2: Mercado Mané, Brasília.



Fonte: BLOCO Arquitetos, 2023.

2.2.1. Mercado de Chicxulub

O Mercado de Chicxulub está localizado em Progreso, no estado de Yucatán, México, e faz parte da região de influência de Mérida. A edificação se destaca pelo uso de telhados angulares que convergem suas águas para uma calha central, além da aplicação de bambu como lambri, contrastando com a uniformidade dos demais materiais. Situado em Chicxulub Puerto, um istmo entre o Golfo do México e a Reserva Ecológica El Corchito, o mercado está inserido em um contexto urbano que mescla casas de veraneio e moradias de pescadores, refletindo a tranquilidade local (SIEGY e Lopéz, 2020; Estúdio MMX, 2023).

O projeto se estrutura em um lote de três frentes, combinando os usos de mercado e praça, com circulação aberta e interligada por corredores cobertos. A disposição dos blocos retangulares desalinhados e a quadra de esportes coberta criam um ritmo visual marcado pela distribuição paralela e a continuidade das cumeeiras. A estrutura é composta por aço pré-moldado, com vedações em alvenaria e cobertura sustentada por vigas metálicas. A quadra adota um sistema de pilares treliçados e tirantes, reforçando a estabilidade estrutural (Estúdio MMX, 2023).

2.2.2. Mercado Mané

O Mercado Mané, localizado no Eixo Monumental de Brasília, insere-se no contexto modernista da capital brasileira, marcada pela monumentalidade das obras de Oscar Niemeyer. O projeto foi concebido como uma solução temporária para reutilizar parte de uma edificação construída para os Jogos Pan-Americanos, sendo um mercado gastronômico de rápida execução, adaptável e sem grandes vedações, permitindo ampla visibilidade interna (IBGE e GeoPortal, 2022; BLOCO Arquitetos, 2023). A identidade do mercado se relaciona com a dinâmica do espaço urbano, mantendo-se em harmonia com o paisagismo e a fluidez das circulações, reforçando sua tipologia de mercado aberto.

A edificação se destaca pela estrutura em treliça espacial, que sustenta uma cobertura de pirâmide truncada invertida, apoiada sobre pilares cilíndricos recuados, criando um vão livre de 30 metros. A organização interna distribui os restaurantes de forma orgânica, sem padrão

rígido, e os espaços são delimitados por vegetação, dispensando paredes. A estrutura adota uma laje plana de concreto e pilares híbridos de concreto e aço, garantindo leveza e flexibilidade espacial. Essa configuração estrutural reforça a amplitude do ambiente e o caráter efêmero do projeto, mantendo a conexão entre interior e exterior (BLOCO Arquitetos, 2023).

2.2.3. Resultado das análises

Diante dos projetos correlatos apresentados nos subcapítulos anteriores, foi formulada uma tabela de resumo + diretrizes projetuais que serão utilizadas nas etapas seguintes do projeto. Tais diretrizes foram escolhidas de acordo com as boas práticas percebidas nos correlatos.

Tabela 1 – Resumo dos referenciais projetuais + diretrizes

	Mercado de Chicxulub	Mercado Mané	Mercado de Oitizeiro
Genius Loci	Área residencial de uma pequena cidade portuária e pesqueira.	Área central de uma capital federal com grandes equipamentos ao redor.	Bairro residencial com comércio forte e próximo de grandes rodovias.
Iconologia	Forma angular do telhado dos blocos que se unem formando corredores cobertos.	Coberta única e vãos livres entre os apoios.	Coberta que una edificações soltas.
Identidade	Circulações que levam ao jardim.	Espaços de permanência integrados ao paisagismo.	Vegetação existente integrada ao conjunto.
Significado do Uso	Boxes, sanitários, jardim com monumento central, quadra de esportes.	Restaurantes e salões; Copa e refeitório; DML e vestiário; Depósito de lixo; Sanitários.	Setorização por tipo de mercadoria; Praça de alimentação; Administração; Sanitários e depósito de resíduos.
Plástica	Blocos em forma de paralelepípedo, mas com telhado “invertido”; Quadra em forma de paralelepípedo simples.	Grande bloco com pirâmide truncada invertida.	Blocos com volume simples e cobertura que una eles.
Geometria	Formas retangulares simples alocadas de forma a criar volumes desalinhados.	Equipamentos em formas quadradas dentro de um grande retângulo.	Blocos em formas simples, mas alocados de forma a criar espaços residuais com formas livres.
Estrutura	Tirantes, treliças e vigas em aço pré-moldado.	Pilares em concreto armado e aço e cobertura em treliça espacial em aço.	Sistema misto composto por elementos de aço e concreto armado.

3. METODOLOGIA

Para que os objetivos consigam ser cumpridos de forma satisfatória é necessário definir quais métodos serão utilizados para cada etapa do trabalho. Por não se tratar de questões possíveis de serem quantificadas numericamente, se trata de uma pesquisa qualitativa onde, serão descritos vários aspectos do local para se chegar a diretrizes e assim gerar um projeto para reabilitar o mercado.

A primeira etapa contará com uma pesquisa exploratória que abordará a função dos mercados públicos assim como suas tipologias morfológicas, todo esse conteúdo será construído apoiado em teses, artigos, monografias, livros etc. sendo a dissertação de Oliveira Júnior (2006) a principal pesquisa de base. Na segunda etapa serão analisados dois projetos de referência, o método Baker (Baker, Fanchiotti, & Steemers, 1993) foi escolhido para analisar os projetos correlatos a fim de detectar diretrizes que possam ser empregadas no projeto que será desenvolvido neste trabalho.

A terceira etapa será uma pesquisa documental apoiada em aspectos naturais, na legislação vigente e em aspectos urbanísticos para analisar o mercado atual e o entorno. Os principais documentos utilizados para embasar os estudos desta etapa foram os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE e as bases cartográficas e leis do município de João Pessoa – PB. Na quarta etapa serão sintetizadas as problemáticas e potencialidades expostas nas etapas anteriores a fim de gerar diretrizes e culminar no projeto básico de arquitetura para reforma do mercado.

4. MEMORIAL DESCRITIVO

4.1. CARACTERIZAÇÃO DO ENTORNO

4.1.1. Infraestrutura do Bairro

O bairro de Oitizeiro está localizado no município de João Pessoa, no estado da Paraíba, e possui uma população de 29.125 habitantes (IBGE, Censo 2010) sendo delimitado a leste pelo Rio Jaguaribe, ao sul e sudoeste pela rodovia BR-230 e a noroeste pela Av. Gal. Aurélio de Lyra Tavares (Acesso Oeste). O bairro conta com uma boa quantidade de equipamentos públicos que se distribuem de forma bastante espalhada para atender as demandas da população, visto que não há mais áreas que o bairro ainda possa se expandir. Vale salientar apenas a pequena quantidade de locais para praticar atividades de lazer, sobretudo na área a esquerda da Av. Cruz das Armas que abrange os locais conhecidos como Bairro dos Novais e Jardim Planalto.

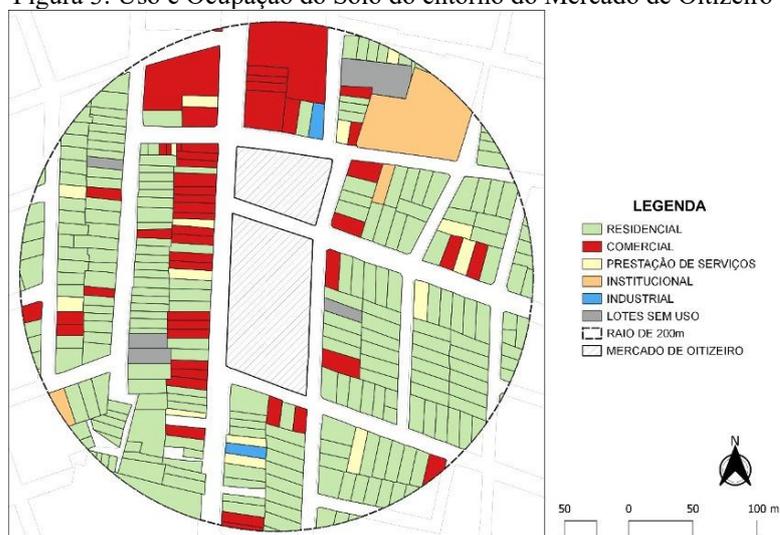
A história do Mercado de Oitizeiro se confunde com a história do próprio bairro, onde por volta de 1940 já havia uma espécie de feira livre na região do Bairro dos Novais (área residencial ocupada a mais tempo em Oitizeiro). Na década seguinte a gestão municipal reconheceu a feira e sua relevância para o abastecimento da área e construiu um mercado público no local (GERÔNIMO *et al.*, 2016). Em seguida, com os sucessivos aumentos populacionais, a estrutura se tornou pequena para o comércio e em 1972 o prefeito Dorgival Terceiro Neto inaugurou o prédio atual do Mercado Público de Oitizeiro, onde na quadra mais ao norte funcionava o mercado propriamente dito, com boxes, administração e sanitários e na quadra mais ao sul foi entregue apenas uma edificação, o mercado de peixe, o restante da quadra seria reservada a, já tradicional, feira livre com bancas efêmeras. Mais de 50 anos se passaram e o mesmo aconteceu novamente. A quadra norte sofreu intervenções com a construção de expansões dos boxes antigos e a quadra sul que seria a feira livre teve suas bancas efêmeras totalmente edificadas de

forma a gerar uma única massa com circulações sinuosas e infraestrutura improvisada. Dessa forma, a feira efêmera acontece atualmente em diversas ruas do entorno do mercado se entendendo a mais algumas quadras a norte do mercado.

4.1.2. Uso e Ocupação do Solo

O bairro de Oitizeiro é predominantemente residencial, porém concentra um comércio forte (Figura 3) principalmente pela visibilidade obtida em virtude do fluxo intenso da Av. Cruz das Armas e da rodovia BR-230. A prestação de serviços também se mostra expressiva e se mistura com a área que se concentra o comércio. Edificações institucionais e atividades industriais também aparecem, porém em quantidade pouco expressiva no raio de 200 metros. Por fim, nota-se também a presença de lotes sem uso próximos ao mercado.

Figura 3: Uso e Ocupação do Solo do entorno do Mercado de Oitizeiro



Fonte: Filipéia, 2024. Produzido pelo autor.

4.1.3. Hierarquia Viária e Transporte Público

A organização das vias ao redor do mercado consiste em vias coletoras que partem da via arterial (Av. Cruz das Armas) e conduzem o tráfego para a parte mais interna do bairro e em seguida para as vias locais. Há ainda no canto inferior do mapa a convergência da via arterial em direção as vias expressas (BR-230 e BR-101). Vale salientar que todas as ruas dentro do raio de 500 metros são de mão dupla, sinalizando uma relativa tranquilidade no trânsito se comparado a outras áreas da cidade.

O local que atualmente o mercado ocupa se mostrou bastante estratégico para o seu sucesso por estar situado na Av. Cruz das Armas junto ao comércio diversificado que ela traz e facilita o escoamento dos clientes tanto para as partes internas do bairro quanto para os bairros circunvizinhos. A proximidade com a rodovia BR-230 que leva a cidades importantes como Cabedelo, Campina Grande e locais do interior do estado que produzem vários tipos de alimentos faz com que isso reverbere na qualidade e frescor dos diversos gêneros alimentícios que são comercializados no mercado. A rodovia BR-101 que leva a outras capitais do litoral do Brasil também é uma grande aliada do mercado por facilitar a chegada das mercadorias que vem de fora do estado, principalmente de capitais como Natal e Recife.

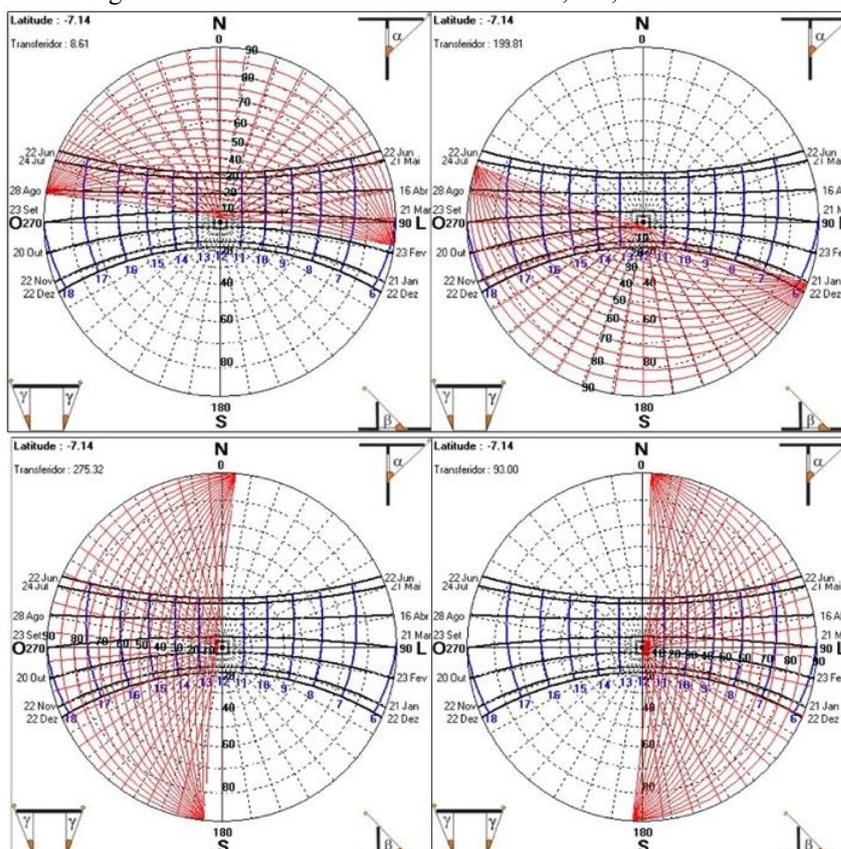
O transporte público no entorno do mercado é bastante expressivo, mais uma vez por conta da Av. Cruz das Armas, visto que esta via arterial serve de ligação entre vários bairros da zona sul, os municípios do Conde, Alhandra e Pitimbu e o Centro de João Pessoa. O transporte público é feito exclusivamente por ônibus, essa região dispõe de 23 linhas que trafegam apenas pela Av. Cruz das Armas e outras 3 que fazem o percurso pela parte interna do bairro. Dessa forma os clientes do mercado conseguem ir e vir de boa parte da cidade, sendo esse mais um fator que tem papel ativo no êxito do mercado.

4.1.4. Aspectos Ambientais

Os ventos predominantes na cidade de João Pessoa vêm da direção sudeste (aprox. 61%) e da direção nordeste (aprox. 15%), o que coincide principalmente com a fachada leste do mercado. Isso torna necessário uma implantação cujas circulações favoreçam a ventilação cruzada. A vegetação arbórea existente na quadra mais ao sul fornece auxílio através do sombreamento, uma vez se trata de árvores de médio porte.

No que se refere a insolação, as cartas solares mostradas na figura 4 apontam que a fachada oeste é a que demanda mais atenção por ser voltada para a Av. Cruz das Armas e concentrar os acessos principais. Tal atenção se deve por se tratar da direção do sol poente, o que faz necessário a implantação de elementos arquitetônicos que venham a mitigar os efeitos da insolação direta. A fachada leste também demanda uma certa atenção por conta do sol nascente, mas em menor proporção se comparado ao oeste. Se trata de uma fachada menos importante por ter menos acessos e ter poucas fachadas ativas na implantação atual.

Figura 4: Cartas Solares das Fachadas Norte, Sul, Leste e Oeste.



Fonte: Produzido pelo autor no software SOL-AR, 2024.

4.1.5. Condicionantes Legais

Se tratando de legislação, é necessário expor que o mercado está situado no setor 32 (Oitizeiro), quadras 061 e 062 e os lotes, 0107 e 0066, respectivamente. Vale ressaltar que ambos ocupam uma quadra inteira, localizada na Zona de Comércio e Serviço 4, esta zona é caracterizada por se situar em corredores de transporte público e estimular usos mistos e comércio/serviço de pequeno e médio porte a fim de desenvolver centralidades (JOÃO PESSOA, 2023).

Estando situado em uma importante via arterial (Av. Cruz das Armas), alguns usos não são permitidos por aumentar consideravelmente o tráfego de veículos, porém existem restrições quanto ao uso de mercado público, que no quadro é representado pela sigla CE/SE (Comércio Especial/Serviço Especial).

Os parâmetros de ocupação que serão utilizados na produção do anteprojeto arquitetônico. Tais parâmetros serão importantes para mitigar os efeitos da proximidade entre as edificações que existem atualmente no mercado atuando diretamente no conforto ambiental (insolação e ventilação), permeabilidade do solo e quantidade de áreas verdes.

Figura 5: Parâmetros Para Ocupação na Zona.

ZC						até Z ^o = 0,00	até Z ^o = 2,00
S-4	(00)	65	10	5	5,00	3 ^o e 4 ^o = 2,00	3 ^o e 4 ^o = 3,00
						DE= 3,00+[(N-4)x0,30]	DE= 3,00+[(N-4)x0,30]

Fonte: João Pessoa, 2023. Alterado pelo autor.

4.1.6. Topografia

O relevo do entorno é bastante acidentado com declives em todas as direções, porém no entorno imediato do mercado as curvas são mais suaves, o que indica que o local é uma espécie de planalto. Ao longo dos 80 metros que cruzam o mercado na transversal (leste – oeste) a variação de altitude é de apenas 2 metros. Já a seção longitudinal (norte – sul) do mercado se comporta de forma bastante semelhante onde, nos 200 metros a variação de altura é de apenas 5 metros.

4.1.7. Setorização

O Mercado de Oitizeiro atualmente segue uma setorização bastante racional como é mostrado na Imagem 40. A quadra mais ao sul possui os setores de frutas/verduras, peixes, carnes/ovos e bares/lanchonetes e se assemelha bastante a uma feira livre só que com bancas de alvenaria. A quadra mais ao norte abriga o mercado formal com o setor administrativo, sanitários e boxes com variados tipos de comércio como: artigos para casa, loja de rações, mercadinhos etc., porém atualmente foram feitas algumas intervenções pelos próprios comerciantes que resultou em um setor que concentra bares e lanchonetes. Vale salientar também os pontos de táxi que existem na rua que separa as duas quadras, assim como o estacionamento nas ruas ao redor do mercado onde, em qualquer uma delas é feita a carga e descarga, o que por vezes ocasiona problemas no fluxo de veículos. A setorização é um dos pontos positivos do mercado, porém a forma que está implantado com tantas intervenções desordenadas gerou calçadas estreitas e disformes, circulações apertadas e o local que antes servia para concentrar os resíduos do mercado foi sufocado, fazendo com que a gestão atual improvisasse adicionando caçambas de lixo na faixa de estacionamento da rua.

Na figura 6 é possível visualizar a fachada oeste da quadra norte, nela pode-se perceber que o local que abriga o setor administrativo possui duas protuberâncias curvas e mais altas com

relação ao gabarito do restante da fachada, tais características tornaram este elemento um marco visual e atualmente ele serve como referencial tanto para os usuários do mercado quanto para os motoristas que trafegam pela Av. Cruz das Armas. Se faz necessário que tal elemento seja preservado por sua relevância tanto para a edificação em si quanto para o entorno.

Figura 6: Fachada Oeste Aual do Mercado de Oitizeiro



Fonte: Google Earth ®, 2024.

1.2.5. Acessos e Fluxo de Pedestres

A quadra mais ao norte, por conta de seu planejamento original, conta com acessos que facilitam a circulação na parte interna do mercado, fazendo que o consumidor consiga chegar aos seus pontos de interesse de forma intuitiva mesmo sem conhecer o local previamente. Tais acessos também auxiliam nos fluxos de pedestres reconhecendo a unidade do mercado, mesmo ele tendo duas quadras diferentes.

A quadra mais ao sul se mostra um pouco mais caótica por conta dos vários acessos da fachada oeste em contraste com os poucos acessos das outras fachadas. Vale salientar que os 4 principais acessos do mercado concentram o maior fluxo por serem bastante próximos as faixas de pedestres e semáforos da Av. Cruz das Armas.

4.2. PROJETO DE REALOCAÇÃO DA PMJP

4.2.1. Síntese do Projeto Arquitetônico

Dadas as problemáticas observadas no capítulo anterior, o Mercado de Oitizeiro vem sofrendo com o abandono por parte dos usuários, o que levou a Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP) a tomar uma ação efetiva afim de reverter a situação. Entre os anos de 2022 e 2023 o local foi observado e analisado resultando em um projeto de reforma para realocação do mercado. Este projeto consta no Anexo V do edital da Concorrência Pública Nº 08.001/2024 e tem como principais objetivos: proceder para o aprimoramento das condições de higiene das dependências e dos alimentos comercializados, melhorar questões de iluminação e ventilação naturais, dotar todo o mercado de acessibilidade, além de mitigar problemas de segurança tanto dos usuários quanto dos comerciantes (JOÃO PESSOA, 2024).

4.2.2. Localização

A fim de minimizar os desgastes ocasionados por uma obra dessa dimensão, foram escolhidos dois galpões existentes para abrigar o Mercado de Oitizeiro. Eles eram utilizados como fábrica de artigos náuticos e atualmente não tinham uso, estando situados no mesmo bairro - Setor 32, porém as margens da rodovia BR-230 próximo ao Viaduto Governador Ivan Bichara (Três Lagoas), quadra 225 e lote 0533.

4.2.3. Pré-Dimensionamento

Durante a fase de diagnósticos, a equipe responsável observou tanto o mercado propriamente dito quanto a feira livre que acontece no entorno aos domingos, isso resultou em um pré-dimensionamento separado por tipos de mercadoria. Cada um desses tipos tem necessidade de equipamentos diferentes, resultando em espaços maiores ou menores. Compreendendo isso, os estudos de João Pessoa (2024) resultaram na seguinte separação:

- 82 boxes de frios com 9 m² cada, que contam com bancadas de granito e pontos de água para limpeza geral do ambiente e dos produtos, se necessário;
- 72 unidades de lojas com 9 m² cada, onde serão realocados pontos de comércio como Bomboniere, Depósito de bebidas, Copiadora, Material descartável, Cereais, Material de Limpeza, Importados, Artesanato, Calçados, entre outros;
- 78 boxes destinados a alimentação com 9,3 m² cada, onde serão realocados os restaurantes e lanchonetes, e contarão com espaço para balcão de atendimento, freezer, lavatório, pia e bancada, geladeira, armário e fogão;
- Praça de alimentação com lugares para 128 pessoas;
- Bateria de sanitários masculinos (39 m²), femininos (37 m²) e PCD também dividido por gênero e tendo 9m² cada;
- 2 depósitos de materiais de limpeza sendo um para a administração e outro para os comerciantes tendo 11 m² no total;
- Setor administrativo com 50 m² no total, tendo um banheiro e três salas de trabalho;
- 117 bancas com 6,6 m² cada, para feira livre. A área de bancas foi criada para concentrar as atividades de frutas, verduras, raízes, tubérculos, goma e feijão. Foram propostas bancadas de granito e pia de higienização de mãos;
- 178 vagas de estacionamento para carros.

4.2.4. Setorização e Acessos

A setorização proposta pela PMJP distribui dentro de dois galpões os boxes de frios, lojas variadas e pontos de alimentação, inserindo de forma estratégica a praça de alimentação e os sanitários ao longo da circulação central. Ao lado do galpão as bancas para feira livre são inseridas em área aberta, mas com cobertura. O estacionamento de carros e o depósito de resíduos foram implantados voltados para o acesso principal que é feito pela Via de Ligação Proposta que dá acesso tanto ao interior do bairro quanto a BR-230. Já a carga e descarga foi alocada próximo ao acesso de serviço que é feito somente pela BR-230. Junto a este acesso foram alocados a administração e a estação de tratamento de esgoto do mercado.

4.2.5. Análise crítica

A proposta formulada pela PMJP apresenta boas soluções para alguns dos diversos problemas que o mercado atual lida, porém deixa de aproveitar vários pontos positivos e potencialidades da edificação atual. O trajeto entre o local proposto e o atual é relativamente pequeno, têm aproximadamente 600 metros, mas levando em consideração o bairro a que ele historicamente atende, esse deslocamento se torna grande pois o fato dos galpões ficarem próximos a extremidade do bairro aumenta ainda mais a distância de quem vem da extremidade oposta. Aliado ao fato de a localização atual ser mais central e consolidada, pois desde 1972 o mercado funciona ali, existe a questão da mobilidade por ônibus que, como foi citado anteriormente, existem cerca de 25 linhas que servem ao local e levam a diversas partes do bairro e da cidade. No local proposto as linhas disponíveis são apenas 8, fora o fato de boa parte delas deixar o pedestre no lado contrário da BR-230, o que o põe em perigo na hora de fazer a travessia, pois não existe passarela no local.

Também é necessário levantar o questionamento do que irá acontecer com a edificação cinquentenária do mercado atual, uma vez que isso não é tratado em momento algum do edital da licitação e em seus anexos. A edificação tem todos os problemas que foram citados anteriormente, mas também tem uma série de pontos positivos e potencialidades que se sobressaem, por isso o mercado ainda é um dos maiores da cidade e o mais importante da zona em que está situado, sendo ela habitada principalmente por pessoas de baixa renda e são esses os grandes clientes dos mercados públicos.

Por fim, é necessário reconhecer que a realocação do Mercado Público de Oitizeiro proposta pela PMJP comete equívocos ao melhorar em alguns aspectos e piorar em grandes questões como o acesso de produtos de qualidade as pessoas mais pobres e a validação do mercado atual enquanto patrimônio cultural do bairro, uma vez que faz parte do cotidiano dos seus habitantes e se consolidou como parte da paisagem do local.

4.3. MEMORIAL DE PROJETO

4.3.1. Diretrizes Projetuais

As diretrizes projetuais foram definidas com base no diagnóstico mostrado anteriormente utilizando o método do Quadro PPD, que se baseia em levantar problemáticas e potencialidades para, aí sim, gerar diretrizes.

Tabela 2: Problemáticas, Potencialidades e Diretrizes (PPD).

PROBLEMÁTICAS	POTENCIALIDADES	DIRETRIZES
Caçambas de lixo na faixa de estacionamento	Posição centralizada com relação as duas quadras do mercado	Realocar bancas e posicionar depósito de resíduos dentro do lote próximo à esquina que já está
Calçadas estreitas	Boxes com fachadas ativas	Padronizar as calçadas retirando boxes que a invadem
Ventilação e Insolação prejudicadas pela proximidade das bancas	Circulações protegidas das intempéries	Criar blocos e afastá-los uns dos outros

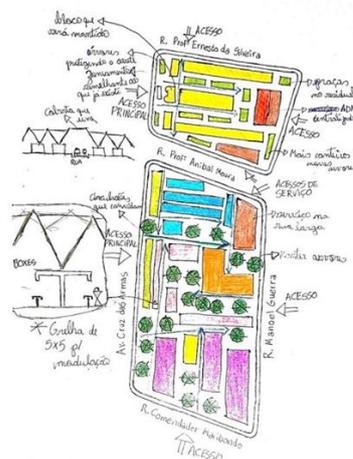
Carga e descarga descentralizada	Rua larga entre as quadras	Centralizar carga e descarga próximo da rua larga
Ausência de espaços de sociabilidade	Vegetação arbórea relativamente expressiva	Projetar espaços de convivência em volta das árvores existentes
Falta de infraestrutura para higiene na comercialização de alimentos	Comerciantes que prezam pelo estado dos alimentos que vendem	Dotar boxes com a infraestrutura básica para cada tipo de alimento
Insolação direta na fachada principal	Calçada que permite plantio de árvores	Implantar novas árvores para resguardar fachada oeste
Falta de acessibilidade	Topografia com inclinações baixas	Ajustar níveis para que se acesse a todos os setores

4.3.2. Conceito e Partido Arquitetônico

Diante do aglomerado de boxes, lojas e bancas que se vê atualmente causando dificuldades quanto à circulação, saneamento e conforto ambiental, aliado ao risco de apagamento parcial da história do bairro, o conceito que norteia a proposta de reabilitação se baseia nas seguintes palavras-chave: cultura, sociabilidade, topoceptividade e natureza.

O partido arquitetônico (Imagem 46) foi definido com base na vegetação pré-existente e na identidade visual do mercado original. As árvores existentes agiram ativamente quanto a escolha das circulações principais de forma que, juntamente com a vegetação proposta, criam vias que convidam o público a adentrar a parte mais interna do mercado. Para fomentar a sociabilidade e dar margem a topoceptividade, são propostos empraçamentos com vegetação e mobiliário nas partes residuais das quadras, essa diretriz também ajudou na proteção da fachada oeste. As zonas permaneceram em locais semelhantes aos atuais com exceção da administração que foi posta em local mais central com relação ao mercado inteiro. Para unir os setores em uma edificação única e proteger as circulações foi empregada uma grande coberta que permita em alguns lugares ter aberturas zenitais de modo a deixar a iluminação natural permear internamente no mercado.

Figura 7: Partido Arquitetônico.



Fonte: Produzido pelo autor, 2024.

4.3.3. Programa de Necessidades e Pré-Dimensionamento

O programa de necessidades e pré-dimensionamento (Figura 8) que serão utilizados na proposta deste trabalho foram feitos com base no projeto de realocação da PMJP, uma vez que este foi formulado baseado no quantitativo real e atual do que se refere ao mercado.

Figura 8: Quadro com Pré-Dimensionamento

SETOR	AMBIENTE	QUANT.	ÁREA UNITÁRIA (m ²)	ÁREA TOTAL (m ²)
HORTIFRUTI	BOXES	117	6,60	772,20
	CIRCULAÇÃO		30,00%	231,66
			TOTAL DO SETOR	1003,86
FRIOS	BOXES	82	9,00	738,00
	CIRCULAÇÃO		30,00%	221,40
			TOTAL DO SETOR	959,40
ALIMENTAÇÃO	BOXES	78	9,30	725,40
	CIRCULAÇÃO		30,00%	217,62
			TOTAL DO SETOR	943,02
LOJAS VARIADAS	BOXES	72	9,00	648,00
	CIRCULAÇÃO		30,00%	194,41
			TOTAL DO SETOR	842,41
PRAÇA DE ALIMENTAÇÃO	LUGARES	128	1,26	161,28
	WC FEMININO	8	4,63	37,04
	WC MASCULINO	10	3,90	39,00
	WC PCD	2	9,00	18,00
	DML	2	5,00	10,00
	CIRCULAÇÃO		30,00%	79,60
			TOTAL DO SETOR	344,92
ADMINISTRAÇÃO	SALA DO DIRETOR	1	15,00	15,00
	SECRETARIA	1	9,00	9,00
	SEGURANÇA	1	9,00	9,00
	BANHEIRO	1	5,00	5,00
	CIRCULAÇÃO		30,00%	11,4
			TOTAL DO SETOR	49,40
ESTACIONAMENTO	VAGAS P/ CARROS	139	11,50	1598,50
	VAGAS P/ MOTOS	42	2,20	92,40
	VAGAS P/ PCD	4	18,00	72,00
			TOTAL DO SETOR	1762,90
SERVIÇO	DEPÓSITO DE RESÍDUOS	1	35,00	35,00
	RESERVATÓRIO DE ÁGUA	1	40,00	40,00
	DOCA / CARGA E DESCARGA	1	85,00	85,00
	BICICLETÁRIO	1	15,00	15,00
			TOTAL DO SETOR	160,00
		TOTAL GERAL	6065,90	

Fonte: Produzido pelo autor, 2024.

4.3.4. Fluxograma

O fluxograma proposto (Figura 9) explana como irão funcionar os ambientes com relação a acessos, circulações e fluxos das personas. Foram utilizados os trajetos possíveis das três principais personas, sendo elas: os clientes, público consumidor em geral; os funcionários,

aqueles que comercializam, trabalham e fazem a manutenção diária; e o serviço, que fazem manutenções esporádicas e prestam serviços.

Figura 9: Fluxograma Proposto

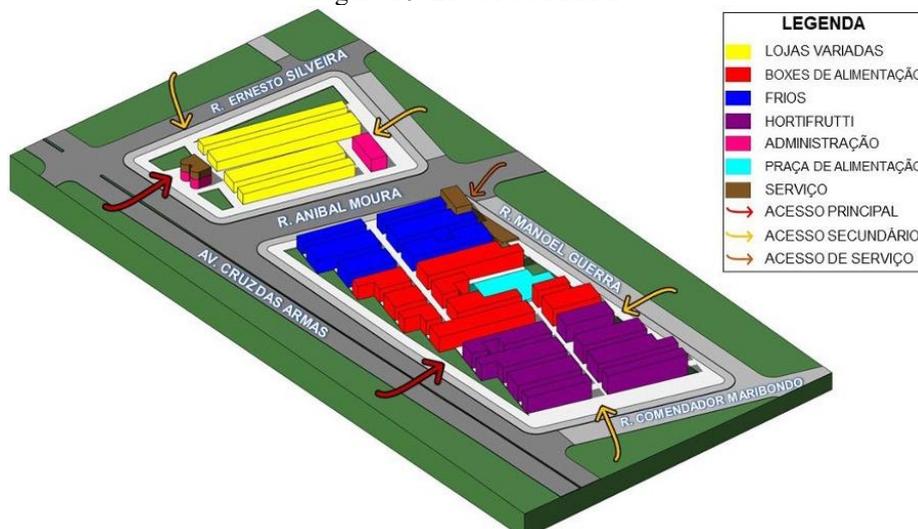


Fonte: Produzido pelo autor, 2024.

4.3.5. Estudo de Massas, Implantação e Acessos

O estudo de massas (Figura 10) mostra que o zoneamento proposto presou por manter os setores mais parecidos o possível com o atual pelo fato de que ele já funciona bem, sendo uma das potencialidades do mercado já citadas no diagnóstico. A administração foi deslocada para um local central e perto dos setores de serviço, possibilitando melhor visualização do funcionamento do local. A maior parte do serviço foi alocada próximo à Rua Anibal Moura por conta de sua largura com relação às outras ruas, uma vez que nesse setor estão locais importantes que demandam manutenção e espaço para manobras, o que poderia ser dificultado em ruas mais estreitas. Os setores de hortifruti, frios e lojas variadas ficaram no mesmo lugar que são atualmente, já a praça de alimentação e seus boxes foram unificados e implantados no centro da quadra sul para liberar as bordas do lote e ampliar os passeios.

Figura 10: Estudo de Massas.



Fonte: Produzido pelo autor, 2024.

A quadra norte tem de 3.278,92 m² e a quadra sul tem 7.254,12 m², juntas elas somam 10.533,04 m² de área. O estacionamento que antes ficava na rua foi incorporado ao lote, o que fez com que o passeio fosse recuado. A delimitação formal dos lotes indica passeios de 1,50 m, porém por conta do fluxo de pedestres eles foram padronizados em 2,50 m, exceto na Av. Cruz das Armas, onde ele tem 3,00 m. Prezando pela unidade do mercado, o trecho da R. Anibal Moura entre a Av. Cruz das Armas e a R. Manoel Guerra foi transformado em via compartilhada, estando assim no mesmo nível do passeio. Ainda nesse trecho, dando continuidade a rota de pedestres entre uma quadra e outra foi adicionada uma faixa de pedestres.

Seguindo a tendência dos mercados abertos, foram mantidos os diversos acessos de pedestres em locais semelhantes aos que já existem, fazendo com que todas as fachadas sejam ativas e interajam com o entorno.

4.3.6. Setorização

Com o anteprojeto concluído é possível analisar a setorização final (Figura 11). Nela possível perceber as novas áreas verdes além da vegetação arbórea existente. Tais áreas foram propostas para fomentar a sociabilidade através do lazer passivo e proteger as circulações e fachadas da insolação direta. Outra evidência explanada na imagem são as circulações maiores, que foram definidas com base nos acessos principais e secundários. A área com formas curvas na quadra norte foi mantida por conta de sua iconologia e por sua importância para a topoceptividade, tal volume foi replicado na fachada leste da quadra sul para abrigar o setor de serviços.

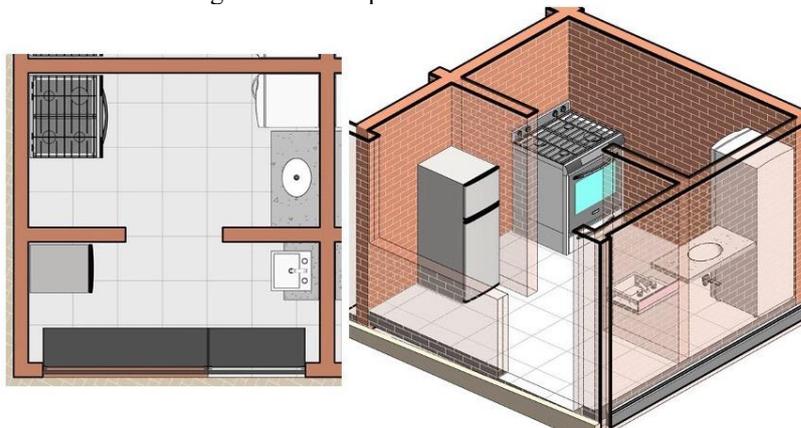
Figura 11: Setorização Proposta



Fonte: Produzido pelo autor, 2024.

Para os blocos com os boxes foram elaborados módulos de cada de tipo de produto comercializado com espaço que acomode os equipamentos básicos previstos nas etapas anteriores. A figura 12 mostra um exemplo de módulo dos boxes de alimentação com layout básico.

Figura 12: Exemplo de Módulo Adotado



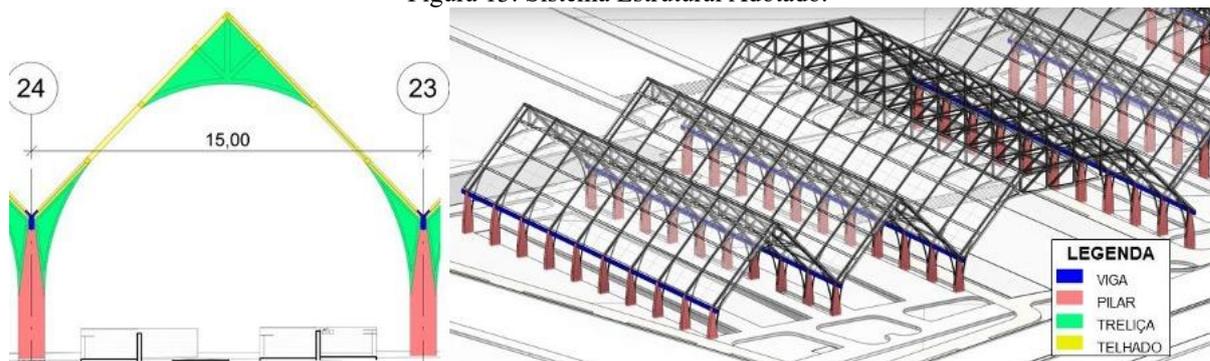
Fonte: Produzido pelo autor, 2024.

4.3.7. Coberta, Sistema Estrutural e Materiais

A cobertura foi o maior elemento norteador do projeto, para atingir o objetivo de unificar um mercado público que fica em duas quadras foi necessário criar eixos para modulação da estrutura. Como o principal desafio seria cobrir a R. Anibal Moura, os eixos transversais ficaram paralelos ao eixo da própria rua e os longitudinais ficaram perpendiculares a ela. A modulação inicial foi de 15,00x5,00 m entre eixos, porém nos locais onde existe a cobertura translúcida o vão entre os eixos transversais é maior (20, 25 e 28 m).

O sistema estrutural principal da composição da cobertura se dá através de uma sequência de treliças de aço, que variam de desenho de acordo com os vãos que vencem. Nestas são apoiadas as vigas-calha de concreto armado que receberão o fechamento em telhas termoacústicas e por sua vez serão apoiadas nos pilares, também de concreto armado (Figura 13).

Figura 13: Sistema Estrutural Adotado.



Fonte: Produzido pelo autor, 2024.

As alvenarias de vedação foram feitas utilizando o tijolinho cerâmico, já que é o principal material do mercado existente. Nas circulações e passeios do mercado o piso intertravado foi escolhido pela sua eficiência e versatilidade com relação a aparência. Com isso, foi feita a seguinte diferenciação: Nos passeios que circundam o mercado foi utilizado o amarelo, nas circulações internas uma coloração de argila, nas vagas de estacionamento foi empregado o cinza escuro e nas faixas de rolamento da rua compartilhada (R. Anibal Moura) e do estacionamento da parte sul foi usada a cor natural.

4.3.8. Fachadas

O volume que ocupa a administração do mercado atual se manteve por sua relevância para a topoceptividade. Na figura 14 é possível visualizar a proposta com ênfase no volume que se manteve. Também vale ressaltar que foram adicionadas paredes de tijolinho cerâmico maciço em suas laterais para remeter a volumetria e gabarito atuais dos boxes do entorno da administração, para que mesmo que a nova cobertura treliçada chame mais atenção por suas dimensões, não se perca o elo visual com a tradicional fachada do mercado.

Figura 14: Marco Visual Proposto.



Fonte: Produzido pelo autor, 2024.

A figura 15 mostra a fachada oeste do mercado, vista da Av. Crus das armas. Nela é possível visualizar uma colagem que evidencia a rua coberta (R. Anibal Moura) e a praça de alimentação. A cobertura treliçada se sobressai volumetricamente como unificadora do mercado, assim como a dinamicidade trazida pela variação nos desenhos das treliças para os diferentes vãos, trazendo a altura necessária para abrigar a vegetação arbórea pré-existente.

Figura 15: Rua coberta e praça de alimentação



Fonte: Produzido pelo autor, 2024.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo conceber um anteprojeto de arquitetura afim de reabilitar o Mercado Público de Oitizeiro, embasado na necessidade latente de manutenção desse tipo de espaço público como fomentador e perpetuador da cultura local. Para isso se fez necessário entender como começou e evoluiu o comércio em mercados até os dias atuais, conhecendo as nuances e intenções que existem implícitas nas tipologias. Projetos de referência também foram destrinchados a fim de prospectar soluções construtivas para a proposta deste trabalho.

Tendo sido as referências devidamente analisadas, prosseguiu-se com a análise e diagnóstico do mercado e do entorno, a fim de tornar explícitos os aspectos que conferem ao mercado a relevância que ele tem, assim como os pontos a serem melhorados ou adicionados. Também foi analisado o projeto de realocação feito pela PMJP, onde foram constatados vários pontos que o tornam inferior ao mercado atual, porém cede várias informações referentes principalmente a pré-dimensionamento.

Por fim o projeto foi concebido de forma satisfatória, mesmo sofrendo alguns ajustes no que se refere a quantidades, uma vez que a metodologia utilizada surtiu o efeito desejado. Este trabalho e projeto ficam como um vislumbre de que a realocação proposta pela PMJP é equivocada, uma vez que é totalmente possível e até aconselhável acomodar o comércio no local onde é hoje atendendo as necessidades atuais.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas II**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Trad. Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- CARVALHO, Flávio de. **Ossos do mundo**. Original de 1936. São Paulo: Antiqua, 2005
- CERTEAU, Michel. Caminhadas pela Cidade. In: **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1990.
- COHEN, Renato. **Performance como linguagem: criação de um tempo-espaço de experimentação**. São Paulo: Perspectiva, 1989.
- DIMENSTEIN, M. ; CAVALCANTI, A. F. E. A. ; SILVA, K. C. ; OLIVEIRA, M. E. S. ; ANDRADE, A. C. R. ; NOBREGA, A. C. ; LINHARES, J. B. ; CUSTODIO, G. N. . ERRANTES URBANOS. **PIXO - Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade**, v. 7, p. 246-267, 2023.
- FORNECK, Vanessa; FERREIRA, Lais; ROCHA, Eduardo; BAUMBACH, Flávio; MACHADO, Valentina; RAMIRES, Bianca. A produção de mapas cartográficos com relação à ética na fronteira Brasil-Uruguay. **PIXO - revista de arquitetura, cidade e contemporaneidade**, v. 2, p. 142-153, 2018.
- GEHL, J.; ANITA DI MARCO. **Cidades para pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- HARVEY, David et al. **Cidades Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. Boitempo Editorial, 2015.
- HARVEY, David. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. Edição padrão ed. [s.l.] Martins Fontes, 2019.

- HARVEY, David. **Justice, Nature, and the Geography of Difference**. Oxford: Blackwell, 1996. p. 439. Citando Bertolt Brecht, “Erkenntnis”
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Panorama Mari**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/mari/panorama>. Acesso em: 20 de agosto de 2023.
- JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2011.
- JACQUES, Paola Berenstein. Espetacularização urbana contemporânea. In: **Cadernos PPGAU/UFBA, Territórios urbanos e Políticas culturais**. Salvador: EDUFBA, 2004.
- JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes**. Salvador: Edufba, 2012.
- JACQUES, Paola Berenstein. Elogio aos Errantes: a arte de se perder na cidade. In: JEUDY, Henri Pierre; Jacques, Paola Berenstein (Org.). **Corpos e cenários urbanos: territórios urbanos e políticas culturais**. Salvador: EDUFBA, 2006.
- MITCHELL, Don. **The Right to the City**. Minneapolis: Minnesota University Press, 2003.
- MOZART, Fábio. Biu Pacatuba: **Um Herói do Nosso Tempo**. João Pessoa: A União, 2010.
- SANTOS, Milton. **O tempo nas cidades**. Ciência e cultura, v. 54, n. 2, p. 21-22, 2002.
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1966.
- SIMMEL, Georg. A Metrópole e a vida mental. In: **O Fenômeno Urbano**. Zahar editos, Rio de Janeiro. 1967.

CAPÍTULO 4: CONSTRUINDO UM REFÚGIO SEGURO

ANTEPROJETO ARQUITETÔNICO DE UM CENTRO DE ACOLHIMENTO PARA MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NA CIDADE DE SAPÉ/PB

Glendsom Walmisley Barbosa Bandeira ¹

Jakeline Silva dos Santos ²

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo desenvolver um anteprojeto de um centro de acolhimento para mulheres vítimas de violência doméstica na cidade de SAPÉ/PB. A violência contra as mulheres é um problema enraizado em nossa sociedade. Apesar de tantos avanços legislativos e campanhas de conscientização, a violência doméstica no Brasil persiste e ganha aumento nas ocorrências, fazendo-se necessário fornecer suporte de qualidade às mulheres em situação de vulnerabilidade. A metodologia bibliográfica utilizada nesta pesquisa apresenta uma contextualização acerca das análises documentais, de acordo as leis vigentes que asseguram mulheres que são vítimas da violência doméstica, justificando através da sua resolução vigente a criação de um centro de acolhimento, como forma de proteção a essas mulheres. Assim, mediante aos estudos dessa pesquisa, também buscou-se uma investigação analítica referente as experiências com projetos, a partir do estudo de caso e dos correlatos de centros de acolhimentos e casas de abrigo para mulheres vítimas de violência doméstica, chegando à conclusão que um projeto arquitetônico bem estruturado condiciona um ambiente de valorização onde pode contribuir, significativamente, para a melhoria desses espaços de acolhimento.

Palavras-chaves: Violência doméstica; Mulheres; Acolhimento; Arquitetura.

ABSTRACT

This course completion work aims to develop a preliminary project for a reception center for women victims of domestic violence in the city of SAPÉ/PB. Violence against women is a deep-rooted problem in our society. Despite so many legislative advances and awareness campaigns, domestic violence in Brazil persists and is increasing in occurrences, making it necessary to provide quality support to women in vulnerable situations. The bibliographic methodology used in this research presents a contextualization of the documentary analyses, in accordance with current laws that protect women who are victims of domestic violence, justifying through its current resolution the creation of a reception center, as a form of protection for these women. Thus, through the studies of this research, an analytical investigation was also sought regarding experiences with projects, based on the case study and correlates of reception centers and shelters for women victims of domestic violence, reaching the conclusion that a Well-structured architectural design creates an environment of appreciation where it can significantly contribute to the improvement of these reception spaces.

Keywords: Domestic violence; Women; Reception; Architecture.

¹ Graduando do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Uniesp.

E-mail: 20192070018@iesp.edu.br

² Orientadora do trabalho e Professora do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Uniesp.

E-mail: jakeline@iesp.edu.br

1. INTRODUÇÃO

A violência dirigida às mulheres constitui um problema, profundamente, enraizado em nossa sociedade ao longo da história. Segundo Lopes e Silva (2023), no que se refere a violência doméstica, existem inúmeros conflitos, em variadas formas. Não significa apenas a prática de crimes em si, mas também, ações ou omissões relacionadas a assédios e ofensas morais. Atualmente, o movimento em prol da igualdade de gênero está se consolidando, sem distinção de sexo, sem receios e com vozes cada vez mais ativas. Contudo, é imprescindível o contínuo apoio e persistência na luta pelos direitos das mulheres.

O aumento significativo nas denúncias de violência contra mulheres no Brasil é um fenômeno inegável, conforme informa o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, em 2017, foram registrados mais de 60 mil casos no País, podendo chegar até a 500 mil casos por ano, isso devido, à alta taxa de subnotificação do crime. Diante desse cenário, após uma longa e árdua trajetória, de batalhas e reivindicações, a persistência encontrou sua recompensa: o país promulgou a Lei nº 11.340/06, conhecida como a "Lei Maria da Penha". Esta legislação introduziu uma série de dispositivos destinados a prevenir a violência doméstica e familiar contra as mulheres. Dentre os dispositivos legais, destacam-se as providências de proteção imediata, além das determinações para a implementação de políticas públicas, visando à efetividade das mesmas. O artigo 2º da lei, estabelece como propósito, garantir às mulheres "as oportunidades e facilidades para viver sem violência, preservar sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual e social" (BRASIL,2006).

Em março de 2021, o Plenário do Supremo Tribunal Federal (STF) deliberou, de forma unânime, que a tese "legítima defesa da honra" diverge dos princípios constitucionais da dignidade da pessoa humana e da proteção à vida e da igualdade de gênero. Desta forma, a tese não pode ser utilizada em nenhuma fase do processo penal ou durante o julgamento perante o tribunal do Júri, sob pena de nulidade. Utilizada em casos de feminicídio ou agressões contra mulher, a tese da "Legítima defesa da honra" justificava o comportamento do acusado. A alegação era de que a agressão ou assassinato eram justificáveis se a vítima tivesse cometido adultério, pois tal conduta supostamente feriria a honra do agressor (BRASIL, 2023).

De acordo com o Supremo Tribunal Federal (STF), por decisão desta Corte, a chamada "Defesa da honra" é totalmente inconstitucional e, desta forma, não pode ser utilizada pela defesa, nem mesmo, pela acusação e pelas autoridades policiais e ainda, pelo próprio juízo nas fases pré-processual ou processual penal.

O município de SAPÉ/PB não escapa à realidade quando o assunto é violência contra a mulher. Porém, a cidade carece atualmente de um espaço adequado para acolher essas vítimas, que moram na cidade e região, com intuito de auxiliá-las na conquista da recuperação física, psicológica e independência financeira por meio de capacitação profissional.

Portanto, o presente trabalho propõe a elaboração de um anteprojeto de um centro de acolhimento destinado a mulheres vítimas de diversos tipos de violência, abrangendo desde a violência física, violência sexual até a violência psicológica. Este centro será localizado na cidade de Sapé, município que conta com uma população de 51.305 habitantes, conforme dados do IBGE (2022).

A origem da lei está ligada à história de Maria da Penha Maia Fernandes, uma brasileira do Ceará que enfrentou duas tentativas de assassinato por parte de seu marido em 1983, resultando em sua paraplegia e dependência de uma cadeira de rodas. A injustiça vivenciada por ela deu origem à legislação, bem como a uma compensação financeira de sessenta mil reais, concedida

pelo Estado brasileiro como reconhecimento de sua negligência e omissão. Entretanto, mesmo após duas décadas de luta e a obtenção da reparação financeira, a própria vítima afirmou que "dinheiro nenhum pode pagar a dor e a humilhação das últimas duas décadas de luta por justiça"(BRASIL,2021).

Apesar de todos os avanços legislativos e de campanhas de conscientização, a violência doméstica no Brasil persiste e ganha destaque nos índices de aumento na ocorrência de violência contra a mulher, uma necessidade urgente de planejar estratégias eficazes para lidar com esse cenário e favorecer um suporte de qualidade às mulheres em situação de vulnerabilidade. De acordo com o cenário, a criação de um centro de acolhimento, exclusivo para mulheres vítimas de violência, surge como uma resposta essencial, levando em consideração que as Diretrizes Nacionais de Abrigamento preveem a utilização de benefícios para o atendimento de mulheres vítimas de violência. Sendo assim, vale mencionar que a Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993 e o Decreto nº 6.307/2007, de 14 de dezembro de 2007, asseguram o benefício para casos de vulnerabilidade temporária (BRASIL,2011).

O centro não é apenas um espaço físico; a ideia deste centro é proporcionar um abrigo para as vítimas se sentirem seguras e superarem o trauma vivido por essas mulheres, um lugar que assume a função de ambiente terapêutico, que ofereça apoio psicológico, assistência jurídica e um programa de capacitação para as vítimas.

A proposta do centro contribui significativamente para a discussão e a ação em relação à violência doméstica, propondo soluções arquitetônicas que não só ofereçam um abrigo, mas que também atendam a todas as necessidades complexas das mulheres em busca de escapar do ciclo de violência. A intenção desse centro não é apenas criar um local físico, mas idealizar um ambiente de bem-estar e reconstrução.

A violência contra as mulheres, especialmente no contexto de violência por parceiro íntimo e violência sexual, configura como um dos principais desafios relacionados à saúde pública e à violação dos direitos humanos. Um estudo feito pela Organização Mundial da Saúde (OMS) aponta que no ano de 2021, (27%) das mulheres reconheceram ter enfrentado, ao longo da vida, violência física e (43%) sofreram violência psicológica por parte do seu parceiro. No Brasil, no ano de 2022, foram aplicadas várias medidas protetivas de urgência da Lei Maria da Penha, sendo declarados, oficialmente, 550.620 casos, porém, 67% desses relatos, foram concedidas integralmente e 11%, apenas parcialmente concedidas (CNJ, 2022). De acordo com o Tribunal de Justiça da Paraíba, no mês de agosto de 2022, foram solicitadas 8.735 medidas protetivas dessa natureza (BRASIL, 2022).

A dependência financeira, a religiosidade, o temor em relação ao agressor e a preocupação relacionada ao sustento dos filhos, são algumas das razões apontadas nos principais estudos, sendo consideradas as principais causas que impedem mulheres vítimas de violência doméstica procurarem ajuda, seja por meio de canais de apoio ou até mesmo, recorrer aos próprios familiares. Diante disso, torna-se crucial implementar medidas de suporte que demonstrem a segurança necessária, permitindo que a vítima encontre abrigo pelo tempo que for necessário. O objetivo do centro de acolhimento é justamente, proporcionar oportunidades, além do pleno exercício de seus direitos.

O projeto do centro de acolhimento surge como uma iniciativa na qual, o sentimento de segurança, apoio e justiça incorporam em sua estrutura arquitetônica. Dessa maneira, a responsabilidade e o propósito da existência deste centro, estão alinhados com a causa de combate à violência contra a mulher. O seu diferencial consiste numa abordagem humanizada, relacionada ao tratamento das mulheres vítimas de violência, transformando esse centro de

acolhimento em um ambiente temporário e acolhedor. O intuito é que o centro de acolhimento se torne parte integrante de seu processo de recuperação física e psicológica.

Diante do exposto, temos como objetivo geral desenvolver o anteprojeto de um centro de acolhimento para mulheres vítimas de violência doméstica na cidade de Sapé/PB. E, como objetivos específicos, analisar a legislação vigente que regulamenta a criação de centros de acolhimento; analisar estudos de casos ou experiências já existentes, relacionadas ao acolhimento em casas de abrigo que atendem mulheres vítimas de violência doméstica; incorporar a psicologia ambiental nos espaços projetados para a melhoria do ambiente acolhedor.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E PROJETUAL

Nesta seção de fundamentação teórica e projetual, trataremos sobre a lei que rege o enfrentamento à problemática, denominada ‘Lei Maria da Penha’, que tem como intuito proteger a mulher da violência física, violência psicológica, violência sexual, violência patrimonial e da violência moral. Para além, devido a vulnerabilidade que envolve a violência doméstica, muitas mulheres com ou sem filhos, necessitam de abrigo, desta forma, destacaremos também a resolução que regulamenta a criação de um centro de acolhimento, concluindo com a contribuição da psicologia ambiental, no que se refere ao acolhimento relacionado a importância do ambiente em que se está inserido para a manutenção do bem-estar.

2.1. LEI MARIA DA PENHA

Criada no Brasil, em 2006, a Lei Maria da Penha é uma legislação que visa coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. A violência doméstica, nesse contexto, abrange, qualquer ação ou omissão apoiada no gênero, que cause sofrimento físico, sexual, psicológico ou até, a morte da mulher, em seu âmbito doméstico. A violência doméstica e familiar contra a mulher é considerada uma das situações que causa a violação dos direitos humanos (NOVA,2023).

A Lei Maria da Penha é o título informal da Lei Federal nº 11.340, sancionada em 7 de agosto de 2006, promulgada pelo Congresso Nacional do Brasil. A lei regulamenta a violência contra a mulher em todas as esferas da vida doméstica, considerada assim, um marco na legislação nacional no que se refere à luta em prol da igualdade de gênero (LEITE; NORONHA, 2015). No entanto, quando se fala em violência contra a mulher, logo vem em mente a agressão física, mas é importante saber que existem outros tipos de violência e que também deixam sequelas gravíssimas, conforme discrimina a lei:

- I - Violência física: Entendida como qualquer conduta que ofenda a integridade ou saúde corporal;
- II - Violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, violação de sua intimidade, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo a saúde psicológica e à autodeterminação;
- III- A violência sexual, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição,

mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos;

IV – A violência patrimonial, entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades;

V – A violência moral, entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria (BRASIL, 2006).

De acordo com o artigo 5º da Lei Maria da Penha, “violência doméstica e familiar contra a mulher é qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial” (FONSECA, 2010, p. 2). Por sua vez, a violência sexual, baseia-se na conduta de constranger a mulher a presenciar, manter ou participar de relação sexual da qual não queira, através de ameaças, chantagens ou subornos (LIMA, 2013). A violência patrimonial também foi citada pelo legislador. De acordo com o artigo 7º, inciso IV da Lei, a violência patrimonial consiste em qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total dos objetos da vítima, além dos instrumentos de trabalho, documentos pessoais, e quaisquer recursos econômicos, sendo essa a citada (ALVES; OPPEL, 2021).

Conforme traz ainda o artigo 7º da lei nº 11.340/2006, a violência psicológica é configurada a partir de condutas que podem gerar “danos emocionais e diminuição de autoestima da vítima, ou que lhe prejudique ou perturbe o pleno desenvolvimento de seus comportamentos, crenças e decisões, seja mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, exploração e limitação do direito de ir e vir”, ou alguma outra ação que cause prejuízos à saúde psicológica das mulheres vítimas de violência (DIAS, 2019).

Por fim, a última modalidade de violência doméstica e familiar previsto na Lei Maria da Penha, é a violência moral, que pode ser compreendida como qualquer ação ou omissão que configure calúnia, difamação ou injúria praticada em detrimento da mulher em razão do gênero (BASTOS, 2013). A lei prevê medidas protetivas de urgência que obrigam o agressor, além de prever também, medidas que visam a proteção da vítima de violência doméstica e familiar. Embora a execução da lei nº 11.340/06 tenha reduzido a violência doméstica de forma significativa, a erradicação das práticas ainda é módica. Assim, o Ministério Público deve se manter atuante nos casos de combate a violência contra a mulher, podendo requisitar nos autos, qualquer medida que venha a proteger a sua saúde física, psíquica e até mesmo, moral (LOPES; SILVA, 2023).

Com a pandemia da Covid 19, restaram evidentes os casos de violência contra a integridade da mulher. Os noticiários divulgavam de forma assustadora, o aumento de casos de feminicídios e demais formas de violência doméstica, momento em que havia uma necessidade extrema de evitar o contágio do coronavírus, visto que, as medidas de segurança da Organização Mundial de Saúde – OMS, determinavam a permanência de todos em suas casas, enquanto isso, milhares de mulheres no silêncio de seus lares, eram vítimas de violência, impactando o aumento estatístico dessa situação no Brasil.

De acordo a Central de Atendimento à Mulher – O “Ligue 180”, criado pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, informam que, os registros de denúncias de violência contra a mulher ultrapassaram 14% nos primeiros meses de 2020, em relação ao ano de 2019, mostrando que as mulheres ficaram mais vulneráveis, por estarem o tempo todo ao lado do seu agressor e, que mesmo diante das punições da Lei Maria da Penha, não cessaram as práticas cotidianas de violência contra si.

Diante desse contexto, é notório que as dificuldades enfrentadas pelas mulheres vão muito além das violências sofridas, isso porque, soma-se à falta de apoio governamental para o enfrentamento dessa problemática, com políticas públicas eficazes e permanentes, não apenas de serviços de atendimentos e abrigos temporários, mas de espaços acolhedores que dê o suporte, necessários para que essas mulheres se reintegrem a sociedade de forma digna e segura.

De acordo as orientações e recomendações das Organizações das Nações Unidas (ONU), todos os países deveriam adotar uma série de medidas no intuito de prevenir e combater a violência doméstica no momento da pandemia. No entanto, observamos que o Brasil intensificou os espaços de denúncias, mas não consolidou um apoio permanente, como bem afirma Pimentel e Martins (2020, p. 39 e 40), no Brasil, as medidas adotadas focaram em denúncias e campanhas, mas não ofereceram soluções concretas e imediatas para a violência doméstica.

Assim, com o objetivo de coibir a violência contra a mulher, o Poder Público efetivou diversas políticas públicas, sendo uma delas de extrema necessidade, como é o caso do direito ao abrigo. As casas-abrigo – como são denominadas – consistem em serviços públicos, que integram a rede de atendimento à mulher em situação de violência, que tem como intuito, prover, provisoriamente e proteger e acolher as mulheres e os seus filhos (BRASIL, 2011).

É importante ressaltar que toda e qualquer possibilidade de abrigamento, necessita do acompanhamento da mulher por serviços especializados da rede de atendimento e articulação com a segurança pública, justamente, por se tratar de situações nas quais a mulher necessita de proteção especial. Incluída na tipificação dos serviços sócio-assistenciais, como um serviço de proteção social especial da alta complexidade, a casa-abrigo passou a ser incluída, sob a denominação de “serviço de acolhimento para mulheres em situação de violência” (Resolução CNAS nº.109, de 11 de novembro de 2009) (BRASIL, 2011).

Concebe-se, assim, que a violência contra mulheres passou a ser encarada de forma mais firme, com a efetivação dos direitos humanos e a criação da Lei Maria da Penha, pela qual, foram criados mecanismos para o Estado agir de forma imediata, coibindo a sensação de impunidade que até então, pairava livremente entre os brasileiros (NASCIMENTO; MAIA, 2023).

2.2. PSICOLOGIA AMBIENTAL EM ESPAÇOS DE ACOLHIMENTO

A especialidade da Psicologia Ambiental é analisar como o sujeito observa e percebe o ambiente em sua volta e, simultaneamente, como esse mesmo ambiente o influencia. A preocupação gira em torno de caracterizar as incidências específicas de determinados micros e macros ambientes sobre o sujeito. Ou seja, a casa pode influenciar a percepção, a avaliação, atitudes e ainda, satisfazer as necessidades de uma pessoa.

É importante destacar a noção de “casa de lar”. Nota-se que lar, tem sua definição confundida com casa e vice-versa. É preciso compreender que há uma grande diferença, apesar de que, para muitos, casa e lar têm a mesma finalidade. No entanto, é pertinente entender a “casa” como um espaço construído, arquitetado a partir de artifícios que garantam espaço, comodidade, segurança e proteção de tudo aquilo que vem de fora para dentro, diferente de “lar”, que mostra um valor afetivo, de aconchego, de bons sentimentos em família, emoção, de troca de experiências familiares, enfim, de um espaço de proteção e cuidados, independentes das suas paredes.

De forma específica, a psicologia ambiental relaciona o meio ambiente ao comportamento humano, através da influência (MOSER, 1998). As interrelações entre pessoa e ambiente possuem determinadas complexidades, que podem ser compreendidas diante da

interdisciplinaridade. Relacionando a psicologia ambiental com a arquitetura, percebe-se, a ênfase em aspectos estéticos, construtivos, funcionais, além da atenção voltada para a leitura, percepção e satisfação dos usuários a partir dos ambientes idealizados, permitindo que as propostas sejam direcionadas para o indivíduo (ELALI, 1997). Para Souza (2026), é através do “poder da mente” que o indivíduo se relaciona com o espaço e que isso acontece mediante quatro níveis:

[..] o primeiro nível, representando a base, diz respeito ao envolvimento introspectivo, onde o poder mental é muito fraco. O utilizador é caracterizado pela necessidade de estar consigo próprio e como tal, procura envolver-se passivamente num ambiente sem perturbações; o segundo nível diz respeito à participação emocional e representa um poder mental fraco. O utilizador tem interesse no ambiente social à sua volta, gosta de observar os outros utilizadores mas não tem força para participar ativamente no mesmo; o terceiro nível corresponde à participação ativa, onde o poder mental é forte. O utilizador tem capacidade de interação social, podendo fazer parte ou ter coragem de se integrar num grupo de outros utilizadores do espaço; o quarto nível, correspondente ao topo da pirâmide, diz respeito ao envolvimento extrovertido, onde o poder mental do utilizador é muito forte. O utilizador é caracterizado pela capacidade de liderança e de tomada de decisão perante um grupo de utilizadores, podendo organizar e liderar atividades no jardim (SOUZA, 2016, p.15)

Para Bernardino (2017), a arquitetura é compreendida como arte e como ciência, levando em consideração que para a elaboração do projeto é necessário o uso conjunto de criatividade e de técnicas de construção. Ao se projetar, acontecem inúmeras descobertas, versões diferentes de um mesmo projeto, a partir da busca e do suporte ao estilo de vida dos usuários, e que revela, de forma lúcida, que a arquitetura se relaciona, de forma simultânea, com o ambiente e com o comportamento humano.

Nesse contexto, o projeto deixa de ser visualizado a partir das suas características físicas e passa a ser entendido e avaliado enquanto espaço de convívio, sujeito a ocupação, leitura e modificação pelos sujeitos, ou seja, além de aspectos construtivos e funcionais, é acrescentado ao espaço a análise comportamental e social essencial à sua compreensão. E o que anteriormente era um espaço, se converte em lugar e o ponto de vista do sujeito sobre este ambiente é transformado (ELALI,1997). “Opondo-se à noção de estresse, surge um construto denominado *restoration*, definido como o processo de restauração, recuperação ou restabelecimento dos aspectos físicos, psicológicos ou da capacidade social, perdidos pelo esforço contínuo.” (GRESSLER e GÜNTHER, 2013, p.488).

Desse modo, de acordo as diretrizes nacionais no que se refere aos espaços de acolhimento, o abrigo para as mulheres vítimas de violência deve ser um espaço de proteção. Um ambiente onde elas possam, juntamente com seus filhos, receber apoio necessário para proteger sua integridade física e psicológica, segundo Ulrich (1983), existem alguns elementos que auxiliam na recuperação “psicofisiológica”. Uma estrutura física adequada para qualquer prática de atividade e confortável para que elas possam se reestabeler dignamente com capacidade de enfrentar uma nova vida.

Neste sentido, é importante ressaltar que a arquitetura é muito significativa para o bom acolhimento, o relacionamento entre o ambiente e o ser humano fortalece a sensação de bem-estar, proporcionando aos usuários dignidade, satisfação e um espaço de oportunidades. No entanto, devemos compreender que o abrigo deve ser encarado como o último recurso, porque tira dessas mulheres o direito da sua vida em sociedade, como bem afirma:

(...) perda da moradia e junto com ela uma série de referências sociais importantes (vizinhança, recursos como escolas e creches, tratamentos médicos etc). Isso sem falar na perda temporária do apoio familiar, de bens materiais (móveis, eletrodomésticos, roupas etc) e em alguns casos até do emprego, que precisa ser abandonado por questões de segurança. (SILVEIRA, 2010, p. 68)

Com isso, mostra-se a necessidade de centros de acolhimentos para mulheres vítimas de violência, mas que esses sejam adequados possibilitando a essas mulheres e seus filhos um ambiente que transmita paz, para que possam melhorar sua autoestima e seu psicológico que se encontra tão fragilizado. Que voltem a sentir o seu ambiente de convivência seguro, mesmo depois de precisar abandonar o seu lar junto com sua família, para fugir da mira do seu agressor.

2.3. REFERENCIAL PROJETUAL

Foram selecionados um estudo de caso e dois projetos para análise de correlatos, em que serão analisadas diretrizes projetuais, partindo do método de Baker, para o desenvolvimento do projeto arquitetônico destinado ao trabalho final de conclusão de curso.

2.3.1. Casa da Mulher Brasileira

Figura 1: Fachada principal.



Fonte: Gov.br, [online].

A Casa da Mulher Brasileira, inaugurada em 2015 no Setor de Grandes Áreas Norte, em Brasília, foi projetada pelos arquitetos Marcelo Pontes, Raul Holfiger e Valéria Laval, com uma área de 3.668,69m² e custo estimado em R\$ 7.938.206,16. Criada pelo Decreto nº 8.086/2013, no contexto do programa federal *Mulher: Viver sem Violência*, lançado pela presidenta Dilma Rousseff, a instituição busca oferecer atendimento humanizado a mulheres vítimas de violência, integrando serviços de saúde, justiça, segurança pública e assistência social, além de promover autonomia econômica (BRASIL, 2019). Segundo Gonçalves (2015), a Casa da Mulher Brasileira é um marco na política de tolerância zero contra a violência de gênero, oferecendo suporte jurídico, acolhimento psicossocial e ações profissionalizantes. A proposta arquitetônica adota padrões uniformes em todas as unidades, garantindo espaços seguros e acolhedores, com um pátio interno como eixo organizador das atividades, conectando blocos destinados a serviços especializados, como tribunal de justiça, delegacia da mulher, refeitório e áreas de alojamento. A fachada, marcada pelo uso das cores verde, amarela e roxa, remete à identidade nacional e ao acolhimento, enquanto o sistema construtivo em alvenaria estrutural

prioriza a eficiência e a economia. Desde sua abertura, a unidade de Ceilândia-DF, que funciona 24 horas por dia, registrou 11.188 atendimentos entre 2021 e 2023 (BRASIL, 2023), e novas unidades estão em construção no Distrito Federal para ampliar o suporte a mulheres em situação de vulnerabilidade.

2.3.2. Abrigo de Vítimas de Violência Doméstica

Figura 2: Fachada.



Fonte: Archdaily,2018.

O abrigo foi projetado em 2018, com uma área de 1600m², em Tel Aviv, Israel, pelo escritório Amos Goldreich Architecture em parceria com Jacobs Yaniv Architects, com o objetivo de acolher mulheres e crianças vítimas de violência doméstica de diversas origens étnicas e geográficas, além de abrigar a sede administrativa do local. Segundo dados da Organização Mundial da Saúde, mais de 45% das mulheres e crianças em Israel sofrerão violência doméstica em algum momento de suas vidas (GOLDREICH; YANIV, 2018). O projeto foi concebido a partir da analogia de uma pedra esculpida com duas faces distintas: a fachada externa, sólida e protetora, e a fachada interna, voltada para o jardim central, que se torna um espaço fundamental de convívio. A escolha dos materiais, como tijolos com textura de pedra, grandes esquadrias de alumínio e vidro incolor, e o uso de ferro, visam criar um ambiente de proteção e liberdade, com destaque para a iluminação natural. A setorização do projeto foi pensada para garantir privacidade e normalidade: os alojamentos são organizados como “morádias” individuais, com dois dormitórios e um banheiro, enquanto a área educacional foi separada dos alojamentos, permitindo que as mães acompanhassem seus filhos nas aulas. O andar superior conta com salas de reuniões e espaços destinados a profissionais especializados, como psicoterapeutas e terapeutas artísticos, proporcionando uma ampla gama de atividades para as crianças e garantindo um ambiente seguro e acolhedor, com destaque para o pátio interno e o jardim, elementos centrais da proposta.

2.3.3. Casa Albergue Kwieco

Figura 3: Área Interna.



Fonte: Archdaily, 2015.

Localizado em Moshi, Tanzânia, o projeto da Kilimanjaro Women's Consultancy and Information Exchange Organization (KWIECO), desenvolvido pelo escritório Hollmén Reuter Sandman Architects em 2015, com 423m², foi concebido para oferecer assistência jurídica, social, de saúde e econômica a mulheres vulneráveis, respeitando a cultura local e sua hierarquia espacial. Assim como em outras regiões da África, as mulheres em Kilimanjaro enfrentam grande vulnerabilidade devido à aceitação social da violência e à ineficácia da legislação na garantia de seus direitos fundamentais (ARCHDAILY, 2015). Em parceria com a ONG Ukumbi e com financiamento do Ministério de Relações Exteriores da Finlândia, a KWIECO estruturou um plano para a criação de uma Casa Abrigo, cuja primeira fase foi concluída em 2015. A construção priorizou materiais locais, como portas de bambu, cimento queimado, pedras naturais e garrafas recicladas incorporadas às paredes para iluminação natural, além de pinturas que refletem a diversidade cultural tanzaniana. O projeto favorece a ventilação cruzada com aberturas paralelas e claraboias nos quartos e banheiros. A setorização integra dez dormitórios, banheiros – incluindo um acessível –, quatro salas de apoio, cozinha e área comum, organizados em torno de um pátio e jardim centrais, que promovem a circulação e a conexão entre os espaços. A ausência de muros fechados e a presença de vegetação contribuem para uma atmosfera de acolhimento e liberdade, permitindo que as mulheres e seus filhos se desloquem livremente. Cercado por gradis de ferro, o abrigo adota uma abordagem participativa, garantindo que as usuárias se sintam conectadas ao espaço, reforçando a relevância do projeto na valorização da cultura local, no uso sustentável dos recursos regionais e na criação de um ambiente seguro e integrado.

2.3.4. Síntese

As diretrizes projetuais a serem seguidas no projeto de Abrigo de Vítimas de Violência Doméstica partem destas referências. Apresenta, por exemplo, uma organização e divisão dos alojamentos que se assemelham a mini casas separadas. Nota-se também a presença de um jardim interno que desempenha a função de integrar os ambientes internos do centro.

O segundo projeto selecionado, a Casa Albergue Kwieco, traz diretrizes relevantes para o projeto, evidenciando como a edificação estabelece uma conexão com a natureza. Além disso, apresenta um planejamento de setorização bem elaborado, com estratégias para utilização da ventilação e iluminação naturais.

3. METODOLOGIA

Na perspectiva desse projeto, pretende-se contribuir para a qualificação dos estudos que estabelecem a pesquisa bibliográfica como procedimento metodológico. É realizada a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas. Assim, podemos entender que, essa pesquisa será de campo, bibliográfica e participante. De campo porque realizada num local específico, que dispõe de elementos para observação e, bibliográfica, devido à execução prévia de estudo sobre ambiente para a realização do projeto e ainda, participante, porque o pesquisador foi participante da prática da pesquisa e da análise da percepção ambiental.

De acordo com Fonseca:

a “Pesquisa Bibliográfica é realizada a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta” (FONSECA, 2002, p. 32)

O levantamento bibliográfico da pesquisa, teve como objetivo a obtenção das informações necessárias para a sua conclusão, englobando documentos legais, sites, livros e artigos acadêmicos que compõem as informações técnicas que serão avaliadas e traduzidas em nível de construção dessa pesquisa.

Quando elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa. Em relação aos dados coletados na internet, devemos atentar à confiabilidade e fidelidade das fontes consultadas eletronicamente. Na pesquisa bibliográfica, é importante que o pesquisador verifique a veracidade dos dados obtidos, observando as possíveis incoerências ou contradições que as obras possam apresentar. (PRODANOV E FREITAS, 2013, p. 54).

Desse modo, o trabalho foi dividido em 4 (quatro) partes para que os objetivos fossem integralmente alcançados.

A primeira parte foi à fase da elaboração do referencial teórico, com análise e estudo através de autores relacionados ao tema.

A segunda parte foi análise das legislações, resoluções referentes às mulheres vítimas de violência doméstica e casas de acolhimento. Uma observação é que, para a obtenção dos materiais teóricos, foram utilizados os sites do Google Acadêmico, Gov.Br, CAPES Periódico e SciELO.

Na terceira parte aconteceu o levantamento da construção do repertório projetual e análises de correlatos e estudo de caso, que foram realizadas através do método Baker, que por sua vez faz

a análise dos 7 princípios arquitetônico como: Genius loci, Identidade, Iconologia, Significado do uso, plástica, Estrutura e Materiais.

A quarta parte foi a etapa do desenvolvimento projetual: levantamento físico do lote, procedimentos práticos, análise do terreno feita por meio de levantamento fotográfico e análise de condicionantes climáticas, também, pela análise da legislação do município de SAPÉ-PB, levantamento físico, elaboração de programas necessidades e a estruturação do projeto. Para a elaboração do projeto arquitetônico foram utilizados os *softwares* Revit e SketchUp.

Foi ainda considerado, um estudo de caso para analisar as experiências sobre a “Casa das Mulheres Brasileiras” porque, de acordo com VENTURA (2007, p. 384), “visa à investigação de um caso específico, bem delimitado, contextualizado em tempo e lugar para que se possa realizar uma busca circunstanciada de informações”, o que torna o estudo ainda mais eficaz.

4. MEMORIAL DESCRITIVO

Situada na Mesorregião na Zona da Mata Paraibana, o território de Sapé está localizado a 58,1 km da cidade de João Pessoa, estando a 126,37 m acima do nível do mar. Sua densidade demográfica é de 163,56 habitantes por quilometro quadrado, totalizando uma população de 51.306 pessoas, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

Mediante a Lei Estadual de nº 627, do então Presidente de Estado da Paraíba, o Dr. João Urbano Pessoa de Vasconcelos Suassuna, foi criado o município de Sapé, em 01 de dezembro de 1925, sendo sua denominação originária de um tipo de capim abundante na região, conhecido como EÇAPE, que serviam para iluminar as travessias noturnas.

O município está inserido na unidade geoambiental dos tabuleiros costeiros. Além de ser uma região canavieira, destaca-se no cultivo do abacaxi, avicultura de corte e postura e criação de caprinos e bovinos. Sua economia predominante é a agricultura, onde se destaca a produção de abacaxi e cana-de-açúcar, entre outros produtos de menor escala, tendo uma crescente considerável na esfera comercial, onde o setor financeiro dispõe de quatro agências bancárias para atender a demanda da cidade.

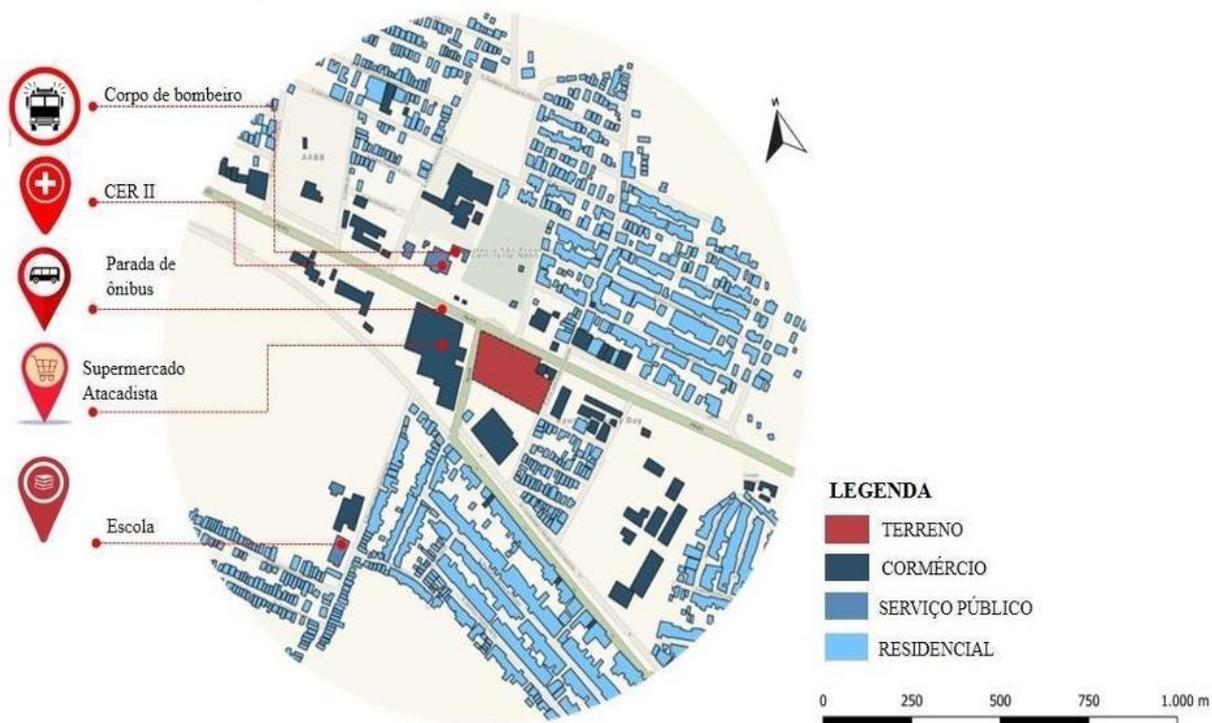
4.1. CARACTERIZAÇÃO DO ENTORNO

O terreno onde será projetada a proposta do Centro de Acolhimento está localizado as margens da PB 073, no centro do município de Sapé, PB que liga ao oeste, o município de Mari, tendo como ponto de referência o supermercado atacadista – Atacamix, que fica a sua direita. Conta com uma dimensão de 8.145m² e pertence a um proprietário particular, porém a Prefeitura Municipal de Sapé, pode adquiri-lo por meio de compra ou desapropriação, levando em consideração os benefícios sociais. Por lei, a desapropriação é legal no Brasil, através do Decreto-Lei nº, 3.365/1941.(BRASIL, [s.d.]).

No lote escolhido, não possui nenhuma construção existente, e sua topografia é considerada plana. O terreno é considerado bom, pois possui fornecimento de rede de energia, água e esgoto. As ruas que fazem o entorno do terreno, duas delas são pavimentadas e uma não, sendo a rua pavimentada o lado da testada oeste a avenida Comendador Renato Ribeiro Coutinho e a PB-073, que está localizada na sua testada norte.

Em seu entorno são encontrados Centro de Atendimento Especializado, Corpo de Bombeiros da Polícia Militar da Paraíba, Cemitério Público, Fábrica de Polpa de Frutas, Abatedouro Industrial de Aves, População em geral e microempreendedores.

Figura 4: Mapa de localização, cheios, vazios, uso e ocupação (2024).



Fonte: acervo pessoal do autor, 2024.

4.1.1. Cheios e vazios

Ao analisar a composição da área circundante do terreno em análise, é perceptível um composto de lotes ocupados e vazios. Embora haja uma quantidade considerável de lotes assim, a predominância é de lotes ocupados. Esta observação sugere uma significativa densidade de ocupação na região, com uma proporção considerável de espaços já desenvolvidos.

No entanto, a presença notável de lotes vazios também indica potencial para futuros desenvolvimentos ou investimentos na área. Esta análise detalhada da distribuição de lotes é crucial para compreender o contexto urbanístico e prever projetos futuros e planejamento urbano estratégico.

4.1.2. Uso e Ocupação

Ao analisar o uso e a ocupação do solo na área de intervenção em um raio de 500 metros, notou-se a predominância de residências localizadas no entorno do terreno, evidenciando um caráter habitacional desta região. Nota-se nas proximidades do terreno, do lado esquerdo, a aproximadamente 110 metros, encontram-se dois equipamentos significativos para o projeto: a 9ª Companhia Independente de Bombeiros Militar e um departamento de saúde pública, o CER II – Centro Especializado em Reabilitação Física e Intelectual. Próximo ao terreno há uma quantidade considerável de comércios, tendo em vista que o terreno está localizado na saída da cidade, apresentando também algumas áreas de vazios urbanos em seu entorno.

O Plano Diretor da cidade de SAPÉ categoriza o sistema viário em três tipos distintos de vias: as vias principais, as vias secundárias e as vias locais. No terreno escolhido, são contempladas duas vias de significativamente importância que circundam o perímetro do mesmo. Na testada voltada para o norte, encontra-se uma via principal denominada PB-073, representada no mapa em cor amarela, que se enquadra como uma via arterial, por ser uma via em um perímetro urbano conta com a presença de dispositivos de controle de velocidade (quebra-molas), impondo um limite máximo de velocidade de 60 km/h para os veículos.

Na lateral oeste do terreno, está situada uma via coletora denominada Renato Ribeiro Coutinho, representada em vermelho no mapa. Esta via desempenha um papel importante na infraestrutura da cidade, atravessando-a de um extremo ao outro. Os veículos transitam nessa via a uma velocidade máxima de 40/50 km/h. No entorno do terreno, é evidente a presença de uma grande quantidade vias locais, representada em azul no mapa.

4.1.3. Condicionantes climáticos

Para a realização desta análise dos condicionantes climáticos, foi utilizada carta solar feita no software SOL-AR. Através da latitude fornecida do local desejado, essa ferramenta consegue apresentar dados relacionados à frequência de ventos e, do mesmo modo, fornece a trajetória solar durante todo o ano. Ao analisar a trajetória do sol no terreno escolhido através da carta solar, que no caso tem latitude de -7.09421 observaram-se os pontos mais críticos e a presença do sol durante todo o dia do ano.

Notou-se que a fachada favorável para implantação de ambientes de longas permanências, levando em consideração o conforto térmico, é o lado leste com orientação sudeste, que recebe insolação das 06:00 às 11:40 h, do inverno ao verão, durante todo o ano. Na fachada noroeste, recebe insolação das 07:50 às 18:00 h na maior parte do ano. Na fachada oeste, a insolação atinge a fachada das 11:50 às 18:00 h, do inverno ao verão, durante todo o ano. Já na fachada sudeste, a insolação atinge a fachada durante todo o dia, das 06:00 às 18:00 h, mas essa fachada tem uma observação: apesar de receber sol durante todo o dia, a insolação não atinge a fachada de forma direta, com irradiação solar predominante.

Sobre a ventilação, o lado leste do terreno recebe a maior parte da ventilação predominante durante todo o ano. Cerca de 5,6 meses, que vão de 20 de março a 7 de setembro, o vento mais comum vem do leste, atingindo uma porcentagem máxima de 61% em 28 de maio. Nos aproximados 3,1 meses seguintes, de 7 de setembro a 9 de dezembro, é o vento do sul que predomina, alcançando uma porcentagem máxima de 56% em 4 de outubro. Por fim, durante cerca de 3,4 meses, de 9 de dezembro a 20 de março, é o vento do oeste que se torna mais frequente, com uma porcentagem máxima de 54% em 1 de janeiro.

Através das análises solares realizadas dos condicionantes acima, é possível definir os espaços priorizados, respeitando o conforto térmico dos ambientes, sejam eles de curta ou longa permanência. Através dessas análises, que são definidos os melhores materiais e formas que se adaptem às condicionantes climáticas da região, desse modo, podem enxergar como pode ser aproveitado de uma melhor forma os espaços.

4.1.4. Condicionantes legais

Foi feita uma busca no plano diretor da cidade de Sapé, o mesmo fornecido pela prefeitura municipal. Foi analisado que a proposta do projeto para centro de acolhimento para mulheres

vítimas de violência doméstica pode ser caracterizada como um projeto de interesse social, já que a proposta é que ele seja uma edificação pública sustentada pelo governo municipal e estadual.

Segundo o plano diretor da cidade, a proposta de centro de acolhimento se caracteriza como uma zona de uso misto (ZUM 1): é composta por áreas mistas de média densidade com usos habitacionais, comerciais e serviços comunitários. Nesta zona, não são permitidos usos de alto impacto sonoro, como indústrias poluentes e oficinas.

Figura 5: Tabela de zoneamento e condicionantes.

ZONA/SETOR	Coefficiente Básico	Coefficiente Máximo	Altura Básica (pavimentos)	Altura Máxima (pavimentos)	Taxa de Ocupação	Afastamento lateral (2) (metros)	Recuo Frontal (metros)
ZR1	1,0	1,0	2	2	50%	1,5	4,0
ZR2	1,0	1,0	2	3	50%	1,5	
ZUM 1	1,0	2,5	2	8	70%	Facultado térreo, 2,5m a partir do 3º pavimento	2,0
ZUM 2	1,0	1,5	2	4	50%		4,0
ZEIS 1	1,0	1,8	3	3	60%	Facultado	3,0

Fonte: Prefeitura Municipal de Sapé.

De acordo com o plano diretor da cidade, o terreno escolhido para desenvolver a proposta do projeto está localizado em uma zona de uso misto (ZUM 1), que tem uma taxa de ocupação de 70% e um coeficiente básico de 1,0, com o coeficiente máximo de 2,5. A altura básica do pavimento é de 2m e a altura máxima é de 8m. Os afastamentos laterais são de no mínimo 2m e a partir do 3º pavimento 2,5m e o recuo frontal é de 2m.

4.2. ELEMENTOS PRÉ-PROJETUAIS

4.2.1. Conceito e Partido

Para o desenvolvimento do projeto arquitetônico, foi buscada uma abordagem que visa resgatar a sensação de acolhimento, segurança e empoderamento para as vítimas, especialmente considerando a vulnerabilidade das mulheres que enfrentaram situações de violência doméstica, ou que estejam passando por momentos de extremo estresse e tensão. Conscientes de que os lares dessas vítimas se tornaram ambientes ofensivos devido à violência e ao medo, reconhecemos a necessidade de proporcionar espaços que ofereçam conforto e bem-estar.

Assim, adotamos o conceito de humanização na arquitetura, reconhecendo sua importância na promoção do bem-estar e do acolhimento para as usuárias do centro. Nosso objetivo é criar espaços que transmitam a sensação de serem acolhedores e empáticos, promovendo a proteção e a conexão entre as pessoas e os ambientes. Desejamos proporcionar às vítimas conforto e apoio durante sua recuperação, por meio de espaços que favoreçam a interação social e o conforto.

A partir desse conceito, buscamos criar uma arquitetura humanizada que ofereça ambientes seguros e capacitados para as mulheres, representando valores como autoconfiança, equilíbrio e liberdade. Reconhecemos o impacto que os ambientes projetados podem influenciar no bem-estar e na sensação de conforto das usuárias, bem como na conectividade dos espaços.

Com base no conceito apresentado, para a elaboração do projeto arquitetônico, é necessário tomar decisões fundamentais sobre o projeto e aplicá-las para alcançar os objetivos desejados.

Tendo em vista considerar a humanização da arquitetura, é viável definir medidas que promovam o conforto e a sensação de acolhimento.

De início, iremos fazer uma abordagem de como desenvolver uma arquitetura humanizada, foi considerada a integração direta entre os espaços internos e externos. Isso envolve a inclusão de áreas verdes que ofereçam benefícios positivos para o bem-estar humano, em harmonia com a natureza. Para atingir esse objetivo, serão previstas a inserção de amplas aberturas, como portas e janelas de vidro, que proporcionarão vistas diretas para os jardins.

As utilizações de paletas de cores claras, vegetação, usos de madeiras naturais e espelhos d'água será uma estratégia para tornar os ambientes mais leves e humanizados, levando em conta as funções específicas de cada espaço. Para garantir o conforto térmico, serão incorporados elementos como iluminação e ventilação naturais, reforçando a conexão entre o interior e o exterior dos ambientes.

O partido adotado deve priorizar a maneira como a arquitetura pode contribuir para ajudar e aliviar o sofrimento dessas mulheres, criando ambientes que proporcionem conforto e segurança, e que empoderem as usuárias do centro, amenizando suas angústias.

4.2.2. Diretrizes Projetuais

O objetivo primordial do projeto do centro de acolhimento é proporcionar um ambiente seguro e acolhedor para mulheres que são vítimas de violência doméstica, juntamente com seus filhos. As residentes terão todo suporte jurídico e psicológico necessário. Nesse momento de extrema vulnerabilidade, é importante oferecer todo o suporte necessário para que elas se sintam protegidas e amparadas. A arquitetura do edifício será cuidadosamente planejada para transmitir delicadeza, feminilidade e uma sensação de proteção e bem-estar.

A parte fundamental do projeto será o pátio interno, onde um jardim será cuidadosamente cultivado, com a intenção de proporcionar um espaço aconchegante para que as mulheres possam interagir e se reconstruir. A presença de uma vegetação bem planejada e uma área com piscina, playground, e espelhos d'água será implantada com objetivo de melhorar os espaços internos do centro de acolhimento.

Além disso, a inclusão de uma horta coletiva servirá como atividade terapêutica e para ocupar parte de seu tempo livre. É imprescindível que seja um espaço que transmita calma, privacidade, calor humano e proteção, permitindo que essas mulheres se recuperem e sigam em frente com suas vidas.

4.2.3. Programa de Necessidade e Pré-dimensionamento

O programa de necessidades do centro foi desenvolvido a partir de estudos detalhados sobre o funcionamento da edificação. Buscou-se trazer para os ambientes uma arquitetura humanizada, capaz de atender a todas as demandas do projeto, sempre com o objetivo de proporcionar espaços que promovam o bem-estar de todas as usuárias.

ATENDIMENTO	
AMBIENTES	M²
Sala de espera e recepção	106
DEAM	27,50
Assistente social	11,50
Ambulatório	27,50
S/ de apoio psicológico infantil	16,80
S/ de apoio psicológico adulto	20,00
S/ de apoio em grupo	50,00
Brinquedoteca	25,20
Baterias de banheiros	51,00
ADMINISTRAÇÃO	
Sala Da Diretoria	25,20
Sala De Arquivos	12,60
S/ De Monitoramento	18,73
Sala De Reunião	30,00
DML	08,40
SALA DE CURSOS	
Sala Multiuso	61,55
Sala De Curso 01	98,80
Sala De Curso 02	81,68
ALOJAMENTO	
Quartos Comum	20,00
Quartos P/ Pcd	20,00
Wc P/ Pcd	06,00

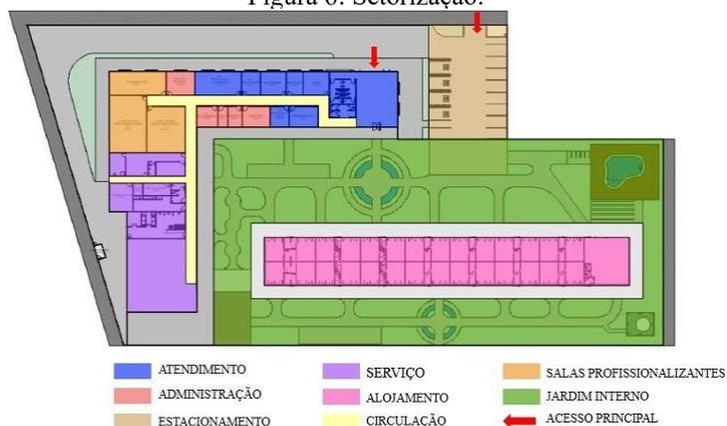
Wc Comum	3,12
ACADEMIA	89,81
SERVIÇO	
Refeitório	238,99
Cozinha	70,64
Lavanderia	51,44
Almoxarifado	30,40
DML	05,30
Sala de repouso	39,39
Quantos dos funcionários	18,75

4.2.4. Setorização e Fluxograma

Pensando na funcionalidade dos ambientes e no bem-estar das usuárias, a setorização do edifício foi concebida com uma arquitetura modular, onde foi dividido em blocos. O bloco maior será considerado principal, onde toda a parte de acolhimento e serviços do centro será alocada. No setor de alojamento, será um bloco único com quartos e banheiros individuais e iram contar com uma academia. A intenção é proporcionar às usuárias a coletividade e convívio social sem perder a privacidade.

A divisão da setorização será representada através das cores: a cor azul será locada para a parte de acolhimento, a cor vermelha representará a parte administrativa do centro, a cor laranja será o setor onde ficarão a sala de multiuso e salas de cursos e oficinas, a cor roxa representará a parte de serviços, e a cor marrom claro será a área reservada para estacionamento. Na cor rosa, estará representado o setor onde estarão localizados todas os dormitórios que receberão as vítimas. Por fim, na cor verde, estará representado o jardim principal, que será responsável por integrar os blocos e os espaços internos do centro de acolhimento.

Figura 6: Setorização.



Fonte: produzida pelo autor (2024).

4.3. SOBRE O PROJETO

O centro de acolhimento foi projetado com foco na saúde e segurança das mulheres que sofrem violência doméstica. No centro, elas encontrarão diversos serviços que as auxiliarão na recuperação psicológica e física, elas vão receberão apoio psicológico e jurídico. as mães com filhos poderão acomodá-los juntamente com elas, as mulheres poderão permanecer no centro até encontrarem um ambiente seguro para retomarem suas vidas normalmente. Para ajudá-las a conquistar independência financeira, serão oferecidos cursos profissionalizantes.

As mulheres que procuram esse tipo de centro acolhimento estão passando por uma fase de grande turbulência em suas vidas. Considerando que essas vítimas estão enfrentando momentos de intensa tristeza, como o conceito do projeto é proporcionar ambientes acolhedores, foi adotada uma arquitetura onde, no bloco principal de acolhimento, foi utilizado pé direito duplo com altura de 6 metros. Essa escolha visa proporcionar ambientes e corredores amplos, que remetem à sensação de liberdade dentro dos espaços internos.

Quanto à composição dos materiais utilizados no edifício, toda a edificação será construída com blocos estruturais, visando maior agilidade na execução da obra e a dispensa de pilares, permitindo um layout mais livre nos espaços internos. Na cobertura, será colocada uma laje de EPS com concreto com espessura de 10 cm, e para a proteção dessa laje será construído um telhado utilizando telha de fibrocimento. Pensando na drenagem das águas pluviais, serão feitas calhas em alvenaria impermeabilizada. Nos pisos, será utilizado porcelanato de 1x1m no bloco de acolhimento e serviços, e nos quartos de alojamento será utilizado piso vinílico com tonalidade amadeirada para harmonizar com as janelas e portas.

4.3.1. Fachada

Na fachada principal, representada na figura a seguir, observa-se a utilização de diversos tipos de volumetrias. Foi adotada uma paleta de cores claras, com duas tonalidades de bege: as paredes maiores foram pintadas com o bege mais claro, enquanto os detalhes das paredes e a platibanda receberam o bege mais escuro. A porta de acesso principal é ampla, composta por esquadrias de alumínio e vidro transparente. Acima da porta, há um arco, também feito em alumínio e vidro, cujo objetivo é transmitir amplitude à fachada.

As janelas possuem amplas esquadrias de alumínio e vidros translúcidos, visando proporcionar iluminação e ventilação natural aos ambientes internos. Contornando as janelas e a porta principal, foram utilizadas molduras em forma de arcos ogivais, feitas de alvenaria com 15cm de espessura e 40cm de profundidade. Nas molduras inferiores das janelas, foram instaladas jardineiras. A escolha dos arcos na fachada do edifício visa transmitir um aspecto visual mais feminino.

A vegetação é uma presença marcante na fachada principal, foram utilizadas jardineiras em todas as janelas da parte inferior, além da colocação de amplas palmeiras guariroba para harmonizar a fachada principal. A intenção de incorporar bastante vegetação na fachada é proporcionar uma conexão das visitantes com a natureza desde o primeiro contato com o centro de acolhimento.

Figura 7: Fachada Principal.



Fonte: acervo pessoal do autor, 2024.

4.3.2. Recepção

A recepção é o primeiro ambiente com o qual as vítimas têm contato no centro. Nesse espaço, é oferecido todo o acolhimento necessário às mulheres, direcionando-as para todos os atendimentos disponíveis. Assim, foi projetado um ambiente acolhedor e cheio de vida, com pé-direito duplo, amplas portas e janelas que proporcionam iluminação e ventilação natural. Foi escolhida uma paleta de cores em tonalidades claras para proporcionar uma sensação de bem-estar. Na parede principal da recepção, foi instalado um amplo painel ripado, criando um ambiente acolhedor para as vítimas.

Figura 8: Recepção.



Fonte: acervo pessoal do autor, 2024.

4.3.3. Jardim

A conexão entre o interior e o exterior, aliada à integração da natureza com o ser humano, é uma das maneiras mais eficazes de promover conforto e bem-estar. Ambientes que possuem iluminação e ventilação naturais também contribuem significativamente. Todos esses elementos influenciam diretamente as diversas formas de vivenciar os espaços, assim como as cores que dão vida aos ambientes, podendo colaborar no tratamento dos pacientes. Com isso, o pátio central tornou-se o coração do projeto do centro. Este espaço foi projetado para que as

vítimas tenham momentos de reflexão e conexão com a natureza. O jardim possui um projeto paisagístico, com uma circulação personalizada que liga os diferentes ambientes. Foram adicionados bancos, pergolados com bancos, mesinhas e espelhos d'água, além de uma piscina e um playground. Uma horta orgânica também foi colocada na parte do jardim, com o objetivo de aproximar as mulheres com a natureza, estimulando que elas participem das tarefas permitindo-as a novas habilidades.

O playground instalado no jardim proporciona às crianças um espaço adequado para brincar e gastar suas energias. Esse tipo de equipamento vai além da simples diversão, possuindo grande importância, pois permite que mulheres com filhos, que desejam participar de cursos e oficinas ou realizar outras atividades, possam deixar seus filhos em um local apropriado e seguro.

Figura 9: Jardim.



Fonte: acervo pessoal do autor, 2024.

4.3.4. Playground

O bloco onde estão localizados os dormitórios é separado do bloco onde acontecem os serviços e o acolhimento do centro. Os dormitórios são divididos em três tipologias diferentes: quartos duplos adaptados para pessoas com deficiência (PCD), quartos duplos comuns não adaptados e quartos triplos para mães com filhos. Todos os quartos possuem suítes, e os banheiros dos quartos adaptados também são acessíveis para PCD.

Para os materiais, foi escolhida a utilização de portas e janelas de madeira com vidros incolores, visando trazer iluminação e ventilação naturais para dentro dos dormitórios. Foi utilizada uma paleta de cores claras para proporcionar um ambiente de calma para as usuárias.

4.3.5. Dormitórios

O bloco dos dormitórios foi alocado na parte sul do terreno, com uma arquitetura humanizada, garantindo acessibilidade para todas. As fachadas dos dormitórios estão voltadas para o norte e sul, proporcionando uma ligação direta com o coração do projeto, o jardim interno. Assim, independentemente da orientação dos dormitórios, as mulheres sempre terão a visão do jardim. As diretrizes para a escolha da orientação das fachadas foram baseadas em análises de insolação e ventilação, onde a fachada norte recebe 60% da ventilação predominante que vem do lado leste, e a fachada sul recebe 40% durante todo o ano. Dessa forma, busca-se proporcionar dormitórios seguros, aconchegantes e confortáveis para as mulheres. No final do bloco, foi

instalada uma academia com o intuito de contribuir para a evolução física e psicológica das mulheres por meio de exercícios físicos.

Figura 10: Dormitórios.



Fonte: acervo pessoal do autor, 2024.

4.3.6. Refeitório

O refeitório é um espaço amplo, com uma grande porta de acesso e amplas janelas ogivais feitas com esquadrias de alumínio e vidro incolor. O mobiliário consiste em mesas e cadeiras de madeira, escolhidos com o objetivo de promover o bem-estar das usuárias. É no refeitório que as mulheres e seus filhos realizam todas as refeições e lanches diários.

Figura 12: Refeitório.



Fonte: acervo pessoal do autor, 2024.

4.4. OBJETIVO DA PROPOSTA

A proposta arquitetônica apresentada mostra os diferentes tipos de elementos construtivos aplicado no projeto foi seguida uma arquitetura humanizada onde os ambientes foram pensados e projetados de forma empática e cuidadosa foi baseado na capacidade de ofertar as usuárias dos ambientes que transmita a sensação de bem estar, acolhimento e segurança a realização

desse projeto buscou-se a necessidade de pensar em espaços capazes de proporcionar as vítimas não são apenas as diferentes sensações positivas mas uma forma de se criar ambientes que possam proporcionar novas oportunidades para essas mulheres tendo em vista todos os benefícios como a independência financeira e psicológica.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante anos a violência contra mulher tem se apresentado como problema social, e no Brasil, assim como tantos outros países, os índices de agressão são altos. Independente dos movimentos feministas, incansáveis lutas e os direitos conquistados, ainda é possível considerar uma grande desigualdade de gênero, demonstrando que o machismo, na sociedade atual, ainda continua enraizado.

A escassez de ambientes e serviços de atendimento especializado é um dificultador para às mulheres, vítimas de violência, afinal, elas não recebem assistência para romper o ciclo de violência. Diante dessas razões, existe a necessidade de ambientes capazes de possibilitar a essas mulheres uma nova perspectiva, como configuração de enfrentamento das violências sofridas, além de uma ótica para dias melhores.

Desta maneira, considerou-se a relevância de propor um ambiente direcionado às mulheres vítimas de violência, bem como aos seus dependentes, levando em consideração sua relevância social. Através da perspectiva da arquitetura humanizada, conceito este utilizado para representar espaços que possibilitem o bem-estar dos envolvidos, acompanhando-os de empatia e tendo como finalidade intervir no processo de reestruturação, além de estimular os sentimentos positivos dessas mulheres que tanto sofrem.

O projeto conta com alternativas construtivas, que possibilitam as vítimas, espaços humanizados capazes de ofertar atendimentos que visem suprir as necessidades básicas, além de atender a respectiva demanda de forma especializada e eficaz. Os ambientes foram pensados e criados seguindo os parâmetros da arquitetura humanizada, com espaços e serviços que têm como finalidade colaborar na construção pessoal, diante do processo de reestruturação e empoderamento das vítimas, visando proporcionar uma renovação pessoal. É correto afirmar que, ao finalizar o trabalho de conclusão de curso, os objetivos apresentados foram obtidos, com a apresentação, do centro de apoio a mulheres vítimas de violência.

Através das propícias informações recolhidas do referencial bibliográfico, levantamento de dados, termos de responsabilidade e norma de uniformização, foi possível propor um projeto completo de atendimento especializado à mulher vítima de violência, voltada para a problemática das ocorrências na cidade de Sapé-PB.

REFERÊNCIAS

ALVES, B;OPPEL,T. **Violência doméstica**. – Editora: Dita Livros, 2021.

ARCHDAILY, Amos; GOLDREICH, Jacobs. In: Archdaily: abrigo para vítimas de violência doméstica. [S.I.], 2018. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/895789/abrigo-para-vitimas-de-violencia-domestica-amos-goldreich-architecture-plus-jacobs-yaniv-architects?ad_medium=office_landing&ad_name=article. Acesso em: 03 nov. 2023.

ARCHDAILY, Amos. **Casa Albergue KWIECO**. [S.l.], 2015. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/775596/casa-albergue-kwieco-hollmen-reuter-sandman-architects?ad_source=search&ad_medium=projects_tab. Acesso em: 4 nov. 2023.

BASTOS, T.B. **Violência doméstica e familiar contra a mulher**. – Porto Alegre: Verbo Jurídico, 2013.

BERNARDINO, Cledja M. das Neves. **Psicologia Ambiental, uma ponte entre Homens e Arquitetura**. 2017. Revista On-Line IPOGESPECIALIZE. Maceió-AL, 2017.

BRASIL. **Autorizada a construção de três novas casas da Mulher Brasileira**. Brasília: Secretaria de Estado da Mulher. 2023^a. Disponível em: <https://www.mulher.df.gov.br/autorizada-a-construcao-detres-novas-casas-da-mulher-brasileira/>. Acesso em: 28 Mar. 2024.

BRASIL, **Conselho Nacional de Justiça (CNJ)**. Relatório aponta aumento no número de processos de violência doméstica ou feminicídio em 2022.

BRASIL. **Decreto nº 8.086, de 30 de Agosto de 2013. Institui o Programa Mulher Segura e Protegida (Redação dada pelo Decreto nº 10.112, de 2019)**. Casa Civil: Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Decreto/D8086.htm. Acesso em: 7 out. 2023.

BRASIL. **Diretrizes Nacionais para o abrigo de mulheres em situação de risco e violência**. – Brasília: Secretaria Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres Secretaria de Políticas, 2011. Disponível em: <http://www.spm.gov.br/sobre/publicacoes/publicacoes/2011/abrigo>. Acesso em: 15 nov. 2023.

BRASIL. **Justiça Do Trabalho: TRT4º Região**. – São Paulo. Disponível em: <https://www.trt4.jus.br/portais/trt4/modulos/noticias/546409>. Acesso em: 9 out. 2023.

BRASIL. **Lei nº 11.340, de 7 de Agosto de 2006**. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências.

Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm. Acesso em: 29 set. 2023.

BRASIL. **Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos**. Casa da Mulher Brasileira é inaugurada em Brasília. 2015. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/noticias-spm/noticias/casa-da-mulher-brasileira-e-inaugurada-em-brasilia>. Acesso em: 7 out. 2023.

BRASIL. **Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania**. In: **Gov.br**: Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. -- BRASÍLIA: 2015.

Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/noticias-spm/noticias/casa-da-mulher-brasileira-e-inaugurada-em-brasilia>. Acesso em: 03 nov. 2023.

BRASIL. **Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania**. In: Organização mundial saúde: OMS. [S.l.], 31 ago. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br>

br/assuntos/noticias/2022/eleicoes-2022-periodo-eleitoral/brasil-tem-mais-de-31-mil-denuncias-violencia-contra-as-mulheres-no-contexto-de-violencia-domestica-ou-familiar. Acesso em: 7 out. 2023.

BRASIL. **Previdência da República Casa Civil.** Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del3365.htm#:~:text=Disp%C3%B5e%20sobre%20desapropria%C3%A7%C3%B5e%20por%20utilidade%20p%C3%ABlica.&text=DISPOSI%C3%87%C3%95ES%20P RELIMINARES-,Art.,em%20todo%20o%20territ%C3%B3rio%20nacional. Acesso em: 02 mar. 2024.

BRASIL, **Supremo Tribunal Federal.** Mês da Mulher: STF derruba uso de tese de legítima defesa da honra para crimes de feminicídio. Brasília, DF: Supremo Tribunal Federal, [2023]. Disponível em:

<https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=503655&ori=1> Acesso em: 18 Abr. 2024.

BRASIL, **Tribunal de Justiça da Paraíba.** Judiciário assegurou 8.735 medidas protetivas a mulheres este ano na Paraíba. Disponível em: <https://www.tjpb.jus.br/noticia/judiciario-assegurou-8735-medidas-protetivas-a-mulheres-este-ano-na-paraiba>. Acesso em: 18 Abr. 2024.

DIAS, M. B. **A Lei Maria da Penha na Justiça.** – São Paulo: *Juspodivm*, 2019.

ELALI, GLEICE AZAMBUJA. **Psicologia e Arquitetura: em busca do locus interdisciplinar.** – Universidade Federal do Rio Grande do Norte – RN. Ano: 1997.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica.** – Fortaleza: UEC, 2002.

FONSECA, P.S. **Histórico da Lei nº 11.340/2006.** Boletim Jurídico, Uberaba/MG, a.5, n. 752, 2010. Disponível em: <http://www.boletimjuridico.com.br/doutrina/texto.asp?id=2208>. Acesso em: 09 nov. 2022.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística:IBGE.** [S.l.], 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/sape/panorama>. Acesso em: 26 set. 2023.

LEITE, R. M; NORONHA, R. M. L. **Lei Maria da Penha. A violência contra a mulher: herança histórica e reflexo das influências culturais e religiosas.** Revista Direito & Dialogicidade. Crato – CE.v.6,n.1, jan./jun., 2015.

LIMA,P.M.F. **Violência contra a mulher: o homicídio privilegiado e a violência doméstica.** – 2.ed. – São Paulo: Atlas, 2013.

LOPES, Eliane da Silva; SILVA, Sabrina Mara Oliveira da. **Feminicídio e a inefetividade do combate à violência doméstica e familiar contra a mulher.** 2023.

MIGUEL. Jorge Marão Carnielo. **Casa e lar: a essência da arquitetura.** Revista Arquitectos (Vitruvius), 2015.

MOSER,Gabriel. **Psicologia ambiental.** Revista Estudos de Psicologia, Natal – RN. v.3, p.121-130, 1998.

NASCIMENTO, Silvia Oliveira; CORRÊA MAIA, Gabriela Lima de Oliveira. A violência doméstica no Brasil. **Revista Eletrônica de Ciências Jurídicas**, n.1, 2023.

NOVA, Indira Essenia Bezerra Vila. **A evolução da Lei 11.340/2006 e os reflexos no combate à violência doméstica e familiar contra a mulheres no Brasil.** – Brasília: Conteúdo Jurídico,

2023. Disponível em: <https://conteudojuridico.com.br/consulta/artigo/61017/a-evoluo-da-lei-11-340-2006-e-os-seus-reflexos-no-combate-violencia-domestica-e-familiar-contra-a-mulher-no-brasil>. Acesso em: 02 dez. 2023.

SILVEIRA, Lenira Politano da. **Serviços de atendimento a mulheres vítimas de violência**. 2010 Disponível em: . Acesso em: 5 set. 2020.

VENTURA, Magda Maria. **O Estudo de Caso como Modalidade de Pesquisa**. Revista SOCERJ, set., 2007. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-485754>. Acesso em: 30 jun. 2015.

CAPÍTULO 5: QUALIDADE DE VIDA DA POPULAÇÃO PARISIENSE CONTEMPORÂNEA A PARTIR DA ANÁLISE DO JARDIM DE TULHERIAS

Gabriella Figueirêdo Passerat de Silans ¹
Nirvana Lígia Rafael Albino de Sá ²

RESUMO

O trabalho investiga a evolução do paisagismo francês e sua influência na qualidade de vida da população parisiense, com foco no Jardim de Tulherias. Analisa-se como as características desse modelo impactam o cotidiano e o bem-estar urbano. Inicialmente, apresenta-se um panorama histórico da urbanização de Paris, destacando momentos-chave, incluindo as reformas lideradas por Haussmann no século XIX. Sua atuação transformou a paisagem parisiense, incorporando parques e espaços verdes fundamentais para a qualidade de vida. A pesquisa, com enfoque contemporâneo, aprofunda a relação entre urbanismo e natureza, explorando as interações entre os habitantes e o meio ambiente, embasando-se em literatura e dados estatísticos. Examina-se também o papel das políticas públicas e a posição da cultura francesa diante da sustentabilidade no contexto global. Por fim, aborda-se a trajetória do Jardim de Tulherias, suas transformações e os hábitos que ele possibilita, evidenciando sua importância na vida cotidiana dos parisienses.

Palavras-chaves: Qualidade de vida; Paisagismo; Infraestrutura urbana.

ABSTRACT

The study investigates the evolution of French landscaping and its influence on the quality of life of the Parisian population, focusing on the Tuileries Garden. It examines how the characteristics of this model impact daily life and urban well-being. Initially, a historical overview of Parisian urbanization is presented, highlighting key moments, including the reforms led by Haussmann in the 19th century. His work transformed the Parisian landscape, incorporating parks and green spaces essential to quality of life. With a contemporary focus, the research delves into the relationship between urbanism and nature, exploring human-environment interactions based on literature and statistical data. It also examines the role of public policies and the position of French culture regarding sustainability in the globalized world. Finally, the study addresses the history of the Tuileries Garden, its transformations, and the habits it enables, highlighting its significance in the daily life of Parisians.

Keywords: Quality of life; Landscape architecture; Urban Infrastructure.

¹ Graduanda do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Uniesp.
E-mail: 20201069014@iesp.edu.br

² Orientadora do trabalho e Professora do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Uniesp.
E-mail: nirvana@iesp.edu.br

1. INTRODUÇÃO

A Monarquia Absolutista que se perpetuou na França até o século XVIII se encerra após a chamada Revolução Francesa. Enfrentando uma grave crise econômica fruto das desigualdades sociais do regime monárquico, a população, motivada pela insatisfação popular com a distribuição de poder concentrado no clero e nobreza, tomou as ruas da capital francesa em julho de 1789, resultando na Queda da Bastilha. Após o antigo regime, a França viveu o momento do governo de Napoleão, que assumiu o poder por meio de um golpe militar apoiado pela burguesia e pelo exército, o golpe de 18 de brumário. Na então Era Napoleônica, o país sofreu com guerras, crises e doenças, e as desigualdades sociais ainda perduravam devido a concentração de poder na burguesia. No contexto de Paris, esse cenário pós revolução francesa desencadeou a necessidade de reformas urbanas na cidade. Desta forma, podemos destacar que foi entre os anos de 1853 e 1870 que

a capital francesa foi transformada de cima a baixo por uma ambiciosa reforma, comandada pelo prefeito Georges-Eugène Haussmann (1809-1891) e respaldada pelo imperador Napoleão III (1808- 1873). Visando dar retaguarda à expansão industrial e financeira da cidade, a intervenção pôs em marcha um programa de melhorias urbanas, numa escala sem precedentes na história de Paris. Em linhas gerais, ela consistiu na atualização da infraestrutura de água, esgoto e energia elétrica, na regularização e ampliação da malha viária, na valorização do centro monumental e teve, como um de seus pontos altos, a implementação de um conjunto metropolitano de parques, praças e ruas arborizadas (DOURADO, 2008 apud CARS & PINON, 1991, p. 14).

No que tange ao urbanismo e paisagismo, a reforma proposta pelo então prefeito Georges-Eugène Haussmann (1809-1891) é reconhecida e estudada até os dias atuais como caso de sucesso. No entanto, os reflexos que essa mudança teve na Paris oitocentista não são apenas positivos, tendo ocasionado uma segregação populacional.

Para Haussmann, a motivação para realizar tais melhorias era oriunda da vontade de Napoleão III de transformar os jardins em espaços acessíveis, agregadores e democráticos, de forma que eles desempenhassem uma importante função social. No entanto, a intenção ia além.

De acordo com o escrito por Dourado (2008, p. 14) em sua tese *Belle Époque dos Jardins*,

por trás dessa atitude de Napoleão III, havia uma mentalidade que considerava a difusão de jardins públicos capaz de civilizar a massa de trabalhadores e inibir as convulsões sociais (...) Educar o comportamento da massa urbana era uma motivação central - mas não a única - que inspirava e direcionava a experiência parisiense. A implementação de ambientes verdes visava atender aos anseios de uma classe alta, que vinha assimilando o gosto pelas amenidades da vida ao ar livre. Enriquecida e orgulhosa de si, a burguesia industrial e financeira estava ávida por dispor de mais cenários para reproduzir comportamentos que foram característicos da aristocracia, como os passeios a cavalo em meio às árvores, as conversas e os encontros nos parques, o jogo de se fazer ver e ser visto, a exibição de trajes elegantes, o desfile em carruagens.

Tal motivação, expressa na citação acima, evidencia a priorização dos interesses burgueses. Perpassando toda a história por seus diferentes marcos e aspectos, os jardins cumprem as funções sociais que são propostos a cumprir, inclusive na realidade contemporânea. A população se relaciona com o paisagismo da metrópole cotidianamente, seja no intervalo de trabalho, após a escola ou no fim de tarde com a família, sendo possível observar que a dinâmica do parisiense com os jardins influencia diretamente na qualidade de vida urbana.

Outro autor que trata do tema é o filósofo Karl Gottlob Schelle, em seu livro *A Arte de Passear*. Tal obra trata da “necessidade de passear regularmente pela natureza e nos passeios públicos” e sobre os benefícios assimilados por tal, reflete

Passeando pelos caminhos lindamente plantados de uma cidade bem adaptada aos propósitos dos passeios sociais, a natureza não atua no coração apenas como natureza. Não nos preocupamos particularmente ou unicamente com ela como em plena campanha. Ela serve primordialmente de decoração para flaneurs e, através do doce charme da sua vegetação revigorante, cujo apelo varia infinitamente de acordo com as formas sempre mutáveis dos diferentes tipos de plantas e folhagens, ela atrai corações a procurar a companhia de outros'. É o fundo verde que realça a imagem deste pequeno mundo a passeio. (SCHELLE, 1996, p. 61).

Assim, a análise do efeito do paisagismo urbano parisiense frente a população evidencia uma correlação direta com a qualidade de vida, compreendendo que a natureza tem um impacto muito positivo para a vida nas cidades.

O urbanismo francês, especialmente na capital Paris, é internacionalmente estudado e, seus fundamentos, reproduzidos como modelo por todo o mundo. A cidade é dotada de inúmeros bosques, parques, praças, e, nesse contexto, o jardim de Tulherias se destaca como um exemplo concreto da importância histórica dos jardins no urbanismo parisiense. De acordo com o catálogo de jardins divulgado na página eletrônica do Museu do Louvre, o citado jardim foi criado em 1564 e passou por diversas alterações ao longo dos séculos, as quais foram impactadas por governantes, movimentos políticos e eventos sociais e culturais.

Atualmente com 23 hectares no centro de Paris, o jardim de Tulherias faz parte do Patrimônio Mundial da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) desde 1991, e é diariamente frequentado por milhares de pessoas, dentre a população da cidade e turistas que se encantam e usufruem de seu paisagismo, seja para contemplação ou permanência. Ainda de acordo com a página eletrônica do Museu do Louvre, são cerca de 14 milhões de visitantes anuais. Acreditamos na importância deste estudo, visto que o tema da qualidade de vida urbana se torna cada dia mais necessário, em um mundo capitalista globalizado em que ter tempo coletivo, de socialização, e especialmente de contato com a natureza se torna cada vez mais raro.

Segundo Mariana Napolitano, gerente de Conservação do WWF-Brasil, “estudos mostram que estar perto da natureza tem relação com a melhora de vários índices de saúde e de bem-estar, como a diminuição da pressão arterial, a redução dos hormônios associados ao estresse, a melhora dos batimentos cardíacos, do humor, da função cognitiva.” Partindo deste entendimento, percebe-se que o estudo de um modelo urbano bem desenvolvido como o de Paris se torna então de extrema importância para a sociedade atual.

Além destes estudos, podemos citar ainda o relatório *World's Best Cities 2024*, o qual aponta que Paris é a segunda melhor cidade para se viver em todo o mundo. Este documento é publicado anualmente pela empresa *Resonance Consultancy*, a qual concentra suas atividades em consultoria nas áreas de desenvolvimento econômico, turismo e empreendimento imobiliário.

De acordo com esta empresa, para produzir o relatório são estudadas e analisadas centenas de cidades, em que especialistas avaliam a habitabilidade, amabilidade e prosperidade. Chris Fair, presidente e CEO da Resonance, em matéria de 2022 para a *Cision*, afirma que “a classificação das Melhores Cidades do Mundo avalia o desempenho global de mais de 250 cidades em todo o mundo com base numa ampla variedade de medidas, a fim de identificar os 100 melhores lugares para viver, visitar e investir”, sendo assim, percebe-se que este é um índice importante por trazer uma capacidade avaliativa completa.

Assim, evidencia-se a importância de entender de que forma a população se relaciona com o paisagismo urbano na capital francesa para tomá-la como exemplo em outras cidades e países.

Com isto, este trabalho tem como objetivo geral reconhecer as características do modelo de paisagismo urbano parisiense que se aplicam ao jardim de Tulherias de forma a favorecer uma dinâmica de uso benéfica à qualidade de vida da população. E, como objetivos Específicos, compreender o contexto histórico e as reformas urbanas de Paris; analisar de que forma os jardins influenciam na qualidade de vida da população das cidades e documentar as particularidades e o uso do Jardim de Tulherias, bem como a sua história e importância para o paisagismo.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO PAISAGISMO FRANCÊS

O paisagismo francês, ao longo dos séculos, desempenhou um papel fundamental na construção e transformação da identidade urbana de Paris. Desta forma, pretendemos aqui contextualizar a interconexão entre a história do paisagismo francês, mais especificamente adentrando o Jardim de Tulherias e sua profunda influência na qualidade de vida da população parisiense. A compreensão desta relação intrincada requer uma exploração totalizante, abrangendo desde as raízes históricas até as dinâmicas contemporâneas.

A compreensão das influências históricas e contemporâneas desses espaços verdes proporciona uma visão ampla, permitindo a avaliação de como o convívio com o ambiente paisagístico moldou e continua a moldar a experiência urbana e o bem-estar da comunidade em questão.

A tradição do paisagismo francês remonta ao Renascimento¹³ (período compreendido entre o século XIV e o século XVI), tornando-se extremamente notável no século XIX, marcado por uma síntese única entre arte, arquitetura e natureza. A Revolução Francesa e os períodos subsequentes viram uma transição para formas mais informais e democráticas, como ilustrado nos jardins do século XIX, projetados por Haussmann como parte da remodelação urbana de Paris.

De acordo com o livro *Jardins Históricos: a cultura, as práticas e os instrumentos de salvaguarda de espaços paisagísticos*, “o habitante paisagista, de uma forma ou de outra, evoca a memória de paisagens pregressas, e acionam, no seu dia a dia paisagístico, os legados que, em tese, deveriam se perpetuar na memória coletiva de uma população” (PESSOA et al, 2015, p. 306).

A presença de espaços verdes urbanos está intrinsecamente ligada à qualidade de vida. Historicamente, os jardins parisienses foram concebidos não apenas como elementos estéticos, mas como locais de interação social, contemplação e atividade física. O estudo do urbanismo social sugere que a acessibilidade a esses espaços desempenha um papel crucial na promoção da coesão social e na redução do estresse urbano. Ademais, estudos contemporâneos destacam a importância dos espaços verdes na promoção da saúde mental. A exemplo, uma pesquisa científica conduzida pela Nature relatou que ter no mínimo 120 minutos de contato com a natureza semanalmente, causa associações positivas nas pessoas, aumentando os relatos de bem-estar e boa saúde.

Embora a quantidade e a qualidade das evidências variem de acordo com os resultados, viver em áreas urbanas mais verdes está associado a menores probabilidades de doenças cardiovasculares, obesidade, diabetes, hospitalização por

asma, sofrimento mental e, em última análise, mortalidade, entre adultos; e menores riscos de obesidade e miopia em crianças. Maiores quantidades de natureza de vizinhança também estão associadas a melhores resultados de saúde auto-relatados, e bem-estar subjetivo em adultos, e melhores resultados de nascimento e desenvolvimento cognitivo, em crianças. (WHITE et al, 2019, s/p).

É sabido que a presença de vegetação, árvores e áreas para lazer influenciam positivamente o humor e reduz os níveis de ansiedade. As áreas verdes proporcionam um refúgio vital em meio ao ritmo acelerado da vida urbana, um conceito que remonta aos jardins públicos do século XIX.

A história do paisagismo francês reflete as mudanças nas atitudes políticas em relação à participação pública na configuração do ambiente urbano. Desde as exposições públicas dos jardins dos séculos XVIII e XIX até os esforços contemporâneos de envolver a comunidade no *design* de espaços verdes, a evolução indica um movimento em direção a abordagens mais inclusivas no planejamento urbano. Ainda no livro citado anteriormente, argumenta-se que

a valorização e, conseqüentemente, a sobrevivência do patrimônio paisagístico de nossas cidades, a nosso ver, depende inexoravelmente de uma tomada de posição ideológica cuja prática se alce além de ações isoladas que privilegiam este ou aquele conjunto paisagístico. Faz-se necessário o surgimento de um movimento amplo para que seja fomentada a educação da população em relação aos seus jardins (PESSOA et al, 2015, p. 307).

A vivência da comunidade codepende do planejamento urbano, uma vez que a população influencia a produção do ambiente urbano e vice-versa, de forma que os espaços verdes moldam também os hábitos da comunidade.

2.2. OS JARDINS E A QUALIDADE DE VIDA DA POPULAÇÃO URBANA

A perspectiva atual do mundo em que vivemos revela a conformação condicional da pós-globalização. As cidades do mundo globalizado hospedam uma população pressionada a todo momento pelo capitalismo, que cobra produtividade acima de todas as coisas, hiper valorizando o trabalho e desvalorizando a qualidade de vida. O conceito de ‘tempo é dinheiro’ respalda rotinas desgastantes, sobrecarga e altos níveis de estresse. A estafa crônica causada por essa pressão constante e pela falta de tempo para cuidados pessoais, afeta de forma muito prejudicial o bem-estar das pessoas, perturbando tanto a saúde física quanto mental.

A cada dia, vemos aumentar o número de estudos que tratam sobre as associações do estresse prolongado a uma série de problemas de saúde, tais como doenças cardiovasculares e hepáticas, transtornos do sono, distúrbios mentais.

Importantes alterações de humor e comportamentais (ex.: ansiedade) são normalmente desencadeadas por uma variedade de estressores, fazendo parte da experiência diária de muitos dos habitantes das grandes cidades (CORTEZ e SILVA, 1996, p. 102).

Além disso, nas grandes metrópoles, a agitação e o excesso de informações contribuem para o declínio da qualidade de vida. O arquiteto e urbanista dinamarquês Jan Gehl, em seu livro *Cidades Para Pessoas*, aborda tal problemática.

Uma característica comum a quase todas as cidades - independentemente da localização global, da viabilidade econômica e do estágio de desenvolvimento - é que as pessoas que ainda utilizam o espaço urbano em grande número têm sido cada vez mais maltratadas. Espaço limitado, obstáculos, ruído, poluição, risco de acidente e condições vergonhosas em geral são típicos para os moradores na maior parte das cidades do mundo (GEHL, 2010, p. 03).

A cultura da pressa e da eficiência no mundo globalizado, além de ser diretamente nociva, muitas vezes leva também as pessoas a negligenciar aspectos importantes de suas vidas, como os relacionamentos interpessoais, o lazer, o descanso e o contato com a natureza. Normalmente caracterizado por ser um espaço que deteriora o conforto da população, o ambiente urbano da forma que se apresenta nas grandes cidades reforça no indivíduo a sensação de alienação e desconexão com o mundo que o cerca.

A falta ou baixa existência de áreas verdes, bem como de espaços de socialização, convívio e lazer, dificulta ainda mais a busca por momentos de relaxamento e contemplação, tornando a vida urbana ainda mais inquietante e desgastante para seus habitantes. É sabido que, assim como o estresse impacta (negativamente) a saúde das pessoas, o contato com a natureza também é um potente fator que influencia (positivamente) o bem-estar humano.

Nesse contexto, os espaços verdes desempenham o papel de proporcionar uma desaceleração do caótico cenário urbano, constituindo refúgios de tranquilidade e calma em meio ao frenesi das grandes cidades. O contato com elementos naturais no cotidiano pode impactar as percepções e sentimentos. Dispor de áreas verdes nas proximidades de casa, caminhar ou mesmo passar por elas no trajeto para o trabalho, proporciona a redução dos níveis de estresse e fadiga mental.

Vivenciar a cidade ao ar livre e em meio à natureza é um hábito essencial à promoção da qualidade de vida e bem-estar da população urbana. Para muito além do aspecto decorativo e estético, os elementos naturais oferecem inúmeros benefícios ao indivíduo, contribuindo com a sua saúde física e mental.

No que tange à saúde física, os benefícios vão desde o favorecimento e incentivo à prática de atividades físicas quanto à prevenção de doenças. Espaços verdes e áreas ao ar livre favorecem o exercício e os esportes, como caminhada, corrida, ciclismo, escalada, dentre tantas outras atividades que contribuem para a saúde dos sistemas imunológico, cardiovascular e muscular, combatendo o sedentarismo e obesidade. Além disso, sabemos que as árvores atuam com filtros de ar, melhorando a oxigenação e reduzindo as partículas poluentes do ar que respiramos. Em uma matéria de 2022, o site *The Nature Conservancy* explica: “As árvores removem do ar o tipo de poluição mais perigoso para nossos pulmões: o material particulado [...] Mais árvores nas cidades, especialmente em bairros de baixa renda próximos a rodovias e fábricas, podem reduzir os índices de asma e doenças cardíacas”, ressaltando a importância de arborizar as áreas urbanas.

Já no âmbito da saúde mental, o meio natural, além de ser estimulante para o cérebro, pode reduzir sintomas de depressão, alzheimer e demência. Um estudo realizado entre habitantes de Leipzig na Alemanha em 2020 sugere que “o contato diário não intencional com a natureza através de árvores nas ruas perto de casa pode reduzir o risco de depressão, especialmente para indivíduos de grupos desfavorecidos”. Por serem favoráveis à prática de exercícios físicos, também cooperam indiretamente para a regulação hormonal e redução do estresse.

2.3. RELAÇÃO ENTRE O POVO FRANCÊS E OS JARDINS

Num primeiro momento, podemos afirmar que ao longo de sua história, a França alimentou uma cultura de valorização ao espaço externo, desde os passeios dos nobres pelos jardins até o hábito de realizar piqueniques e esportes ao ar livre.

A política do país vem se desenvolvendo de forma a enfatizar a importância do meio ambiente, aumentando os incentivos à sustentabilidade e proteção às áreas verdes. Um enorme exemplo

disso é o enfoque à redução do uso de automóveis por meio do investimento em transporte coletivo. Segundo a rádio noticiária francesa RFI, o governo francês estabeleceu um plano de investimento gradual até o ano de 2027 para incentivar o transporte público e, sobretudo, o ciclismo. Em matéria publicada na página eletrônica da rádio em 2023, descrevem “o governo francês investirá € 2 bilhões (cerca de R\$ 11 bilhões) nos próximos quatro anos para desenvolver o ciclismo, a infraestrutura e o setor econômico como parte de seu plano de ciclismo e mobilidade 2023-2027.” Uma outra matéria do mesmo noticiário, desta vez publicada em 2024, aponta que o uso da bicicleta como meio de locomoção superou o uso do carro, onde cita

Estudo aponta que uso da bicicleta agora só fica atrás do transporte público e da caminhada [...] A pesquisa, realizada pelo Institut Paris Région (IPR), indica que ‘os parisienses usam mais bicicletas’ quando se deslocam na capital ‘do que carros’. Com 11,2% e 4,3% respectivamente, ambos os modos de transporte ficam atrás da caminhada, com 53,5%, e do transporte público, com 30%.

Neste sentido, por exemplo, a atual prefeita Anne Hidalgo (2021 - 2026) defende uma política anti-automóvel, e objetiva a proibição de veículos a gasolina até o ano de 2030. Em entrevista para o jornal francês *Le Monde*, Hidalgo frisa “minha batalha não é contra o carro, mas contra a poluição”¹⁹, reforçando seu planejamento político voltado para a redução aos danos climáticos causados por tais veículos.

No entanto, não é de hoje que Paris busca hábitos mais sustentáveis e saudáveis. O deslocamento diário da população se dá majoritariamente a pé, com bicicletas, ou transporte coletivo, sobretudo ônibus e metrô. De acordo com a Planetoscope, empresa de estatísticas em tempo real, a cada segundo uma média de 48 pessoas utilizam o metrô na região de Paris e Île de France, o que representa uma estimativa de mais de 4 milhões de passageiros diários.

A empresa alemã Statista, conhecida por publicar relatórios estatísticos, dados e pesquisas, aponta que “o Índice Global de Transportes, que se baseia numa seleção de critérios, como o custo da viagem, a dimensão da frota de transportes públicos ou o número de linhas e paragens, analisou os serviços de transporte comuns a 19 grandes cidades em todo o mundo. E com uma pontuação de 10 – a melhor possível – Paris está à frente de todas as outras”, demonstrando os avanços no que tange ao transporte coletivo e redução de poluentes na capital.

Dessa forma, é inegável que a valorização do meio ambiente é um ponto comum para os franceses. Da mesma forma, o reconhecimento da importância e benefícios de se estar em contato com a natureza.

3. METODOLOGIA

Com a proposição de investigar a história do paisagismo francês e sua influência na qualidade de vida da população parisiense, foi adotada uma abordagem metodológica que compreende tanto a pesquisa histórica quanto a análise contemporânea, proporcionando uma visão abrangente do desenvolvimento dos espaços verdes em Paris e sua correlação com o bem-estar da comunidade.

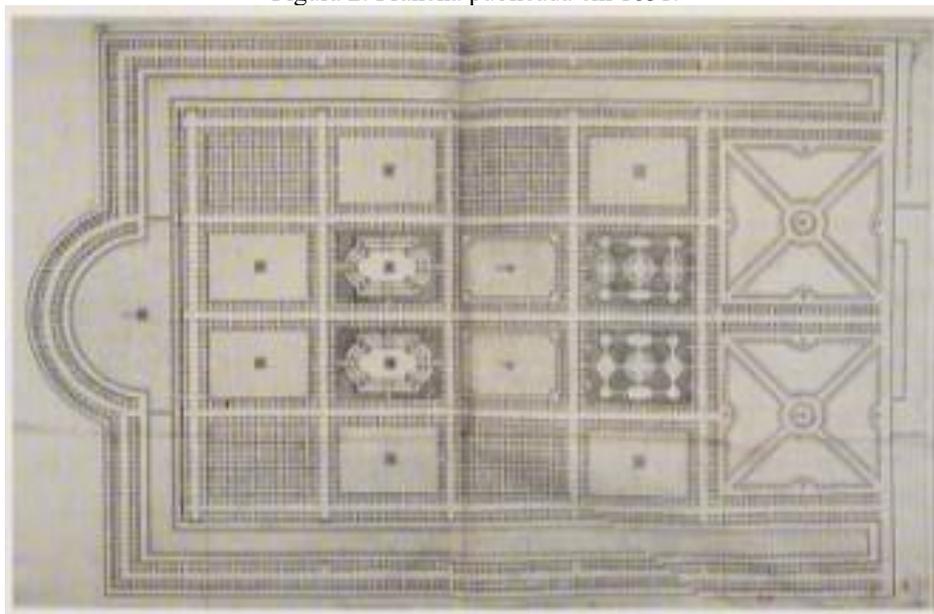
Intencionando analisar amplamente o objeto de estudo, faz-se uso de uma revisão da literatura relacionada ao paisagismo francês, abrangendo a análise dos acontecimentos que marcaram sua história até os desenvolvimentos mais recentes. Fontes secundárias, como livros, artigos acadêmicos, mapas e imagens, foram exploradas para construir uma compreensão do contexto histórico e do produto evolutivo do paisagismo urbano francês.

Jardin des Tuileries seria, em tradução livre para o português, *Jardim de Telharias*). Em 1564, Catarina de Médici, que fora rainha consorte da França, mãe do então Rei Francisco II, ordenou a construção de um jardim para o Palácio de Tulherias. Assim foi feito o Jardim de Tulherias, até então no estilo italiano, porém que viria a ser remodelado para o estilo dos jardins franceses 100 anos após. O jardim era privado, inacessível à população. Além de ser o espaço de tranquilidade da aposentadoria de Catarina, era palco também de bailes e festas luxuosos, e dos passeios ao ar livre da alta nobreza.

No ano de 1664 o jardim passa por uma importante remodelação. André Le Nôtre, jardineiro-chefe do jardim desde 1635, ficou encarregado da reforma, que durou 14 anos. O livro *Le Jardin des Tuileries d'André Le Nôtre* versa sobre a obra, discorrendo sobre seu contexto e trazendo imagens que documentam suas etapas. Em trecho que fala sobre o partido adotado para reprojeter o jardim, escreve:

O Jardim organiza-se agora em três sequências, sutilmente interligadas: primeiro um grande canteiro, depois uma série de dezesseis arvoredos plantados, por fim um grande espaço aberto ao oeste, ritmado pela silhueta trabalhada das topiárias. Este plano se inspira numa prancha publicada em 1651 no tratado de André Mollet, *Le Jardin de Plaisir*, mas também na sequência que Jaques Lemercier criara trinta anos antes no jardim do Palais-Cardinal vizinho, e que o nosso jardineiro conhece bem. (ALLIMANT-VERDILLON E GADY, 2013, p.30)

Figura 2: Prancha publicada em 1651.



Fonte: livro *Le Jardin des Tuileries* d'André Le Nôtre.

Após o momento de reformas de Le Nôtre, o jardim que já se tornara público teria grande relevância para a cena política da Revolução Francesa, sendo o palco de grandes manifestações populares. Tuileries se dividia então em duas porções, sendo elas a parte privada do jardim para uso pessoal do rei, e a parte pública para uso e circulação da população, em que tal divisão era justificada por uma questão de segurança para o monarca. Foi no governo de Napoleão I, mais especificamente em 1809, que sob ordens do próprio Napoleão, foi construído o Arco do Triunfo do Carrossel no jardim, em homenagem às forças armadas francesas. A edificação criou uma junção dos jardins com o palácio, como se pode observar na imagem abaixo, a qual retrata o Arco do Triunfo do Carrossel e o palácio de Tulherias logo atrás, este último por sua vez é

atualmente o edifício do Museu do Louvre. Até hoje, o Arco é a construção que divide o plano do jardim da área do museu.

Nos anos subsequentes, foram feitas ampliações e algumas construções na porção privada do jardim, até que em 1871 o palácio de Tulherias é incendiado pela Comuna de Paris e suas ruínas também destruídas alguns anos depois, e nesse período, após ser palco de protestos e expressões populares, o jardim havia se tornado ainda mais relevante para a população.

Na década de 1990 o jardim passa então por sua última grande remodelação. Na ocasião, foi lançado um concurso para selecionar as equipes que estariam à frente do projeto, buscando ajustá-lo ao seu uso e função atuais, e os paisagistas Pascal Cribier, Louis Benech e Jacques Wirtz foram selecionados. Foi enfim a última alteração feita no plano do Jardim, a qual se conserva atualmente.

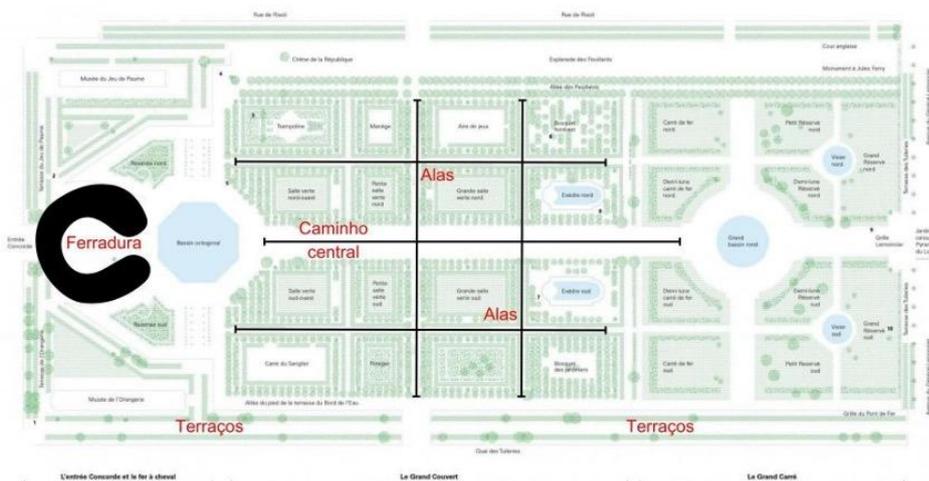
4.2. ESTRUTURA DO JARDIM

Conforme foi descrito, o *Jardin des Tuileries* ao longo de centenas de anos passou por transformações e reformas, tendo sido moldadas até mesmo as características de seu uso. Em sua configuração atual, o espaço apresenta uma infraestrutura bem equipada para os diversos interesses da população, proporcionando lazer e entretenimento a todas as faixas etárias, espaços amplos favoráveis à prática de esportes, edificações que promovem o interesse científico e cultural, e sobretudo a vivência ao ar livres em meio a elementos naturais. Para então compreender como as pessoas se relacionam com a estrutura do jardim, faz-se importante uma descrição de seus elementos.

4.2.1. Layout

O Jardim de Tulherias apresenta um layout estruturado em torno de um caminho central que se estende do Louvre até a *Place de la Concorde*, atravessando toda a extensão do espaço. Além desse eixo principal, há alas paralelas e perpendiculares mais estreitas, situadas entre áreas arborizadas que proporcionam percursos sombreados. Na extremidade do jardim, rampas em formato de ferradura conduzem a terraços elevados, que oferecem uma vista privilegiada da paisagem, reforçando a composição geométrica quase simétrica do espaço.

Figura 3: Layout do jardim das Tulherias.



Fonte: Map of Paris. Disponível em <<https://abrir.link/aofGb>>.

4.2.2. Museus e Cultura

No interior do jardim, destacam-se dois importantes museus. O *Musée de l'Orangerie*, que abriga uma valiosa coleção de arte, incluindo as célebres pinturas da série *Nymphéas* de Claude Monet, ocupa uma antiga estufa destinada à proteção de laranjeiras no inverno do século XIX. Já o *Jeu de Paume*, hoje um centro de arte contemporânea com exposições temporárias, teve diversas funções ao longo da história, incluindo seu uso original como espaço para a prática esportiva e, durante a Segunda Guerra Mundial, como depósito de obras saqueadas.

4.2.3. Arte e Arquitetura

A paisagem do Jardim de Tulherias também é marcada por sua riqueza artística e arquitetônica. No centro, duas grandes fontes, uma octogonal e outra circular, se destacam entre as esculturas espalhadas pelo espaço. Entre os monumentos, o Arco do Triunfo do Carrossel, construído por ordem de Napoleão I no início do século XIX, homenageia as Forças Armadas francesas. Dentre as diversas estátuas distribuídas pelo jardim, uma das mais simbólicas é a dedicada a André Le Nôtre, arquiteto paisagista responsável pelo redesenho do espaço no século XVII.

4.2.4. Lazer e Descanso

O jardim oferece diversas possibilidades de lazer e descanso. Seu mobiliário, composto por bancos e cadeiras móveis, permite que os visitantes escolham livremente onde se acomodar, seja para contemplar as fontes, aguardar as crianças brincarem ou simplesmente relaxar. As áreas gramadas são frequentemente utilizadas para piqueniques, uma prática tradicional francesa. Além disso, o espaço conta com um carrossel, um playground equipado com brinquedos e trampolins e a possibilidade de alugar pequenos barcos para navegar nas fontes d'água.

4.2.5. Eventos

Ao longo do ano, o jardim recebe eventos culturais e recreativos, como a tradicional *Fête Foraine*, um parque de diversões instalado durante o verão, que atrai turistas e moradores com brinquedos, quiosques e barracas. O espaço também sedia exposições sazonais e feiras, e os arranjos florais dos canteiros são frequentemente renovados de acordo com a estação e a programação cultural.

4.2.6. Serviços

Para atender aos visitantes, o jardim conta com quiosques e pequenos restaurantes, geralmente dispostos ao ar livre, oferecendo locais sombreados para refeições e momentos de descanso. Essa infraestrutura contribui para a vivência do espaço, tornando o Jardim de Tulherias não apenas um marco paisagístico e cultural, mas também um ambiente acolhedor no cotidiano parisiense.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa sobre o paisagismo urbano parisiense, com foco no Jardim das Tulherias, evidencia a importância dos espaços verdes na promoção da qualidade de vida nas cidades. Através de uma análise histórica e contemporânea, foi possível identificar como esses espaços desempenham um papel fundamental no bem-estar físico e mental da população urbana.

Os dados coletados e analisados ao longo deste trabalho destacam uma correlação entre a presença de áreas verdes e a melhora nos índices de saúde e bem-estar. Estudos demonstram que a proximidade com a natureza contribui para a saúde física e mental, tanto de forma direta quanto indireta.

A história do paisagismo francês, especialmente em Paris, serve como um modelo exemplar de como o planejamento urbano pode integrar a natureza de maneira eficiente e benéfica. O Jardim das Tulherias, com sua rica história e frequente utilização pelos cidadãos e turistas, ilustra a importância de preservar e valorizar esses espaços.

Além disso, a pesquisa ressalta a necessidade de políticas públicas que incentivem a criação e manutenção de espaços verdes, e frisa a importância da participação pública no planejamento urbano, a qual é crucial para garantir que esses espaços atendam às necessidades da comunidade, promovendo a coesão social e a sustentabilidade urbana.

Em conclusão, o estudo do paisagismo urbano parisiense não apenas fornece uma compreensão acerca da relação entre espaços verdes e qualidade de vida, mas também destaca a importância de continuar investindo em áreas verdes como um componente essencial do desenvolvimento urbano sustentável. É imperativo que as cidades contemporâneas adotem e adaptem esses princípios para enfrentar os desafios do mundo globalizado e melhorar a qualidade de vida de suas populações.

Ante o exposto e de forma mais pessoal, compreendo que este estudo foi muito importante para mim, tendo sido perfeito para o encerramento da graduação, ora foi o paisagismo que me despertou o interesse no curso de arquitetura inicialmente, e é ele que o encerra.

REFERÊNCIAS

ALLIMANT-VERDILLON, Anne; GADY, Alexandre. **Le jardin des Tuileries d'André Le Nôtre**. Paris: Somogy, 2013.

ANDRÉ, Edouard. **A arte dos jardins**: tratado geral sobre a composição de parques e jardins. Laffitte Reprints Marseille, reimpressão da edição de Paris, 1879.

CORTEZ, Célia Martins e SILVA, Dilson. Implicações do estresse sobre a saúde e a doença mental. **Artigos Catarinenses de Medicina**. Vol. 36, no. 4. 2007 DOURADO, Guilherme Mazza. **Belle époque dos jardins**. 2ª edição, SENAC São Paulo, 2023.

GEHL, Jan. **Cidades para pessoas**. 2ª edição, São Paulo: Perspectiva, 2013. HARVEY, David. **Paris, capital da modernidade**. Brasil: Boitempo Editorial, 2015. HAUSSMANN, Georges-Eugène. **La grande transformation de**

Paris. Constructif, Federação Francesa de Construção, 2022/3 (Nº 63). JONES, Colin. Paris: **Biografia de uma cidade**. Brasil, L&PM Editores, 2009. JORDAN, David P. **Hausmann and Hausmannisation: The Legacy for Paris**.

Imprensa da Universidade Duke, Estudos Históricos Franceses, Volume 27, Número 1, Inverno de 2004.

PESSOA, Ana; FASOLATO, Douglas; DE ANDRADE, Rubens. **Jardins históricos** – a cultura, as práticas e os instrumentos de salvaguarda de espaços paisagísticos. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2015.

SCHELLE, Karl Gottlob. **A arte de passear**. 1º edição, WMF Martins Fontes, 1996.

WHITE, Mathew P; ALCOCK, Ian; GRELLIER, James et al. **Passar pelo menos 120 minutos por semana na natureza está associado a boa saúde e bem-estar**. Relatórios Científicos 9, 7730, 2019.

CAPÍTULO 6: LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO SOBRE A UTILIZAÇÃO DE MADEIRA DE PLANTIO EM PROJETOS COMERCIAIS

Maria Alice Dália Paulino Cabral de Menezes ¹
Rodrigo José Lucena de Medeiros ²

RESUMO

Este trabalho apresenta um levantamento bibliográfico sobre a utilização de madeira de plantio em projetos comerciais, com foco na arquitetura e interiores. O estudo tem como objetivos investigar os diferentes tipos de produtos feitos a partir da madeira de plantio e analisar suas características e aplicabilidades na construção civil; realizar um levantamento comparativo entre os impactos causados pelo uso de materiais convencionais e não convencionais derivados da madeira de plantio; identificar as possibilidades de uso da madeira de plantio em projetos de arquitetura e interiores comerciais; e analisar projetos comerciais com a madeira de plantio aplicada no projeto estrutural e de interiores, por meio de um levantamento bibliográfico, com o estabelecimento de 7 passos para facilitar o alcance dos objetivos pretendidos e com a utilização do Método de Baker, foram identificadas as vantagens ambientais, estéticas e técnicas da utilização da madeira de plantio, bem como suas potenciais aplicações em diferentes contextos comerciais. Os resultados deste estudo contribuem para o desenvolvimento de práticas sustentáveis na construção civil, promovendo o uso consciente e responsável dos recursos naturais.

Palavras-chaves: Madeira de plantio; Construção civil; Sustentabilidade; Projetos comerciais; Impactos ambientais.

ABSTRACT

This work presents a bibliographical survey on the use of plantation wood in commercial projects, with a focus on architecture and interiors. The study aims to investigate the different types of products made from plantation wood and analyze their characteristics and applicability in civil construction; carry out a comparative survey between the damage caused by the use of conventional and unconventional materials resulting from plantation wood; identify the possibilities for using wood from plantations and architectural and commercial interior projects; and analyzes commercial projects with plantation wood applied in structural and interior design. Through a bibliographical survey, with the establishment of 7 steps to facilitate the achievement of the intended objectives and the use of the Baker Method, the environmental, aesthetic and technical advantages used in plantation wood were identified, as well as its potential applications in different commercial contexts. The results of this study contribute to the development of sustainable practices in construction, promoting the conscious and responsible use of natural resources.

Keywords: Planting wood; Constructions; Sustainability; Commercial projects; Environmental impacts.

¹ Graduanda do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Uniesp.
E-mail: 20191069047@iesp.edu.br

² Orientador do trabalho e Professor do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Uniesp.
E-mail: rodrigo.lucena@iesp.edu.br

1. INTRODUÇÃO

A indústria da construção civil tem a capacidade de moldar e de ser moldada no estilo de vida da sociedade, estando, então, ligada às diretrizes econômicas e sociais de todo o mundo. Esse setor é também responsável pela utilização em alta escala de recursos naturais e de energia, além da geração de resíduos e de poluição. Aproximadamente 35% dos recursos naturais são associados à construção.

A madeira, por sua vez, conforme o estudo de Cordeiro Júnior, Silva e Soares (2017), foi um dos primeiros materiais utilizados pelo homem, sendo empregada em construções de abrigos, como fonte de aquecimento e de luz, no preparo de alimento e na criação de armas e embarcações, a partir do avanço das técnicas de manejo e da tecnologia.

Esse material, ainda segundo a pesquisa dos autores, foi utilizado, no Brasil, de acordo com os tipos de árvores e com o clima das regiões, uma vez que, em regiões mais frias, a madeira foi bastante utilizada de modo a isolar termicamente o abrigo construído. No entanto, devido a essa ampla utilização não controlada do recurso, houve uma intensa depredação das florestas brasileiras.

A procura por empreendimentos mais atrelados à sustentabilidade está em crescimento gradativo, o que movimenta toda a cadeia da construção civil (Oliveira e Ruppenthal, 2020, p. 18, apud Green Building Council, 2015). Assim, com a exploração de recursos naturais esgotáveis, passa-se a existir a preocupação com o meio ambiente, uma vez que tal exploração, segundo Fencker et al (2015, p. 232, apud Ruppenthal, Oliveira, Conto, 2017), é maior do que a capacidade natural de regeneração.

Além disso, outro agravante é a produção excessiva de Resíduos de Construção Civil (RCC), que, conforme Pinto (1999, p. 189, apud Oliveira et al, 2020), no Brasil, representa de 40% a 70% da massa total dos resíduos sólidos urbanos.

Nesse sentido, cabe analisar a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) (Brasil, 2010), que tem como objetivo a redução, a reutilização, a não geração e o tratamento de resíduos sólidos, a fim de intensificar o foco no desenvolvimento sustentável, levando em conta os cenários social, econômico, político, cultural e ambiental.

Portanto, de modo a aproximar as atividades da construção civil ao conceito de desenvolvimento sustentável, é preciso identificar os principais geradores de resíduos e, segundo Guarnieri (2016), o desequilíbrio entre a quantidade descartada e reaproveitada classifica o RCC como um dos mais graves problemas ambientais da atualidade.

O Brasil é propício à intensificação e à ampliação de áreas de reflorestamento, uma vez que, de acordo com Cordeiro Júnior, Silva e Soares (2017), existem diversas áreas degradadas e subutilizadas, o que, por conseguinte, promoveria a exploração controlada das florestas, acarretando na ampliação do setor florestal, que tem grande representação de ordem econômica para o país.

Segundo os mesmos autores, o Brasil recebeu programas de incentivo fiscal do Governo, no final da década de 1960, com o intuito de priorizar o cultivo de eucalipto (*Eucalyptus spp.*) e pinus (*pinus spp.*).

No que tange à utilização da madeira nas construções, é de suma importância que sejam analisadas as características do material que afetam o seu desempenho. Os autores Zenid, Nahud e Miranda (2003) destacam que os itens que influenciam nesse desempenho são: a espécie da madeira, as dimensões, o teor de umidade e os defeitos naturais e de processamento.

Além disso, os autores descrevem os produtos de madeira utilizados na construção da seguinte maneira: produtos com pouco ou nenhum processamento (madeira roliça); e produtos com vários graus de beneficiamento (madeira serrada, madeira beneficiada, lâminas, painéis e madeiras tratadas com produtos preservativos).

Outra classificação, dada pelo estudo de Cordeiro Júnior, Silva e Soares (2017), engloba o emprego da madeira na construção civil. Os autores diferenciam o uso do material entre aqueles que agem de forma secundária na execução de uma obra, como escoramentos, esquadrias, andaimes e barracões; e aqueles que são permanentes, como a aplicação da madeira em revestimentos, coberturas, mobiliários e fundações, além da possibilidade de uma construção completa de madeira.

Cordeiro Júnior, Silva e Soares (2017, p.84, apud Zenid, 2009), citam os principais compostos de madeira no mercado brasileiro. São eles: madeira roliça, madeira serrada, pranchas e pranchões, vigas e vigotas, tábuas, caibros, madeira.

beneficiada, assoalho, forro, batente, rodapé, taco, madeira em lâminas, painéis, compensado, chapas de fibra: chapa dura, chapas de fibra: MDF – densidade média, chapas de partículas: aglomerado, chapas de partícula: MDP – densidade média, chapas de partículas: OSB – painéis de partículas orientadas; madeira estrutural composta, e madeira tratada com preservativos.

Além da diversidade de emprego da madeira nas construções, Meirelles et al (2007) afirmam que a madeira confere benefícios quanto ao conforto, à plasticidade, rapidez e durabilidade de um projeto arquitetônico. Os autores ainda frisam que a madeira confere características como cores, texturas e aromas naturais; aspectos que resultam em sensações e comportamentos aos usuários, conforme estudo de Madeira, Oldoni e Schneider (2022) sobre a Neuroarquitetura.

No contexto de conectar o projeto ao usuário, em um ambiente de uso comercial, é possível compreender que o espaço, principalmente nos quesitos de conforto e estética, influencia diretamente na experiência do cliente.

A valorização da experiência vivida pelo consumidor na loja física tem colocado em evidência áreas que se relacionam com a nossa percepção sensorial. Ela se manifesta através dos cinco sentidos - audição, tato, visão, olfato e gustação (Tumelero; Baldissera, 2015).

Dessa forma, o presente estudo fez uma análise de dois projetos comerciais cujo material estrutural e decorativo de destaque foi a madeira, de modo a analisar o desempenho deste elemento e o impacto visual dos ambientes, atentando-se à relação entre o espaço e a experiência dos usuários.

O primeiro projeto analisado é o restaurante McDonald's, localizado na cidade de São Paulo, e que, segundo o *ArchDaily* Brasil (2023), representa um grande avanço no que se refere ao contexto da sustentabilidade, já que o uso da madeira engenheirada vai do piso ao teto, o que reduz, portanto, significativamente, a pegada de carbono. Além desse projeto, esse estudo analisa a loja conceito da Dengo Chocolates, que, conforme detalhado pelo *ArchDaily* Brasil (2021), é o primeiro e mais alto edifício em madeira construído no Brasil.

Os dois projetos citados têm em comum a utilização da madeira de florestas reflorestadas como elemento principal, assim como oferecem experiências e conforto aos usuários. No entanto, a aplicação desse material construtivo possui particularidades em cada um dos projetos, desde o uso até os detalhes mais aparentes.

Diante do entendimento acerca da importância da utilização de métodos e materiais mais sustentáveis, o presente trabalho se faz bastante relevante ao abordar, analisar e levantar dados sobre o uso da madeira em projetos de arquitetura e de interiores comerciais. Com isto, tem-se, como objetivo geral neste trabalho, elaborar um Levantamento Bibliográfico sobre o uso da

madeira de plantio em projetos arquitetônicos comerciais. E, como objetivos específicos, investigar os diferentes tipos de produtos feitos a partir da madeira de plantio, de modo a analisar suas características e aplicabilidades na construção civil; realizar um levantamento comparativo entre os impactos causados pelo uso de materiais convencionais e não convencionais derivados da madeira de plantio; identificar as possibilidades de uso da madeira de plantio em projetos de arquitetura e interiores comerciais e analisar projetos comerciais com a madeira de plantio aplicada no projeto estrutural e de interiores.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, apresenta-se uma revisão bibliográfica sobre os principais conceitos e definições acerca do uso da madeira no decorrer dos anos na construção. Em seguida, são exibidas informações no tocante à preservação e à sustentabilidade de madeira de plantio. Por fim, tem-se um levantamento sobre as normas brasileiras e projeções para o futuro do setor.

2.1. A MADEIRA NAS CONSTRUÇÕES

O uso da madeira na arquitetura evoluiu ao longo do tempo, desde os primeiros abrigos rudimentares da Pré-História até construções sofisticadas nos dias atuais. Fernandes (2014) descreve como, inicialmente, os seres humanos utilizavam materiais naturais para criar estruturas temporárias, mas, com o tempo, desenvolveram técnicas para aumentar a durabilidade das moradias, incluindo a construção de casas elevadas sobre estacas para evitar a umidade do solo. A madeira também desempenhou um papel essencial na arquitetura religiosa, servindo como molde para abóbadas e arcos. Lourenço e Branco (2012) destacam a transição do uso da madeira para a pedra na arquitetura medieval, especialmente no românico e no gótico, embora a madeira tenha continuado presente em estruturas mais leves e móveis. No século XIX, conforme Fernandes (2014), os Estados Unidos utilizaram amplamente a madeira em construções devido à abundância do material, consolidando o sistema *Balloon Frame*, que permitiu a construção rápida e eficiente de edifícios, impulsionando a expansão urbana.

No século XX, a madeira foi gradativamente substituída pelo aço e pelo concreto, mas sua aplicação nunca foi completamente abandonada. Lourenço e Branco (2012) apontam que, no século XXI, houve um renascimento do uso da madeira na arquitetura, impulsionado por preocupações ambientais e avanços tecnológicos que ampliaram suas possibilidades construtivas. A indústria desenvolveu materiais derivados, como OSB, MDF e madeira laminada colada, que, segundo os autores, oferecem resistência estrutural e flexibilidade para diferentes aplicações arquitetônicas. No entanto, a durabilidade da madeira depende de tratamentos adequados. Trevisan et al. (2007) e Vidal et al. (2015) ressaltam a importância de preservativos, como o Arseniato de Cobre Cromatado (CCA), que prolongam a vida útil do material e garantem sua resistência em diferentes contextos construtivos.

A madeira também tem um impacto significativo na experiência espacial e no conforto dos usuários. Bertolin e Mattos (2021) analisam sua aplicação em espaços comerciais a partir da Neuroarquitetura, destacando seu efeito positivo na experiência dos clientes e na produtividade dos funcionários. Pompermaier, Starck e Figueiredo (2015) reforçam essa percepção ao demonstrar que a madeira transmite sensações de aconchego e tranquilidade em ambientes internos e externos. No Brasil, algumas construções comerciais se destacam pelo uso expressivo da madeira, tanto estruturalmente quanto como elemento decorativo, resultando em

projetos sustentáveis e bem recebidos pelo público. Assim, a madeira permanece um material relevante na arquitetura contemporânea, unindo tradição, inovação e sustentabilidade.

2.2. SUSTENTABILIDADE ATRELADA AO USO DA MADEIRA

A grande utilização de madeira tanto na construção civil como em outros tipos de indústria, como a de papel e carvão vegetal, levou a um desmatamento e desgaste exacerbado do meio ambiente, gerando empobrecimento do solo, impossibilidade de renovação e extinção de flora, fauna e funga local (Peifel, 2003).

Com o passar dos anos e com o desmatamento desenfreado, iniciou-se também a preocupação dos ambientalistas em como tornar a madeira um recurso sustentável, já que o desmatamento não afeta somente a quantidade de árvores presentes no local, mas afeta também todo o ecossistema ao redor e as condições climáticas locais (Soares et al, 2003). No site do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente (IBAMA) e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), pode-se obter mais informações a respeito o processo de legalização da madeira de plantio, quantos hectares atualmente são utilizados para extração legal de madeira e também sobre desmatamento ilegal.

Por isso, foi necessário o desenvolvimento de novas técnicas de utilização da madeira com menor impacto ambiental, levando ao desenvolvimento das florestas de plantio (silviculturas), locais de extrativismo de madeira para diversas industriais utilizando espécies nativas e não nativas que foram plantadas com esta finalidade; porém, segundo Habowski (2018), apesar do grande incentivo governamental, ainda prevalece a extração ilegal de madeira no Brasil.

As silviculturas, ainda de acordo com Habowski (2018), são amplos espaços que estavam previamente em desuso e que, com o desenvolvimento desta atividade, geram renovação do meio ambiente, melhora do solo, aumento da fauna, flora e funga local, gera empregos, melhora a pegada de carbono local e, por ser legal e normatizado, garante matéria prima de qualidade para as indústrias. Em conformidade com a Indústria brasileira de árvores (IBA), foi concluído no ano de 2023 que, entre os ciclos das florestas de plantio, é possível expandir a produção sem expandir a área, gerando, assim, um aumento do capital (IBA 2023).

Outro fator crucial para a utilização da madeira reflorestada está associado ao setor da construção civil, que é responsável por boa parte da geração de resíduos no Brasil. Associado a isto, a utilização da madeira favorece a minimização de Gases do Efeito Estufa, uma vez que, em seu processo, o consumo energético é menor (Librelotto; Ferroli, 2023). Demarzo (2017) afirma que quando comparada a outros materiais tradicionais da construção civil, a madeira apresenta resultados maiores e melhores em relação a aspectos ambientais, como geração de resíduos e consumo energético.

Ainda segundo o autor, o maior gasto de energia ligado ao setor da madeira de reflorestamento está associado à sua extração e ao transporte da matéria-prima, além dos danos inferiores que a construção com madeira causa, quando comparada com outros materiais.

De acordo com a dissertação de mestrado de Brito (2010), o ciclo de regeneração de árvores reflorestadas se dá pelo plantio e abate, em que as árvores mais velhas são retiradas e dão lugar a novas, resultando no reabastecimento da oferta da madeira para as gerações futuras. Além disso, o autor afirma que esse ciclo de regeneração pode superar o volume utilizado, garantindo, então, a sustentabilidade.

Brito (2010) ainda frisa a necessidade de desenvolver estudos para encontrar alternativas de materiais viáveis a fim de atender aos requisitos de uma construção e, sobretudo, serem sustentáveis; e a madeira tem tal capacidade no Brasil, por exemplo; se utilizada com tecnologia

e condições específicas, para torna-se um material durável e protegido contra deteriorações, por, sobretudo, possuir um ciclo de vida e de regeneração. Diante do exposto, é possível entender que os benefícios ambientais atrelados às construções com madeira impactam diretamente a perspectiva do modo de construir e influenciar projetos e escolhas mais limpas e sustentáveis.

2.3. NORMATIZAÇÃO DO USO DA MADEIRA EM CONSTRUÇÕES

A permissão para utilização de espaços vazios para plantio e extração de madeira de reflorestamento, assim como seus subprodutos, necessita estar de acordo com a legislação vigente. Atualmente, a Lei nº 12.651 de 25 de maio de 2012, que rege sobre a vegetação nativa do país, e a Instrução Normativa nº 9 de dezembro de 2016 do IBAMA, instituem a obrigatoriedade do Documento de Origem Florestal (DOF) para todo transporte, armazenamento, extração e venda de madeira e produtos derivados da silvicultura.

Já a NBR 7190, que abrange projeto de estruturas de madeira, estabelece os procedimentos e os critérios para os projetos com estruturas de madeira, abordando o dimensionamento, a resistência e a segurança estrutural do material e da construção. Além dessa normativa, a NBR 7199 também engloba critérios para a verificação dos estados limites últimos e de serviço das estruturas de madeira, o que acaba por complementar a NBR 7190.

No que tange ao projeto, à execução e à aplicação de revestimentos de madeira, a NBR 7197 estabelece os requisitos técnicos para o projeto, à execução e à aplicação de revestimentos de madeira em construções, incluindo métodos construtivos e cuidados necessários para garantir a durabilidade e estabilidade dos revestimentos.

A madeira também pode ser utilizada em projetos de edificações habitacionais. Para isso, existe a NBR 15575, que descreve o desempenho do material neste tipo de edificação. Esta norma define aspectos relacionados à segurança estrutural, conforto térmico e acústico, durabilidade e sustentabilidade.

No tocante a moradias de uso social, é importante que sejam observadas e aplicadas as legislações específicas em nível estadual e municipal. Contudo, a NBR 15575 e a NBR 7190, mencionadas anteriormente, são aplicáveis em todo o contexto brasileiro.

Além dessas normas, a NBR 15596, referente a casas de madeira pré-fabricadas, inclui aspectos relacionados ao projeto, à fabricação, ao transporte e à montagem das estruturas dos materiais envolvidos no processo de construção de casas pré-fabricadas. Embora seja voltada para casas pré-fabricadas, muitos dos requisitos podem ser aplicáveis a edificações de moradia social com madeira.

Já as NBR 14859 e NBR 15607, fazem referência à madeira serrada. A primeira diz respeito à madeira serrada de coníferas, mencionando características visuais e de dimensionamento deste tipo comum de madeira plantada utilizada na construção civil. Já a segunda, estabelece parâmetros necessários para a determinação da densidade básica da madeira serrada, estabelecendo métodos importantes ao dimensionamento estrutural e à avaliação da qualidade da madeira utilizada em construções.

2.4. UTILIZAÇÃO DA MADEIRA DE PLANTIO E PRODUTOS DERIVADOS NO BRASIL

No Brasil, pela diversidade climática e de ecossistemas que possui, as condições climáticas do país favorecem o crescimento das árvores, principalmente para algumas espécies como Eucalipto, Pinus, Teca e Araucária.

A distribuição das florestas de plantio é abundante, a depender da espécie a ser plantada. Além disso, o Brasil tem bastante espaço físico para ampliação da atividade do setor florestal, já que possui grandes áreas degradadas e subutilizadas, que podem servir como locais para florestas plantadas (Cordeiro Júnior; Silva; Sores, 2017).

Com o foco na madeira de reflorestamento utilizada na construção civil e na arquitetura, tem-se como principais gêneros o *Eucalyptus spp.* e o *Pinus spp.* Ambos têm áreas de plantação espalhadas pelo Brasil, podendo haver reservas em algumas áreas, como no interior do Amapá e do Pará. No entanto, sua principal extração ocorre nas regiões Sudeste e Sul, principalmente nos estados de Minas Gerais, com mais de 2 milhões de hectares, São Paulo e Paraná. A maior concentração de florestas plantadas no país está na Região Sudeste, sendo Minas Gerais o estado que possui maior plantação de eucalipto por área.

Para o reflorestamento comercial, é fundamental que as espécies plantadas tenham um curto tempo de produção e um alto crescimento, associados a uma boa qualidade. Sendo assim, as espécies que possuem um melhor atrativo comercial são: Pinus, Ganadi, Ipê, Eucalipto, Teca e Mogno Africano (Librelotto; Ferroli, 2023).

De acordo com Associação Brasileira da Indústria de Madeira Processada Mecanicamente (2013), a cobertura florestal brasileira é da ordem de 519,29 milhões de hectares, dos quais 512 milhões são nativas e 7,186 milhões de hectares correspondem às florestas plantadas.

Conforme Araújo et. Al (2017, p. 190, apud Indústria Brasileira de Árvores, 2016), as florestas de plantio, em 2012, no Brasil, tinham predominância das seguintes espécies: *Pinus spp.* (pinho), *Eucalyptus spp.* (eucalipto), *Populus spp.* (álamo), *Tectona grandis* (teca), *Araucária angustifolia* (araucária), *Hevea spp.* (seringueira), *Acacia spp.* (acácia) e *Shizolobium amazonicum* (paricá).

Os autores afirmam que os setores industriais no país são altamente competitivos, devido ao rápido crescimento das plantações, ao melhoramento genético das espécies, ao controle de pragas, ao manejo e à colheita aliados às novas tecnologias.

Segundo dados estatísticos do IBAMA, no ano de 2023, foram utilizadas 1530 diferentes espécies na produção de 53 tipos de produtos madeireiros, distribuídos em mais de 17 milhões de hectares de plantações legais e documentadas.

Como analisado pelo IBÁ (2023), em um estudo que traz relatórios anuais desde 2019 sobre a produção, distribuição, capital, exportação e empregos gerados envolvidos no processo de obtenção de produtos florestais, o Brasil se mantém estável há alguns anos como 8º maior produtor de madeira para construção civil do mundo, importando, principalmente, painéis de madeira para a América do Norte.

De acordo com esse estudo, os produtos florestais são aqueles provenientes de matéria-prima florestal e são classificados em dois tipos: os produtos florestais não- amadeirados e os produtos florestais madeireiros. Os autores ainda afirmam que o Brasil possui grande potencial para ampliar suas áreas de florestas plantadas, beneficiando, portanto, a redução do desmatamento de florestas nativas.

No tocante à construção civil, no Brasil, a indústria de madeira é dividida em dois segmentos: madeira serrada e painéis de madeira, afirma Nielsen (2010). Os painéis englobam os compensados e os manufaturados produzidos da madeira processada mecanicamente. Ainda no âmbito da construção civil, os compensados MDF, HDF, EGP, OSB, MDP, MLC e CLT são derivados da madeira fabricados no Brasil.

2.5. SISTEMAS CONSTRUTIVOS COM MADEIRA

A diversidade de técnicas e de sistemas construtivos que empregam a madeira oferece uma ampla gama de possibilidades para projetos arquitetônicos inovadores e sustentáveis. Conforme Cordeiro Júnior, Silva e Soares (2017), o aparecimento de soluções tecnológicas do mercado da madeira possibilitou o emprego do material em locais que antes não era possível.

Com a criação de novos materiais e métodos neste setor, o presente trabalho abordará, de forma mais detalhada, três tipos de sistemas construtivos com madeira, são eles: CLT (Madeira Laminada Cruzada), MLC (Madeira Laminada Colada) e *Wood Frame*.

2.5.1. CLT (Madeira Laminada Cruzada)

Conforme Collinetti (2016), o sistema CLT (Cross-Laminated Timber) ou Madeira Laminada Cruzada, pode ser utilizado em algumas aplicações que, hoje, utilizam concreto, alvenaria e aço. No início dos anos 2000, o número de construções em Madeira Laminada Cruzada cresceu significativamente, devido ao incentivo de construções verdes, à eficiência do sistema, à melhora dos canais de comercialização e distribuição e, por fim, à aprovação da CLT como um sistema construtivo que possibilita a edificação de vários andares.

Segundo o autor, a madeira laminada cruzada é composta por lâminas de 20mm a 80mm de espessura coladas, com alternância na direção dessas lâminas entre as camadas, para que o painel resista às cargas em ambas as direções. Geralmente, os painéis de madeira laminada cruzada são compostos por 3 a 9 camadas, e podem ser usados como lajes, coberturas ou paredes. Além disso, são conectados entre si por meio de ligações metálicas.

Conforme Collinetti (2016 apud Crespell e Gagnon, 2010), a modulação do CLT diminui o tempo de construção, já que o número de operações necessárias no canteiro de obras é muito menor quando comparado ao sistema de concreto armado convencional, o que resulta, por conseguinte, em uma montagem mais rápida e na redução do cronograma de construção em até 50%.

No que tange aos benefícios do uso do sistema construtivo de madeira laminada cruzada, algumas vantagens têm destaque, são elas: a velocidade e a eficiência de instalação, e a flexibilidade de design. A primeira está relacionada à pré-fabricação dos produtos específicos que, após fabricados, são enviados diretamente ao local de trabalho para instalação de forma rápida e simples, reduzindo, portanto, o tempo de obra, a produção excessiva de resíduos e a poluição no canteiro de obras. Já a segunda vantagem está relacionada à adaptação do sistema a diferentes tipos de projetos, uma vez que podem ser feitas rápidas alterações no local, além da combinação estética com outros materiais, possibilitando diferentes escolhas de design.

A galeria exemplificada é a sede administrativa de um banco norueguês e é conhecida por ser uma das maiores estruturas feitas de madeira na Europa. A construção possui um apelo sustentável e produz efeitos positivos sobre os usuários. Esse prédio cria uma experiência tectônica, espacial e estética, além de ter como característica de forma os traços orgânicos, que dão continuidade e fluidez aos espaços.

2.5.2. *Wood Frame*

No sistema *wood frame*, formam-se perfis de madeira com resistência para servirem como pisos, telhados e paredes, a fim de aumentar os confortos térmico e acústico, já que esses painéis são preenchidos com isolantes térmicos e contraventados por placa OSB. De acordo com Molina e Calil Junior (2010), 95% das casas nos Estados Unidos utilizam a tecnologia *wood frame*, que permite a construção de até cinco pavimentos e proporciona uma estrutura leve e de execução rápida. Para se ter uma construção utilizando o sistema *wood frame*, é necessária a que exista a cronologia de etapas e das camadas para que se tenha sucesso do processo.

Conforme detalhado no estudo de Molina e Calil Junior (2010), a construção inicia-se pela escolha do tipo de fundação, a depender do tipo de carga do projeto e do solo existente. Nesse sistema, a fundação é composta por “paredes” subterrâneas, abaixo do nível do solo, para proporcionar um equilíbrio térmico dentro da construção. No Brasil, que possui clima tropical, os autores frisam que essa técnica pode ser aplicada, principalmente em regiões muito quentes.

Outra etapa que compõe o sistema *wood frame* é a composição de pisos e paredes. Para o piso, são usados decks compostos por chapas de OSB, apoiadas sobre vigas de madeira. Essas chapas, em alguns casos, podem servir como contrapiso, quando são usados revestimentos de carpetes ou pisos engenheirados com manta intermediária, que garante a isolação acústica.

Já as paredes são compostas por montantes verticais de madeira, dispostos juntos aos painéis de OSB. Para a fixação desses painéis, são utilizados elementos metálicos galvanizados de fixação, como pregos, por exemplo. O piso superior de uma construção em *wood frame* é apoiado nas paredes, que solicitam os montantes na direção paralela às fibras, conferindo, então, rigidez às paredes e ao piso, o que aumenta a resistência aos esforços de vento.

2.5.3. MLC (Madeira Laminada Colada)

Já a MLC (Madeira Laminada Colada), é feita através da junção de várias lâminas de madeiras coladas, formando uma peça única, em que as fibras do material ficam paralelas entre si. De acordo com Cordeiro Júnior, Silva e Soares (2017), são usadas várias lâminas menores para que uma peça única seja elaborada, conferindo, então, resistência para atingir vãos livres de até 100 metros. Sendo assim, a MLC possibilitou a construção de projetos de grande porte que não utilizavam a madeira como material para devidos fins.

Segundo Migliani (2019), a MLC é indicada para ser usada em vigas, pilares, pergolados, coberturas, painéis, passarelas, revestimentos diversos e escadas, uma que vez que é capaz de vencer grandes vãos e reproduzir formatos arqueados ou curvos. Além disso, outro ponto interessante à diversificação de projetos é a grande diversidade de tonalidades que se pode ter, já que existe uma enorme quantidade de espécies disponíveis a serem utilizadas, sendo as mais comuns o pinus e o eucalipto.

A construção do restaurante Bjork foi feita com peças pré-fabricadas e possui um sistema de vigas feito com madeira laminada e o formato do telhado é apropriado ao clima de inverno intenso do local, uma vez que, quando a neve cai, escorrega pelo formato triangular bastante íngreme.

No que tange a projetos feitos no Brasil, é recomendado o seguimento à NBR 7190/1997. Migliani (2019) ainda afirma que a MLC é recomendada para qualquer tipo de projeto, seja residencial, comercial e até galpões industriais. A autora também afirma que pode ser aplicada em áreas com demandas climáticas específicas, como litoral ou vales; contudo, é preciso que haja um tratamento de proteção específico contra umidade.

As vantagens que envolvem uma construção com MLC são: resistência, dimensões singulares, altas resistências ao fogo, flexibilidade, estabilidade dimensional, leveza, menos necessidade de conexões e sustentabilidade (MIGLIANI, 2019).

2.6. VANTAGENS E DESVANTAGENS DO USO DA MADEIRA EM PROJETOS

Pela versatilidade de uso, a madeira, no âmbito da construção civil, pode ser utilizada tanto no projeto arquitetônico quanto no de interiores. Desse modo, sendo um material de múltiplas finalidades, possui vantagens e desvantagens quando comparado a materiais convencionais, como, por exemplo, redução do tempo de construção, menor geração de resíduos, segurança, alta resistência e conforto acústico e térmico.

Vidal (2015) fala em seu trabalho sobre as vantagens e desvantagens da utilização da madeira em relação a outros materiais comumente utilizados na construção civil, como plástico, concreto, aço e alumínio, tendo como vantagem a sua alta resistência mecânica, o baixo consumo energético para produção, o alto isolamento térmico e a fácil trabalhabilidade, e, como principal desvantagem, a ação das intemperanças climáticas sobre ela, que tem um grande potencial higroscópico e pode sofrer ação de microrganismos como fungos e também pequenos insetos como o cupim, que se alimenta da fibra da madeira. Outra desvantagem, segundo o autor, é a sensibilidade a chamas, apesar de ter regulação térmica cerca de 350 vezes maior que o concreto. Ainda assim, conforme Lepage (2014), as desvantagens citadas acima são deletadas ou minimizadas com processos industriais.

De acordo com as projeções da Organização das Nações Unidas (ONU), até o ano de 2050, a demanda habitacional mundial chegará à marca dos 3 bilhões de residências ocupando as áreas urbanas. Enquanto isso, no Brasil, segundo o IBÁ (2023), estima-se que 7,5 milhões dos brasileiros vivem em residências precárias, tornando necessário que novas formas de habitação sejam pesquisadas e produzidas em massa para que possam abrigar pessoas de forma segura e eficiente.

A utilização de madeira como material primário em construção civil vem crescendo e se tornando extremamente promissora. A preservação da madeira é uma preocupação fundamental na construção civil, especialmente diante da crescente demanda por materiais de construção sustentáveis. No entanto, a preservação adequada da madeira é essencial para garantir sua durabilidade, resistência e segurança estrutural ao longo do tempo.

O processo de montagem de casas no sistema *wood frame*, citado anteriormente, pode levar à produção em massa de habitações com baixo consumo energético, rapidez e utilizando matéria prima brasileira, uma vez que o Brasil se consolida, a cada ano, como o oitavo maior produtor de derivados madeireiros provindos de florestas de plantio, com capacidade de crescimento ainda maior.

Portanto, inovar na arquitetura e na construção civil vai além de novas formas, é imprescindível a utilização de novos materiais mais sustentáveis e recicláveis, que possam tornar o ramo da construção mais limpo, com redução de resíduos tóxicos e materiais não renováveis. Em 2019, o Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (Intergovernmental Panel on Climate Change–IPCC) avaliou a produção de emissão de gases de efeito estufa em 38% pela construção civil, onde o compromisso dos representantes do setor foi a redução da emissão e novas propostas de sustentabilidade.

O setor de florestas plantadas exerce um papel significativo tanto na economia do país quanto no potencial construtivo, contribuindo para minimizar o déficit habitacional, sendo um dos

setores que busca o desenvolvimento e inserção de novas tecnologias, a fim de expandir novos produtos e novas formas de uso da madeira (Ribaski, 2018 apud Apre, 2018).

A utilização da madeira na construção mundial está cada vez mais presente, uma vez que a busca por projetos mais sustentáveis e inovadores tem se intensificado, pois, além de possibilitar a criação de projetos com estética e funcionalidade, é possível que a utilização da madeira na construção civil contribua para a redução de impactos ambientais causados pelo uso dos materiais convencionais deste setor.

3. METODOLOGIA

Observa-se que este estudo teve como objetivo geral elaborar um Levantamento Bibliográfico sobre o uso da madeira de plantio em projetos arquitetônicos comerciais. Optou-se pelo levantamento bibliográfico por ser um estudo aprofundado sobre um determinado tema, com o objetivo de identificar, analisar e interpretar as principais contribuições teóricas e metodológicas existentes sobre o assunto. (Gil, 2002).

Em consultas a bases de dados como SCIELO, CAPES e GOOGLE ACADÊMICO, foram encontrados estudos sobre o uso da madeira como elemento sustentável para a construção civil, porém foram obtidos poucos resultados que relacionam os benefícios desse uso voltado ao projeto comercial, sobretudo com análises de projetos existentes no país, o que ressalta ainda mais a importância desse estudo.

Ademais, entender sobre o emprego do processo e de materiais sustentáveis, além de conhecer projetos de renome existentes no Brasil, pode resultar em estímulos a estudos e construções com tal abordagem, sobretudo a partir de pesquisas recentes, uma vez que as novas tecnologias auxiliam nas descobertas e no aprimoramento da utilização da madeira com várias possibilidades; permitindo, então, uma maior variedade de sistemas construtivos, design, materiais e métodos a ser explorada por arquitetos e urbanistas, engenheiros e demais profissionais da área.

Portanto, para fins deste estudo, realizaram-se as seguintes etapas:

- a) Primeiramente, o tema e os objetivos foram definidos, formulando a questão-problema que guiou o estudo: De que forma um projeto arquitetônico e de interiores comercial pode ser concebido utilizando a madeira como material estrutural e decorativo, a fim de minimizar danos ambientais provocados pelo uso de materiais convencionais na construção civil, além de causar sensações e experiências aos usuários?
- b) No segundo momento, as bases de periódicos como o Scielo, o Portal de Periódicos da CAPES e o Google Acadêmico foram exploradas para encontrar artigos científicos e outros materiais acadêmicos com o descritor “projetos com madeira de plantio”, “uso da madeira de plantio em projetos comerciais”; “madeira como principal elemento construtivo”; “utilização da madeira de plantio no Brasil”;
- c) No terceiro momento, os materiais encontrados foram selecionados, levando-se em consideração a relevância para o tema estudado, a confiabilidade da fonte, a atualidade da informação, a abrangência do conteúdo e a qualidade metodológica relacionada ao rigor e à confiança;
- d) No quarto momento, foram identificadas as informações relevantes de cada material selecionado e anotadas as ideias principais, bem como as citações importantes e dados relevantes para o estudo;

e) No quinto momento, os materiais foram organizados e as referências bibliográficas foram elaboradas de acordo com a ABNT, garantindo a padronização;

f) No sexto momento, a leitura analítica dos materiais selecionados foi realizada, identificando os pontos fortes e fracos de cada estudo, a metodologia utilizada, os resultados obtidos e as conclusões apresentadas;

g) No sétimo momento, as ideias dos autores foram questionadas, construindo a própria visão crítica sobre o tema proposto neste estudo, com a elaboração de uma síntese dos resultados.

Além disso, para análise dos correlatos apresentados, utilizou-se o método de Baker, que associa os processos construtivos de um projeto arquitetônico às condições físicas e ambientais do lugar, de modo a indicar de qual forma os elementos da construção se relacionam com as condições características do local de implantação (Herbst, 2016).

Assim, uma análise, de acordo com o método de Baker, identifica as complexidades e as interdependências do projeto estudado, em uma abordagem integrada, considerando não apenas as partes individuais, mas também o sistema como um todo e seu contexto mais amplo. Por fim, esse trabalho poderá proporcionar maior eficácia de resultados no âmbito laboral no país.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

Com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento deste trabalho, foram analisados dois projetos como correlatos, que se relacionam com o presente estudo no que tange à utilização da madeira como principal elemento construtivo e decorativo, além da forma, do conceito e dos objetivos dos projetos arquitetônicos. Para tanto, em visita ao acervo virtual de conteúdos relacionados à Arquitetura, o *AirchDaily*, foram selecionados os seguintes correlatos: McDonald's Paraíso, localizado na cidade de São Paulo, e a Loja Conceito da Dengo Chocolates, também localizada na cidade de São Paulo.

Para fazer a análise de correlatos para este estudo, foi utilizado o método de Baker, que consiste em avaliar fatores organizadores fundamentais que atuam em uma edificação e que, segundo Sá (2014), dividem-se nas categorias: Contexto, Identidade, Significado de uso, Movimento, Estrutura e Geometria.

4.1. MCDONALD'S PARAÍSO

4.1.1. Ficha técnica

- Arquitetos: SuperLimão
- Área: 220 m²
- Ano: 2023
- Cidade: São Paulo
- País: Brasil

4.1.2. Contexto

Uma das unidades da rede de restaurantes McDonald's está localizada em uma das regiões mais movimentadas da cidade de São Paulo, no bairro do Paraíso. O empreendimento adotou práticas mais sustentáveis em sua construção, através da chamada Receita do Futuro (Figura 1).

Figura 1: Fachada do restaurante.



Fonte: ArchDaily Brasil (2023).

A fachada imponente do local permite a conexão entre o interior e exterior através das grandes esquadrias de vidro, servindo, inclusive, como um convite à entrada dos usuários. Além disso, é possível perceber o contraste entre os materiais adotados, conforme visualizado na Figura acima. Enquanto o vidro e os brises são elementos mais leves à fachada, a robustez da madeira confere imponência ao edifício.

4.1.3. Identidade

O principal objetivo do projeto arquitetônico deste restaurante foi promover um espaço com a identidade já formulada da marca, porém com adições de práticas voltadas à sustentabilidade em sua construção e em seu uso.

4.1.4. Significado de Uso

A principal utilização deste edifício está na comercialização de alimentos de forma rápida, o que caracteriza os famosos *fast foods*. No entanto, a adoção de algumas soluções proporciona uma experiência mais confortável aos usuários; entre essas soluções, destacam-se a instalação de grandes esquadrias de vidros nas fachadas (Figura 2), o que permite o contato visual entre o externo e o interno dos ambientes; a instalação de brises de forma estratégica para o controle da insolação e da temperatura interna; o desenho dos pilares em formato de árvores para remeter

à conexão com a natureza e à temática sustentável do projeto; e a escolha por diferentes padrões de assentos (Figura 3) e ambientes mais descontraídos, que oferecem espaços para relaxar, socializar e estudar, o que acaba por ir além do uso habitual de um restaurante comum.

Figuras 2 e 3: Espaço Interno.



Fonte: ArchDaily Brasil (2023).

É possível entender que o espaço foi projetado para ser um local dinâmico, confortável e, sobretudo, que atendesse às demandas específicas de sua tipologia comercial, de modo a atrair, cada vez mais, os usuários consumidores.

Na Figura 2, percebe-se a disposição de mobiliários de modo a favorecer a satisfação de quem os utiliza. Já na Figura 3, vê-se os ambientes sendo efetivamente ocupados; além de se observar a presença da madeira para além de um material estrutural, já que é possível identificar seu emprego também como material secundário e/ou decorativo.

4.1.5. Movimento

No que diz respeito à volumetria do restaurante, tem-se um grande bloco retangular marcado pela valorização do interior e dos materiais de forma bruta nas fachadas. Já na parte interna do prédio, há um fluxo que permite a sensação de movimento que a utilidade de um fast food necessita. Esse fluxo é marcado por microambientes marcantes inseridos no macroambiente do restaurante, além de formas sinuosas nos traços e nos mobiliários em que se tem uma meia parede curva de madeira, e das cores características utilizadas.

4.1.6. Estrutura

A escolha para o projeto foi o uso da madeira engenheirada, do piso ao teto, o que acabou por reduzir a pegada de carbono, já que a madeira é um recurso renovável e absorve o dióxido de carbono, e não libera, resultando na diminuição do impacto ambiental. A técnica adotada no

projeto foi a pré-fabricação, em que parte da obra foi realizada em um galpão industrial e as peças pré-fabricadas são feitas uma a uma, resultando na minimização de perdas de materiais e na redução do consumo de energia. Além disso, foram utilizados materiais alternativos aos convencionais, de modo a se ter materiais sustentáveis, nacionais e de fornecedores locais.

Os arquitetos exemplificam que o porcelanato foi substituído pelo Concresteel e foi utilizado o laminado de PET reciclado em vez do melamínico tradicional. Além disso, a unidade conta com sistema de captação de águas de chuva e dos condicionadores de ar para reuso.

Para vencer a limitação dos vãos, os arquitetos desenharam os pilares em forma de árvores com vários veios de troncos que sustentam e contraventam a edificação.

O projeto fez uso de painéis de madeira compensada ou OSB (Oriented Strand Board) para paredes e cobertura, oferecendo uma estrutura leve e resistente. O design da estrutura pode incorporar elementos de encaixe e montagem, minimizando a necessidade de fixações metálicas e aumentando a eficiência da construção.

A escolha da madeira como material principal não só confere um visual natural e acolhedor ao ambiente, mas também contribui para a sustentabilidade do projeto. Essa estrutura de madeira também se destaca por sua durabilidade e resistência, desmistificando a ideia de que construções de madeira são frágeis ou temporárias. Pelo contrário, o uso inteligente e cuidadoso da madeira na arquitetura contemporânea está se tornando cada vez mais comum, impulsionado pela busca por alternativas sustentáveis e esteticamente atraentes.

O McDonald's de madeira em São Paulo não só oferece uma experiência gastronômica, mas também serve como um lembrete tangível do potencial e da beleza dos materiais naturais na construção urbana.

4.1.7. Geometria

A geometria da edificação está ligada à sua implantação e às circulações promovidas no espaço, como visto na Figura 4. Sendo assim, no correlato analisado, é possível identificar um layout bem definido, com grandes vãos que permitem uma circulação horizontal bastante acessível por todo o espaço e a caracterização de ambientes de acordo com suas funções.

Figura 4: Geometria.



Fonte: ArchDaily Brasil (2023).

O empreendimento apresenta um layout e uma geometria que combinam funcionalidade com estética moderna. A disposição interna do restaurante é projetada para otimizar o fluxo de clientes e funcionários, proporcionando uma experiência agradável e eficiente.

Em termos de geometria, o design inclui linhas limpas e formas contemporâneas, refletindo uma estética moderna e minimalista. Também a estrutura de madeira é integrada de forma a criar espaços amplos e arejados, com pé-direito alto e abundante entrada de luz natural, proporcionando uma sensação de conforto e bem-estar aos frequentadores.

4.2. Loja Conceito da Dengo Chocolates

4.2.1. Ficha técnica

- Arquitetos: Matheus Fará e Manoel Maia Arquitetura
- Área: 1500 m²
- Ano: 2020
- Arquitetos Responsáveis: Matheus Farah e Manoel Maia
- Projeto Paisagístico: Soma Arquitetos
- Cidade: São Paulo
- País: Brasil

4.2.2. Contexto

A loja conceito da Dengo Chocolates, na Avenida Faria Lima, é o mais alto edifício em madeira construído no Brasil, localizado na cidade de São Paulo. O prédio abriga a fábrica de chocolates, de modo que o público pode conhecer as etapas da produção dos doces; além de bar, restaurantes, loja, estação de sorvete e várias mesas espalhadas pelos pavimentos (Figura 5). A loja é um verdadeiro “paraíso” para os amantes de chocolate que buscam uma experiência sensorial única. Com um design elegante e contemporâneo, a loja combina elementos de sustentabilidade, arte e gastronomia para oferecer aos clientes uma jornada pelo universo do chocolate.

Figura 5: Loja Dengo Chocolates.



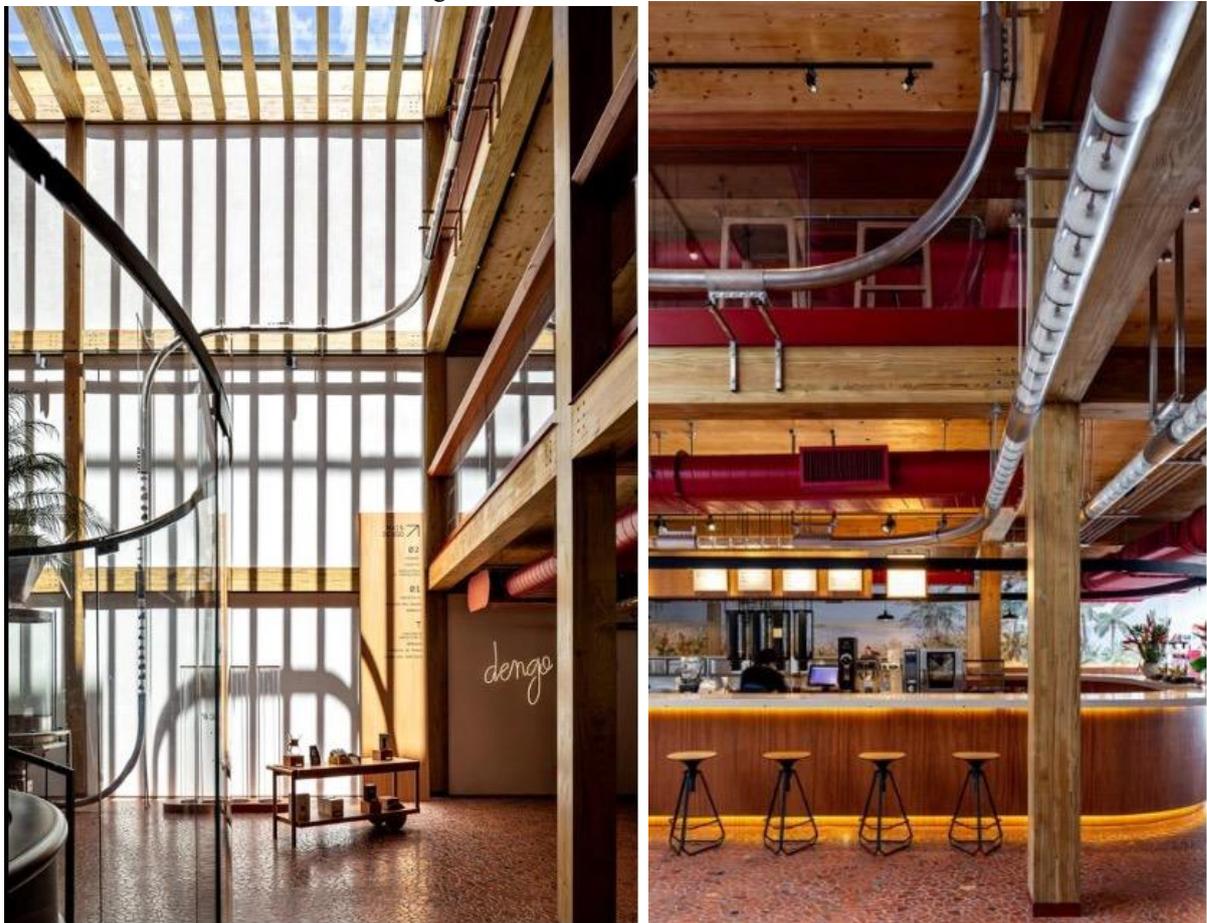
Fonte: Archdaily Brasil (2020).

4.2.3. Identidade

O conceito do projeto está pautado na estruturação completamente em madeira, com uma proposta voltada para redução de danos ambientais e para a promoção de desenvolvimento sustentável. Dessa forma, o conceito e a identidade do projeto estão ligados ao conforto e à experiência promovidos aos usuários com a disposição do layout, dos materiais e dos efeitos visuais adotados no projeto, como, por exemplo, o efeito de luz e sombra, identificado na Figura 6.

O design da loja é marcado por linhas limpas, materiais naturais e detalhes cuidadosamente elaborados, refletindo a dedicação da marca à qualidade e à excelência. Elementos de madeira, vidro e metal são combinados de forma harmoniosa para criar um ambiente sofisticado e convidativo, conforme o conceito da marca.

Figura 6 e 7: Efeito de luz e sombra.



Fonte: Archdaily Brasil (2020) e Acervo Pessoal (2024).

No que tange a marcar a identidade da marca no espaço, os arquitetos buscaram a criação de um ambiente que mescla o rústico, o irreverente, o autêntico e o artesanal em uma releitura contemporânea, sobretudo com o uso de elementos naturais e do conceito de “brasilidade” característico da marca Dengo, proporcionando, então, um local que, de fato, está imerso na identidade do produto.

4.2.4. Significado de uso

O principal uso do edifício é voltado à comercialização dos chocolates produzidos também no local. O ambiente oferece uma experiência completa aos clientes, desde o acompanhamento da produção e curiosidades sobre os produtos até o consumo no local.

A loja se destaca por sua fachada convidativa e pelo interior acolhedor. O layout do espaço é cuidadosamente planejado para criar uma atmosfera envolvente, onde os clientes são convidados a explorar os diversos produtos oferecidos pela marca.

4.2.5. Movimento

O prédio é composto por quatro pavimentos, que são ligados entre si por circulação vertical através de escadas, elevador e grandes aberturas. As instalações aparentes, as disposições de ripas de madeira no teto e o piso de caquinhos cerâmicos agregam a sensação de fluidez e movimento ao interior dos espaços (Figura 7).

A conexão estabelecida entre os pavimentos garante um passeio completo pelo prédio sem que haja esgotamento físico dos usuários, já que foram adotadas soluções projetuais de atenuar o vencimento dos andares por meio da distração pelos elementos ali presentes e das diferentes formas de circulação vertical, como escadas e elevadores; além da grande variedade de entretenimento oferecida pela loja.

4.2.6. Estrutura

A estrutura de madeira da loja Dengo Chocolate reflete o compromisso da marca com a sustentabilidade e a qualidade. A utilização da madeira como elemento estrutural confere à loja uma atmosfera acolhedora e natural, criando um contraste interessante com o ambiente urbano ao redor.

A estrutura do edifício utilizou lajes em madeira CLT (Madeira Lamelada Colada Cruzada) e pilares e vigas em madeira MLC (Madeira Lamelada Colada). De acordo com os arquitetos responsáveis, este projeto é uma aposta na tecnologia e na inovação, uma vez que houve a promoção do desenvolvimento sustentável sem abrir mão da estética e do conforto, utilizando parâmetros construtivos antes nunca utilizados no país, com a redução de danos ambientais e valorização de elementos naturais.

Em diversos pontos da loja, é possível identificar o emprego da madeira como elemento primário e secundário, uma vez que existem diversas peças estruturais aparentes e detalhes amadeirados espalhados pelos ambientes.

4.2.7. Geometria

A volumetria é composta por cubos vazados que verticalizam o edifício, como pode ser observado na Figura 8.

Figura 8: Diagrama



Fonte: Archdaily Brasil (2020)

O acesso ao interior do prédio é feito através de uma circulação horizontal em vários níveis. A fachada, através de subtrações estratégicas, transmite a ideia de permeabilidade, assim como a utilização da vegetação, de grandes esquadrias, de ampla iluminação e dos mobiliários em madeira.

4.3. CONCLUSÃO DAS ANÁLISES

Após análise de tais projetos, é possível identificar a temática central do trabalho com os projetos apresentados, que abordam o uso da madeira como principal elemento estrutural, minimizando, assim, danos ambientais comuns no tocante à construção civil. Outra semelhança notada é a interação do ambiente construído com o ambiente natural, promovido pela exploração da iluminação natural e de elementos que remetem à natureza, seja nos revestimentos como também nas escolhas dos mobiliários e das texturas.

No tocante à Loja Dengo Chocolates, destaca-se sua abordagem orgânica e acolhedora, onde a madeira é empregada para criar uma atmosfera calorosa e convidativa. A utilização de madeira de tons claros e acabamentos naturais transmite uma sensação de proximidade com a natureza, alinhando-se com os valores da marca em relação à sustentabilidade e ao respeito ao meio ambiente. Além disso, a madeira é habilmente integrada aos demais elementos do design, como o mobiliário e a iluminação, criando uma experiência sensorial completa para os clientes.

Por outro lado, o McDonald's apresenta uma abordagem mais contemporânea e urbana em relação ao uso da madeira. Aqui, a madeira é empregada de forma inovadora e arrojada, conferindo ao espaço uma estética moderna e sofisticada. O design minimalista e os acabamentos de madeira escura criam um contraste interessante com os elementos industriais, resultando em um ambiente urbano e cosmopolita. A escolha da madeira como material principal reflete a preocupação da marca em oferecer uma experiência aos clientes, ao mesmo tempo em que reforça seu compromisso com a inovação e a sustentabilidade.

Além disso, os projetos expostos possuem a temática central pautada no ato da concepção do projeto, focada na sustentabilidade, na redução de perdas de materiais e na aceleração de tempo de obra, vantagens possibilitadas pela utilização da madeira como matéria-prima e elemento estrutural primário.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante o exposto, é conclusivo que um projeto pautado na sustentabilidade apresenta diversas vantagens para a obra e aos usuários, além da madeira proveniente de plantios apresenta uma vasta gama de possibilidades e vantagens para a construção civil, especialmente em projetos comerciais. Ao investigar os diferentes tipos de produtos feitos a partir dessa matéria-prima, foi possível compreender suas características e aplicações, destacando sua versatilidade e sustentabilidade. Assim, o presente trabalho abordou as questões teóricas e comparativas que foram tratadas na concepção do Estudo em questão.

Dessa forma, foi possível observar a importância da criação desses espaços, visto a necessidade cada vez maior de escolhas que priorizam aspectos ambientais, visando o futuro e o aproveitamento a longo prazo da edificação, criando, então, experiências a quem utiliza os espaços.

Em suma, o levantamento bibliográfico realizado nesse trabalho proporcionou uma compreensão abrangente sobre a utilização da madeira de plantio em projetos comerciais, destacando suas vantagens econômicas, ambientais e estéticas.

Durante a pesquisa, foi observado que a madeira de plantio oferece uma ampla gama de produtos e aplicabilidades na construção civil, desde estruturas básicas até acabamentos sofisticados. A análise detalhada desses produtos revelou suas características distintivas e suas vantagens em relação aos materiais convencionais. Além disso, um dos pontos cruciais da investigação foi a comparação dos impactos ambientais associados ao uso de materiais convencionais e não convencionais derivados da madeira de plantio. Os resultados obtidos ressaltam a importância da escolha de materiais sustentáveis na redução do impacto ambiental da construção civil.

O levantamento comparativo entre os impactos causados pelo uso de materiais convencionais e não convencionais derivados da madeira de plantio evidencia não apenas as vantagens ambientais, como também econômicas e estéticas. A utilização responsável dessa fonte renovável pode reduzir significativamente o impacto ambiental causado pela construção civil, ao mesmo tempo em que proporciona ambientes comerciais mais atraentes e confortáveis.

O estudo ainda identificou diversas possibilidades de utilização da madeira de plantio em projetos de arquitetura e interiores comerciais. Essas possibilidades incluem não apenas aspectos estruturais, mas também elementos de design que agregam valor estético e funcional aos espaços comerciais. Por fim, a análise de projetos comerciais que incorporam a madeira de plantio proporcionou insights valiosos sobre as práticas contemporâneas de utilização desse material. A revisão desses casos destacou as soluções criativas e inovadoras adotadas pelos profissionais da área, demonstrando o potencial da madeira de plantio na criação de espaços comerciais atraentes e sustentáveis.

Ao identificar as possibilidades de uso da madeira de plantio em projetos de arquitetura e interiores comerciais, torna-se evidente que essa matéria-prima oferece soluções criativas e inovadoras, permitindo a criação de espaços únicos e personalizados. Além disso, a análise de projetos comerciais com a madeira de plantio aplicada no projeto estrutural e de interiores demonstra sua viabilidade técnica e estética, inspirando a adoção de práticas sustentáveis no setor.

Por fim, espera-se que o conteúdo desse trabalho possa orientar arquitetos, designers e profissionais da construção civil na adoção de práticas mais sustentáveis e inovadoras em seus projetos futuros, além da contribuição à comunidade acadêmica ao incentivo de estudos atrelados ao emprego da madeira de plantio no âmbito construtivo.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. C. de; SILVA, R. D.; MOURA, J. D. de M. Wooden building systems: imminent growth or exponential problem? Sistemas construtivos em madeira: crescimento eminente ou problema exponencial?. **Concilium**, [S. l.], v. 23, n. 10, p. 381–390, 2023. DOI: 10.53660/CLM-1374-23F33. Disponível em: <https://www.clium.org/index.php/edicoes/article/view/1374>. Acesso em: 21 maio. 2024.
- ARCHDAILY BRASIL. Loja Conceito da Dengo Chocolates / Matheus Farah + Manoel Maia Arquitetura. 2021. **ArchDaily Brasil**. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/960042/loja-conceito-da-dengo-chocolates-matheus-farah-plus-manoel-maia-arquitetura>. Acesso em: 31 de mar. de 2024.
- ARCHDAILY BRASIL. McDonald's Paraíso / SuperLimão, 2023. **ArchDaily Brasil**. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/1007057/mcdonalds-paraiso-superlimao>. Acesso em: 02 de abr. de 2024.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, NBR 7190-1 Projeto de Estruturas de Madeira – Parte 1: Critérios de Dimensionamento, Rio de Janeiro, ABNT, 2022.
- MIGLIANI, Audrey. "O que é Madeira Laminada Colada (MLC ou Glulam)?" 12 Nov 2019. ArchDaily Brasil. Acessado 27 Mai 2024. <<https://www.archdaily.com.br/br/928061/o-que-e-madeira-laminada-colada-mlc-ou-glulam>> ISSN 0719-8906.
- BERTOLIN, Isadora Oliveira; MATTOS, Carlos Eduardo de Oliveiras. Loja São Francisco de Assis: Neuroarquitetura aplicada em ambientes comerciais. **Uniacademia**, Minas Gerais, v. 2, n.1, 2021.
- BOGO, Amílcar J. Arquitetura em madeira em Santa Catarina: Patrimônio Histórico e tipologia habitacional atual. 2017. **Vitruvius**. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/18.208/6717>. Acesso em: 25 de maio de 2024.
- CHILETTO, Tatiana de Oliveira et al. Produtos de madeira para construção. **Projetar e construir com madeira**, 2024.
- COLLINETTI, Diego Alba. Estudo de caso da eficiência energética de dois sistemas construtivos em madeira: CLT e Wood Frame. **Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho**, São Paulo, 2016.
- CONSTANTINI, Sistema Legno. **Tecnologia Balloon Frame – Platform Frame**. 2024. Disponível em: <https://www.costantinilegno.it/chi-siamo/tecnologia-balloon-frame-platform-frame/>. Acesso em: 24 de maio de 2024.
- CORDEIRO JÚNIOR, Carlos Roberto; SILVA, Wendna Cristina Rocha; SOARES, Paulo de Tarso Machado Leite. Uso da madeira na construção civil. **Projectus**, v. 2, n. 4, p. 79-93, 2017
- DEMARZO, Mauro Augusto et al. **Indicadores de Sustentabilidade (LCA) e Análise do Ciclo de Vida para Madeira de Reflorestamento na Construção Civil**. 21. ed. São Carlos: Revista Madeira Arquitetura & Engenharia, 2017. (8).

DONG, Y. et al. Assessment of Energy Saving Potential by Replacing Conventional Materials by Cross Laminated Timber (CLT)-A Case Study of Office Buildings in China. **Applied Sciences**, v. 9, n. 5, 2019.

GIORGI, R. de S. N.; QUIRINO, V. A.; MEIRELLES, C. R. M. Contexto para a utilização da madeira como sistema estrutural em edifícios habitacionais / Context for the use of wood as a structural system in housing buildings. **Brazilian Journal of Development**, [S. l.], v. 6, n. 3, p. 9760–9775, 2020. DOI: 10.34117/bjdv6n3-014.

Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/7297>. Acesso em: 21 may. 2024.

HERBST, H. (2016). Conhecimento, análise e crítica de arquitetura: Algumas linhas. **Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo**, Porto Alegre, 2016. Sessão Temática: Definições e especificidades da arquitetura no debate teórico nacional.

HENRY, Joalex. **Casas de Tronco Históricas**. 2015. Disponível em: <https://meioseculodeaprendizagens.blogspot.com/2015/11/casas-de-troncos-historicas.html>. Acesso em: 25 de maio de 2024.

JAPAN, Endless Discovery. **Santuário Kumano Hongu Taisha**. 2024. Disponível em: <https://www.japan.travel/pt/spot/980/>. Acesso em: 25 de maio de 2024.

KINNEAR, Thomas C.; TAYLOR, James Ronald; KRESGE, Sebastian S. Marketing research: an applied approach. **(No Title)**, 1996.

KISLOV, Alexander. **10 Igrejas de madeira para visitar antes que seja tarde demais**. 2018. Disponível em: <https://br.rbth.com/historia/81042-10-igrejas-madeira-visitar-tarde-demais>. Acesso em: 24 de maio de 2024.

LIBRELOTTO, Lisiane. FERROLI, Paulo César Machado. **Materioteca Sustentável: Madeira de Reflorestamento**. UFSC. 2023. Disponível em: <https://materioteca.paginas.ufsc.br/madeira-de-reflorestamento/>. Acesso em: 25 de maio de 2024.

LIMA QUEIROZ, M. V.; ROCHA FRANÇA, D. L.; SENA PEREIRA BRITO, R.; ROCHA, C. R.; LIMA SEVERO, M. E.; DAS VIRGENS SANTANA, H. P.; FICA

PIRAS, P. R. Uso de madeira de reflorestamento na indústria da construção civil: uma análise a partir da visão dos profissionais. **Sitientibus**, [S. l.], v. 1, n. 64, 2024. DOI: 10.13102/sitientibus.v1i64.10356. Disponível em: <https://periodicos.uefs.br/index.php/sitientibus/article/view/10356>. Acesso em: 20 maio. 2024.

MADEIRA, Mariana; OLDONI, Sirlei Maria; SCHNEIDER, Luciana Sória. ESTUDO DA NEUROARQUITETURA EM AMBIENTE CORPORATIVO. **Revista Thêma et Scientia**, v. 12, n. 1, p. 127, 2022.

MEIRELLES, Célia Regina Moretti et al. Considerações sobre o uso da madeira no Brasil em construções habitacionais. **Fórum de Pesquisa Mackenzie. São Paulo**, 2007.

MOLINA, C.; CALIL JUNIOR, C. Wood frame systems for wood homes. **Semina: Ciências Exatas e Tecnológicas**, [S. l.], v. 31, n. 2, p. 143–156, 2010. DOI: 10.5433/1679-0375.2010v31n2p143. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/semexatas/article/view/4017>. Acesso em: 26 mai. 2024.

- PAIVA FILHO, J. C. DE. Et. Al. Diagnóstico do uso da madeira como material de construção no município de Mossoró-RN/Brasil. **Matéria (Rio de Janeiro)**, v. 23, n. 3, p. 12, 2018.
- PFEIL, Walter; PFEIL, Michèle. **Estruturas de Madeira, 6ª edição**. [Digite o Local da Editora]: Grupo GEN, 2003. *E-book*. ISBN 978-85-216-2810-1. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/978-85-216-2810-1/>. Acesso em: 21 mai. 2024.
- RESENDE, Evelyn Bastos et al. Uso de wood frame na construção civil no Brasil. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 6, p. e31210615818- e31210615818, 2021.
- RIBASKI, Nayara Guetten. Conhecendo o setor florestal e perspectivas para o futuro. **Brazilian Journal of Animal and Environmental Research**, v. 1, n. 1, p. 44- 58, 2018.
- RICHARDSON, Roberto Jarry et al. Pesquisa social: métodos e técnicas. 14. reimpr. **São Paulo: Atlas**, 2012.
- SALOMÃO, Davi. Society of Architectural Historians. Edifício Haughwout. 2023. Disponível em: <https://sah-archipedia.org/buildings/NY-01-061-0008>. Acesso em: 25 de maio de 2024.
- Santos, L. R. L. dos, Lima, J. V. F. de, Neto, L. T., Rolemberg, R. R., & Gonzaga, G. B. M. (2018). TELHADO VERDE: UMA PROPOSTA SUSTENTÁVEL PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL. *Caderno De Graduação - Ciências Exatas E Tecnológicas - UNIT - ALAGOAS*, 4(2), 195. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/fitsexatas/article/view/5213>. Acesso em: 26 de maio de 2024.
- SANTOS, M. M. L. dos; CRUZ, A. C. P. da; TERRA, I. C. de C.; PEREIRA, C. O. V. R. Integrative review of the use of wood through the wood frame constructive system in Brazil. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. e31511124831, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i1.24831. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/24831>. Acesso em: 21 may. 2024.
- SOARES, Thelma Shirlen; CARVALHO, Rosa Maria Miranda Armond; VALE, Antonio Bartolomeu do. Avaliação econômica de um povoamento de Eucalyptus grandis destinado a multiprodutos. **Revista Árvore**, v. 27, p. 689-694, 2003.
- SOMAPIL, Madeiras do mundo. **Produtos: Placas**. 2012. Disponível em: <http://www.somapil.com/pt/placas/contraplacados>. Acesso em: 24 de maio de 2024.
- TREVISAN, H. et al. Avaliação de propriedades físicas e mecânicas da madeira de cinco espécies florestais em função da deterioração em dois ambientes. **Revista Árvore**, v. 31, n. 1, p. 93–101, jan. 2007.
- TUMELERO, Mônica; BALDISSERA, Adriana Diniz. A emoção na arquitetura comercial. **Revista Tecnológica**, v. 3, n. 2, p. 1-14, 2015.
- VIDAL, J. M. et al. Preservação de madeiras no Brasil: histórico, cenário atual e tendências. **Ciência Florestal**, v. 25, n. 1, p. 257–271, jan. 2015.
- ZENID, Geraldo José; NAHUZ, Marcio Augusto Rabelo; MIRANDA, Maria José de Andrade Casimiro. Madeira: **Uso Sustentável na Construção Civil**. [S. l.], 2003.
- ZENID, José Geraldo. Madeira na construção civil. **Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo**, São Paulo, p. 16-24, 2011.

CAPÍTULO 7: ESTUDO DA AUTOCONSTRUÇÃO EM UMA HABITAÇÃO UNIFAMILIAR NA CIDADE DE SÃO JOSÉ DO EGITO-PE PARA IMPLEMENTAR PRÁTICAS DE ARQUITETURA REGULAR

Tallita de Lira Lopes ¹
Ana Luzia Lima Rodrigues Pita ²

RESUMO

Nesse trabalho de final de graduação, o objetivo é explorar a temática da autoconstrução na habitação unifamiliar, com foco na compreensão do conceito de moradia. Para isso, foram realizadas análises por meio de pesquisas bibliográficas e consultas a instrumentos legislativos e documentais, a fim de examinar o surgimento, os benefícios e os desafios da autoconstrução. Além disso, foi utilizado o estudo de caso de uma residência unifamiliar em São José do Egito - PE, com o propósito de analisar a arquitetura, o design da residência e sua integração com o ambiente urbano. Foi adotada uma abordagem qualitativa na pesquisa descritiva, utilizando análise de projetos de referência e critérios estabelecidos pela ONU. Com base nessas análises, foi elaborada uma cartilha ilustrativa com o objetivo de educar e informar a população sobre as soluções propostas.

Palavras-chaves: Autoconstrução; Moradia; Saudável.

ABSTRACT

In this final degree work, the objective is to explore the theme of self- construction in single-family housing, focusing on understanding the concept of housing. To this end, analyzes were carried out through bibliographical research and consultations with legislative and documentary instruments, in order to examine the emergence, benefits and challenges of self-construction. Furthermore, a case study of a single-family residence in São José do Egypt - PE was used, with the purpose of analyzing the architecture, design of the residence and its integration with the urban environment. A qualitative approach was adopted in descriptive research, using analysis of reference projects and criteria established by the UN. Based on these analyses, an illustrative booklet was created with the aim of educating and informing the population about the proposed solutions.

Keywords: Self-construction; Housing; Healthy.

¹ Graduanda do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Uniesp.
E-mail: 20192069007@iesp.edu.br

² Orientadora do trabalho e Professora do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Uniesp.
E-mail: ana.pita@iesp.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo abordar e desenvolver o tema da autoconstrução, explorando suas diferentes técnicas e perspectivas. Para discutir sobre o assunto, é fundamental ter conhecimento prévio sobre o contexto relacionado ao acesso à moradia.

Moradia é onde as pessoas estabelecem morada, tem do lugar como abrigo, onde se encontra segurança, conforto, condições básicas para se viver com dignidade e se desenvolver de forma completa, da infância à idade adulta, além de ser um local de convívio e de vínculos afetivos, essa visão está alinhada com a Fundação Abrinq - Observatório da Criança e do Adolescente (2022) que reconhece a moradia como essencial para o desenvolvimento saudável.

Direito fundamental estabelecido pela Constituição Federal de 1988, previsto no artigo 6º, incluído no texto constitucional nº 26 em 2000 (Brasil,1988). No entanto a Declaração Universal dos Direitos Humanos reconhece a habitação como direito fundamental, desde 1948 no artigo 25º (ONU,1948). Dessa forma é de competência comum entre a união, os estados e os municípios assegurado por meio de emenda constitucional.

Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a **moradia**, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição (Brasil,1988, p.19, grifo nosso).

Art. 25º Todo ser humano tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e à sua família saúde, bem-estar, inclusive alimentação, vestuário, **habitação**, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis e direito à segurança em caso de desemprego, doença invalidez, viuvez, velhice ou outros casos de perda dos meios de subsistência em circunstâncias fora de seu controle (ONU,1948, n.p, grifo nosso).

Em busca de cidades mais equitativas e justas, foram aprovadas duas leis de grande importância: a Lei Federal 10.257/2001, conhecida como Estatuto da Cidade, que estabelece as diretrizes para a política urbana prevista na Constituição Federal de 1988; e a Lei Federal 11.888/2008, também conhecida como Lei de Assistência Técnica Pública e Gratuita, que assegura o direito das famílias de baixa renda à assistência técnica em suas construções (ATHIS, s.d).

De acordo com o Conselho de Arquitetura e Urbanismo de Santa Catarina (CAU/SC, 2017), o acesso à terra e moradia no Brasil é desigual. O país, por diversos fatores, apresenta problemas sociais decorrente da ausência do Estado e da globalização, que influenciam no crescimento da exclusão social e da pobreza, e, conseqüentemente, na questão da moradia, tanto no ambiente urbano quanto no ambiente rural.

De acordo com a pesquisa mais recente da Fundação João Pinheiro (Goulart,2024) realizada em 2019, o Brasil apresentava um déficit habitacional de 5,8 milhões de moradias, representado principalmente por pessoas pretas e pardas, tendo destaque nas regiões Norte e Nordeste.

O déficit habitacional refere-se à situação em que um determinado número de famílias não possui moradia adequada ou vive em condições precárias em uma região específica, esse cálculo também leva em consideração os domicílios em situação de coabitação, ou seja, quando várias famílias compartilham o mesmo espaço, e aqueles com aluguel de alto custo, que comprometem significativamente a renda familiar, como esclarece a Organização Habitat para a Humanidade Brasil (s.d).

No entanto, é importante ressaltar que esses dados não consideram o impacto da pandemia, que resultou em um aumento significativo no número de pessoas afetadas. Segundo o levantamento da Campanha Nacional Despejo Zero – Em Defesa da Vida no Campo e na Cidade, lançada

entre junho de 2020, houve um alarmante aumento no número de famílias ameaçadas e efetivamente despejadas em todo o país, sendo mais de 1 milhão de pessoas atingidas de alguma forma.

As injustiças sociais na construção das cidades brasileiras têm se acentuado ao longo dos anos, que resulta em um cenário preocupante. O país enfrenta a realidade de 25 milhões de moradias precárias e mais de 220 mil pessoas em situação de rua, de acordo com a carta aberta das entidades e do conselho de arquitetura e urbanismo como forma de manifesto em defesa da sociedade (CAU/BR, 2022).

Sob essa perspectiva, a décima primeira meta dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) que é “garantir o acesso de todas as pessoas a habitações seguras, adequadas e a preços acessíveis, bem como aos serviços básicos e à urbanização das favelas” sendo importante destacar que há uma grande distância entre a realidade atual e a meta a ser alcançada até 2030 (ONU, 2019).

Conforme a arquiteta Ermínia Maricato (2013), no Brasil, o salário nunca foi regulado pelo preço da moradia, mesmo durante o período de desenvolvimento. Significa que, embora o direito ao trabalho seja garantido, não é garantido que o trabalhador consiga arcar com todos os custos relacionados à moradia. Portanto, cabe ao mesmo buscar meios para garantir acesso à habitação, sendo possível compreender as razões que levaram ao surgimento da autoconstrução como uma alternativa viável para a aquisição de moradia, pois muitas das vezes é a arquitetura possível.

A autoconstrução está presente no Brasil desde o fim da escravidão, quando surgiu o conceito de 'homem livre' e, simultaneamente, o crescimento das cidades começa junto a isso as necessidades. Uma delas é a moradia, antes assegurada pelo dono do escravo, surge o problema da habitação enquanto questão social (Villaça 1986). De acordo com Lima (2005), a autoconstrução representa a alternativa de acesso à habitação e à cidade.

A autoconstrução é uma realidade na cidade de São José do Egito - PE, uma vez que a própria cidade foi construída por meio desse processo. No ano de 1830, um grupo de fazendeiros decidiu estabelecer residência em um local estratégico, próximo ao encontro do Riacho com o Rio, conforme registrado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2023). Esses fazendeiros trouxeram suas famílias, animais e pertences, e construíram suas casas utilizando materiais nativos, seguindo a arquitetura vernacular da região (IBGE, 2023).

O processo foi gradativo, à medida que habitado o local ficou convidativo, começou a se tornar um pequeno vilarejo, com algumas casas e uma. Com a presença da capela, muitas pessoas da região começaram a frequentar o local, pouco tempo depois, mais pessoas decidiram se estabelecer mais próximas da capela, e a vila começou a crescer, e se estabeleceu como cidade em 1909. De acordo com o censo de 2022, São José do Egito - PE possui uma área territorial de 774,037 km² e uma população de 31.004 habitantes. A autoconstrução, desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento e crescimento da cidade ao longo dos anos (IBGE, 2023).

Levando em consideração o cenário sobre autoconstrução, o interesse em realizar esse estudo surgiu mediante pesquisa realizada pelo Instituto Datafolha, em parceria com CAU/BR (2022), em que 50 milhões de brasileiros já fizeram obras de reformas ou construção, 82% é feita sem o acompanhamento, não contratando serviços de profissionais tecnicamente habilitados, sendo assim obras irregulares.

Problemas relacionados a autoconstrução vão desde patologias que é o comprometimento da matéria-prima da estrutura, como retrabalho por falta de planejamento, causando desperdício financeiro como de material, podendo vir a ser uma possível tragédia.

A arquiteta e urbanista Nadia Somekh (2022), presidente do CAU/BR, exemplifica essa realidade citando o desabamento em 2019 de dois prédios construídos irregularmente na comunidade de Muzema, no Rio de Janeiro, causando 24 mortes, de igual forma, as tragédias de Petrópolis, com 233 mortes, e Franco da Rocha com 32 mortes, não deixam de estar relacionadas ao quadro.

Dessa forma, o presente trabalho partiu da necessidade de entender como o estudo sobre autoconstrução pode impactar direta ou indiretamente a sociedade, ressaltando que moradia é uma questão de saúde pública, sendo necessário desenvolvimento socioterritorial a partir de dinâmicas sociais, econômicas, políticas e culturais.

Diante do exposto, o objetivo geral deste trabalho é o de desenvolver um estudo da autoconstrução em uma habitação unifamiliar na cidade de São José do Egito – PE, implementando práticas da arquitetura regular de acordo com as diretrizes estabelecidas pela Organização das Nações Unidas (ONU) de 1948. Além disso, tem-se, como objetivos específicos, compreender o conceito da autoconstrução residencial unifamiliar; analisar a residência do objeto de estudo segundo as características da autoconstrução e desenvolver diretrizes projetuais para uma moradia saudável, por meio da criação de uma cartilha informativa ilustrada para que sirva de apoio a população.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. AUTOCONSTRUÇÃO

A autoconstrução é uma prática que tem suas raízes em tradições históricas e é realizada por meio dos conhecimentos populares. É uma modalidade construtiva na qual o próprio morador assume o papel de arquiteto de sua obra.

Autoconstrução, o mutirão, a auto-ajuda e a ajuda mútua são termos utilizados para descrever um processo de trabalho baseado na cooperação entre as pessoas, na troca de favores. Essa prática frequentemente envolvia festas com danças e bebidas, que marcavam o fim do dia ou do processo de trabalho, a festa era uma maneira pela qual o pequeno produtor retribuía parte da ajuda recebida. (Maricato, 1982).

Bonduki (1994) destaca que o conceito de autoconstrução vai além da simples construção física da casa, envolvendo também a capacidade de autogestão. Isso significa que a autoconstrução não se resume apenas à construção em si, mas abrange a habilidade de gerenciar todo o processo, desde o planejamento até a execução. De acordo com Silva (2013), o gerenciamento de obras desempenha um papel relevante na autoconstrução. Portanto, é essencial implementar um conjunto de ações que incluam o planejamento, a organização das competências, a definição de responsabilidades, a comunicação efetiva, o controle e a tomada de decisão.

No contexto do processo de urbanização no Brasil, é importante destacar a influência significativa da prática da autoconstrução, podendo se manifestar de maneiras diversas, como a autoconstrução institucionalizada, que ocorre por meio de instituições como associações e cooperativas, como a autoconstrução assistida, na qual o poder público oferece apoio financeiro, implementação de serviços e suporte técnico, e a autoconstrução coletiva, que está relacionada às ações dos movimentos populares. Essas diferentes abordagens refletem a variedade de formas práticas da autoconstrução no contexto urbano brasileiro. (Ntelma, 2011; Ferreira, 2020).

A pesquisa desenvolvida pela Associação Brasileira de Materiais de Construção (ABRAMAT) revela que a autoconstrução desempenha um papel significativo no setor habitacional do Brasil.

Segundo o estudo, cerca de 84% dos materiais de construção são utilizados em projetos de construção ou reforma realizados pelos próprios moradores. Além disso, aproximadamente 77% das residências brasileiras foram construídas por meio da autoconstrução, sem a devida orientação técnica (ABRAMAT, 2005).

De acordo com Soares (2012), Nascimento (2011) e Wartchow (2012), a prática de autoconstruir é impulsionada por uma variedade de razões, que estão diretamente relacionadas às dificuldades enfrentadas pelas pessoas na busca por habitação. Essas dificuldades são uma característica inerente do processo de urbanização capitalista.

Balthazar (2012), em estudo realizado mostra que os indivíduos que constroem suas próprias casas identificaram várias vantagens relacionadas à prática da autoconstrução como forma de obter moradia. Eles ressaltaram a liberdade de escolher o projeto de acordo com suas necessidades, a oportunidade de economizar dinheiro e a capacidade de adaptar a propriedade ao longo do tempo como benefícios significativos.

No entanto, é importante ressaltar que os autoconstrutores também reconhecem a possibilidade de surgirem problemas nas edificações, uma vez que não contam com o suporte técnico durante o processo de construção. Apesar desses riscos, os mesmos preferem assumir a responsabilidade e enfrentar os desafios, devido à grande desigualdade existente no acesso à moradia (Balthazar, 2012).

Autoconstrução tem desempenhado um papel crucial no acesso à moradia no Brasil. É uma opção viável para muitas famílias que desejam construir sua própria casa, como já foi mencionado por Maricato (1982). No entanto, é essencial reconhecer que a ausência de assistência técnica adequada pode levar a construções que não atendem aos padrões de segurança e qualidade.

Nesse sentido, é fundamental que sejam implementadas políticas públicas que garantam o acesso dos autoconstrutores a informações, orientações técnicas, cursos de capacitação e profissionais qualificados. Essas políticas devem ser disponibilizadas de forma acessível a todas as famílias que optarem pela autoconstrução, independentemente de sua renda ou localização geográfica. Com o apoio do poder público, os autoconstrutores poderão adquirir as ferramentas e conhecimentos necessários para construir suas casas de maneira adequada, contribuindo assim para a melhoria da qualidade habitacional no país.

2.2. MORADIA SAUDÁVEL

De acordo com o Ministério da Saúde (2018), a concepção de saúde vai além da mera ausência de doenças, é necessário considerar o completo bem-estar físico, mental e social das pessoas. Isso significa que a saúde não se limita apenas à ausência de enfermidades, mas também engloba aspectos relacionados à qualidade de vida, equilíbrio emocional e integração social, como definiu a Organização Mundial da Saúde (OMS, 1946). Moradia é saúde (Machado, 2018). Conforme mencionado por Oliveira (s.d., p. 52), as condições materiais da habitação têm efeitos variados na saúde do indivíduo.

A moradia vai além de simplesmente ter um teto sobre a cabeça e quatro paredes. Ela se refere a um espaço habitacional que ofereça condições adequadas para a vivência humana. Isso inclui não apenas a disponibilidade de um ambiente seguro, mas também a garantia de acesso a serviços essenciais, como saneamento básico, iluminação pública, água, energia e vias de transporte adequadas para facilitar o acesso à educação, a saúde e o lazer (Almeida, 2021).

A questão da moradia é de extrema importância e complexidade, sempre trazendo à tona discussões relevantes. As diretrizes para o direito à moradia adequada foram estabelecidas nos comentários gerais do Comitê das Nações Unidas sobre os Direitos Econômicos, Sociais e Culturais em 1948. O Comitê ressaltou que o direito à moradia adequada não deve ser interpretado de forma restritiva, mas sim como o direito de viver em um local seguro, pacífico e digno. Para uma compreensão mais aprofundada desse direito, é essencial considerar seus três elementos fundamentais: liberdades, garantias e proteções. (UNESCO, 2013).

Para que o direito à moradia adequada seja garantido, é necessário atender a certos critérios de acordo com a ONU (1948):

- 1. Segurança da posse:** A moradia não pode ser considerada adequada se os seus ocupantes não possuem um grau de segurança na posse que garanta a proteção legal contra despejos forçados, perseguição e outras ameaças. É fundamental que as pessoas se sintam seguras em relação à sua posse e ao território em que habitam, sem o temor de serem removidas de forma injusta ou sofrerem ameaças inesperadas (ONU, 1948).
- 2. Disponibilidade de serviços, materiais, instalações e rede de infraestrutura:** a moradia não pode ser considerada adequada se os seus ocupantes não possuem acesso à água potável, saneamento básico, energia elétrica e coleta de lixo. A qualidade da moradia está diretamente relacionada à disponibilidade de recursos essenciais (ONU, 1948).
- 3. Economicidade:** a moradia não pode ser considerada adequada se ameaçar ou comprometer o exercício de outros direitos humanos, é essencial que o custo para adquirir ou alugar uma moradia seja acessível, de forma a não comprometer o orçamento familiar (ONU, 1948).
- 4. Habitabilidade:** a moradia não pode ser considerada adequada se não garantir a segurança física e estrutural, proporcionando um espaço adequado, que proteja do frio, da umidade, do calor, da chuva, do vento e outros fatores que possam colocar em risco a saúde e a vida das pessoas (ONU, 1948).
- 5. Acessibilidade:** para que a moradia seja considerada adequada, é imprescindível levar em conta as necessidades específicas de diferentes grupos, como idosos, mulheres, crianças, pessoas com deficiência, entre outros. Além disso, é de extrema importância garantir e respeitar o direito à igualdade (ONU, 1948).
- 6. Localização:** a moradia só pode ser considerada adequada se estiver conectada a oportunidades de emprego, serviços de saúde, escolas, creches e outras instalações sociais. Além disso, é importante que esteja localizada em áreas seguras e livres de poluição, para garantir a adequação da moradia, é necessário que ela esteja territorialmente integrada a essas oportunidades e serviços. Isso significa que deve estar em um local que ofereça desenvolvimento econômico, cultural e social (ONU, 1948).
- 7. Adequação cultural:** a moradia deve ser adequada e respeitar a expressão da identidade cultural de seus habitantes e de seu entorno. Isso significa que a forma de construir a moradia e os materiais utilizados na sua construção devem refletir e valorizar tanto a identidade quanto a diversidade cultural (ONU, 1948).

A qualidade de vida está diretamente relacionada aos espaços em que vivemos, desde a organização das moradias até a configuração urbana das cidades, pode ter um impacto significativo no bem-estar e na qualidade de vida. (Damascena, 2022). No entanto, é preciso reconhecer que o acesso à moradia adequada pode ser um desafio, especialmente devido à desigualdade social. A falta de habitação adequada não afeta apenas a saúde dos moradores, mas também tem um impacto significativo na saúde da comunidade como um todo. Portanto,

é fundamental buscar soluções que garantam o direito à moradia digna, visando não apenas o bem-estar individual, mas também a saúde coletiva. (Oliveira, s.d., p. 53).

Para abordar essa problemática, é importante considerar a legislação e os tratados internacionais assinados pelo Brasil, como a Declaração dos Direitos Humanos. Ao assinar esse documento, o país se compromete a cumprir os direitos estabelecidos, incluindo o direito a um padrão de vida adequado. Isso significa que o cumprimento desses tratados e acordos é obrigatório dentro do país, o que reforça a importância de garantir espaços de qualidade que contribuam para o bem-estar e a qualidade de vida da população (Pereira, 2021).

2.3. ASSISTÊNCIA TÉCNICA EM HABITAÇÃO DE INTERESSE SOCIAL

A Lei Federal nº 11.888/2008, conhecida como Assistência Técnica em Habitação de Interesse Social (ATHIS), de abrangência nacional, fundamentada no direito humano à moradia, conforme expresso no artigo 6º da Constituição Federal, tem como objetivo principal de melhorar as condições habitacionais de famílias de baixa renda, buscando garantir o acesso a uma moradia digna e adequada. A lei prevê a prestação de assistência técnica pública e gratuita para a elaboração de projetos, acompanhamento e execução de obras relacionadas à construção (CAU/BR, 2021).

No contexto da sociedade, é evidente a existência de desigualdade no acesso à terra e à moradia, o que afeta diretamente a qualidade de vida das pessoas. Essa disparidade representa um desafio para garantir condições dignas de habitação para todos. Nesse sentido, a Lei da ATHIS surge como uma importante ferramenta para promover a construção de territórios seguros e equitativos, buscando reduzir o acesso desigual aos elementos indispensáveis para uma vida digna, conforme afirmado pelo CAU/BR (2018).

Existe uma problemática relacionada à posse de terras, habitação e moradia. É uma questão histórica no Brasil (Almeida, 2021). As políticas públicas desempenham um papel crucial na busca por soluções para essas questões, sendo recursos importantes para implementar mudanças progressivas na sociedade. Elas influenciam a forma como os recursos e investimentos são direcionados, visando promover melhorias e combater problemas sociais por meio de programas e ações específicas. Assim, as políticas públicas têm como objetivo promover a justiça social e garantir igualdade de oportunidades para todos (CNN, 2023).

O Poder Público, em colaboração com os três poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, desempenha um papel essencial na garantia de condições adequadas de moradia. É responsabilidade do Estado promover, executar e fiscalizar a assistência técnica, além de coordenar os agentes envolvidos na produção habitacional, organizar e direcionar a demanda por moradias de interesse social, e fomentar a integração da assistência técnica em habitação de interesse social com outras políticas públicas (CAU/SC, 2022).

Durante quase sete anos, a implementação da Lei de Assistência Técnica, aprovada em 2008, avançou de forma gradual. No entanto, foi somente em 2015 que novas discussões em relação à lei de ATHIS surgiram, impulsionadas por uma pesquisa realizada pelo Instituto DataFolha em parceria com o CAU/BR (Medvedovski; Santos; Santiago, 2019).

A partir do lançamento dessa pesquisa, o tema da lei de ATHIS ganhou destaque, revelando a importância e a urgência do assunto. O CAU/BR desempenhou um papel fundamental ao tomar iniciativa de destinar no mínimo 2% do total das receitas de arrecadação dos Conselhos de Arquitetura e Urbanismo regionais para o fundo de apoio e ao centro de serviços compartilhados, com o objetivo de promover ações estratégicas de ATHIS. Essa medida entrou em vigor em 2017, e desde então o CAU/BR passou a investir recursos no fomento da ATHIS,

incentivando a realização de editais, seminários, palestras, cursos, empreendimentos e projetos baseados na lei, que passaram a ser amplamente discutidos em todo o país. (Medvedovski; Santos; Santiago, 2019).

Conforme Velasco (2023), o CAU/BR tem como principal objetivo promover a ATHIS como um modelo de negócio social. A intenção é incentivar os profissionais a perceberem o trabalho técnico como uma ferramenta para atender às necessidades habitacionais em uma escala menor. Além disso, busca-se sensibilizar tanto o Estado quanto o mercado para que também se envolvam ativamente nessas demandas, promovendo ações com um propósito maior. O objetivo é criar um impacto significativo, demonstrando que a melhoria das condições habitacionais não é apenas uma questão de bem-estar individual, mas também uma necessidade urgente para a saúde pública e o desenvolvimento social.

2.4. REFERENCIAL PROJETUAL

Levando em consideração a necessidade de aprofundar o entendimento do tema proposto, foram selecionados projetos de referência. A análise desses projetos se revelou de extrema importância, pois permitiu observar a organização dos espaços, as estratégias projetuais adotadas e as possibilidades de utilização de diferentes estruturas e materiais. Além disso, esses projetos forneceram um respaldo técnico e ampliaram o repertório de conhecimentos.

Os projetos selecionados para essa análise foram a Casa Vila Matilde (Figura 1) - São Paulo, Brasil e a Casa no Pomar do Cafezal (Figura 2) - Belo Horizonte, Brasil. Utilizando o método de Geoffrey Baker (1998) e o método de Simon Unwin (2013), que permitiram uma interpretação e análise detalhada dos projetos. Os autores mencionados iniciam suas análises examinando as plantas e cortes do projeto, dando ênfase a uma abordagem visual direta.

Figuras 1 e 2: Casa Vila Matilde e Casa do Pomar do Cafezal.



Fonte: Archdaily (2015 e 2021).

2.4.1. CASA VILA MATILDE

- Projeto: Casa Vila Matilde
- Ano de construção: 2015
- Escritório: Terra E Tuma
- Autores: Danilo Terra, Pedro Tuma, Fernanda Sakano
- Localização: Distrito Vila Matilde, Na Zona Leste, em São Paulo, Brasil
- Área construída: 95 m²

Dalva Borges Ramos, diarista de 74 anos e moradora antiga da Vila Matilde, viu sua casa se deteriorar até que seu filho, Marcelo, buscou o escritório Terra e Tuma para viabilizar uma solução habitacional. A alternativa inicial de vender o imóvel e adquirir um apartamento foi descartada em favor de um projeto que preservasse a história e o vínculo de Dalva com o local. O terreno, típico da região, possui 4,8m de largura por 25m de profundidade, e o projeto ocupou toda sua extensão, mantendo uma relação fluida entre o espaço privado e o público por meio de um portão semiaberto. A organização dos ambientes priorizou funcionalidade e flexibilidade, permitindo ampliações futuras sem comprometer a concepção inicial.

A casa, de 95m², apresenta uma distribuição linear e compacta, com destaque para o pátio central, responsável pela iluminação e ventilação natural. No pavimento superior, foi criada uma suíte para hóspedes e uma horta sobre a laje da sala, integrando sustentabilidade ao projeto. A estrutura retilínea, feita com blocos de alvenaria estrutural e lajes pré-fabricadas, garantiu um baixo custo e agilidade na construção. A estética contemporânea se baseia na materialidade aparente do concreto e do aço, eliminando a necessidade de acabamentos adicionais. A escolha por um sistema de planta livre e pela modulação estrutural conferiu flexibilidade ao espaço, otimizando a funcionalidade da residência sem perder a harmonia formal.

2.4.2. CASA NO POMAR DO CAFEZAL

- Projeto: Casa no Pomar do Cafezal
- Ano de construção: 2020
- Escritório: Coletivo Levante
- Autores: Fernando Maculan, Joana Magalhães
- Localização: Bairro Nossa Senhora do Rosário, Belo Horizonte, Brasil
- Área construída: 66 m²

Kdu dos Anjos, artista de 32 anos nascido no Aglomerado da Serra, em Belo Horizonte, fundou o centro cultural Lá da Favelinha e é proprietário da Casa no Pomar do Cafezal, premiada pelo ArchDaily como “Casa do Ano”. Projetada pelo coletivo LEVANTE, a residência utiliza materiais acessíveis da periferia e busca adaptar-se ao contexto urbano denso e irregular da região. Localizada em um terreno de 70m² com declive acentuado, a casa foi organizada em dois módulos estruturais de 3x3m, conectados por um puxadinho que abriga a escada e acesso. O projeto otimiza o espaço ao articular áreas sociais, íntimas e de lazer, promovendo conforto e funcionalidade dentro das limitações físicas do lote.

A arquitetura da casa se destaca pela simplicidade e eficiência construtiva, combinando tijolos de 8 furos e blocos de concreto sem reboco ou pintura, valorizando a estética dos materiais aparentes. A disposição estratégica de janelas e portas favorece a ventilação e a iluminação

naturais, garantindo conforto térmico e eficiência energética. Além disso, tubulações elétricas e hidráulicas foram instaladas externamente para facilitar a manutenção. O projeto respeita o entorno e reforça a identidade local ao adotar técnicas construtivas tradicionais, demonstrando que soluções arquitetônicas acessíveis podem oferecer qualidade de vida sem perder a identidade cultural da comunidade.

2.4.3. SÍNTESE DOS PROJETOS CORRELATOS

Para determinar quais aspectos serão incorporados como diretrizes projetuais, foi necessário realizar uma análise crítica dos pontos positivos e negativos de cada projeto correlato selecionado. Essa análise resultou na elaboração da tabela 1, que tem como objetivo auxiliar nas decisões tomadas, fornecendo informações importantes para a definição dos aspectos apropriados.

Com base na análise dos projetos correlatos selecionados, foram identificadas as principais decisões de projeto que se mostraram relevantes e semelhantes. Essas inspirações foram compiladas na tabela 2 abaixo:

Tabelas 1 e 2: Pontos positivos e negativos dos projetos e pontos de Apropriação para o projeto.

CARACTERÍSTICAS ENCONTRADAS	CASA VILA MATILDE	CASA NO POMAR DO CAPEZAL
ACESSIBILIDADE	✓	✗
CONEXÃO DO INTERNO COM O EXTERNO	✓	✓
FLUXOS OBJETIVOS	✓	✓
SETORIZAÇÃO ARTICULADA	✓	✓
SISTEMA CONSTRUTIVO RÁPIDO E DE BAIXO CUSTO	✓	✓
RESPEITO COM O ENTORNO	✓	✓
CONFORTO AMBIENTAL	✓	✓
UTILIZAÇÃO DE MATERIAIS COM VÁRIAS POSSIBILIDADES	✓	✓

PROJETOS CORRELATOS	APROPRIAÇÃO PARA O PROJETO
<p>CASA VILA MATILDE</p> <p>CASA NO POMAR DO CAFEZAL</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Acessibilidade; 2. Conexão do interno com o externo; 3. Fluxos objetivos; 4. Setorização articulada; 5. Sistema construtivo rápido e de baixo custo; 6. Respeito com o entorno; 7. Conforto ambiental; 8. Utilização de materiais com varias possibilidades;

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

3. METODOLOGIA

O desenvolvimento deste trabalho tem como objetivo abordar a temática da autoconstrução, com foco na habitação unifamiliar. Para isso, se fez necessário compreender o conceito de moradia, sua história e importância. Ao longo do desenvolvimento, são explorados os benefícios e desafios da autoconstrução, bem como as possíveis soluções e práticas que podem ser adotadas para garantir moradias dignas e seguras.

Para embasar teoricamente o trabalho, foram realizadas pesquisas bibliográficas em diversas fontes, tais como artigos científicos, dissertações, monografias, livros e sites. Além disso, foram consultados instrumentos legislativos, como o plano diretor, código de obras, código de urbanismo, estatuto da cidade, constituição federal e outras leis relacionadas à temática. Essas fontes foram utilizadas como referências para direcionar e fundamentar o trabalho, fornecendo argumentos válidos e comprovados. Também foram realizadas pesquisas documentais e estudo de caso para enriquecer a fundamentação teórica.

O estudo de caso selecionado é uma residência unifamiliar localizada na cidade de São José do Egito - PE, especificamente no bairro Vila da Cohab. O objetivo deste estudo é analisar a arquitetura, o design e a integração da residência com o ambiente urbano. Através dessa análise, busca-se compreender a influência desses aspectos na qualidade de vida dos moradores e fornecer possíveis melhorias no planejamento urbano e na arquitetura da região.

Com o objetivo de compreender a problemática relacionada à área de estudo, optou-se por adotar uma abordagem qualitativa na pesquisa descritiva. Para embasar as decisões relacionadas às diretrizes projetuais, foi necessário analisar projetos de referência, como a Casa de Vila Matilde e a Casa no Pomar do Cafezal, utilizando o método desenvolvido por Geoffrey H. Baker (1998) e Simon Unwin (2013). Além disso, levou em consideração os critérios estabelecidos pela ONU (1948). A partir dessas análises, será elaborada uma cartilha ilustrativa com o objetivo de educar e informar a população, apresentando comparativos entre o estado anterior e as soluções a serem adotadas.

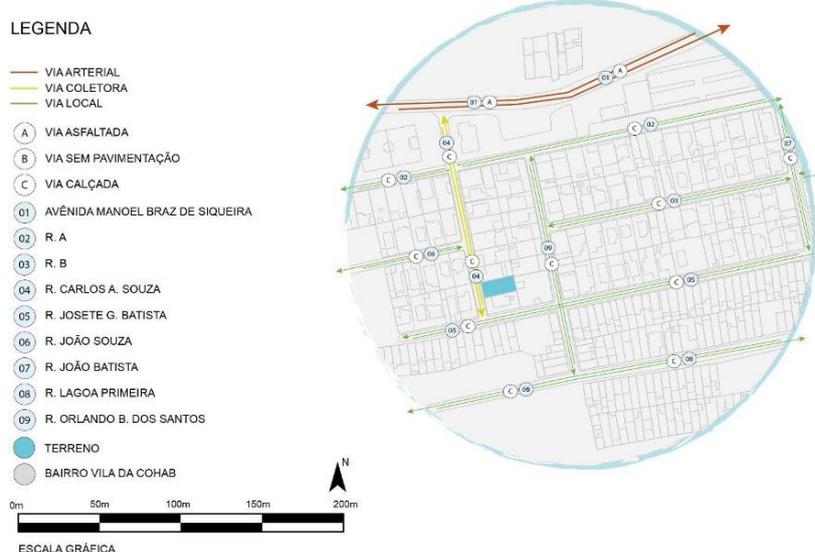
4. RESULTADO E DISCUSSÃO

Nesta seção serão abordados os estudos realizados no bairro onde se localiza o lote escolhido. Será feita uma breve contextualização do bairro, apresentando suas características e principais vias, bem como o principal uso de ocupação. O lote a ser analisado foi escolhido por representar uma parte da população brasileira que busca garantir o direito à moradia através da autoconstrução.

4.1. LOCALIZAÇÃO DO LOTE

O lote escolhido fica localizado na R. Carlos A. Souza, de número 15, no bairro da Vila da Cohab que está localizado na cidade de São José do Egito, interior de Pernambuco. No ano de 1967, o bairro em questão foi estabelecido como um conjunto habitacional. Com o passar dos anos e o crescimento acelerado da cidade, esse conjunto, que antes estava localizado nas áreas periféricas, gradualmente se integrou à malha urbana, transformando-se em um bairro pulsante. Como resultado dessa integração, as ruas receberam novos nomes, deixando para trás a antiga nomenclatura baseada em letras do alfabeto. O lote é situada na antiga rua F.

Mapa 1: Sistema Viário.



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

O acesso ao bairro é feito exclusivamente pela via arterial Av. Manoel de Siqueira, que se conecta à via coletora R. Carlos A. Souza e distribui o tráfego para as vias locais. Ao final da via coletora se encontra o lote de estudado apresentando um único acesso, localizada na fachada oeste, permitindo que pedestres e automóveis acessem a residência.

4.2. CONDICIONANTES LEGAIS

De acordo com o Plano Diretor de São José do Egito - PE, a área urbana da cidade é dividida em oito zonas complementares e singulares. Esse plano é um instrumento normativo que tem como objetivo controlar o processo de ocupação e uso do solo, incluindo as intensidades construtivas, localizações, volumetria das edificações e usos específicos, visando melhorar a qualidade de vida urbana. Essas diretrizes estão em conformidade com as Leis Federais 10.257/2001, 9.785/99 e 6.766/79. No caso específico do bairro em estudo, Vila da Cohab, ele está inserido na ZEIS 1 – Zona Especial de Interesse Social 1: **Vila Cohab**.

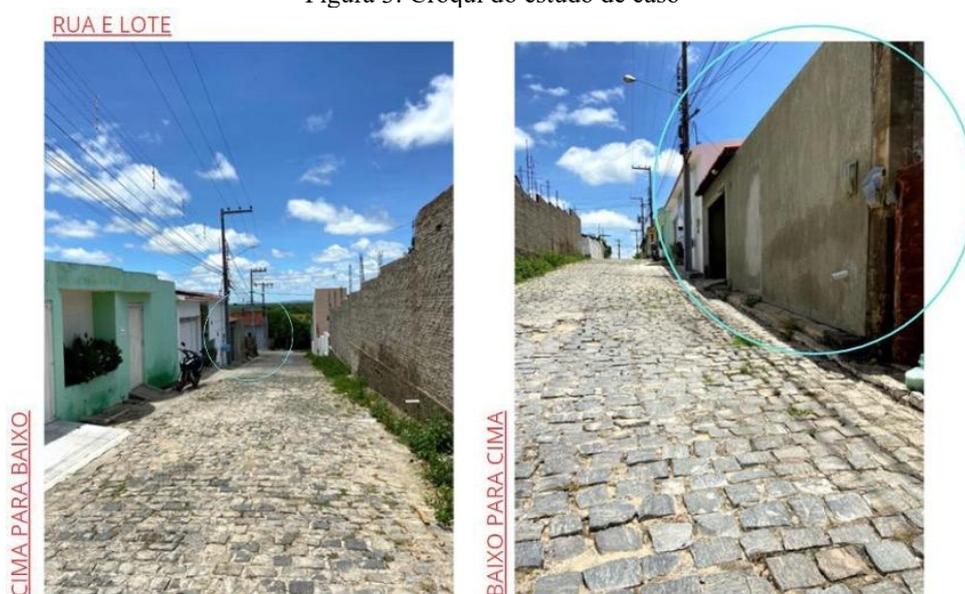
4.3. CONDICIONANTES AMBIENTEAS

Ao analisar as condicionantes ambientais da cidade de São José do Egito - PE, verificou-se que o vento predominante durante a maior parte do ano vem do leste, essa informação pode ser confirmada por meio da plataforma weatherspark, que fornece dados e visualizações detalhadas sobre o clima e ventilação. Além disso, a cidade é geralmente ensolarada, abafada com clima quente e seco. Vale ressaltar que o lote em questão possui a fachada voltada para o oeste, o que resulta em uma maior incidência de sol durante a tarde.

4.4. TOPOGRAFIA

De acordo com o site Weatherspark, São José do Egito - PE possui uma topografia com variações pequenas de altitude, com as seguintes coordenadas geográficas: latitude $-7,479^\circ$, longitude $-37,274^\circ$ e altitude de 600m. O lote em questão, localizado na rua Carlos A. Souza, apresenta um declive de aproximadamente 40m. Utilizando a ferramenta Google Earth para gerar as curvas de nível, é possível observar na figura 3 que o terreno não segue a topografia e está nivelado no sentido longitudinal.

Figura 3: Croqui do estudo de caso



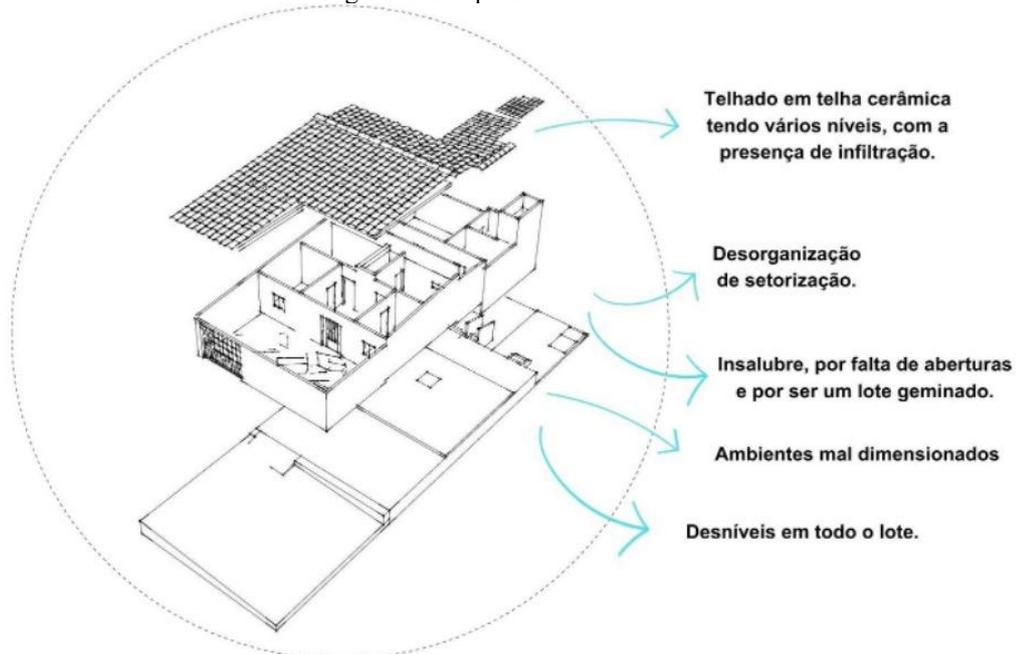
Fonte: Elaborado pela autora (2024).

4.5. RELAÇÃO DA AUTOCONSTRUÇÃO COM A CASA

O presente estudo utilizou uma abordagem baseada nos critérios estabelecidos pela ONU para classificar a saúde da moradia. Para isso, foi elaborada uma tabela que contempla a relação da autoconstrução com a casa e as principais problemáticas observadas no croqui da figura 4.

Este croqui da residência em estudo ilustra de forma clara as problemáticas apontadas. Nele, se observa diversos fatores que contribuem para a falta de habitabilidade e acessibilidade, tornando-a uma moradia não saudável.

Figura 4: Croqui do estudo de caso

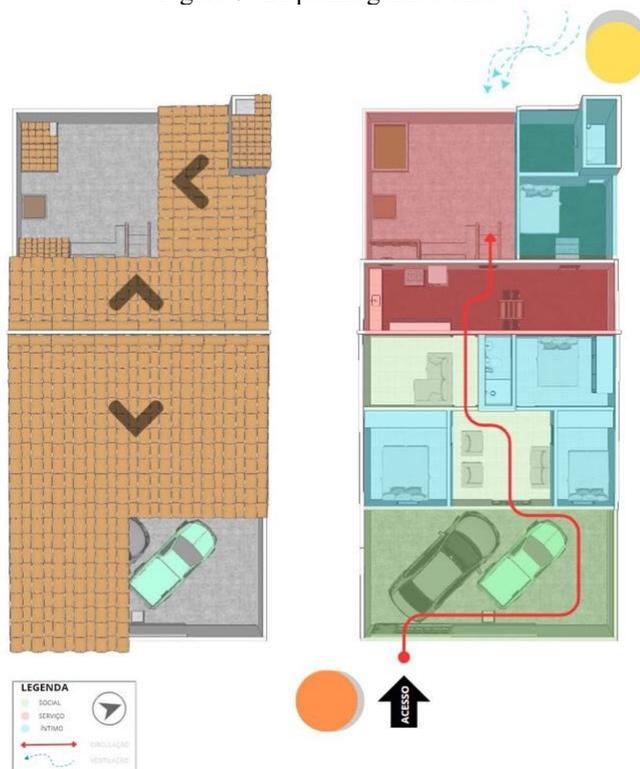


Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Para melhor compreender todos os pontos abordados, utiliza-se das imagens da residência para visualizar as problemáticas apontadas, explorando diferentes ângulos e cômodos.

Com o intuito de proporcionar uma visão mais abrangente do fluxo, dos setores e do conforto térmico, foi elaborado um esquema em nível esquemático que possibilita uma visualização clara e organizada de toda a estrutura atual da residência. Essa estratégia tem como objetivo aprimorar a compreensão do funcionamento da residência e identificar possíveis oportunidades de melhoria.

Figura 5: Esquema gráfico casa



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

4.6. DIRETRIZES PROJETUAIS DO ESTUDO DE CASO

Nesta seção serão desenvolvidas as diretrizes que guiaram o estudo: programa de necessidades juntamente com o pré-dimensionamento, o fluxograma, a setorização, a volumetria, os materiais que serão utilizados e as possíveis soluções projetuais que serão adotadas.

Tabela 3: Potencialidades e diretrizes critérios ONU.

CASAF15	POTENCIALIDADE	DIRETRIZES	REFERÊNCIAS
HABITABILIDADE	Ter um lote amplo, livre de quaisquer restrições legais.	<ul style="list-style-type: none"> • JARDIM DE INVERNO - Para amenizar o desconforto térmico e proporcionar ambientes mais agradáveis, uma opção é desenvolver um jardim de inverno, não só traz um respiro para a casa, mas também contribui para a qualidade de vida dos moradores. No caso de uma casa geminada, o jardim de inverno pode ser uma solução ainda mais eficiente, pois ajuda a minimizar o calor e proporciona um ambiente mais fresco e confortável. Além disso, o jardim de inverno também pode trazer benefícios estéticos, criando um espaço verde e aconchegante dentro da casa. • ESQUADRIAS AMPLAS - Para integrar os ambientes e proporcionar uma sensação de amplitude e fluidez, é recomendado o uso de esquadrias largas e vazadas. Além disso, essa escolha facilita a manutenção do conforto térmico. • COBOGÓ - Uso de materiais versáteis, que possam ser explorados de diversas formas, proporcionando maior flexibilidade e adaptabilidade na concepção e execução. • TELHA CERÂMICA ROMANA RESINADA - São capazes de suportar chuva, vento e granizo, além de serem resistentes a impactos e variações de temperatura. Além do seu valor de mercado, e facilidade de encontrar. 	 <p>Figura 44: Jardim de inverno Fonte: Bradley (2021)</p>  <p>Figura 46: Esquadrias Fonte: Archdaily (2019)</p>  <p>Figura 48: Cobogó Fonte: Archdaily (2016)</p>  <p>Figura 47: Telha Cerâmica Romana Fonte: Mestre dos telhados (2017)</p>
ACESSIBILIDADE		<ul style="list-style-type: none"> • NIVELAR - Para proporcionar acessibilidade à casa, uma alternativa seria nivelar o piso, elevando-o e garantindo maior privacidade e segurança para que todas as pessoas possam viver nessa residência. Essa medida não só facilita o deslocamento de cadeiras de rodas e carrinhos de bebê, como também promove a inclusão de pessoas com mobilidade reduzida. Além disso, ao tornar a casa mais alta, cria-se um ambiente mais seguro e confortável para todos os moradores. 	 <p>Figura 48: Nivelamento Fonte: Etasco (2021)</p>

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

4.7. PROGRAMA DE NECESSIDADE, PRÉ-DIMENSIONAMENTO

O programa de necessidades, resulta dos estudos previamente realizados acerca do diagnóstico da residência, bem como das características específicas do local. Assim, constatou-se a necessidade de otimizar os espaços da residência proporcionando maior conforto para os usuários. Desse modo, o programa de necessidades foi dividido em três setores para melhor organização espacial: íntimo, social e serviço.

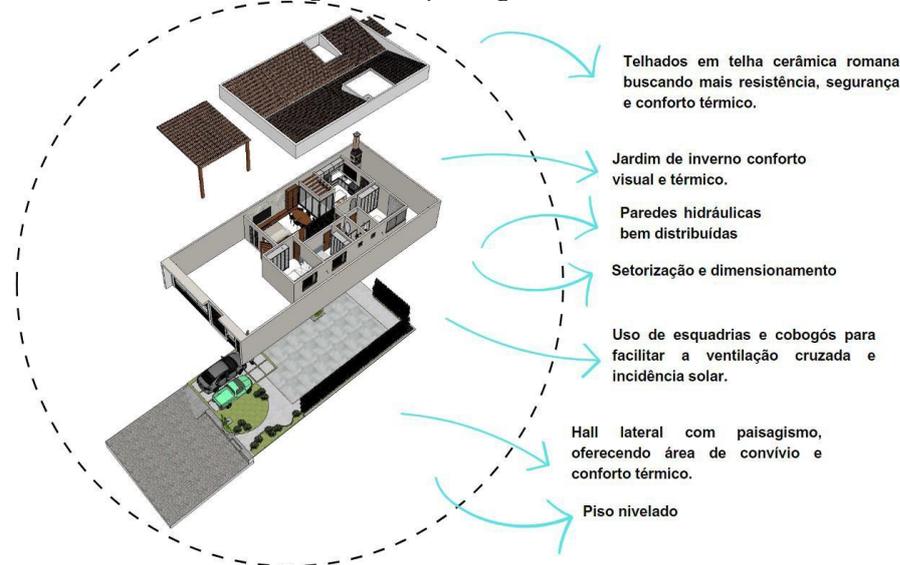
4.8. SETORIZAÇÃO

Partindo dos conhecimentos sobre as condicionantes climáticas, fluxos e problemáticas apontadas, além de outras informações imprescindíveis para uma setorização adequada, todos esses pontos foram levados em consideração.

Dessa forma, considerando que a predominância da ventilação é leste, com fachada para o oeste, e tendo uma residência geminada, foi desenvolvido um hall lateral desmembrando parte da residência. Isso proporcionou acesso e espaços de convivência nas extremidades da residência, tendo assim uma melhor experiência, além do conforto térmico para os ambientes.

Todo o setor íntimo foi colocado de forma linear, pegando toda a parte do hall, com grandes esquadrias. Para a separação dos setores, foram utilizados cobogós, que são de total importância para oferecer privacidade, mas com a funcionalidade de permitir a passagem de ventilação e iluminação para a parte social. Esta, por sua vez, foi disposta de forma linear, trazendo a sensação de amplitude, integração e fluidez, além disso, um jardim de inverno foi incluído para fortalecer as questões climáticas.

Figura 6: Esquema gráfico casa.



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Para melhor ilustrar as diretrizes, apresentasse elas aplicadas na residência, nas figuras abaixo:

Figura 7: Montagem de imagens da proposta.



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Marcada por linhas retas com uma pegada moderna, com alguns pontos estratégicos, compondo a plasticidade da obra. Fazendo o urso de platibanda, de materiais naturais e elementos vazados, busca-se a conexão do interno com o externo, seguindo o conceito de "olhos para a rua", mantendo uma relação de harmonia e funcionalidade.

Para visualizar melhor as diretrizes, é apresentada na Cartilha ilustrada, um material desenvolvido para orientar a população que utiliza a autoconstrução como método de construção. Essa cartilha mostra diretrizes para corrigir possíveis irregularidades e garantir uma moradia saudável de forma mais assertiva.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção estará sempre presente na vida das pessoas, seja por necessidade ou pelo simples desejo do novo, pois a mudança faz parte do processo da vida. O presente trabalho desenvolveu uma abordagem sobre a importância da autoconstrução e o quanto está presente nas construções atuais, enfatizando a necessidade de um olhar para essa forma de construir e de fazer moradia.

Apontando possibilidades para construir com responsabilidade, fazendo uso das ferramentas disponíveis, como a lei ATHIS, que fornece todo suporte com assistência técnica. E agora, com o resultado final desse trabalho, a cartilha ilustrativa intitulada "Moradia Saudável" traz consigo diretrizes para auxiliar ou informar os autoconstrutores. Ela apresenta ações e características desejáveis a cada um dos espaços de uma residência unifamiliar para que esta ofereça as condições mínimas de saúde e bem-estar aos moradores, refletindo na melhoria direta da qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

ABRAMAT. Abramamat quer desoneração dos materiais de construção para a habitação popular. Abramamat, 2005. Disponível em

<http://www.abramat.org.br/files/imprensa_desoneracaoparahabitacao.pdf> Acesso 25 de nov. 2023

ALMEIDA, Carlos. A importância das políticas públicas para a efetividade do direito à moradia. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/a-importancia-das-politicas-publicas-para-a-efetividade-do-direito-a-moradia/1179461520>. Acesso em: 19 fev. de 2024.

ARAÚJO, A. Saiba quem é Kdu dos Anjos, proprietário da casa na favela de BH que venceu concurso internacional de arquitetura. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2023/02/23/saiba-quem-e-kdu-dos-anjos-proprietario-da-casa-na-favela-de-bh-que-venceu-concurso-internacional-de-arquitetura.ghtml>. Acesso em: 20 fev. de 2024.

ARCHDAILY. Toda matéria, 2015. Casa Vila Matilde/ Terra e Tuma Arquitetos Associados <https://www.archdaily.com.br/br/776950/casa-vila-matilde-terra-e-tuma-arquitetos>. Acesso em: 28 nov. 2023.

Assistência Técnica de Habitação de Interesse Social (ATHIS). Sobre a ATHIS. Disponível em: <https://www.athis.org.br/sobre/>. Acesso em: 18 fev. de 2024.

BAKER, Geoffrey H. Le Corbusier – Uma Análise da Forma. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 1998.

BALTHAZAR, Renata Davi da Silva. A permanência da autoconstrução: um estudo de sua prática no Município de Vargem Grande Paulista. 2012. 147 f. Dissertação (Mestrado em

Arquitetura e Urbanismo). Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

BONDUKI, N. G. Origens da habitação social no Brasil: o caso de São Paulo. 1994. Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo. 1994

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico. 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em 20 set. 2023.

CAU/BR. Mais Arquitetos 2021. Disponível em: https://caubr.gov.br/maisarquitetos2021/?page_id=166. Acesso em: 20 fev. de 2024.

CAU/BR. Vidas de Arquitetos. Disponível em: https://www.caubr.gov.br/vidas/?page_id=33. Acesso em 20 set. 2023.

CAU/DF. Pesquisa Datafolha: 82% das moradias do país são feitas sem arquitetos ou engenheiros [online]. Disponível em: <https://caudf.gov.br/pesquisa-datafolha-82-das-moradias-do-pais-sao-feitas-sem-arquitetos-ou-engenheiros/>. Acesso em: 22 de nov. 2023.

CNN Brasil. Políticas Públicas: entenda o que são, para que servem e veja exemplos. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/politicas-publicas/>. Acesso em: 18 fev. de 2024.

Colab. Déficit habitacional no Brasil. Blog Colab. Disponível em: <https://blogfca.pucminas.br/colab/deficit-habitacional-no-brasil/>. Acesso em: 10 mar. de 2024.

Conselho de Arquitetura e Urbanismo de Santa Catarina (CAU/SC). Cartilha ATHIS: Assistência Técnica em Habitação de Interesse Social. Disponível em: <https://www.causc.gov.br/wp-content/uploads/2022/11/NOVA-CARTILHA-ATHIS-2022-EBOOK.pdf>. Acesso em: 22 fev. de 2024.

Conselho de Arquitetura e Urbanismo de Santa Catarina (CAU/SC). Diagnóstico Final. Disponível em: https://www.causc.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/DIAGNOSTICO_FINAL_27032018.pdf. Acesso em: 28 nov. 2023

Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil (CAU/BR). Carta aos Candidatos 2022. Disponível em: https://www.caubr.gov.br/wp-content/uploads/2022/12/FOLDER-CARTA_AOS_CANDIDATOS_2022-14x28cm-0418-web.pdf. Acesso em: 28 nov. 2023

DAMASCENA, Breno. Entenda a relação entre a sua casa e a sua saúde. Disponível em: <https://imoveis.estadao.com.br/conteudos-especias/entenda-a-relacao-entre-a-sua-casa-e-a-sua-saude/>. Acesso em: 10 mar. de 2024.

Despejo Zero. (s.d.). Mapa do Despejo Zero. Disponível em: <https://mapa.despejozero.org.br/>. Acesso em: 15 mar. de 2024.

FERREIRA, Mariana Boaretto. Autoconstrução e autogestão habitacional no Brasil: um estudo comparativo em dois períodos: 1975-1986 e 2004-2018. Journal of Urban Technology and Sustainability, v. 3, n. 1, p. 51-64, 28 de nov. 2023.

Fundação Getúlio Vargas. Autoconstrução e sua Consideração na Reconstrução dos Territórios Atingidos pelo Desastre do Rio Doce. Disponível em: <https://repositorio.fgv.br/items/f2e27b8b-cc3a-4aed-b6e9-f56be7f43aa9> . Acesso em: 28 nov. 2023.

FUJIOKA, P. Y., Pereira, A. K. O. A residência do arquiteto: uma análise gráfica das casas de Vilanova Artigas. Disponível em:

file:///D:/Users/Downloads/tomas_moreira,+03_nt02_txt01_risco21.pdf. Acesso em: 02 abr. de 2024.

Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). Declaração Universal dos Direitos Humanos. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 22 de nov. 2023.

GOULART, F. (2019). Em 2019, 68,7% do déficit habitacional no Brasil foi representado por pessoas pretas e pardas, aponta pesquisa. Disponível em: <https://fjp.mg.gov.br/em-2019-687-do-deficit-habitacional-no-brasil-foi-representado-por-pessoas-pretas-e-pardas-aponta-pesquisa/#:~:text=Entre%202016%20e%202019%2C%20o,atingiram%20percentuais%20acima%20de%2015%25>. Acesso em: 10 mar. de 2024.

Habitat Brasil. (s.d.). Déficit Habitacional no Brasil. Disponível em: <https://habitatbrasil.org.br/deficit-habitacional-brasil/>. Acesso em: 15 mar. de 2024.

IBGE. Histórico de São José do Egito. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/sao-jose-do-egito/historico>. Acesso em: 20 nov. 2023.

Instituto Brasileiro De Geografia E Estatística (IBGE). São José do Egito. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pe/sao-jose-do-egito.html> Acesso em: 20 nov. 2023.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 11: Cidades e Comunidades Sustentáveis. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/ods/ods11.html>. Acesso em: 28 nov. 2023

LIMA, Rosa. A Cidade Autoconstr Oconstruída. Disponível em: <https://docplayer.com.br/21099433-A-cidade-autoconstruida.html> Acesso em: 28 nov. 2023

MARICATO, E. As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias. Disponível em: <https://labcs.ufsc.br/files/2011/12/07.-MARICATO-E.-As-id%C3%A9ias-fora-do-lugar-e-o-lugar-fora-das-id%C3%A9ias.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2023

MARICATO, Ermínia (org). A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial. São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 2ª ed., 1982, p. 71.

Ministério da Saúde. O que significa ter saúde? Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-brasil/eu-quero-me-exercitar/noticias/2021/o-que-significa-ter-saude>. Acesso em: 22 fev. de 2024.

NASCIMENTO, Denise Morado. A autoconstrução na produção do espaço urbano. In: COSTA, J. G. M; COSTA, H. S. M. Estado e capital imobiliário: convergências atuais na produção do espaço urbano brasileiro. Belo Horizonte: Ed. C/Arte, p. 217-230, 2011.

NTELMA, Lejone John. Self-help Housing in South Africa: Paradigms, Policy and Practice. 2011.

Observatório da Criança. Moradia. Disponível em: <https://observatoriocianca.org.br/cenario-infancia/temas/moradia>. Acesso em: 22 de nov. 2023.

OLIVEIRA, Laura. Análise de Projetos. [Documento online]. Disponível em: https://issuu.com/lauraoliveira.arq/docs/an_lise_de_projetos_laura_oliveira. Acesso em: 28 nov.2023

Organização Mundial da Saúde (OMS). Constituição da Organização Mundial da Saúde. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5733496/mod_resource/content/0/Constitui%C3%A7%C3%A3o%20da%20Organiza%C3%A7%C3%A3o%20Mundial%20da%20Sa%C3%BAde%20%28WHO%29%20-%201946%20-%20OMS.pdf. Acesso em: 22 fev. de 2024.

PEREIRA, Izabele. Como funciona o direito à moradia? Saiba mais. Disponível em: <https://www2.unifap.br/radio/como-funciona-direito-a-moradia-saiba-mais/>. Acesso em: 22 fev. de 2024.

PIERO. Modelagem Casa em Vila Matilde. Disponível em: <https://embed-3dwarehouse-classic.sketchup.com/model/f49d20b9-d5ae-49fd-9090-d38b6c96937a/Casa-en-Vila-Matilde>. Acesso em: 16 mar. de 2024.

Prefeitura Municipal de São José do Egito. História de São José do Egito. Disponível em: <https://saojosedoegito.pe.gov.br/historia/>. Acesso em: 24 de nov. 2023.

SILVA, Margarete Maria de Araújo. Água em meio urbano. Favelas nas cabeceiras. 2013. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura, Belo Horizonte.

SIQUEIRA, T. de S.; CAVALCANTE, F. A. de L.; DIAS, M. A. da S. O Ensino de Parasitologia e a Produção de Cartilhas Como Meio de Prevenção de Zoonoses. In: ENCONTRO DE INICIAÇÃO A DOCÊNCIA DA UEPB, 3., 2013, Campina Grande. Anais [...] Campina Grande, PB: Realize, 2013.

SOARES, André Costa Braga. “Processos compartilhados de produção do espaço urbano: A mediação da informação na arquitetura. 2012. 270 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Programa de Pós-Graduação em Arquitetura - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

SunEarthTools. Coordenadas LatLong - Mapa do Caminho Solar. Disponível em: <https://www.sunearthtools.com/pt/tools/coordinates-latlong-sunpath-map.php>. Acesso em: 27 mar. de 2024.

TERRA + TUMA. Toda matéria 2015. Casa Vila Matilde <http://terraetuma.com/portfolio/casa-vila-matilde>. Acesso em 28 nov. 2023.

UNWIN, Simon. Vinte edifícios que todo arquiteto deve compreender São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013

VELASCO, Thais. Habitação como direito social: a Lei de ATHIS, sua aplicabilidade e desafios. [pdf]. Disponível em: <https://anpur.org.br/wp-content/uploads/2023/05/st09-26.pdf>. Acesso em: 27 mar. de 2024.

VILLAÇA, Flavio. O que todo cidadão precisa saber sobre habitação. São Paulo: Global, 1986. 4-10 p. Acesso em: 28 nov. 2023.

WARTCHOW, Julia. A autogestão da produção habitacional como alternativa de acesso à moradia. A experiência da cooperativa dos correios na região metropolitana de Porto Alegre. 2012. 165 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional). Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

WeatherSpark. Clima e condições meteorológicas médias em São José do Egito no ano todo Brasil. em: <https://pt.weatherspark.com/y/31191/Clima-caracter%C3%ADstico-em-S%C3%A3o-Jos%C3%A9-do-Egito-Brasil-durante-o-ano>. Acesso em: 27 mar. de 2024.

CAPÍTULO 8: A IMPORTÂNCIA DO PROJETO PARA O DESEMPENHO E A DURABILIDADE DAS EDIFICAÇÕES

Evelyne Emanuelle Pereira Lima ¹
Isis Amaral Mero ²

RESUMO

Conhecer a origem das manifestações patológicas que influenciam no desempenho das construções é o ponto de partida para um correto prognóstico da situação e, principalmente para que tenhamos projetos arquitetônicos mais concisos, gerando um menor custo de manutenção ao usuário e aumentando o desempenho e a vida útil das edificações. Para isso, o presente trabalho teve como objetivo identificar, através de estudos de caso obtidos da literatura e em mais de 15 anos de atuação no mercado do diagnóstico das edificações, aspectos dos projetos que dão origem a manifestações patológicas nas edificações e propor a adoção de boas práticas para mitigar esses danos. Diante dos estudos de caso, pôde-se identificar que detalhes construtivos em fachadas das edificações, áreas privativas de banheiro e cozinha e detalhes de cobertura foram os que obtiveram maior influência ao longo da vida útil das edificações e influenciaram nos custos de manutenção.

Palavras-chaves: Projeto. Desempenho. Durabilidade. Manifestações Patológicas.

ABSTRACT

Knowing the origin of the pathological manifestations that influence the performance of buildings is the starting point for a correct prognosis of the situation and, mainly, for us to have more concise architectural projects, generating lower maintenance costs for the user and increasing performance and useful life. of buildings. To this end, the present work aimed to identify, through case studies obtained from the literature and in more than 15 years of experience in the building diagnostics market, aspects of projects that give rise to pathological manifestations in buildings and propose the adoption of good practices to mitigate these damages. In view of the case studies, it was possible to identify that construction details on building facades, private bathroom and kitchen areas and roof details were those that had the greatest influence throughout the useful life of the buildings and influenced maintenance costs.

Keywords: Project. Performance. Durability. Pathological Manifestations

¹ Graduanda do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Uniesp.
E-mail: evelynejpa@gmail.com

² Orientadora do trabalho e Professora do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Uniesp.
E-mail: isis.mero@iesp.edu.br

1. INTRODUÇÃO

A formação do Arquiteto Urbanista é generalista, podendo esse profissional atuar desde o planejamento até a fase de pós ocupação da obra; e, sem dúvida esse profissional é peça fundamental na concepção e no planejamento de qualquer obra, seja ela uma residência ou uma cidade, perpassando por toda a sua complexidade e especialidades. E nessa fase de planejamento uma das maiores áreas de atuação do Arquiteto e Urbanista é projetar e coordenar projetos.

Os projetos têm por finalidade, permitir a interpretação e execução concebida pelo autor, de maneira a tornar possível a materialização da imagem e da composição projetual na obra. Esta caracterização é possível através da linguagem gráfica e das Normas Técnicas, complementada por partes textuais, como Memoriais Descritivos, Justificativos e as Especificações Técnicas.

No entanto, a ausência de projetos, a falta de detalhamento do projeto executivo, incompatibilização, a falta de visão de todas as etapas da obra na hora de projetar e erros de interpretação são pontos que devem nos levar a uma reflexão mais aprofundada, no intuito de evitar que esses fatores influenciem na vida útil, segurança e habitabilidade da edificação, através do surgimento das manifestações patológicas. Ademais, a atual Norma de Desempenho – NBR 15575: partes de 1 a 7 estabelece, de forma muito clara, o papel a ser desempenhado por cada agente envolvido no Ciclo de Vida Útil das Construções e o projetista deve, além de estabelecer a Vida útil de projeto de cada sistema, especificar materiais, produtos e processos que atendam ao mínimo de desempenho estabelecidos em Normas Técnicas Vigentes. No entanto, é sabido que projetar para a Vida útil requerida é tarefa complexa dados os variados e complexos mecanismos de degradação que levam ao surgimento de manifestações patológicas nas edificações.

Tanto as falhas em detalhamento construtivo, como a ausência de projetos, exercem uma influência significativa no surgimento de manifestações patológicas nas construções, desencadeando uma série de eventos que podem comprometer a integridade estrutural e funcional das edificações ao longo do tempo. Essas falhas são categorizadas em diversas áreas, incluindo planejamento, execução, supervisão e manutenção.

Diante do exposto o presente trabalho tem como objetivo principal avaliar os aspectos projetuais que influenciam nas manifestações patológicas através de estudos de caso de edificações residenciais da literatura e em laudos realizados em um período de 15 anos e, através das maiores incidências, propor soluções e detalhamentos construtivos para contribuir com projetos arquitetônicos que possam garantir a Durabilidade e o Desempenho das edificações

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O Projeto de Arquitetura é responsável pelo processo no qual uma construção é concebida e também por sua representação formal ou partido arquitetônico. No “partido arquitetônico”, também conhecido como estratégia ou conceito, está implícita a discussão de aspectos como implantação e distribuição do programa, estrutura e relações de espaço, internos e externos, quesitos ambientais etc., todas elas questões centrais para os arquitetos na concepção dos projetos, sempre permeadas por outros temas relativos às atividades criativas, como composição, estilo e estética.

A normalização do conceito de desempenho para atender aos requisitos dos usuários atrelada à maior complexidade dos edifícios, que passa a exigir soluções especializadas e mais

profissionais envolvidos no processo, torna o projetista e, principalmente o coordenador de projetos, uma figura protagonista deste novo cenário.

O coordenador de projetos é essencial para lidar com o caráter multidisciplinar e a simultaneidade da elaboração dos projetos de uma edificação. Essa função é normalmente exercida por um arquiteto, seja da construtora ou de um escritório contratado.

Tanto o meio acadêmico como o mercado já perceberam que as exigências de desempenho implicam na valorização do projeto para prever o comportamento do edifício em uso, buscando soluções integradas (ANDERY et al, 2016). Segundo Melhado (2012), as maneiras tradicionais de conceber e desenvolver projetos, em especial no segmento de incorporação imobiliária, tornaram-se obsoletas e os papéis assumidos pelos profissionais de projeto vão adquirindo relevância e dinamismo.

Del Mar (2015) afirma que a evolução do setor da construção civil tem levado a uma revalorização da etapa de projeto, trazendo assim exigências mais claras para a atuação dos projetistas, importantes para a obtenção da qualidade que hoje o setor exige.

2.1. NBR 15575:2013 e seu impacto na etapa de projetos

A Norma de Desempenho - ABNT NBR 15575:2013 – Edificações Habitacionais – Desempenho entrou em vigor no mês de julho de 2013. Esta tem como finalidade estabelecer parâmetros de análise de comportamento das edificações, de novos materiais de construções e de como novas soluções construtivas comportam-se quando aplicado, mantendo o desempenho requerido. Ela surgiu da necessidade de se estabelecer requisitos que pudessem atender às exigências dos usuários.

Segundo a NBR 15575:2013, cabe aos projetistas:

- Especificar materiais, produtos e processos que atendam aos desempenhos mínimos estabelecidos na ABNT NBR 15575:2013 com base em normas prescritivas disponíveis e no desempenho declarado pelos fabricantes dos produtos a serem empregados;
- Solicitar informações ao fabricante para balizar as decisões de especificação quando as normas específicas de produtos não caracterizem desempenho ou quando não existirem normas específicas;
- Estabelecer a vida útil projetada de cada sistema que compõe a edificação habitacional e apresentar seus valores em projeto quando estes forem maiores que os mínimos estabelecidos na ABNT NBR 15575:2013.
- Especificar, incluindo características de desempenho de cada material e/ou sistema;
- Indicar as simulações e os ensaios a serem efetuados na fase de projeto;
- Detalhar os sistemas construtivos adotados.

3. METODOLOGIA

O presente trabalho apresenta como metodologia uma pesquisa descritiva que, segundo GIL (1999) têm como finalidade principal a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas aparece na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados. Esse tipo de pesquisa, segundo Sellitz et al. (1965) apud2 Oliveira (2011), busca descrever um fenômeno ou situação em detalhe,

especialmente o que está ocorrendo, permitindo abranger, com exatidão, as características de um indivíduo, uma situação, ou um grupo, bem como desvendar a relação entre os eventos.

A abordagem escolhida foi a quantitativa que está mais orientada para a generalização, relacionada com o aspecto da objetividade passível de ser mensurável, permitindo uma ideia de racionalidade, como sinônimo de quantificação. Em outras palavras, esse tipo de abordagem se define pelo rigor, precisão e objetividade. (BICUDO, 2004)

Para Gil (1999), o uso dessa abordagem propicia o aprofundamento da investigação das questões relacionadas ao fenômeno em estudo e das suas relações, mediante a máxima valorização do contato direto com a situação estudada, buscando-se o que era comum, mas permanecendo, entretanto, aberta para perceber a individualidade e os significados múltiplos.

Para a coleta de dados foi escolhida a pesquisa bibliográfica e o estudo de caso como objeto de estudo. Optou-se por estudos de casos múltiplos em abordagem não probabilística, com a intenção de explicar um fenômeno. O estudo de casos múltiplos, segundo Yin (2001), tem provas mais convincentes, sendo visto como mais robusto.

A lógica de utilização do método de estudo de múltiplos casos diz respeito, conforme aponta Yin (2001), à replicação e não amostragem, ou seja, não permite generalização dos resultados para a toda a população, mas sim a possibilidade de previsão de resultados similares (“replicação literal”) ou a de produzir resultados contrários por razões previsíveis (“replicação teórica”), de modo semelhante ao método de experimentos.

E, para subsidiar todo o trabalho é imprescindível a pesquisa bibliográfica que é considerada uma fonte de coleta de dados secundária e pode ser definida como: contribuições culturais ou científicas realizadas no passado sobre um determinado assunto, tema ou problema que possa ser estudado (LAKATOS & MARCONI, 2001).

Com isso, os passos para alcançar o objetivo principal desta pesquisa perpassou por ampla pesquisa bibliográfica sobre o tema abordado a partir de normas, legislação, artigos, teses e dissertações; seguido de estudos de caso da literatura que abordaram o tema estudado e, por fim, a análise de múltiplos estudos de caso obtidos em mais de 15 anos de atuação no diagnóstico de edificações para verificar o tema estudado e sua aplicação prática.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

4.1. Estudo de caso 01: unidade residencial unifamiliar – condomínio horizontal

A edificação está localizada no município de Cabedelo -PB e foi vistoriada no ato do recebimento. As unidades vistoriadas fazem parte de um condomínio residencial horizontal e os projetos de fachada são os mesmos, não levando em consideração a disposição da edificação do lote, conseqüentemente, a incidência de ventos e chuva na fachada.

Nas imagens 01 e 02 pode-se observar que devido à localização e incidência de vento e chuva, a água escorre na fachada e causas manchas de infiltração. No caso em estudo, não foi previsto em projeto, detalhes construtivos que afastasse a lâmina de água da fachada. Com isso, os usuários terão sempre essa reincidência, onerando os custos de manutenção, podendo agravar para danos no interior da edificação.

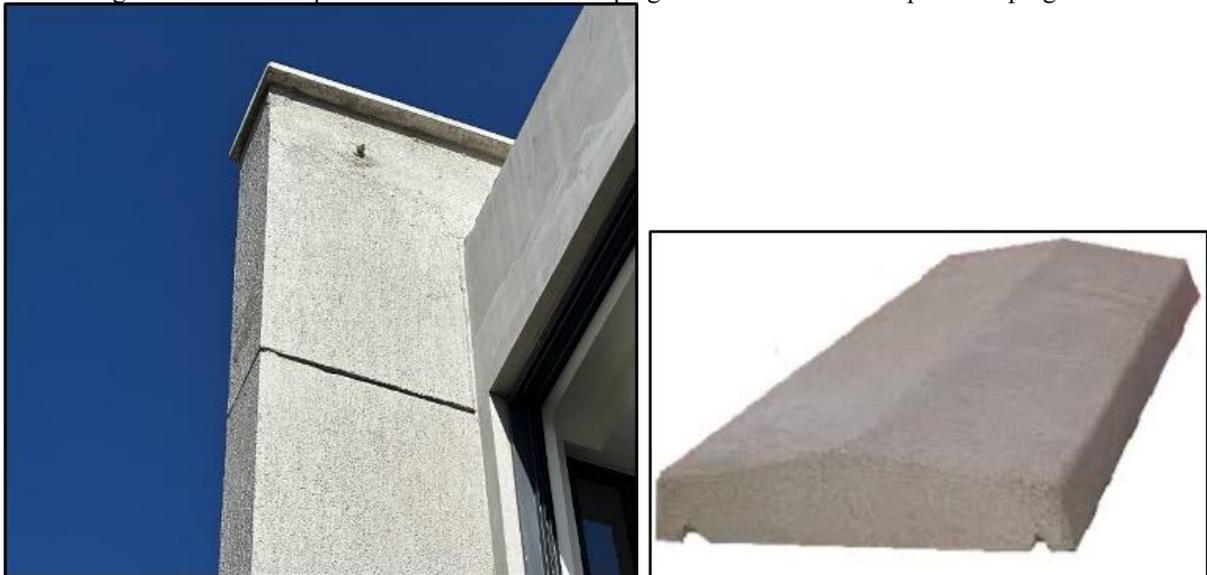
Figuras 01 e 02: Manchas de umidade e eflorescências na fachada.



Fonte: Autores (2024).

Ao analisar os demais aspectos das fachadas das edificações, pode ser visto que em algumas áreas da fachada foram previstos elementos como chapins para afastar a lâmina de água. No entanto, durante a execução, os elementos adquiridos não possuíam frisos o que os tornam ineficazes (FIGURA 03). Na figura 04 é mostrado o modelo de chapim que deveria ter sido utilizado para garantir a durabilidade e desempenho de fachadas e muros.

Figuras 03 e 04: Chapim instalados sem friso de pingadeira e modelo de chapim com pingadeira



Fonte: Autores (2024).

4.2. Estudo de caso 02 – edifício residencial – João Pessoa

A edificação se encontra no município de João Pessoa – PB e possuía um pouco mais de 05 anos de uso no momento da inspeção e já possuía diversos problemas de infiltração nas unidades residenciais, algumas das quais encontravam-se desocupadas devido aos danos. Um dos pontos encontrados foi a infiltração de água pluvial devido à falta de detalhamento da fachada com elementos que escoem as águas de chuva.

Nas figuras 05 e 06 – fachada sul mostra que a fachada possui formas planas e as figuras 07 e 08 que não há previsão de elementos de escoamento dessas lâminas de água, fazendo com que acumulem e escoem na fachada.

Figuras 05 e 06: Fachada com volumetria de elementos planos



Fonte: Autores (2024)

Figuras 07 e 08: Falta de previsão de elementos que prevejam o desvio da água



Fonte: Autores (2024)

A imagem 09 mostra claramente o escoamento da água com a presença de eflorescências.

Figura 1: Manchas de escoamento da água. Essa água acumula-se em área plana e escorre pela fachada



Fonte: Autores (2024)

4.3. Estudo de caso 03 – edifício residencial – João Pessoa

Assim como existem as falhas inerentes à falta de detalhamento de projeto, existem as falhas decorrentes da alteração dos projetos. Nesta edificação, o projeto arquitetônico aprovado pela Prefeitura foi alterado na execução, gerando inúmeras falhas que geram transtornos aos usuários (Figuras 10 e 11).

Figura 10 e 11: Tubulação sem proteção e instalada em desacordo com a norma.



Fonte: Autores (2024).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas edificações analisadas foi observado que os maiores problemas são relacionados a detalhamentos construtivos no projeto executivo, projetos de fachadas e projetos de impermeabilização.

Com isso, conseguimos entender a importância dos projetos para atendimento do desempenho e da durabilidade das edificações.

REFERÊNCIAS

- ANDERY, P.R.P. et al. **Manual para Contratação de Projetos para o Desempenho de Edificações Habitacionais**. Belo Horizonte: SENAI Departamento Regional - MG Sinduscon-MG, 2016.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS –**NBR 15575**: Edificações habitacionais - Desempenho. Rio de Janeiro, 2013.
- BICUDO, M.A.V. **Pesquisa qualitativa e Pesquisa quantitativa segundo a abordagem fenomenológica**. In: BORBA, Marcelo de C.; ARAUJO, Jussara de L. (Org.). Pesquisa qualitativa em educação matemática. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. Cap. 4, p. 99-112.
- Del Mar, Carlos Pinto. **Direito na Construção Civil**. 2015. 560 páginas. ISBN: 978-85-7266-453-0.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999
- MARCONI, M. A; LAKATOS, E. V. **Metodologia científica**. São Paulo: Editora Atlas, 2004.
- MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração e interpretação de dados**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1996.
- MELHADO, S. V. **Gestão, cooperação e integração para um novo modelo voltado à qualidade do processo de projeto na construção de edifícios**. Tese. São Paulo, 2001. 235p
- OLIVEIRA, M.F. **Metodologia Científica: um manual para a realização de pesquisas em administração**. UFG. Catalão – GO. 2011
- YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.